



DOS AUTORES

MARCO AURÉLIO BARBOSA DE SOUZA

Economista, Mestre em Economia pela Unesp de Araraquara. Coordenador do Curso de Administração de Empresas e Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui (FATEC) e Professor da Fundação Educacional Araraquana (FAC-FEA). Atualmente é membro da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE), do grupo de pesquisa do Centro de Estudos em Desenvolvimento Regional (CEDER) e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Cadeia Produtiva Calçadista, ambos sediados na Universidade de Franca (Unifran).

LUCIMARI GOMES CORREIA BARBOSA

Advogada e Pós-Graduada em Direito Processual Civil (Unifotoledo-Araçatuba)

PROJETOS RELACIONADOS

LIVRO: Aglomeração Calçadista de Birigui: Origem e Desenvolvimento (1958-2004)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE: "Os pilares da história calçadista contados passo a passo" Museu Virtual do Calçado de Birigui (www.museubirigui.com.br)

O Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui

Pioneiros e Empreendedores (1958-2008)

O livro "O Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui" descreve os 50 anos do polo, destacando conquistas e pessoas que ajudaram em sua evolução. Dividido em cinco capítulos, o primeiro fala sobre a origem da indústria do calçado infantil em Birigui. São assuntos do segundo capítulo o desenvolvimento e a inserção internacional, enquanto a terceira parte do livro descreve a consolidação da Capital Brasileira do Calçado Infantil. Crise e reestruturação compõem um capítulo à parte. Para finalizar, são abordados a retomada do crescimento e o próprio cinquentenário. Uma obra para marcar o Jubileu de Ouro e orgulhar quem trabalha na indústria do calçado infantil de Birigui.

DE CAPITAL DO CALÇADO INFANTIL À CAPITAL DO EMPREENDEDORISMO

"Esta terra que se chamou pelo nome de seu representante menor, o mosquito 'Birigui', não imaginava o quanto aqueles que aqui se fixaram, tornariam-na tão magnífica e ilustre. Terra que se esquecendo do mosquito, tornou-se de excelentes predicados que, pela perseverança de um povo, fez-se sinônimo de bravura e abnegação em troca do ideal maior: abençoar aqueles que a escolheram. Dessa terra saiu esta obra, e o casal que a escreve, por cumprir o propósito de Deus ao constituírem uma só carne, tem seus frutos abençoados, permitindo a todos dizer: "... Até aqui nos ajudou o SENHOR." (1ª Samuel 7:12)."

Samir Nakad

Diretor da Fiep e vice-presidente do SINBI



Marco Aurélio Barbosa de Souza
Lucimari Gomes Correia Barbosa

O Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui
Pioneiros e Empreendedores (1958-2008)



Marco Aurélio Barbosa de Souza
Lucimari Gomes Correia Barbosa

O Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui

Pioneiros e Empreendedores (1958-2008)



www.museubirigui.com.br

"Quando a nossa querida Birigui aproxima-se de seu centenário, recebe uma importante obra que retrata o pioneirismo da indústria do calçado infantil. O texto elaborado pelo professor Marco Aurélio Barbosa de Souza e por sua esposa Lucimari Gomes Correia Barbosa aborda com muita propriedade a evolução vertical de nossas indústrias, transformando nossa cidade na Capital Brasileira do Calçado Infantil. Os autores do livro têm se destacado na pesquisa de assuntos relacionados à Birigui, podendo mais uma vez mostrar o seu carinho e preocupação com as coisas de nossa cidade. Parabéns e Sucesso."

Dr. Pedro Ângelo Cintra
Diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui (FATEC)

Figura da capa

"Quando fui convidada a criar o obelisco que representaria os '50 Anos do Calçado Infantil de Birigui', o maior sentimento foi o de honra por participar desta data histórica de forma marcante. Durante todo o processo criativo, busquei símbolos que traduzissem sentimentos como o ciclo da vida e do tempo de todas essas pessoas que, com sua garra e trabalho, transformaram Birigui numa referência nacional. O formato circular do obelisco representa o ciclo que não se interrompe. Os quatro elementos coloridos, como a infância de todos nós, são investigados pelo quinto elemento em metal representando a prosperidade. Prosperidade que percorre o caminho há 50 anos e se mantém viva a cada dia."

Vick Rabelo
Artista Plástica

Marco Aurélio Barbosa de Souza
Lucimari **G**omes Correia **B**arbosa

OCINQUENTENÁRIO DA INDÚSTRIA DO
CALÇADO INFANTIL DE BIRIGUI
PIONEIROS E EMPREENDEDORES (1958-2008)

1.ª EDIÇÃO

Birigui - SP
Editora **Bearare** Ltda.
2009

Editora Bearare Ltda.

CNPJ 06.373.182/0001-22

Birigui - SP - Brasil

www.editorabearare.com.br

© Marco Aurélio Barbosa de Souza

Lucimari Gomes Correia Barbosa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

SINBI - Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui

Presidente

Wagner Aécio Poli

Supervisora de Comunicação e Relações Institucionais

Rossana J. Codogno Basseto

Assistente de Comunicação e Mídia

Karen Silva

CAPA

Pontual Propaganda

DIAGRAMAÇÃO

A&A Studio de Criação

À razão de nossas vidas,
Luís Antônio.

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial gostaríamos de agradecer a todas as pessoas e instituições que colaboraram para concretizar a publicação desta obra. Que todos se sintam também coautores da presente, pois sem as colaborações este trabalho não se tornaria realidade.

Inicialmente, agradecemos aos nossos pais pelo carinho e o incentivo constante aos estudos.

Aos empresários da indústria calçadista de Birigui, pela paciência e gentileza em conceder as entrevistas e em fornecer as fontes de pesquisas imprescindíveis para o desenvolvimento e a elaboração deste trabalho.

Ao Sindicato das Indústrias de Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI), pelo patrocínio da presente obra e por acreditar na nossa capacidade para realizá-la. Nossos agradecimentos ao atual presidente do SINBI, Wagner Aécio Poli, pelo apoio e entusiasmo demonstrado desde o primeiro momento que apresentamos o projeto do livro. Agradecemos, também, a todos as pessoas que trabalham no Sindicato pelo auxílio constante durante o desenvolvimento da pesquisa.

Ao empresário José Roberto Colli, pela oportunidade em desenvolver o projeto do Museu Virtual do Calçado de Birigui, em 2007. O projeto do Museu Virtual enriqueceu muito o conhecimento dos autores e tornou-se a base para a elaboração deste livro.

Ao empresário Samir Nakad, por acreditar e incentivar pesquisas voltadas ao resgate da história do calçado, em Birigui, e pela gentileza em escrever uma mensagem para a contracapa desta obra. Agradecemos ainda ao empresário Denílson Eckstein pelo incentivo e a colaboração.

Somos gratos a todas as instituições que cederam seus arquivos para consulta durante a realização de nossas pesquisas nos últimos anos, pois sem o acesso às fontes de consultas, este livro não poderia ser desenvolvido. Em especial ao Jornal Exclusivo, de Novo Hamburgo (RS), e a Gelu Publicidade e Propaganda de Franca (SP), cujos arquivos foram fundamentais para o desenvolvimento de nossas pesquisas.

Ao diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui, Dr. Pedro Ângelo Cintra, pela oportunidade oferecida a um dos autores desta obra, no desenvolvimento de sua carreira acadêmica e pela gentileza em escrever um texto para a orelha da capa deste trabalho.

Ao professor Carlos Roberto Garcia Cottas, pelo incentivo.

Ao Diretor da Câmara Municipal de Birigui, Dr. Asahel Vieira Cottas, que leu o original deste trabalho e colaborou com preciosas sugestões.

A professora Lúcia Milani Piantino, pelo trabalho executado na correção dos textos deste livro.

A todos os nossos agradecimentos!

EPÍGRAFE.....	07
PREFÁCIO.....	09
INTRODUÇÃO	11

CAP 1: PRIMEIRA DÉCADA (1958- 1968) – OS PIONEIROS, OS PRIMEIROS EMPREENDIMENTOS E A ORIGEM DA INDÚSTRIA DO CALÇADO INFANTIL NA CIDADE DE BIRIGUI

1.1 Os pioneiros e a origem da indústria do calçado infantil na cidade de Birigui	15
1.2 Novas empresas e os primeiros passos do setor	31
1.3 Os empreendimentos pioneiros no fornecimento de insumos e componentes para a indústria de calçados no primeiro ciclo de industrialização	45
1.3.1 Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda e Metalúrgica Fiargo Ltda.	49
1.4 Fachadas, propagandas, reportagens e outras curiosidades da primeira década de desenvolvimento do setor calçadista de Birigui	57

CAP 2: SEGUNDA DÉCADA (1969-1978) – NOVAS EMPRESAS, INSERÇÃO INTERNACIONAL E O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE BIRIGUI

2.1 Novas empresas e o desenvolvimento industrial da cidade de Birigui	63
2.2 A instalação da Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados e a inserção internacional da indústria calçadista no começo dos anos 70	82
2.2.1 A Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados	82
2.2.2 A inserção internacional das empresas anos 70	89
2.3 A primeira Feira Industrial e Comercial de Birigui (1.ª FICBI)	96
2.4 Novos Fornecedores	98
2.5 Fachadas, propagandas, reportagens e outras curiosidades da segunda década de desenvolvimento do setor calçadista de Birigui	101
2.6 Imagens da História: Reprodução Integral das 24 páginas do Caderno Especial dedicado à Indústria do Calçados de Birigui publicado pelo Jornal Exclusivo em 16 de dezembro de 1971	114

CAP 3: TERCEIRA DÉCADA (1979-1988) – A “ERA DE OURO” (INSTITUIÇÕES, DESENVOLVIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DA CAPITAL BRASILEIRA DO CALÇADO INFANTIL

3.1 O “Boom” na formação de novas empresas, o crescimento da produção e a consolidação do parque produtivo calçadista	141
3.2 História das Empresas: A formação de novas empresas	143
3.3 Mudanças em curso: A produção de calçados alternativos, as inovações do setor e o mundo infantil	161
3.3.1 As inovações do setor e o mundo infantil	164
3.4 Um ano muito adverso: 1986 e o Plano Cruzado	171
3.5 O nascimento de importantes instituições locais.....	180

3.5.1 O surgimento da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui.....	180
3.5.2 A transformação da Associação em Sindicato.....	189
3.6 O Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian.....	197
3.7 Fachadas, propagandas e outras curiosidades da terceira década de desenvolvimento do setor calçadista de Birigui.....	204

CAP 4: QUARTA DÉCADA (1989-1998) – PEDRAS NO CAMINHO: CRISE, REESTRUTURAÇÃO E A MODERNIZAÇÃO NOS ANOS 1990

4.1 A crise da indústria brasileira e os reflexos no setor calçadista nacional.....	226
4.2 O desempenho da indústria de calçados de Birigui entre 1989 e 1998.....	227
4.3 O Plano Collor.....	231
4.4 O Plano Real.....	239
4.4.1 O impacto do Plano Real na indústria calçadista de Birigui.....	250
4.5 Reestruturação industrial e modernização do parque calçadista.....	261
4.5.1 O papel do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui na modernização empresarial.....	261
4.6 Curiosidades da quarta década de desenvolvimento do setor calçadista.....	270
4.6.1 Os 30 anos da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.....	271
4.6.2 A visita de Luiz Inácio Lula da Silva na campanha presidencial de 1994.....	277
4.6.3 Encontro de fabricantes, fornecedores e representantes do setor calçadista de Birigui.....	282
4.6.4 Gata industriária verão 1997.....	284
4.6.5 O industrial do ano de 1997: Carlos Alberto Mestriner.....	286
4.6.6 O surgimento do SINDIFAX e a participação em feiras do setor	290

CAP 5: QUINTA DÉCADA (1999-2008) – A RETOMADA DO CRESCIMENTO E O CINQUENTENÁRIO DO SETOR CALÇADISTA DE BIRIGUI

5.1 Visão panorâmica: desafios e retomada do crescimento.....	302
5.2 O Instituto Pró-Criança de Birigui.....	308
5.3 A inauguração da nova sede do Sindicato, a realização da 1.ª Feical e a doação de 110 mil pares de calçados ao Programa “Fome Zero”.....	315
5.3.1 A inauguração da nova sede do Sindicato.....	315
5.3.2 A 1.ª Feira de Máquinas, Equipamentos e Componentes de Birigui (1.ª FEICAL) e a participação das empresas no programa “Fome Zero”.....	321
5.4 A formação do Arranjo Produtivo Local (APL) de Birigui.....	325
5.5 Eventos e acontecimentos: A Fantástica Fábrica de Sapatinhos e o Brinca Birigui.....	325
5.6 Preservação Histórica: O Museu Virtual do Calçado de Birigui.....	329
5.7 O Cinquentenário da Indústria Calçadista de Birigui.....	352

UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO.....362

LISTA DE TABELAS E QUADROS.....363

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....363

“O fim de toda a nossa busca será chegar
ao lugar onde começamos e ter a sensação de des-
cobri-lo pela primeira vez” T. S. Eliot.

PREFÁCIO

É uma grande honra para mim prefaciá-la uma obra que tem como tema a história da manufatura do calçado infantil em Birigui, nos últimos 50 anos. São muitas trajetórias de vidas que se cruzam - experiências, muito trabalho, responsabilidade, dedicação - meio século, uma conquista! Palavras que carregam no seu bojo o significado o Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui.

A determinação e a garra de cada empresário que acreditou que era possível passar da economia agrícola para a industrial foram ingredientes fundamentais para o sucesso que vemos hoje.

A percepção da era da industrialização e a necessidade de promover mudanças revelam o caráter de cidadãos, povo inspirado, apaixonado pela terra onde vive e empenhado em fazê-la crescer e aparecer cada vez mais. Tornando-se assim os pioneiros do calçado infantil em Birigui.

Encontraram muitos obstáculos pela frente, como a falta de mão-de-obra especializada e equipamentos, mas venceram todos eles, passo a passo, caminhando sempre com muita determinação.

Hoje vemos uma indústria forte, que acompanha a evolução das novas tecnologias, atua com políticas de qualidade, busca oferecer aos pés das crianças mais do que um calçado que acompanha as tendências de moda, mas um produto que garanta a saúde e o conforto aos pés.

Analisando essa obra que comemora o Cinquentenário, vejo que cada um de nós, industriais do calçado, deve muito a esses homens que empreenderam suas vidas no nascimento do setor calçadista em Birigui.

Ao mesmo tempo em que somos gratos a eles, somos parte desta história, protagonistas também dos capítulos recentes e do atual, em que trabalhamos incansáveis para aprimorar nossos produtos e manter nossas marcas no mercado e assim fortalecer a marca maior, a da Capital Brasileira do Calçado Infantil.

O que denotamos com a nossa história é que, embora concorrentes no mercado, somos cada vez mais parceiros para transformar Birigui em sinônimo de calçado infantil não só no Brasil, mas no mundo todo para honrar todos esses anos de dedicação.

Aos pioneiros e aos empreendedores do presente, parabéns por chegarem até aqui e muito sucesso e determinação para que alcancemos patamares ainda mais altos.

Birigui, agosto de 2009.

INTRODUÇÃO

O presente livro é o resultado de pesquisas realizadas desde o ano de 2001, tendo como foco de análise a indústria calçadista de Birigui. Trata-se de uma contribuição para a preservação da história e da memória da cidade de Birigui, principalmente, de seu setor calçadista, que em 2008 comemorou seu cinquentenário.

O ponto de partida do interesse em pesquisar o setor iniciou-se no final da graduação de um dos autores (prof. Marco Aurélio Barbosa de Souza), em 2001, quando foi definido o tema de monografia de conclusão de curso. Na época, optou-se por estudar a indústria de calçados de Birigui, analisando as vantagens competitivas apresentadas por aglomerações industriais. Naquele período estava em curso uma ampla frente de pesquisa no Brasil, liderada por grandes universidades do país, buscando entender a realidade e a dinâmica das concentrações geográficas de empresas do mesmo setor industrial: as chamadas aglomerações industriais.

O desenvolvimento da pesquisa gerou vários desdobramentos positivos, com destaque para três: a publicação do livro intitulado – Aglomeração Calçadista de Birigui: Origem e Desenvolvimento (1958-2004); após, já em parceria com a esposa, a elaboração do projeto “Os pilares da história calçadista contados passo a passo” para o Birigui Shopping do Calçado e o desenvolvimento da pesquisa e do levantamento histórico para a formação do Museu Virtual do Calçado de Birigui (www.museubirigui.com.br), para o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI).

É neste contexto de uma trajetória de trabalho e dedicação pela pesquisa do setor calçadista de Birigui que se insere a presente publicação, que tem por objetivo democratizar o conhecimento acumulado nos estudos, até aqui realizados, para aqueles que buscam informações sobre a história e a trajetória de desenvolvimento da indústria de calçados da cidade.

O livro foi idealizado para sintetizar informações de um período histórico e comemorativo, não somente da indústria – que é o centro da pesquisa, mas de toda a cidade de Birigui, que no transcorrer das décadas, tamanha a contribuição do setor, tornou-se conhecida como a “Capital Brasileira do Calçado Infantil”, demonstrando a importância da indústria do calçado para o desenvolvimento do município.

Os capítulos da história, reunidos neste livro, foram divididos de modo a compreender a evolução das décadas, os acontecimentos principais e o conhecimento alcançado em cada período.

A industrialização iniciada com o surgimento dos primeiros empreendimentos na transição da década de 1950 para os anos 1960 foi impulsionada

e fortalecida com a instalação de novas empresas entre o final da década de 1960 e os anos 1970, acarretando o crescimento e desenvolvimento do parque industrial. A década de 1980 foi o período de consolidação da industrialização – a “era de ouro”. E, os anos 1990, foram marcados pela crise, reestruturação produtiva e ampliação da competitividade do polo calçadista, cujos desdobramentos ainda estão em curso na primeira década do século XXI.

Portanto, o livro apresenta uma visão panorâmica de 50 anos de história, informando e contextualizando as dificuldades e inovações próprias de cada década, bem como: o surgimento de empresas, evoluções, sucessos, encerramento de atividades, diversificação e inserção internacional da indústria, inovações tecnológicas e mudanças no padrão competitivo, greves, crises, progresso e ampliação de produção e emprego, mudanças no uso de matérias-primas, insumos e componentes, instalação de empresas fornecedoras, formação de instituições de apoio e de prestação de serviço, etc. Enfim, mudanças muito complexas, amplas e profundas que precisam ser objeto de novos trabalhos e outras pesquisas.

Dessa forma, o estudo em foco busca colaborar para ampliar o conhecimento do tema, ou seja, a história e a memória da indústria do calçado infantil da cidade de Birigui, somando e agregando novas questões e interpretações à literatura e aos estudos realizados. Pretende-se contribuir para potencializar investigações mais aprofundadas, novas pesquisas e novas descobertas, que, com o passar do tempo contribuam para o entendimento mais minucioso e preciso das fases e da dinâmica impulsionada pela industrialização para a cidade de Birigui durante o percurso de progresso da indústria do calçado.

Durante a elaboração do livro, procurou-se trabalhar com textos objetivos que apresentassem ao leitor um período da história do município através dos fatos mais importantes, das personalidades que marcaram época e das fases percorridas pela indústria calçadista ao longo das décadas. Para completar o trabalho foram inseridas inúmeras imagens de fachadas de empresas, do interior de fábricas, de linha de produção, de personalidades e empreendedores, de documentos diversos, de propagandas, de modelos de calçados e outras curiosidades. Acredita-se que as imagens possam remeter cada leitor de forma diferente a uma época em que, se vivenciada traga um sentimento e uma interpretação própria, se apenas visualizada por novos leitores, possa aguçar a curiosidade sobre diversas variantes e nuances de um tempo.

Enfim, a intenção é a de apresentar um trabalho com riqueza de imagens e fazer com que cada leitor pudesse criar e recriar a história e assim colaborar para uma visualização mais completa da história da indústria, de seus momentos importantes e das personagens principais responsáveis pela construção da memória do setor. Boa leitura!

PRIMEIRA DÉCADA (1958-1968)

OS PIONEIROS, OS PRIMEIROS EMPREENDIMENTOS E A ORIGEM DA INDÚSTRIA DO CALÇADO INFANTIL NA CIDADE DE BIRIGUI.

Entre 1958 e 1968, a indústria do calçado infantil deu seus primeiros passos na cidade de Birigui. A formação da primeira empresa de calçados infantis serviu como uma mola propulsora para uma verdadeira “revolução”, desencadeando um processo de mudança no perfil econômico da cidade. Estava inaugurada a era industrial no município. A industrialização foi fortalecida e impulsionada por desbravadores que acreditaram na vocação da cidade para o ramo do calçado e seguiram os passos dos pioneiros, gerando novos negócios.



Prédio da empresa Ramos & Assumpção Ltda em 1958 (localizada na rua Saudades, nº 549 esquina com a rua Siqueira Campos, na cidade de Birigui) de propriedade dos irmãos Assumpção (Antônio e Francisco). Neste pequeno salão de quatro portas, alugado, iniciou-se a história e a trajetória da primeira fábrica de calçados infantis de Birigui, produzindo cerca de 20 pares diários da marca “Assumpção”.

A trajetória percorrida pelo setor durante o primeiro ciclo de industrialização calçadista não foi fácil, muitas dificuldades foram encontradas pelo caminho: a ausência de mão-de-obra especializada, a distância dos fornecedores, a falta de

máquinas e equipamentos adequados e o desconhecimento do mercado consumidor são algumas delas. Enfim, tudo era novo. Entretanto, a perseverança e o trabalho permitiram superá-las.

E, em uma velocidade impressionante e singular, a pequena semente plantada gerou uma árvore robusta, com raízes profundas, galhos fortes, folhas radiantes e com muitos frutos. A modesta produção inicial das empresas no começo dos anos 1960 cresceu, alcançando mais de um milhão de pares no final da década. Os poucos trabalhadores do início chegaram a mais de 600. As primeiras empresas não permaneceram sozinhas na jornada, novas foram instaladas, inclusive, algumas fornecedoras de insumos e componentes, desenvolvendo os incentivos necessários para a aceleração do crescimento da industrialização nas décadas posteriores.

Foi a era do calçado Kicker (modelo predominante e apelidado de Bico Virado), dos curtumes Leão e Cantagalo, do transporte de calçados por meio das ferrovias, do uso da perua Kombi, do predomínio absoluto do couro como matéria-prima única e exclusiva para a confecção dos calçados, da produção dos famosos produtos da marca Popi, Ki-hoot, Sandra, Rinde, Bical, Raquete, Nibere, Derly, Cirandinha e tantas outras, que só se tornaram realidade em decorrência do surgimento de uma indústria de calçados no pequeno município do interior de São Paulo.



Relíquia: Foto interna da primeira fábrica de calçados infantis da cidade de Birigui (Ramos & Assumpção Ltda em 1958). No destaque a linha de produção da fábrica, 1958.

Essa história, que ecoou nas décadas seguintes, transformou a cidade em um pólo industrial de grande envergadura, diferenciando o município das outras cidades do interior do estado de São Paulo, localizadas no grande Oeste Paulista. A indústria instalada em Birigui foi responsável por fornecer milhares e milhares de calçados para as crianças do Brasil e do mundo ao longo de sua trajetória. Calçados que acompanharam a criança em seu cotidiano nas escolas, nas provas realizadas, nas ruas, na participação em eventos esportivos, nos chutes a gol, nos jogos de basquete, nas brincadeiras como o carrinho de rolemã e em tantas outras atividades relacionadas ao universo das crianças. Em cada um desses momentos especiais, a indústria de calçados de Birigui esteve presente. E, sua história começou há cinquenta anos.



Imagem do famoso Kicker (sapato infantil apelidado de bico virado e elaborado em couro), o produto de destaque entre a década de 1960 e os anos 1970, confeccionado por praticamente todas as empresas calçadistas da cidade de Birigui. Um símbolo da primeira fase de industrialização. O produto em destaque foi elaborado pela Fiorotto Indústria e Comércio de Calçados (PAF) Ltda e apresentado em uma propaganda no Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971.

1.1 OS PIONEIROS E A ORIGEM DA INDÚSTRIA DO CALÇADO INFANTIL NA CIDADE DE BIRIGUI

A história do calçado infantil, no município de Birigui, começou no final da década de 1950, quando os irmãos Antônio Ramos de Assumpção e Francisco Ramos de Assumpção – os pioneiros – instalaram a primeira empresa de calçados para crianças. De origem humilde, os irmãos Assumpção trabalharam em diversas profissões antes do aprendizado calçadista.



Antônio Ramos de Assumpção - o pioneiro, década de 1990.



Francisco Ramos de Assumpção - o pioneiro, década de 1960.

Um deles, Antônio, foi lavrador, oleiro, ovelheiro (comprava e vendia ovos), vendedor de grampo para cabelos e linhas de tricô, ajudante de pedreiro, electricitário e distribuidor de pão. Após exercer essas profissões, Antônio Ramos de Assumpção, aos 22 anos, ingressou em uma fábrica de calçados de Birigui: a Indústria de Calçados Biriguiense de Avak Bedouian em 1954 (o pioneiro na produção de calçados masculinos na cidade). Nesta empresa, produtora de sapatos masculinos populares, Antônio trabalhou gratuitamente por aproximadamente um ano como ajudante de sapateiro, pois era uma época difícil e muitas empresas não pagavam salários para aprendizes.



Interior da Indústria de Calçados Biriguiense de Avak Bedouian, década de 1950.

E, apesar de produzir calçados na mesma quantidade e qualidade que os mestres sapateiros, Assumpção e mais dois funcionários também ajudantes, recebiam salários menores. Em decorrência da diferença salarial, eles resolveram pedir uma equiparação. Entretanto, Avak, recusou-se a atender o pedido. Porém, Assumpção e outros tentaram o ajuste salarial de uma outra maneira, iniciando uma pequena greve. Como resposta Avak demitiu todos.

Após a saída da Indústria Biriguiense e com dificuldades de encontrar emprego na cidade (eram tempos difíceis), Antônio Ramos de Assumpção e seu irmão Francisco mudaram-se para a cidade de São Paulo. Lá, tiveram a grande felicidade de ingressar em uma fábrica de calçados infantis: a Homsí & Homsí Cia Ltda, onde adquiriram os primeiros conhecimentos e a experiência na confecção de calçados para crianças (fato muito importante para o desencaideamento da história que teve início alguns anos depois).

O trabalho em São Paulo era muito dificultoso, Antônio e Francisco, tinham que se levantar muito cedo, pois a fábrica ficava distante do local em que moravam. Além de andar de bonde, era necessário caminhar um pouco a pé até chegar ao trabalho.

Na empresa, uma das funções exercidas por eles era cortar o couro à mão, procedimento que se iniciava com o corte das beiradas do couro que sobrava, sendo em seguida pregado e emendado na sola. No final do expediente, à tarde, todas as tachinhas e pregos do chão tinham que ser recolhidos e, para isso, era necessário usar um imã. Após o expediente, Antônio trabalhava ainda em outro lugar, em uma pequena fábrica, como sapateiro, das 18h00 às 23h00. A permanência em dois empregos com uma extensa jornada de trabalho, totalizada em mais de 15 horas, era diariamente enfrentada com objetivo de acumular recursos suficientes para que eles pudessem montar uma empresa. Já com os recursos conquistados, eles começaram a concretizar o sonho de montar uma fábrica, adquirindo aos poucos, em São Paulo, algumas máquinas, equipamentos, ferramentas usadas, formas, peças e materiais diversos.

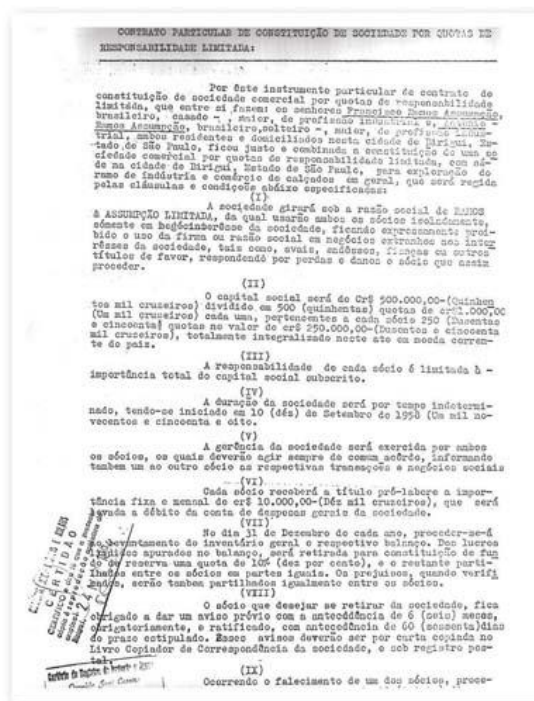
Após permanecerem por cerca de três anos na capital e de posse dos itens básicos para o início do empreendimento, os irmãos Assumpção regressaram a Birigui com um propósito definido: realizar o sonho de formar o próprio negócio.

E, em julho 1958, teve início a história do calçado infantil na cidade de Birigui, com a formação da primeira empresa de calçados infantis na cidade, a Ramos & Assumpção Ltda – iniciante da “Revolução que começou pelos pés”¹. A empresa foi instalada em um velho prédio alugado com aproximadamente 70

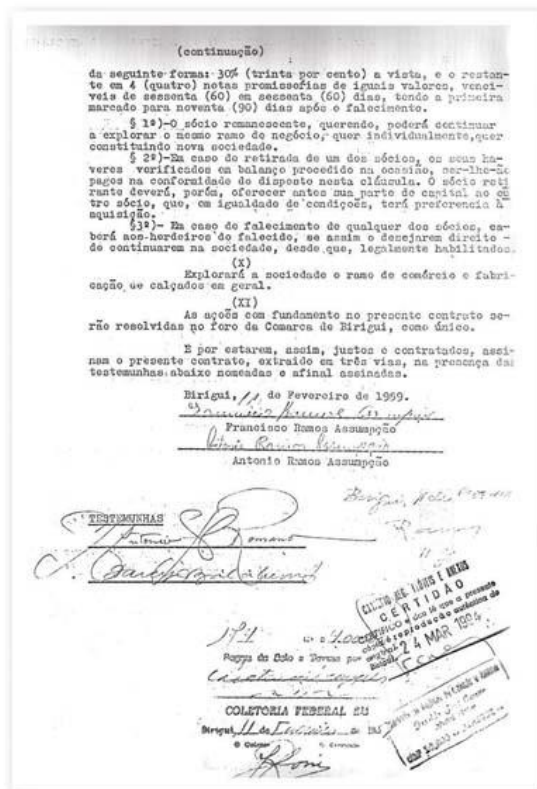
¹ “Birigui: A Revolução que começou pelos pés” é o título do livro do Jornalista Nalberto de Milton Vedovotto, lançado em 1997 pela Editora Saga (SP)

metros quadrados, na rua Saudades, nº 549 (esquina com a rua Siqueira Campos), e começou com uma produção inicial de 20 pares diários de calçados da marca "Assumpção" do número 18 ao 28 (masculino e feminino), confeccionados em couro por seis empregados.

Em seu contrato de fundação, consta o valor do capital inicial da Ramos & Assumpção Ltda que era de Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros), divididos em 500 (quinhentas) quotas de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros) e distribuídas a cada sócio na mesma proporção, ou seja, 250 quotas no valor de Cr\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros) para cada um. Dois detalhes interessantes aparecem no contrato de fundação: a data de registro do contrato realizada em fevereiro de 1959 e a data de início da fábrica registrada no documento como sendo o dia 10 de setembro de 1958. Entretanto, o depoimento do pioneiro, Antônio Ramos de Assumpção, indica que a empresa efetivamente começou em julho de 1958.

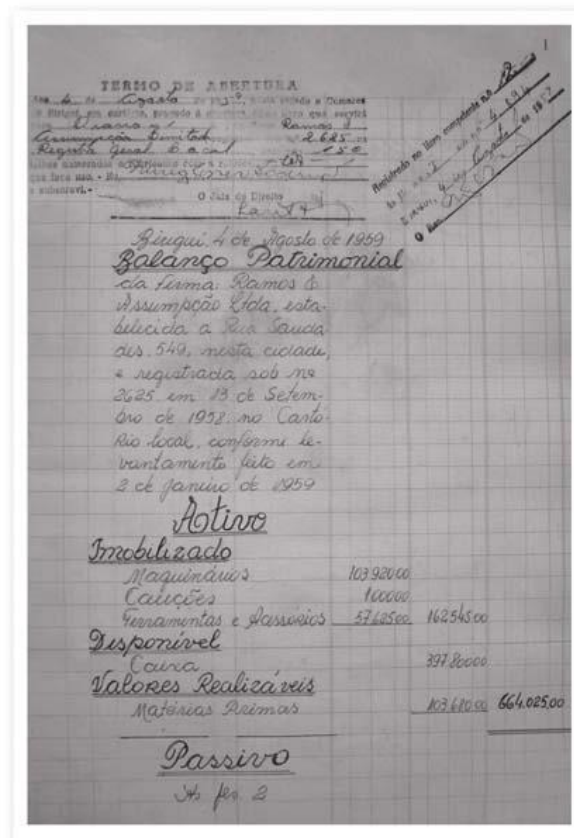


Contrato social de fundação da Empresa Ramos & Assumpção Ltda. A data de início das atividades da empresa registrada no contrato é 10 de setembro de 1958 tendo como sócios do empreendimento: Antônio Ramos de Assumpção e Francisco Ramos de Assumpção.



Contrato social (verso) de fundação da Empresa Ramos & Assumpção Ltda. A data de início das atividades da empresa registrada no contrato é 10 de setembro de 1958 tendo como sócios do empreendimento: Antônio Ramos de Assumpção e Francisco Ramos de Assumpção.

O começo foi muito difícil, pois além das dificuldades para encontrar mão de obra especializada e da ausência de fornecedores, havia outro problema: a falta de equipamentos adequados, entre os quais a máquina de pesponto. A dificuldade em adquirir uma máquina pespontadeira na época, devia-se ao fato do equipamento ser muito caro. Isso levou os irmãos Assumpção a viajarem com muita frequência até a cidade de São Paulo, para levar os cabedais (parte de cima do calçado) para serem pespontados. O procedimento durou alguns anos.



Livro escritural da empresa Ramos & Assumpção Ltda, 1958. No destaque, o Balanço Patrimonial e os primeiros movimentos contábeis da empresa.

O modesto empreendimento iniciado com um pequeno capital, com algumas máquinas e equipamentos usados e fruto do sonho de dois jovens, foi o impulso para uma “revolução”, que com o passar dos anos deu origem e transformou-se em uma grande história. Com certeza, Antônio Ramos de Assumpção e seu irmão Francisco Ramos de Assumpção, que assinaram seus nomes na história do setor, não perceberam naquele momento estarem sendo os protagonistas principais de uma grande transformação, visto que o dia a dia, o viver e o sobreviver, impede muitas vezes a percepção dos atores. Todavia, o início foi dado em 1958 e seus desdobramentos podem ser acompanhados em seguida.



Relíquia: Foto interna da primeira fábrica de calçados infantis da cidade de Birigui (Ramos & Assumpção Ltda em 1958). No destaque, a linha de produção da fábrica, 1958.

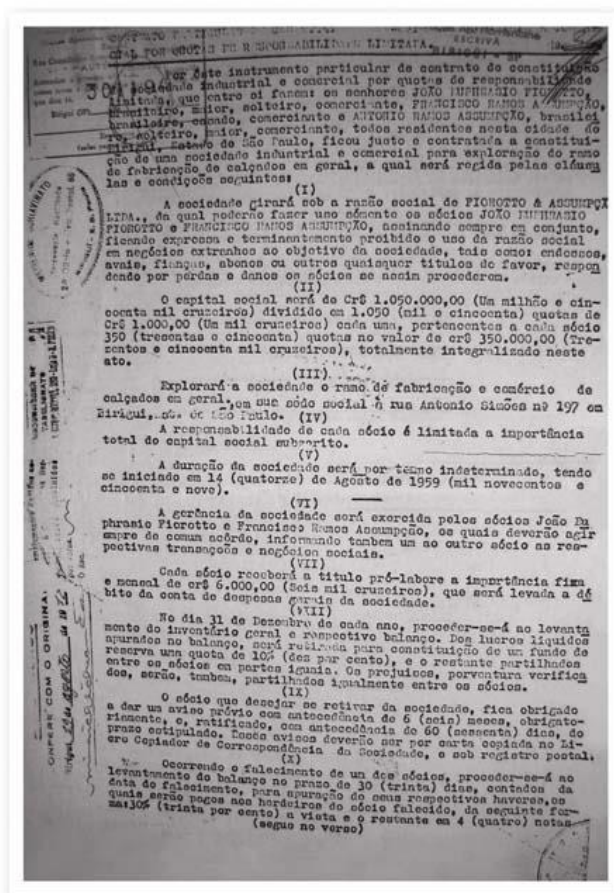
Com o passar dos meses os irmãos Assumpção sentiram a necessidade de acelerar o desenvolvimento da empresa. Entretanto, esbarraram em uma dificuldade: os recursos financeiros. Para resolver esse problema eles decidiram, um ano após a formação da Ramos & Assumpção Ltda, incorporar mais um sócio ao empreendimento. Com a entrada do novo sócio seria possível aumentar o capital da fábrica, fortalecendo-a e desenvolvendo as condições para que ela pudesse crescer mais aceleradamente, incrementando setores que demandavam investimentos e aplicação de capital.

Foi quando ingressou na sociedade, João Euphrásio Fiorotto, em 14 de agosto de 1959, ocasião em que ocorreu uma alteração na denominação da empresa para Fiorotto & Assumpção Ltda e a transferência de sua sede para um prédio maior, localizado na rua Antônio Simões, nº 197. Começava a história de sucesso que ficou registrada nas páginas da memória da indústria brasileira de calçados daquela, que anos mais tarde, alterou o nome para Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.

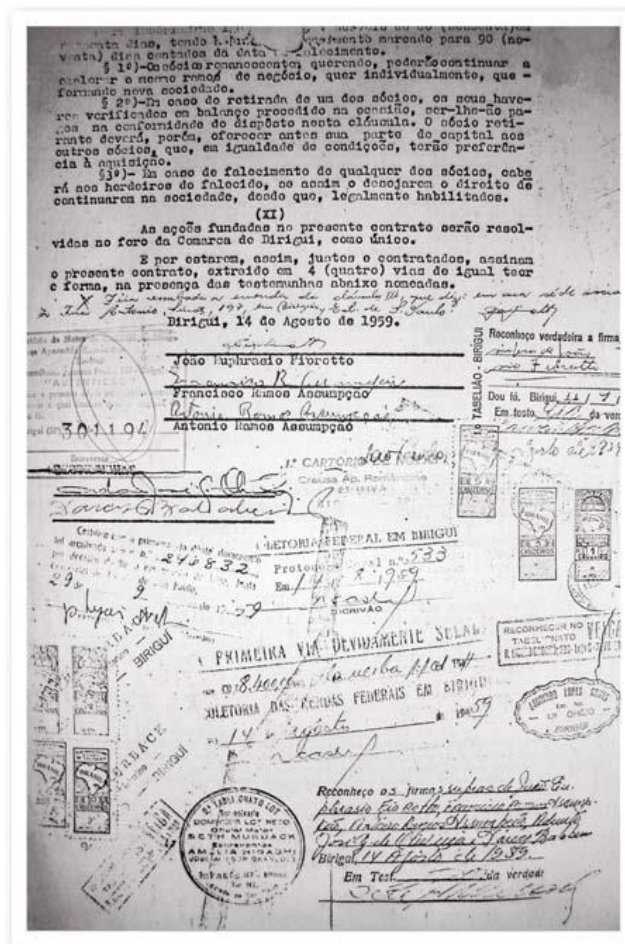


João Euphrásio Fiorotto (sócio-proprietário da Fiorotto & Assumpção Ltda - empresa que posteriormente transformou-se na Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda), década de 1970.

O capital social inicial da Fiorotto & Assumpção Ltda era de Cr\$ 1.050.000,00 (um milhão e cinquenta mil cruzeiros) divididos em 1050 (mil e cinquenta) quotas de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros) cada uma, pertencentes a cada sócio 350 quotas no valor de Cr\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil cruzeiros). Pela experiência na fabricação de calçados, Antônio Ramos de Assumpção e Francisco Ramos de Assumpção, ficaram responsáveis pela área industrial e João Euphrásio Fiorotto pelo setor administrativo.



Contrato social que deu origem a empresa Fiorotto & Assumpção Ltda, assinado em 14 de agosto de 1959 por João Euphrásio Fiorotto, Antônio Ramos de Assumpção e Francisco Ramos de Assumpção. A empresa foi instalada na rua Antônio Simões, 197. Era o início da trajetória daquela que anos mais tarde alterou o nome para Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Verso do contrato social que deu origem a empresa Fiorotto & Assumpção Ltda assinado em 14 de agosto de 1959 por João Euphrásio Fiorotto, Antônio Ramos de Assumpção e Francisco Ramos de Assumpção.

No início da década de 1960, ocorreram novas mudanças societárias na empresa Fiorotto & Assumpção, alterações que contribuíram muito para o fortalecimento da industrialização na cidade de Birigui.

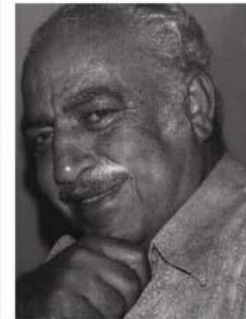
No começo de 1961, Giacomo Eurico Fiorotto, pai de João Euphrásio Fiorotto, ingressou na sociedade (a entrada desse novo sócio estava prevista desde 1959) e no final daquele ano, Antônio Ramos de Assumpção, deixou a empresa.



Giacomo Eurico Fiorotto (sócio-proprietário da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda), década de 1980.

Entretanto, Antônio não se desligou do setor. Pelo contrário, ele continuou colaborando ainda mais para o desenvolvimento da indústria calçadista, instalando em 02 de janeiro de 1962, uma nova empresa em sociedade com Raif Mehanna Rahal (comerciante): a Rahal, Assumpção & Cia Ltda – Rassum, especializada na produção de calçado infantil – a empresa mais antiga em atividade em Birigui e que hoje se chama Kiuty².

O capital inicial da Rahal & Assumpção Cia Ltda (Rassum) era de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros). Ela começou em um prédio alugado de aproximadamente 70 metros quadrados na rua Roberto Clark e pertencente ao Sr Wágih Rahal (irmão de Raif). A produção inicial era de 70 pares diários de calçados infantis e seu quadro de funcionários era composto



Raif Mehanna Rahal (sócio-proprietário da Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum), década de 1970.

² Em 1986, Antônio Ramos de Assumpção adquiriu a parte pertencente a seu sócio Raif Mehanna Rahal na empresa, gerando e criando uma nova denominação para a bem sucedida Rassum. Surgiu a Kiuti, uma nova denominação substitutiva da anterior, sendo o nome derivado de uma marca muito conhecida da própria Rassum – os calçados Ki-hoot – um grande sucesso introduzido nos anos 1960. Em meados da década de 1990, houve uma alteração da denominação, retirou-se o i do final do nome, substituindo-o pelo y – transformando, portanto, em Kiuty. Informações complementares sobre a história das empresas e dos personagens que aparecem ao longo do livro podem ser encontradas no site do Museu Virtual do Calçado de Birigui – www.muscubirigui.com.br.

por 15 empregados. Entretanto, um ano depois a fábrica aumentou a produção para 200 pares/dia e o número de empregados para 40. A expansão da empresa criou condições para que ela adquirisse o primeiro prédio próprio em 1964, localizado na rua Aurora, nº 474.



Fachada da empresa Rahal, Assumpção & Cia Ltda (Rassum), década de 1960.



Fachada da empresa Rahal, Assumpção Cia Ltda (Rassum), década de 1960. Localização: Rua Aurora, 474.



Foto interna da linha de produção da Rahal, Assumpção & Cia Ltda (Rassum), década de 1960.



Fachada da empresa Rahal, Assumpção Cia Ltda (Rassum), década de 1970. Localização: Rua Maestro Antônio Passarelli, 283.



Fachada da empresa Rahal, Assumpção Cia Ltda (Rassum), década de 1970. Localização: Rua Maestro Antônio Passarelli, 283.



Participação da Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum, no carnaval de Birigui, 1968.



Foto interna da linha de produção da Rahal, Assumpção & Cia Ltda (Rassum), década de 1960.

Estava formada, portanto, a base e a estrutura de sustentação das duas maiores empresas calçadistas de Birigui entre a década de 1960 e meados dos anos 1990 (a Calçados Rassum e Popi Ltda), empreendimentos que colaboraram para o desenvolvimento do setor de diversas maneiras, com destaque para a contribuição como celeiro de formação de novos empreendedores que, após o aprendizado realizado nas empresas, desenvolveram habilidades incentivadoras à formação de novos negócios no setor calçadista.

Destaca-se que, ao longo dos anos 1960, a empresa Fiorotto & Assumpção Ltda, alterou mais duas vezes sua denominação. Em 1963, o nome foi mudado para Indústria e Comércio de Calçados Fiorotto Ltda e, posteriormente, em 1968, para Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, em decorrência da marca dos calçados produzidos pela empresa receber o nome de Popi. Foi também no final da década de 1960, que Francisco Ramos de Assumpção deixou a sociedade, permanecendo à frente da fábrica Giacomo Eurico Fiorotto e seu filho, João Euphrásio Fiorotto, transformando-a em uma empresa familiar³.



Fachada da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1960.

³ Após desligar-se da Indústria e Comércio de Calçados Fiorotto Ltda (antiga Fiorotto & Assumpção Ltda), Francisco Ramos de Assumpção montou uma nova empresa de calçados na cidade de Birigui no final da década de 1960. Entretanto, não foi possível encontrar dados e informações em relação ao novo empreendimento instalado (seu nome, data de instalação, tipo de produto produzido, entre outros). Na pesquisa realizada nos arquivos da Prefeitura Municipal de Birigui conseguiu-se somente a informação de sua localização: rua Rio de Janeiro nº 288. Em relação a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, ao longo de sua trajetória, outras alterações societárias ocorreram. Em 1977, ingressou na sociedade Mércia D. Petean Fiorotto e Henrique Fiorotto, respectivamente esposa e irmão de João Euphrásio Fiorotto. Em 1980, João Euphrásio Fiorotto Júnior, filho do pioneiro integrou a sociedade. E, em 1988, a filha de João Euphrásio Fiorotto, Mércia de Fátima Fiorotto Sanches, também ingressou na Popi. Na segunda metade dos anos 1990, diversos acontecimentos acarretaram o desligamento da família Fiorotto do empreendimento. E, na primeira década do século XXI, após percorrer mais de 40 anos produzindo calçados, a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, encerrou suas atividades.



Fachada Lateral da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, rua Bento da Cruz nº 67, década de 1970.



Mascote da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, desenvolvido na década de 1980.

1.2 NOVAS EMPRESAS E OS PRIMEIROS PASSOS DO SETOR

Paralelamente ao percurso e à história das empresas Popi e Rassum, outros empreendimentos pioneiros foram instalados no município no começo dos anos 1960, colaborando para os primeiros passos do setor. O primeiro deles foi formado por Jovino Pacheli em 1960: a Indústria de Calçado Ipiranga Ltda, dedicada a confeccionar e a consertar calçados femininos. Posteriormente, após a paralisação das atividades da Calçados Ipiranga, Jovino Pacheli formou em sociedade com seu cunhado, Alceu Tossato, um novo empreendimento: a Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda, em 1962, especializada na produção de calçados femininos adultos. Ela começou produzindo 40 pares diários e empregando seis trabalhadores.



Jovino Pacheli
(sócio-proprietário da
Indústria e Comércio de
Calçados Sandra Ltda),
década de 1980.



Alceu Tossato
(sócio-proprietário da
Indústria e Comércio de
Calçados Sandra Ltda),
década de 1970.

A Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda foi uma das primeiras empresas formadas em Birigui nos anos 1960, com produção voltada para um segmento diferente daquele introduzido pelas empresas pioneiras e fez muito sucesso ao longo de sua história⁴. Uma das explicações para a concentração da produção nos femininos encontra-se na história de um dos proprietários da fábrica: Jovino Pacheli. Desde o final da década de 1950, quando iniciou uma pequena Sapataria, Jovino se dedicou ao conserto e a confecção de produtos para o público feminino. E, em decorrência da experiência e conhecimento

⁴ Em 1968, Jovino Pacheli se desligou da Calçados Sandra Ltda. E de imediato criou uma outra empresa: a Indústria e Comércio de Calçados Ysbel Ltda, com a mesma especialidade: calçados femininos. A empresa de Jovino Pacheli permaneceu em atividade até o ano de 1981. O desligamento de Pacheli não significou a paralisação das atividades da Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda, pois Alceu Tossato continuou com as atividades. Nos anos 1970, a Calçados Sandra Ltda se destacou como uma das primeiras empresas de Birigui a exportar calçados, fato ocorrido em 1972, com o envio de 10.800 pares de calçados femininos para o Canadá. A empresa realizou aproximadamente 18 remessas de calçados para os EUA e Canadá, com uma média de 15.000 pares em cada lote. Na década de 1970, a Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda teve sua denominação alterada para Indústria e Comércio de Calçados Tossatti Ltda. Depois de percorrer pouco mais de 20 anos produzindo calçados em Birigui, a Calçados Tossatti Ltda (antiga Calçados Sandra Ltda), encerrou suas atividades em meados dos anos 1990.

acumulado, resolveu continuar no mesmo segmento formando a Calçados Ipiranga, 1960. Entretanto, ela permaneceu por pouco tempo no mercado. Foi neste período que novas oportunidades surgiram para Jovino, que convidado por seu cunhado, Alceu, resolveu continuar no ramo do calçado, dando origem a Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda.

Outra empresa formada no início da década de 1960 foi a Indústria e Comércio de Calçados Rinde Ltda, constituída por cinco sócios: João Paludetto, Domingos Paludetto, José Paludetto, Juvenal Paludetto e Orlando Catarin⁵. A Rinde focou sua produção no segmento infantil, reforçando a especialização da cidade e colaborando para sua solidificação.

Orlando Catarin
(sócio-proprietário da
Indústria e Comércio de
Calçados Rinde Ltda),
outubro de 2008.



Domingos Paludetto
(sócio-proprietário da
Indústria e Comércio de
Calçados Rinde Ltda),
outubro de 1986.



Imagem da lateral da Indústria e Comércio de Calçados Rinde Ltda no começo da década de 1970. A empresa estava na época ampliando suas instalações na rua Capitão José Cordeiro, nº 650 no bairro Silvaes.

⁵ A Indústria e Comércio de Calçados Rinde Ltda permaneceu em atividade até o ano de 1996. Ela chegou a produzir na década de 1980, mais de 2000 pares de calçados diários e a empregar 130 trabalhadores.

Dados quantitativos disponíveis permitem visualizar o crescimento dos empreendimentos calçadistas pioneiros na primeira metade da década de 1960 (vide tabela 1). Os dados da tabela indicam o avanço da industrialização calçadista na cidade e o fortalecimento da especialização da produção de calçados infantis. A produção de 148 mil pares/ano registrada, em 1962, ampliou-se para 316 mil/ano, em 1965, um aumento de 113%. O crescimento da produção foi acompanhado pelo aumento do número de empregados, que passou de 72 trabalhadores, em 1962, para 153 trabalhadores, em 1965, um aumento de 112%. Analisando as informações do ano de 1965, observa-se que dos 316 mil pares confeccionados pelas empresas naquele ano, 276 mil eram calçados infantis, ou seja, 87% do total. Destaca-se que somente a Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda era especializada na produção de calçados de outro segmento (feminino adulto).

Tabela 1: Evolução da produção anual e do número de empregados das empresas de calçados da cidade de Birigui entre 1962 e 1965

Empresa	1962		1962		1962		1962	
	Produção	Empregados	Produção	Empregados	Produção	Empregados	Produção	Empregados
Popi	85.000	40	85.000	40	85.000	40	85.000	40
Rassum	48.000	26	48.000	26	48.000	26	48.000	26
Sandra	15.000	6	15.000	6	15.000	6	15.000	6
Rinde	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	148.000	72	148.000	72	148.000	72	148.000	72

Fonte: Souza (2006).

O sucesso e o desempenho positivo das empresas calçadistas instaladas no começo dos anos 1960, estimulou a formação de novas empresas na cidade. De 1965 até 1968 (ano de encerramento do primeiro ciclo de história da indústria do calçado infantil na cidade), vinte novos empreendimentos foram instalados, entre os quais: a Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda (1965), a Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda (1966), a Indústria e Comércio de Calçados Derly Ltda (1966), a Indústria e Comércio de Calçados Nibere Ltda (1967), a Indústria e Comércio de Calçados Cervelati Ltda (1967), a Indústria e Comércio de Calçados Ina Ltda (1968), a Indústria e Comércio de Calçados Paf Ltda (1968), a Indústria e Comércio de Calçados Pérola Ltda (1968), a Indústria e Comércio de Calçados Avak Ltda (1968), a Indústria e Comércio de Calçados Gezi Ltda (1968) e a Indústria e Comércio de Calçados Silp Ltda (1968). Eis o percurso e a história de algumas delas.

A Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda foi fundada em dezembro de 1965 por três sócios: Dr. Sérgio Augusto Clark Xavier Soares (médico), Manoel Ibanhez e João Sanches Ortega (empresários). A produção inicial da empresa foi de 100 pares diários de calçados infantis, elaborados por 20 trabalhadores. Pouco tempo depois, ela passou por alterações societárias, Manoel Ibanhez e João Sanches Ortega retiraram-se do negócio, ingressando em seus lugares, Antônio Liranço e Antônio Osmar Taschin, formando em companhia com Dr. Sérgio Clark Xavier Soares, a base para o desenvolvimento da terceira maior empresa de calçados de Birigui entre os anos 1960 e começo da década de 1990⁶. A Bical foi uma das empresas que entrou na era do Kicker – o famoso Bico Virado – calçado elaborado em couro e com pouca opção de cores disponíveis para escolha (predominado o preto e o marrom) e um grande sucesso de vendas durante os anos 1960.



Fachda da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1960.

⁶ Nos anos 1980, Silas Ibanhez Soares, filho do Sérgio Clark Xavier Soares, ingressou na sociedade e, posteriormente, seu outro filho, Saulo Ibanhez Soares. Ao completar 20 anos, em 1985, a produção da Bical chegou a 9.000 pares diários confeccionados por 800 trabalhadores, época em que a empresa encontrava-se classificada entre as 100 maiores produtoras de calçados do Brasil. No final da década de 1990, Antônio Liranço e Antônio Osmar Taschin, retiraram-se da sociedade. Atualmente, a Bical (segunda empresa mais antiga em atividade em Birigui) é uma empresa administrada pela família de Sérgio Augusto Clark Xavier Soares.



↑ Antônio Osmar Taschin (sócio-proprietário da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda), década de 1970.

← Dr. Sérgio Augusto Clark Xavier Soares (sócio-proprietário da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda), década de 1990.



Almoarifado da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda no final da década de 1960. No destaque, um dos proprietários da empresa, Antônio Lirango (o terceiro da esquerda para a direita).



Linha de produção da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1970.



Antônio Lirango e Antônio Osmar Taschin (sócios-proprietários da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda), década de 1970.



Setor de corte da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1970.

Em 1966, duas novas empresas foram instaladas no município: a Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda e a Indústria e Comércio de Calçados Derly Ltda. A Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda foi formada por Saleh Mustafá (comerciante), Geraldo Migliorini (comerciante) e José Pulzato (sapateiro). Sua produção inicial foi de 30 pares diários de calçados infantis, confeccionados por 20 trabalhadores. José, o único com experiência no ramo, encarregou-se do setor de produção, Saleh do financeiro e Geraldo do comercial. A Calçados Raquete Ltda cresceu muito rápido e disputou com a Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda até meados dos anos 1970, o terceiro lugar no ranking de maior empresa de calçados de Birigui. Um dos grandes sucessos de vendas dela foi o lançamento de uma sandália chamada Tuca, que vendeu muito, inclusive no exterior. Nos anos 1970, a Raquete chegou a encaminhar aproximadamente 30.000 pares por mês da sandália Tuca para a Bolívia. Foi também na década de 1970, que a Raquete alterou sua denominação para Indústria e Comércio de Calçados Ortofino Ltda⁷.

⁷ Na década de 1980, a Indústria e Comércio de Calçados Ortofino Ltda passou por mudanças societárias. Essas mudanças acarretaram o encerramento das atividades da empresa no final dos anos 1980. Em um primeiro momento, retirou-se da sociedade Geraldo Migliorini, que permaneceu no setor, formando, em conjunto com seus filhos, em 1983, a Indústria e Comércio de Calçados Finobel Ltda. No segundo momento, José Pulzatto saiu da sociedade, formando uma nova empresa, a Indústria e Comércio de Calçados Kadion Ltda, junto com seus dois filhos, Edson e Luci, que posteriormente alteraram a denominação para Indústria e Comércio de Calçados Puna Ltda. Já Saleh montou em conjunto com suas filhas, Fátima e Eliana, outra empresa de calçados no começo dos anos 1990: a Indústria e Comércio de Calçados Liasa Ltda, especializada em calçados infantis. Das três empresas formadas, somente a Finobel encontram-se atualmente em atividade (2009).



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda (Ortofino), rua Ibérica, nº 151, década de 1970.



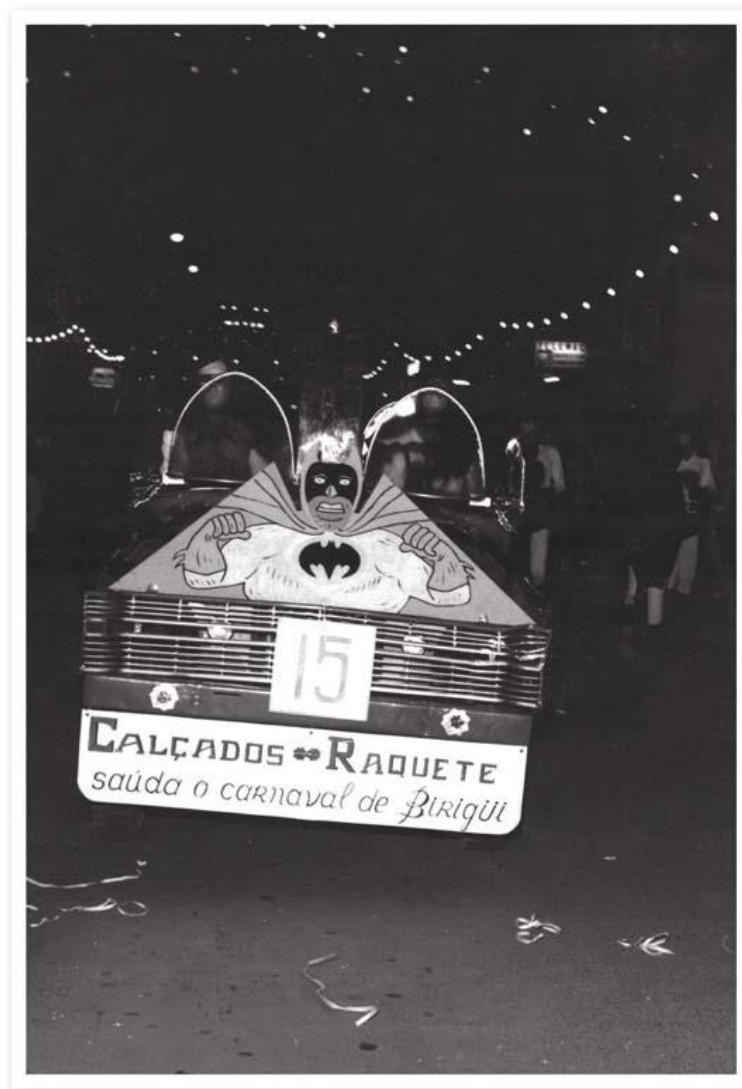
Sócios da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda (Ortofino) no interior da empresa por volta da década de 1970. Da esquerda para a direita: Saleh Mustafá, José Pulzatto e Geraldo Migliorini (ao telefone).



Saleh Mustafá e José Pulzatto no interior da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda, década de 1970. No destaque, a linha de produção da Calçados Raquete (Ortofino). Da esquerda para a direita: Saleh Mustafá e José Pulzatto.



Lago da Raquete de Birigui, 1962 (inspiração que deu origem ao nome da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda). Hoje, o lago não existe mais e o local transformou-se em uma praça que recebeu o nome de Anna Nunes Garcia e é conhecida como Praça do Povo.



Participação da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda no carnaval da cidade de Birigui, 1972.

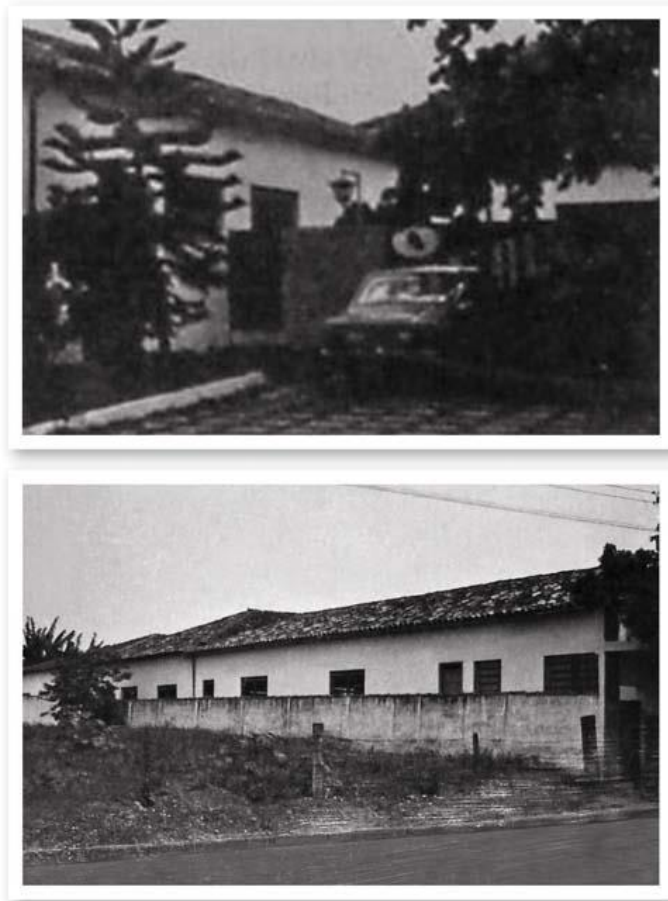


Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda (Ortofino), década de 1970.

A Indústria e Comércio de Calçados Derly Ltda foi fundada por Lydio de Souza Freitas e Oswaldo Gianpietro Primo. A empresa foi instalada na rua 9 de julho, nº 38, em um prédio alugado de 300 metros quadrados. Ela começou com, aproximadamente, 20 trabalhadores, produzindo 50 pares diários de calçados do modelo Kicker, elaborado em couro nas cores (branco, preto, vermelho e azul) e destinados ao público infantil.

O nome da empresa teve origem na junção do nome das filhas dos proprietários, DER de Dercy (filha de Oswaldo Giampietro) e LY de Lydia (filha de Lydio de Souza Freitas), que juntos deram origem ao nome - DER-LY. Importante destacar que após decidirem pela formação de uma fábrica de calçados na cidade de Birigui, um dos sócios (Sr. Lydio) foi até a cidade de Franca (SP), um importante centro produtor de calçados masculinos, e adquiriu todas as máquinas, equipamentos e ferramentas de uma empresa de calçados que estava fechada. Dessa forma, eles conseguiram trazer para a cidade uma empresa praticamente completa e pronta para o início da fabricação. O rápido crescimento da Indústria e Comércio de Calçados Derly Ltda gerou as condições necessárias para que dois anos após sua instalação

a empresa pudesse adquirir seu primeiro prédio próprio, localizado na rua Mario de Souza Campos, número 117⁸.



Fotos da lateral do prédio da Indústria e Comércio de Calçados Derly Ltda, começo da década de 1970. Rua: Mario de Souza Campos, número 117.

8 Em 1970, época em que a Calçados Derly Ltda atingiu uma produção diária de 500 pares elaborados por 104 trabalhadores, houve duas alterações societárias. A primeira se deu com a saída de Lydio de Souza Freitas da sociedade, vendendo sua participação para Oswaldo Giampietro. A segunda alteração ocorreu com o ingresso de dois novos sócios no empreendimento: Deglie O. Giampietro (filho de Oswaldo) e Antônio Moraes Prado (cunhado de Oswaldo). Após os ajustes societários, a empresa continuou em processo de desenvolvimento, chegando a atingir no começo da década de 1980, uma produção de 1500 pares/dia.No final da década de 1980, após percorrer 25 anos produzindo calçados na cidade, a Indústria e Comércio de Calçados Derly Ltda encerrou suas atividades.

No ano seguinte, em 1967, dois novos empreendimentos deram início ao seu percurso: a Indústria e Comércio de Calçados Cervelati Ltda, sociedade formada por Florival Cervelati e especializada na produção de calçados do segmento infantil e a Indústria e Comércio de Calçados Nibere Ltda, especializada no mesmo segmento e de propriedade de Nilton Nunes Estrada (bancário), Benedito Vedovotto (sapateiro) e Renagildo de Souza (sapateiro). A Calçados Cervelati Ltda se destacou na década seguinte ao adaptar um modelo usado com muita frequência por adultos para o mundo infantil – o mocassim. Inovação que gerou bons resultados para o crescimento da empresa⁹. A Calçados Nibere Ltda teve seu nome formado pela junção das iniciais dos sócios (NI) de Nilton, (BE) de Benedito e (RE) de Renagildo. Sua instalação localizava-se na rua Silveiras, em um prédio de aproximadamente 200 metros quadrados, e, produzia calçados infantis da marca Nibere do nº 16 ao 27. Iniciou empregando 10 trabalhadores e produzindo 50 pares diários de calçados confeccionados em couro¹⁰.



Benedito Vedovotto
(sócio-proprietário da
Indústria e Comércio de
Calçados Nibere Ltda),
década de 1990.

E, finalmente, em 1968, outras fábricas de calçados foram formadas, entre elas: a Indústria e Comércio de Calçados Pérola Ltda (conhecida como Cibrandinha), sociedade formada por Cícero Alves, David Henrique Gomes, Domingos Henrique Gomes, Edison Ferreira Dantas e José Henrique dos Santos. Esta empresa começou com uma produção de 300 pares diários de calçados infantis elaborados por 25 empregados. Outra empresa, instalada em 1968, foi a Fiorotto Indústria e Comércio de Calçados (PAF) Ltda, fundada por Fernando Monny Fiorotto, Silvío Augusto Passarelli e João Sanches Anhô. Sua produção foi direcionada ao público infante-juvenil (masculino e feminino) com uma linha de produtos do número 20 ao 37.

⁹ A Indústria e Comércio de Calçados Cervelati Ltda permaneceu em atividade até o começo da década de 1980.

¹⁰ Em 1970, ocorreu a primeira alteração societária da Calçados Nibere Ltda, Renagildo de Souza deixou a empresa. No ano seguinte, em 1971, ela atingiu seu auge de produção, chegando a empregar 90 trabalhadores e a produzir 1000 pares/dia. Em 1972, Benedito Vedovotto também deixou a Nibere para montar uma empresa própria em conjunto com seu irmão Nalberto de Milton Vedovotto: a Beni Indústria e Comércio de Calçados Ltda. Após a saída de Benedito, Nilton Nunes Estrada desligou-se do banco em que trabalhava (Banco Bradesco) para dedicar-se ao empreendimento. E, a razão social Nibere, foi substituída por Ednil Indústria e Comércio de Calçados Ltda, pois Nilton inseriu sua esposa Edna como sócia e criou a nova denominação através da junção das iniciais do nome dela (Ed) como as iniciais dele (Nil), tornando-se: Ednil. Nesta época, a empresa estava produzindo 500 pares diários e empregando 50 trabalhadores. Em 1978, Nilton resolveu encerrar as atividades da Calçados Ednil Ltda. No ano de encerramento das atividades, ela estava empregando 66 trabalhadores.



Fernando Monny Fiorotto, um dos proprietários da Fiorotto Indústria e Comércio de Calçados (PAF) Ltda, 1971.



Logotipo da Indústria e Comércio de Calçados Pérola Ltda (conhecida no mercado calçadista brasileiro como Cirandinha), 1971.

Os casos de formação de novas empresas são indicadores do fortalecimento da vocação industrial em Birigui. Essa trajetória industrial da cidade pode ser visualizada na tabela 2, que apresenta os dados agregados da produção e do número de empregados das empresas da cidade entre 1966 e 1968.

Tabela 2: Número de empregados e produção das empresas de calçados da cidade de Birigui entre 1966 e 1968

Anos	1966	1967	1968
Número de Empregados	347	431	600
Produção	463.000	627.000	1.075.000

Fonte: Souza (2006).

Os dados da tabela 2, comparados aos apresentados pela tabela 1, evidenciam o fortalecimento da industrialização ao longo do primeiro ciclo de desenvolvimento da indústria do calçado infantil. A produção de 148 mil pares, apresentada, em 1962, ampliou-se para 1.075.000 (um milhão e setenta e cinco mil pares), em 1968, representando um aumento de 626%.

Visualizando oportunidades de investimentos em decorrência da trajetória de crescimento do setor na cidade, novas empresas foram formadas, simultaneamente, no percurso das calçadistas. Entretanto, diferentemente das anteriores que direcionaram seu capital para a atividade nuclear (indústria de calçados), os novos negócios foram materializados no segmento fornecedor de insumos e componentes, desencadeando a formação de elos da cadeia produtiva calçadista no município.

1.3 OS EMPREENDIMENTOS PIONEIROS NO FORNECIMENTO DE INSUMOS E COMPONENTES PARA A INDÚSTRIA DE CALÇADOS NO PRIMEIRO CICLO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

Os primeiros fornecedores instalados na cidade de Birigui entre 1958 e 1968 foram: a Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda (nome posteriormente alterado para Cartonagem Jofer Ltda), em 1966; a Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, em 1968 e a Metalúrgica Fiargo Ltda, em 1968. Essas empresas fornecedoras pioneiras colaboraram muito para o desenvolvimento da indústria de calçados de Birigui, com destaque para a Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda e Petrilli & Oliveira Ltda. Em decorrência desse fato, segue um pequeno resumo de suas histórias, que ultrapassam o limite temporal do presente capítulo (1958-1968), porém, são informações e imagens importantes para a memória industrial da cidade.

O primeiro empreendimento fornecedor formado no município foi a Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda, produtora de caixas (embalagens) de papelão para calçados. Informações indicam que a empresa iniciou suas atividades no começo da década de 1960. Entretanto, foi somente em 1966, após passar por um período de ajustes e ser adquirida por João Ferreira Filho e seus dois filhos: João Carlos Ferreira e José Edilberto Ferreira (este já trabalhava na empresa no setor de produção e foi quem apresentou a proposta de aquisição e investimento ao seu pai e ao irmão) é que a Invicta apresentou uma produção regular e teve condições de atender a demanda da indústria local. Destaca-se que em 1966, a produção de calçados em Birigui foi de aproximadamente 1700 pares/dia, indicando a existência de uma demanda por caixas de calçados para ser atendida.

Os novos sócios impulsionaram o crescimento da Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda colaborando para o desenvolvimento da indústria do calçado de Birigui, fornecendo embalagens para a embrionária industrialização. Inicialmente, a Invicta estava instalada na rua Siqueira Campos, nas proximidades da rodoviária velha, em um prédio de 200 metros quadrados, local em que processava mensalmente 12 toneladas de papel. João Carlos Ferreira (conhecido como João Bilac) ficou encarregado pelo setor administrativo e seu irmão José Edilberto Ferreira pelo setor industrial.



Fachada da Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda, começo da década de 1970.



Linha de produção da Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda, começo da década de 1970.

embalagens internamente. Outro problema enfrentado foi a falta de matéria-prima ocorrida em meados de 1968, fato que impossibilitava a realização da produção e o atendimento dos clientes da empresa.

Todavia, a Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda conseguiu superar as dificuldades que apareceram. Em relação a escassez de matéria-prima, durante uma viagem ao Estado do Paraná em busca de fornecedor de matéria-prima, os sócios encontraram um empresário que tinha vendido sua fábrica de papelão permanecendo com os estoques da empresa. Dessa forma, eles conseguiram negociar a aquisição dos estoques do fabricante em condições muito favoráveis para a Invicta, pois além de atenderem as necessidades do mercado, a empresa conseguiu manter seus preços estabilizados, ao contrário da concorrência, que teve que aumentar os preços e ainda sofreu com a falta de matéria-prima. Esse acontecimento colaborou para que a Invicta pudesse sobreviver neste período de dificuldades e ainda apresentar um crescimento.

O aumento da produção gerou a necessidade de ampliação das instalações físicas e a empresa mudou-se para um prédio maior, com 750 metros quadrados adquirido através de um financiamento e localizado na rua Barão do Rio Branco. Ela também adquiriu a primeira impressora offset e um laboratório de produção de matrizes offset, o primeiro equipamento de corte e vinco manual e a primeira plastificadora manual. Em conjunto com esses investimentos, foram instalados processos de apoio como

No final da década de 1960, algumas dificuldades surgiram para a Invicta. Um dos principais concorrentes da cartonagem na época – a extinta Norograf de Araçatuba – conseguiu conquistar alguns clientes da empresa e, neste mesmo período, as duas maiores empresas de calçados de Birigui: a Rahal & Assumpção Ltda – Rassum (nome alterado em 1986 para Kiuti) e a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda passaram a produzir suas próprias



João Carlos Ferreira (João Bilac) à esquerda, no interior da Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda, começo da década de 1970.

laboratório de tintas, fotocomposição, gravação e revelação de chapas entre outros, proporcionando as condições para abertura de novos mercados e a melhoria da qualidade de seus produtos.

Em 1971, a empresa estava produzindo 15 mil caixas de papelão com revestimento, 20 mil caixas de cartão duplex com plastificação, milhares de papéis de embalagens para caixas de calçados, rótulos para bebidas diversas e embalagem para confecções.



Equipamentos da Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda, começo da década de 1970.



Linha de produção da Invicta Artefatos de Papel e Papelão Ltda, começo da década de 1970.

Nesta época, a empresa alterou sua denominação por necessidade, vez que ao tentar registrar o nome “Invicta”, descobriu-se que uma empresa de garrafas térmicas já havia efetuado o registro com o mesmo nome. Foi nesse período que surgiu o nome fantasia Cartonagem Jofer Ltda, junção das iniciais dos nomes dos três sócios: (JO) de João, João e José, com as iniciais do sobrenome Ferreira (FER) – dando origem ao nome: JOFER.



Logomarca da nova empresa

Outro acontecimento que favoreceu o crescimento da Cartonagem Jofer Ltda no começo da década de 1970, foi retorno da parceria com as empresas Rahal & Assumpção Ltda – Rassum e a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, que interromperam definitivamente a fabricação das próprias embalagens.

Em 1974, teve início a construção de um novo prédio (onde atualmente está instalada a Jofer), sendo construído na primeira etapa um pavilhão de 2000 metros quadrados, localizado na Avenida João Cernach, nº 96. A inauguração aconteceu em 1977, época em que a empresa estava produzindo 85 mil caixas de calçados por dia e empregado 110 trabalhadores. Neste período, ela estabeleceu uma parceria com a Kodak, passando a fornecer embalagens para as linhas de papel fotográfico e raio X.



Vista aérea das instalações da Cartonagem Jofer Ltda (1977), localizada na Avenida João Cernach, nº 96.



Parceria com a multinacional Kodak (início da expansão para o mercado nacional), 1978.

Em 1980, após 14 anos de sociedade, João Ferreira Filho deixou a empresa para seus filhos que deram continuidade ao desenvolvimento do empreendimento, inserindo a Jofer entre as maiores cartonagens do Brasil. Destaca-se que a Cartonagem Jofer Ltda continua em atividade (2009) fornecendo produtos para a indústria calçadista e para diversos outros setores e segmentos, impulsionando o desenvolvimento do município de Birigui e sua vocação industrial.

1.3.1 Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda. e Metalúrgica Fiargo Ltda.

Em 1968, mais duas empresas fornecedoras pioneiras iniciaram sua trajetória: a Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, fabricante de artefatos de borracha, solas, solados, placas de neolite e placas de látex; e a Metalúrgica Fiargo Ltda, produtora de artefatos de metal, ilhoses e fivelas.

A Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda foi fundada por Carmelo Waldemar Petrilli e Octaviano de Oliveira Filho em 25 de julho de 1968, com o objetivo de fornecer solas e solados e outros artefatos de borracha para as empresas calçadistas da cidade. Ela começou empregando seis trabalhadores e apresentou um crescimento muito rápido, em decorrência da exclusividade obtida no fornecimento de componentes para o setor calçadista da cidade. Destaca-se que no ano em que foi instalada a indústria local era formada por 15 empresas e estava produzindo aproximadamente 4000 pares de calçados diários.



Fachada da empresa Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda (década de 1970) localizada na rua Barão do Barão do Rio Branco, nº 963.

A empresa foi instalada na rua Barão do Rio Branco, nº 963. A matéria-prima para seu funcionamento era proveniente da Petrobrás S.A. O depoimento de um dos fundadores da Petrilli & Oliveira Ltda indica os principais fatores que levaram os empresários a instalar o empreendimento.

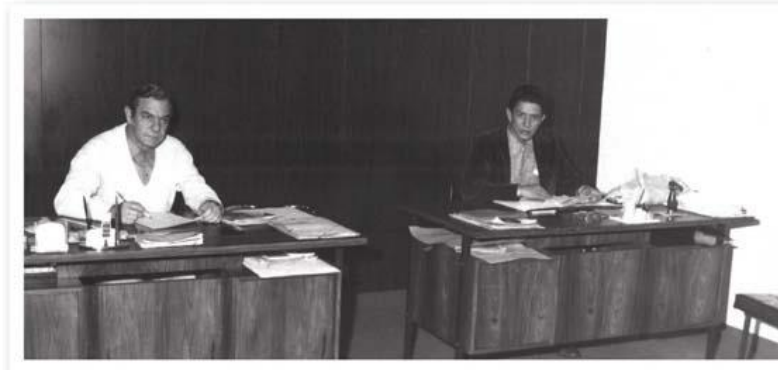
Birigui iniciou a era do calçados e nós verificamos que naquele tempo existia um sapatinho que se dizia que era anatômico. Um saltinho meio diferente, então esse saltinho era muito usado pelas primeiras empresas que montaram aqui. Essas empresas compravam muito desse saltinho para fazer sapatinho. Foi então que nós tivemos a idéia de montar em Birigui uma fábrica para produzir esse saltinho para a indústria calçadista daqui. Esse foi o início. Mas nós não sabíamos que ia diversificar tanto a fabricação de solado, isso mudou demais. Houve um crescimento muito grande. E nós fazíamos de borracha, comprávamos borracha sintética na Petrobrás e depois havia o manufaturamento dela na própria fábrica com a composição de mais alguns elementos químicos. Depois colocava na prensa para cozinhar (Carmelo Waldemar Petrilli, em entrevista realizada no dia 22/07/2003). **Fonte:** Souza (2006).



Octaviano de Oliveira Filho
(sócio-proprietário da
Petrilli & Oliveira Indústria
de Artefatos de Borracha
Ltda), década de 1980.



Carmelo Waldemar Petrilli
(sócio-proprietário da
Petrilli & Oliveira Indústria
de Artefatos de Borracha
Ltda), década de 1970.



Carmelo Waldemar Petrilli e Octaviano de Oliveira Filho (sócios-proprietários da Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda), década de 1970.

O desenvolvimento da indústria calçadista de Birigui impulsionou o crescimento da Petrilli & Oliveira Ltda, pois cada nova fábrica instalada na cidade significava a oportunidade de conquistar um novo cliente. Outra oportunidade surgida no começo dos anos 1970 foram as exportações, pois a empresa iniciou um processo de envio de produtos para o exterior, sendo sua primeira exportação realizada para o Paraguai em outubro de 1971. Em 1972, a empresa estava empregando 47 trabalhadores, época em que começou a atender outros polos calçadistas brasileiros entre os quais: Franca (SP) e Jaú (SP).



Linha de produção da Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, década de 1970.



Linha de produção da Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, década de 1970.



Linha de produção da Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, década de 1970.



Escritório da Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, década de 1970.

Com o crescimento da produção houve a necessidade de ampliação das instalações físicas e, em 10 de janeiro de 1977, ela mudou-se para um prédio maior de 4000 metros quadrados localizado na rua Fundadores, n° 404, sendo a inauguração do novo prédio matéria de destaque no Jornal Exclusivo de 23 de novembro de 1976.



Novas instalações da Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, inauguração ocorrida em 10 de janeiro de 1977 na rua dos Fundadores, n° 404.

Ao longo de seu desenvolvimento a Petrilli& Oliveira foi ampliando a sua linha de produtos. Inicialmente, só produzia solas, solados e saltos para calçados infantis, mas com o tempo ela foi ampliando a numeração de modo a atender também o segmento adulto. Outra mudança importante foi a substituição do uso da borracha como matéria-prima básica pelo PVC, entre o final da década de 1970 e o começo dos anos 1980, processo que gerou a necessidade de uma substituição completa das máquinas e equipamentos instaladas na empresa.

**DE
SALTO
EM
SALTO
ATINGIMOS
O PARAGUAI**



SALTO ECONOFLEX SALTO BIRIGUI SALTO BIRIGUI

 **PETRILLI, OLIVEIRA**
INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE BORRACHA LTDA.
Inscr. no C.G.C.M.F. N.º 45384229/001 - Inscr. Estadual N.º 214.002.536
Escr.: R. Barão do Rio Branco, 533 - Fone. 536
Cx. Postal, 58 - Fabrica: R. Bento da Cruz, 409 **BIRIGUI - E. S. Paulo**

Propaganda da Petrilli & Oliveira Ltda publicada no Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971.

**HA 12 ANOS OFERECENDO ATUALIDADES
PARA O FABRICANTE DE CALÇADOS EM GERAL.**



PETRILLI OFERECHE O QUE HA
SE MELHOR PARA VOCE.
- SEJA SOLADO
P.V.C. + BORRACHA PARA
SANGALHAS ORTOPEDICAS.
- SOLA E SALTO PARA
CALÇADOS DE TODOS OS
GENÉRIOS.
- CERAIS DE
POLIPROPILENO +
POLIESTIRENO PARA
CALÇADOS INFANTES E DE
SENHORAS. ENFIM VOCE TEI
E SUA DIFERENÇA LITRA
COMPLETA DE ARTIFATOS, O
BORRACHA PARA O MELHOR
CALÇADO.

PETRILLI OLIVEIRA

FÁBRICA: RUA DOS FUNDADORES, 440 - FONES: PBX 423511 e 423121 e 423021
ESCRITÓRIO: RUA TAMOIO, 87 - CX. POSTAL 58 - CEP 18298 - BIRIGUI - SP

Propaganda da Petrilli & Oliveira Ltda publicada no Jornal Ex-
clusivo, 1980

seus dois filhos: João Lucas de Almeida Petrilli e Sérgio de Almeida Petrilli.

No final da década de 1990, a empresa encerrou suas atividades dei-
xando seu nome registrado na história do setor calçadista de Birigui.

Em 1986, a empresa
atingiu o auge de produ-
ção, ano em que chegou
a confeccionar aproxima-
damente 700 mil pares de
solados por mês. E, após
percorrer um longo cam-
inho em sociedade, em
1997, aconteceu a primei-
ra e única alteração socie-
tária da Petrilli & Oliveira
Ltda: Waldemar Carmelo
Petrilli adquiriu a parte
da empresa pertencente a
Octaviano de Oliveira Fi-
lho e inseriu em seu lugar

Petrilli em nova fase

Birigui/SP - A Petrilli In-
jetados Ltda, que atua no
mercado há 30 anos, está
passando por uma fase de
reestruturação. A empresa
agora está sob o comando de
Carmelo Waldemar Petrilli
e seus filhos, João Lucas e
Sérgio Felício Almeida
Petrilli.

A nova sociedade tornou a
empresa essencialmente fa-
miliar e preparada para en-
frentar uma nova fase de
mercado. Atualmente vem
intensificando os investi-
mentos nas áreas de tecnolo-
gia, com a aquisição de novo
maquinário e ferramentaria,
além de preparar novidades
na área de modelagem.

No departamento com-
ercial, os investimentos estão
voltados para a expansão das

vendas para novas regiões
 produtoras de calçados. A
 Petrilli atende hoje calçadistas
 das pólos de Birigui, Fran-
 ca e Jaú, no Estado de São
 Paulo, e de Nova Serrana,

em Minas Gerais.

Waldemar Petrilli destaca
 que a empresa desenvolve
 matrizes exclusivas de acor-
 do com as necessidades dos
 clientes, produzindo solados

em PVC e TR para os seg-
 mentos masculino, femi-
 nino, infantil, unissex e espor-
 tivo.

A numeração inicia-se no
 16 e vai até o 44. (CS)

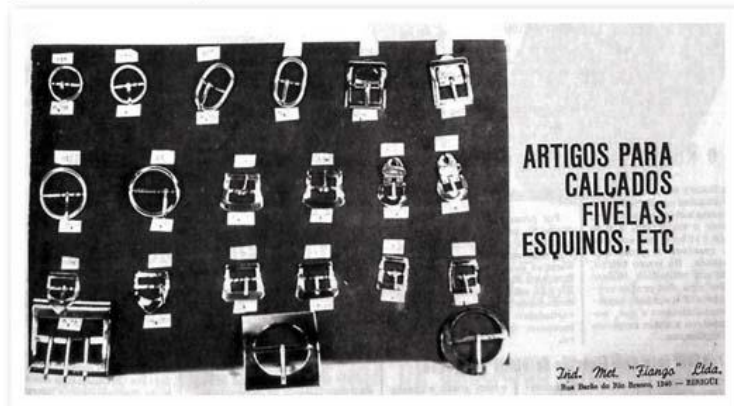


COMANDO: João Lucas e Carmelo Waldemar Petrilli

Reportagem publicada no Jornal Exclusivo enfocando a alteração societária ocorrida na Petrilli & Oliveira Ltda. Waldemar Carmelo Petrilli adquiriu a parte da empresa pertencente a Octaviano de Oliveira Filho e inseriu em seu lugar seus dois filhos: João Lucas de Almeida Petrilli e Sérgio de Almeida Petrilli. No destaque, João Lucas de Almeida Petrilli e Waldemar Carmelo Petrilli.

Por fim, ainda neste período embrionário de instalação dos primeiros fornecedores da indústria de calçados de Birigui, surgiu outra empresa: a Indústria Metalúrgica Fiargo Ltda, em 1968.

Em relação a Metalúrgica Fiargo Ltda, poucas informações encontram-se disponíveis. Zampiere (1976) comenta que a empresa foi formada por dois sócios, sendo um deles ligado a uma fábrica de calçados e o outro oriundo de São Paulo. Entretanto, a fábrica passou por muitas dificuldades e teve problemas para se manter no mercado. Ela começou empregando cinco trabalhadores e estava localizada na rua Barão do Rio Branco, nº 1240. Em 1972, estava empregando somente quatro trabalhadores ¹¹.



Propaganda da Indústria Metalúrgica Fiargo Ltda, publicada no Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971.

Ao chegar ao final desse primeiro capítulo foi possível verificar que o período entre 1958 e 1968 foi a época embrionária do setor. Um momento em que diversas personagens desempenharam o papel de protagonistas principais de uma mudança muito importante na cidade de Birigui – a transição de uma economia agrícola para uma era industrial. Eles lançaram as pedras fundamentais da industrialização calçadista, que na década seguinte (1970), deu o título de Capital do Sapato Infantil à cidade de Birigui. Fatos, histórias e momentos importantes ficaram registrados na memória do setor e das personagens que vivenciaram o período de 1958 a 1968.

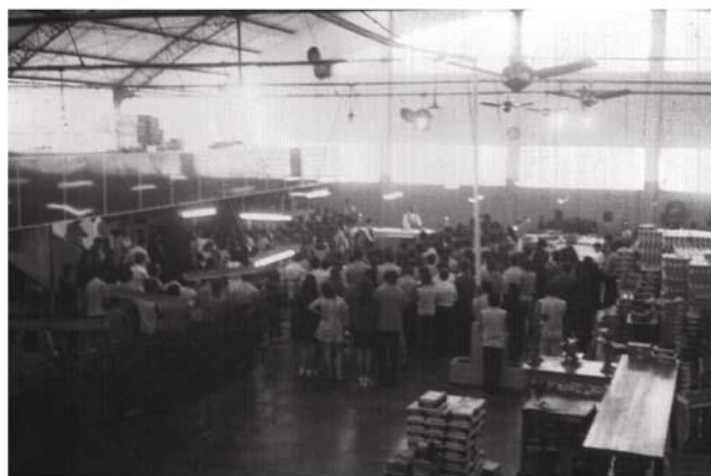
O capítulo seguinte analisa o processo de desenvolvimento da indústria de calçado infantil de Birigui entre 1969 e 1978, período de intensas transformações e de aceleração da industrialização, época em que o setor calçadista atingiu uma produção anual de oito milhões de pares.

¹¹ Não foi possível obter informações do ano de encerramento de atividades da empresa.

1.4 FACHADAS, PROPAGANDAS, REPORTAGENS E OUTRAS CURIOSIDADES DA PRIMEIRA DÉCADA DE DESENVOLVIMENTO DO SETOR CALÇADISTA DE BIRIGUI



Missa realizada no interior da empresa Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum (rua Aurora, nº 474), década de 1960.



Missa realizada no interior da empresa Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum (rua Aurora, nº 474), década de 1960.



Missa realizada no interior da empresa Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum (rua Aurora, nº 474), década de 1960.



Casamento realizado na Igreja Matriz de Birigui, década de 1960. No destaque, o empresário Antônio Ramos de Assumpção.



Missa realizada no interior da empresa Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum (rua Aurora, nº 474), década de 1960.



Missa realizada no interior da empresa Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum (rua Aurora, nº 474), década de 1960.



Linha de produção da empresa Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum, década de 1960.

SEGUNDA DÉCADA (1969-1978)

NOVAS EMPRESAS, INSERÇÃO INTERNACIONAL E O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE BIRIGUI.

Entre 1969 e 1978, a indústria do calçado infantil acelerou seus passos. Neste intervalo de 10 anos, sua trajetória de desenvolvimento foi impulsionada pelo elevado número de empresas instaladas e pelo crescimento da produção, que chegou aos oito milhões de pares em 1978, trazendo profundos benefícios para a industrialização.

BIRIGUI É A CAPITAL DO SAPATO INFANTIL

EXCLUSIVO caderno especial BIRIGUI (SP), 16/12/1971

Conheça a capital do calçado infantil
PÁG. CENTRAL

JUIZ É UM ADVOGADO DA INDÚSTRIA
PÁG. 2

40 fábricas superando os 2 milhões de pares anuais
Uma vez mais de 40 a indústria de calçados de Birigui, sempre mais e "largando o leito", que mantém e ganha manufatureiros desta indústria de nome em Birigui. Calçados infantis, femininos e masculinos de fabricação no Brasil, são enviados para distribuir e vender que são destinados às crianças. Produzido em Birigui, está, atualmente, no volume de 40 milhões de pares.

Guanabara, o maior consumidor
O Estado de Guanabara é o maior consumidor do calçado fabricado em Birigui. No entanto, o volume é um dos maiores consumidores dos artigos produzidos neste município de região Noroeste do Estado de São Paulo.

Fornecedores de Birigui são paulistas e gaúchos
Paraná, Catarina, São Paulo e o Estado de Rio Grande do Sul são os principais fornecedores de materiais para a indústria de calçados infantis em Birigui.

Uma escola para formar técnicos em calçados
Esta "Escola para Oficiais de Calçados", promovida por iniciativa do Lions Clube de Birigui, será inaugurada em Janeiro de 1972, deverá funcionar sob a responsabilidade de um "Público Misto" de cidadãos. É um grande passo que dá à indústria de calçados, no sentido de especializar mão-de-obra para servir às suas inúmeras fábricas de calçados. (REPORTAGEM A PÁG. 4).

ACI TEM PLANOS PARA AUXILIAR A INDÚSTRIA
PÁG. 23



Edição do Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971 dedicada à indústria calçadista de Birigui. No destaque, o título conquistado pela cidade: "Capital do Sapato Infantil".

No começo dos anos 1970, uma publicação do Jornal Exclusivo da cidade de Novo Hamburgo (RS) de 16 de dezembro de 1971, intitulou a cidade de Birigui como “A Capital do Sapato Infantil”, divulgando pelos quatro cantos do país o potencial do município, de suas empresas e dos empresários aqui estabelecidos¹. A publicação consagrou a cidade, inserindo um novo e respeitado centro produtor (especializado na confecção de calçados infantis) na estrutura da indústria brasileira de calçados.

Além do fortalecimento da industrialização com a instalação de novas empresas, ocorreram as primeiras exportações de calçados, dando início ao desbravamento do mercado internacional, e ampliando o mercado consumidor dos produtos fabricados para todo o Brasil. Em todo o território nacional, em pequenas, médias e grandes cidades, em capitais ou no interior, e onde existissem crianças, os calçados elaborados pelas fábricas de Birigui estavam presentes, proporcionando conforto e proteção aos pés dos pequenos.

A segunda década foi também o período em que o primeiro centro de treinamento de mão-de-obra foi formado. As primeiras licenças para o uso de marcas foram estabelecidas (como exemplo: a Turma da Mônica que imortalizou na memória do setor empresas como a Indústria e Comércio de Calçado Mimo Ltda), os novos fornecedores foram instalados, a alta frequência entrou no mercado e os primeiros componentes e insumos sintéticos foram introduzidos no processo produtivo, gerando o impulso inicial de uma transição silenciosa, porém, permanente: a substituição do couro na confecção de calçados por materiais alternativos.

Do final dos anos 1960 a meados dos anos 1970, novos modelos de calçados ganharam mercado reduzindo o reinado do Kicker. Também novas cores foram introduzidas, diversificando as poucas opções até então existentes. Dos modelos que emergiram, os destaques foram para Balila, (uma pequena sandália unissex que foi um sucesso entre a década de 1970 e o começo dos anos 1980) e os sapatinhos de bico arredondado (um hit da época). Outras sensações do período relacionadas à indústria foram: a camurça, o mocassim, os saltos Anabela e o uso do verniz. E, não poderia ser esquecido o grande sucesso – o tênis – introduzido no final da década de 1970 (uma adaptação de um produto do público adulto para o universo infantil). No entanto, somente na década de 1980, o tênis conquistou os pés das crianças e as ruas, tornando-se um “boom” em vendas.

¹ O Jornal Exclusivo é uma publicação do Grupo Editorial Sinos S.A de Novo Hamburgo (RS) e vem acompanhando o desenvolvimento do setor calçadista brasileiro desde o final da década de 1960. É o mais importante jornal especializado no setor. Para as próximas citações do jornal será utilizada a denominação: Jornal Exclusivo.

Portanto, as janelas de oportunidades presentes entre 1969 e 1978, foram aproveitadas pelos empreendedores, dando vida a um complexo industrial de grande envergadura na região Oeste do Estado de São Paulo, respeitado e admirado não só no estado, mas em todo o Brasil.



Sandália unissex chamada “Balila” (grande sucesso de vendas nos anos 1970). No destaque, o modelo produzido pela Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda, 1973.

2.1 NOVAS EMPRESAS E O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DA CIDADE DE BIRIGUI

Entre 1969 e 1978, quarenta e uma empresas do segmento calçadista foram instaladas em Birigui, entre elas: a Indústria e Comércio de Calçados Ysbel Ltda (1969), a Indústria e Comércio de Calçados Joval Ltda (1969), a Indústria e Comércio de Calçados Ibelca Ltda (1969), a Indústria e Comércio de Calçados Clyfer Ltda (1970), a Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda (1971), a Indústria e Comércio de Calçados Zilmar Ltda (1972), a Indústria e Comércio de Calçados Novita Ltda (1972), a Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda (1973), a Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda (1974), a Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda (1975), a Indústria e Comércio de Calçados Anita Ltda (1976), a Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda (1977), a Indústria e Comércio de Calçados Criléia Ltda (1978) e a Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda (1978).

Cada uma das quarenta e uma empresas formadas durante o período analisado contribuiu para a trajetória de sucesso da cidade. Suas histórias estão repletas de trabalho, luta, perseverança e vontade de vencer. Muitas permaneceram na atividade por pouco tempo, outras tiveram um fôlego um pouco maior e algumas fizeram história por décadas e ainda permanecem em atividade. Todas elas geraram efeitos multiplicadores fundamentais para a concretização do parque calçadista de Birigui. Alguns dos empresários que geraram esses empreendimentos, ainda permanecem como anônimos, pois o tempo, a falta de pesquisas, a ausência de arquivos, de registros e de preservação de relatos acabou relegando conhecimentos da história dessas personagens e de suas empresas. Quem sabe, com o tempo, essas lacunas poderão ser preenchidas, apesar do presente trabalho, não ter esta pretensão ².

Muitas das empresas formadas na cidade neste intervalo de 10 anos (1969 -1978) foram responsáveis por grandes transformações ocorridas na indústria brasileira de calçados, visto que foram pioneiras na introdução de inovações geradoras de alguns dos ingredientes necessários para que ocorresse uma verdadeira “revolução” no setor, no período seguinte (década de 1980). Para compreender o papel desempenhado por elas, segue-se o percurso e uma breve história da formação de algumas delas.

No ano de 1979, foi instalada na cidade de Birigui a Indústria e Comércio de Calçados Ibelca Ltda formada por Antônio Noale, Nelson Boaventura, Sílvio Figueiroa e Luiz Gonzaga Mazeto. Inicialmente instalada em um pequeno prédio de 60 metros quadrados, localizado na rua Roberto Clark, contava com apenas seis operários e produzia aproximadamente 50 pares de calçados infantis/dia. Constam registros de que duas das grandes dificuldades encontradas pela empresa na época de seu início foram: a necessidade de mão-de-obra qualificada e o fornecimento de matéria-prima que não existia na região.

No começo dos anos 1970, ocorreram algumas alterações societárias. Num primeiro momento, dois sócios da empresa, Sílvio Figueiroa e Luiz Gonzaga Mazeto, deixaram a sociedade e, em seguida, também Nelson Boaventura. A partir desse período, Antônio Noale, passou a ser o único proprietário da empresa. Para que o empreendimento pudesse se desenvolver adequadamente, Antônio Noale, delegou ao seu filho, Marcos Antônio

² Em 2007, o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI) deu início a um projeto com o objetivo de resgatar e preservar a história e a memória da indústria calçadista da cidade de Birigui. O primeiro passo do projeto foi o desenvolvimento do Museu Virtual do Calçado de Birigui, trabalho que demandou uma pesquisa de grande envergadura para ser realizado. O Museu foi lançado no dia 26 de outubro de 2007. Em 2008, novas histórias de empresas foram incorporadas ao site do Museu, dando continuidade ao trabalho de resgate da memória do setor. Outro objetivo do SINBI, em seu trabalho de preservação da memória do setor, é a formação de um Museu físico do Calçado em Birigui. Para acessar o Museu Virtual entre em www.museuBirigui.com.br

Noale (na época com apenas 18 anos) a gerência do setor administrativo, o almoxarifado e o setor de expedição. Após os ajustes na sociedade e, com a participação de Marcos Noale na empresa, a Calçados Ibelca Ltda estabilizou sua produção dando sequência ao seu processo de crescimento ³.

A Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda foi fundada em 27 de maio de 1971 pelos irmãos Pulzatto (Ademir, Antônio, Maurício e Valdir). A iniciativa para a formação do empreendimento partiu do irmão Maurício



Antônio Noale, 2008.

IBELCA CALÇA O BEBÊ COM CARINHO

LINHA BABY-BEL
Nº 16 AO 22

INDÚSTRIA E COM. DE CALÇADOS **IBELCA** LTDA.
Rua Saudades 1140 - Fone: (011) 422866 - Cx. 382 - Ririú - S. Paulo

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Ibelca Ltda, década de 1980. No destaque, produtos da linha Baby-Bel.

(o mais velho dos quatro irmãos), que era proprietário de uma sapataria, que além de realizar consertos diversos, fabricava, também, alguns produtos, entre os quais: as famosas sandálias franciscanas. O aumento dos pedidos sob encomenda estimulou Pulzatto a montar uma fábrica (iniciativa apoiada pelos outros irmãos e por seu pai, Aníbal Pulzatto).

³ A empresa continuou sua trajetória de desenvolvimento entre os anos 1970 e a década de 1980. Em 1992, Antônio Noale, vendeu a empresa para seu filho Marcos Antônio Noale, que deu continuidade ao empreendimento até o encerramento das atividades em 1994.



Maurício Pulzatto (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda), década de 1970.



Antônio Pulzatto (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda), 2007.



Ademir Pulzatto (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda), 2007.



Valdir Lino Pulzatto (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda), 2007.

A Calçados Ypo Ltda foi instalada em uma pequena casa de quatro cômodos na rua Aimorés, nº 310 (hoje, avenida Neslon Calixto). No começo ela produzia calçado feminino (menina-moça) dos números 28 ao 32. Em 1973, a numeração dos calçados foi alterada e ampliada até o número 39. Neste mesmo ano, os empresários iniciaram a construção de seu primeiro prédio próprio, demolindo a antiga casa onde o percurso da empresa teve início e que era pertencente a seu pai (um grande incentivador do negócio). A empresa Ypo – (2009) uma das mais antigas em atividade na cidade – foi uma das grandes empresas do município cujo foco da produção diferenciava-se da grande maioria. Ao longo de sua história, ela colaborou com o desenvolvimento do segmento, formando uma mão-de-obra especializada na produção de calçados femininos. Dessa forma, muitas empresas surgidas na cidade anos mais tarde e dedicadas à elaboração de calçados femininos contavam com uma pequena mão-de-obra especializada já formada.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda no começo da década de 1970. A empresa estava localizada na rua Aimorés, nº 310 (atual Avenida Nelson Calixto).



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda no começo da década de 1970. A empresa estava localizada na rua Aimorés, nº 310 (atual Avenida Nelson Calixto).



Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda publicada no Jornal Exclusivo de 23 de novembro de 1976.



Mensagem de Natal da Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda publicada no Jornal Exclusivo, dezembro de 1976.

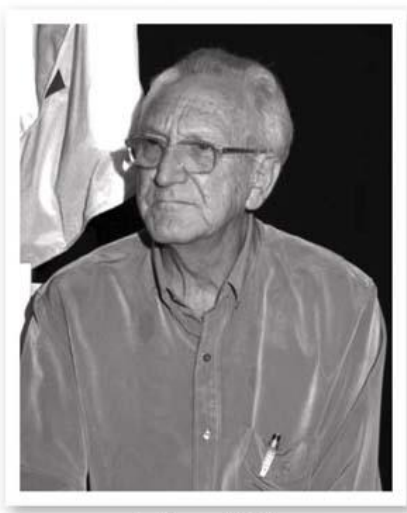
No ano de 1972, a Agatelli, Buzzato & Cia Ltda (Novita) formada por Anor Agatelli, Álvaro Buzzato e José Bartucci, iniciou suas atividades na cidade de Birigui. Suas instalações localizavam-se na rua Aimorés, nº 208 (atual Avenida Nelson Calixto). Iniciou empregando 25 trabalhadores e produzindo aproximadamente 60 pares de calçados infantis/dia da marca Vitinha (famosa na época).

A empresa apresentou um rápido crescimento no decorrer dos anos 1970, com o lançamento de sua linha de produtos (calçados) do nº 16 ao 27, confeccionadas em mocassim – um sucesso de vendas. Em 1979, a Agatelli, Buzzato & Cia (Novita) atingiu uma produção de 1600 pares diários. Em razão do crescimento da produção, os sócios construíram um prédio maior, com 1600 metros quadrados, na rua Vereador José Fiorin, nº 193 – Vila Germano ⁴.

⁴ Em 1985, ocorreu a primeira e única alteração societária: Álvaro Buzzato deixou a sociedade. Após a saída do sócio a empresa alterou sua razão social para Novita Indústria e Comércio de Calçados Ltda. A empresa permaneceu em atividades até o ano de 1997.



Fachada da Agatelli, Buzzato & Cia Ltda (Novita), rua Aimorés, nº 208 (atual Avenida Nelson Calixto), 1974.



José Bartucci, 2008.



Anor Agatelli, 1985.



Calçado produzido pela Agatelli, Buzzato & Cia (Novita), década de 1970.

VITINHA
BELEZA E CONFORTO PARA AS CRIANÇAS

semana da criança

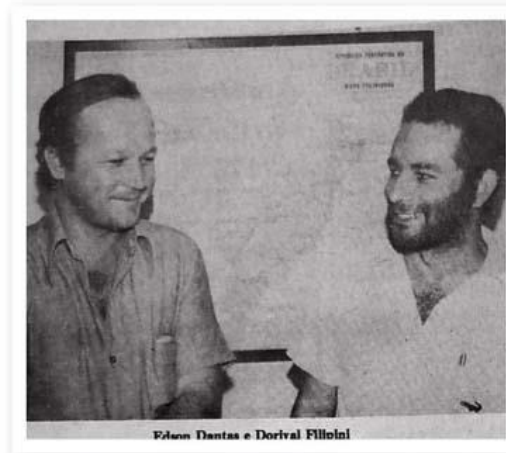
U
XXX

AGATELI, BUZZATTO & CIA. LTDA.
R. AIMORÉS, 208 - CX. POSTAL, 247
FONE: 42-3469 (DDD 0186)
BIRIGUI - SÃO PAULO

An advertisement for children's shoes. It features two styles of lace-up shoes, one dark and one light, with a 'Semana da Criança' logo. The ad includes the company name 'AGATELI, BUZZATTO & CIA. LTDA.' and contact information for Birigui, São Paulo.

Propaganda da Agatelli, Buzzato & Cia Ltda (Novita) no Jornal Exclusivo, final da década de 1970.

Em 1973, foi instalada a Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda. A empresa foi formada por Edison Ferreiras Dantas (ex-sócio proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Pérola Ltda) e Dorival Felipini. Ela começou com uma produção de 150 pares diários de sandálias Balila (unisex). Um dos grandes diferenciais da Mimo e uma das características que marcaram a empresa durante sua trajetória foi a inserção de personagens de história infantil nos calçados para as crianças (uma estratégia inovadora e pioneira para a época). Isso significou, que com pouco tempo no mercado, o destaque decorrente da criatividade dos sócios levou a empresa a desenvolver um diferencial no segmento calçadista infantil.



Edison Ferreira Dantas e Dorival Felipini (sócios-proprietários da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda), 03 de novembro de 1976.



Dorival Felipini (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda), 1990.



Edison Ferreiras Dantas (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda), década de 1990.

As personagens que fizeram parte da história da empresa e de seus calçados em uma primeira fase foram: Turma da Mônica (Cascão, Mônica, Cebolinha e Magali) e o Pelezinho (em homenagem a Pelê), todos criação de Maurício de Souza ⁵. Posteriormente, outros personagens oriundos de parcerias e licenciamentos de marcas foram inseridos: Walt Disney; Marvel, X-Men, entre outros. Além da diferenciação de seus produtos, a Calçados Mimo Ltda introduziu a alta frequência no setor (equipamento usado para desenvolver adesivos personalizados), fatores que impulsionaram o crescimento da empresa e elevaram a produção diária para 2500 pares, no final dos anos 1970 ⁶.



Sandália unissex chamada “Balila” (grande sucesso de vendas nos anos 1970). No destaque, o modelo produzido pela Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda, 1973.

⁵ De acordo com o Almanaque anos 1980 (Editora Ediouro), a primeira revistinha da Mônica foi lançada em 1970, pela Editora Abril, já com uma tiragem de 200 mil exemplares. Dois anos depois, surgiu a do cebolinha. As duas com periodicidade mensal. Nos anos 1980, os personagens de Maurício de Souza dominaram o período e começaram a vender bem mais que Luluzinha e Bolinha e as revistas da Disney. Em relação à revista em homenagem ao “Rei Pelê”, em 1977, Maurício de Souza lançou a revista Pelezinho, que circulou até 1982 (parou no n° 57). Depois saíram nove almanaques e três edições especiais, às vésperas da Copa de 1986. Quem formava a turma do Pelezinho: a namorada Neusinha, o goleiro Frangão, a vendedora de quibes Samira, o cachorro Rex, a fogosa Bonga e os amigos Canabrava e Teófilo

⁶ No começo dos anos 1980, a sociedade passou por alterações, pois o sócio Dorival Felpini iniciou novas atividades empresariais: a abertura da Indústria e Comércio de Calçados Biri Ltda – que se encontra, atualmente (2009), em funcionamento, permanecendo à frente da Calçados Mimo Ltda somente Edison Ferreira Dantas. A Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda encerrou suas atividades na segunda metade da década de 1990.



Sandália unissex chamada “Batila” (grande sucesso de vendas nos anos 1970). No destaque, o modelo produzido pela Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda, 1973.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda, 1976. Na época, a empresa estava instalada na rua dos Fundadores, nº 386.

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda publicada no Jornal Exclusivo de 03 de novembro de 1976. No destaque, os personagens da Turma da Mônica.



Lançamento da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda, em março de 1977. Parceria com Maurício de Souza no desenvolvimento do calçado Pelezinho.



Edison Ferreira Dantas ao lado de Edison Arantes do Nascimento (Pelé) durante o lançamento do calçado Pelezinho, em março de 1977.



Reportagem publicada pelo Jornal "O Biriguiense" em 19 de março de 1977. No destaque, o lançamento do produto Pelezinho pela Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda.

Na sequência do percurso histórico surgiu a Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda, em 1974, sociedade formada pelos irmãos Benedito e Nalberto Vedovotto. A empresa começou empregando cinco trabalhadores, com poucas máquinas e equipamentos (alguns emprestados) e direcionou a produção para os calçados infantis. Após a formação da sociedade, a empresa ganhou impulso, ficando Nalberto responsável pela área administrativa e Benedito pela produção. Destaca-se que um dos proprietários, Benedito, era sapateiro desde o começo dos anos 1960 e ingressou no setor industrial, em 1966, quando foi convidado para ser sócio de uma fábrica de calçados – a Indústria e Comércio de Calçados Nibere Ltda.

Uma curiosidade referente aos produtos confeccionados pela empresa ocorreu com a linha de calçados com o mesmo nome da fábrica: Beni. Alguns bolivianos observaram nas vitrines das lojas em São Paulo os calçados com esse nome, que coincidentemente era parecido com uma região na Bolívia chamada Bene. A semelhança levou os bolivianos a se deslocarem para a cidade de Birigui de trem, para comprar sapatos da Calçados Beni Ltda. E os bolivianos levavam os sapatos em sacos de estopa, de farinha, enfim, da forma mais modesta possível para que coubesse maior quantidade e sequer levavam as caixas, somente os calçados. Com isso e por vários outros fatores, a produção foi aumentando e para atender o novo nível de produção, a fábrica mudou-se para a rua Tupi. Depois, novas adaptações de in-



Nalberto de Milton Vedovotto (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda), década de 1970.



Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda no Jornal Exclusivo, 1976.

fra-estrutura foram necessárias, pois a produção atingiu a marca de 2000 pares/dia, viabilizando a construção de um novo prédio entre o final dos anos 1970 e começo da década de 1980. O local escolhido foi a Avenida João Cernach, atual (2009) prédio da Suzel Confecções⁷.

Em 1975, foi instalada a Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda, empresa formada por Marcos Antônio Noale e André José de Andrade. O empreendimento localizado em um prédio alugado na rua Silves começou produzindo, diariamente, de 30 a 50 pares de calçados infantis e empregando cinco trabalhadores. Um dos sócios da empresa, Marcos Antônio Noale, tinha experiência no setor, sendo gerente de uma outra fábrica de calçados do município (a Indústria e Comércio de Calçados Ibelca Ltda, fundada em 1969) de propriedade de seu pai, Antônio Noale. A experiência do sócio Marcos Antônio Noale colaborou para o desenvolvimento rápido da Menopé. E, no final dos anos 1970, ela precisou ampliar seu espaço físico, mudando-se para rua Euclides da Cunha, época em que a produção alcançou 400 pares/dia⁸.



Marco Antônio Noale (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda), década de 1970.

⁷ A Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda encerrou suas atividades na década de 1980.

⁸ A Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda permaneceu em atividade até a segunda metade da década de 1990.

No ano de 1976, iniciou suas atividades na cidade de Birigui a Ramos & Mafisoli Ltda - Anita Indústria e Comércio de Calçados Ltda, sociedade formada por Jaime Ramos Baraldi e Heitor Mafisoli. A empresa foi instalada na rua Guarani nº 679 em uma pequena casa de 42 metros quadrados. A produção inicial da fábrica foi de 40 pares diários elaboradas por 10 trabalhadores. Seus primeiros produtos foram confeccionados em sintético e direcionados ao público infantil feminino. O calçado inicialmente comercializado era um modelo muito conhecido na época – a balila ⁹.



O começo foi modesto

Fachada da Anita Indústria e Comércio de Calçados Ltda, rua Guarani, nº 679, ano de 1976.



Jaime Ramos Baraldi (sócio-proprietário da Anita Indústria e Comércio de Calçados Ltda), ano de 1986.



Heitor Mafisoli (sócio-proprietário da Anita Indústria e Comércio de Calçados Ltda), ano de 1986.

⁹ No começo da década de 1990, a Calçados Anita Ltda passou por uma mudança societária com a saída de Heitor Mafisoli da empresa. Entretanto, ela continuou sua trajetória de desenvolvimento tendo à frente do empreendimento o Jaime Ramos Baraldi. Atualmente (2009) a Anita Indústria e Comércio de Calçados Ltda está em sua segunda geração, pois Jaime desligou-se da empresa e inseriu em seu lugar seus filhos: Karina e Renato, que estão dando continuidade a trajetória de sucesso da empresa iniciada na década de 1970.

Outra empresa formada nos anos 1970 foi a Indústria e Comércio de Calçados Fiorella Ltda. A empresa foi fundada, em 1977, por Edison Ferreira Dantas e Dorival Felipini (sócios proprietários da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda) em sociedade com Marco Antônio Oliveira. Entretanto, alguns meses depois, conforme o combinado no início da sociedade, ocorreu a primeira e única mudança societária na empresa. Edison e Dorival deixaram-na e, ingressou nela, Hamilton Vejalão Ferraz.

Após os ajustes houve uma alteração do nome do empreendimento para Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda.

A Calçados Katina Ltda, especializada na produção de calçados femininos, e inicialmente localizada na rua Saudades, nº 218, apresentou um rápido crescimento. Sua produção de tamanquinhos laqueados ilustrados com personagens infantis (personagens desenvolvidos pelo desenhista Ely Barbosa) atingiu em pouco tempo 1000 pares diários, chegando a 1500, em 1979. Uma curiosidade referente ao processo produtivo da empresa foi que em decorrência da utilização constante de madeira para a produção dos tamanquinhos foi necessário abrir uma serraria ao lado dela, que confeccionava os tamanquinhos adquirindo a matéria-prima (árvore) na zona rural da cidade. E, em 1979, a empresa mudou-se novamente para a Avenida Euclides Miragaia, onde três anos depois foram inauguradas as amplas e modernas instalações de seu prédio próprio.



Marco Antônio Oliveira (à esquerda) e Hamilton Vejalão Ferraz (à direita) sócios-proprietários da Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda, década de 1980.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda, década de 1970.

Em 1978, mais duas empresas foram instaladas na cidade de Birigui: a Indústria e Comércio de Calçados Criléia Ltda e a Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda. A Calçados Criléia Ltda foi fundada por Cassiano Chaves e era especializada na produção de calçados femininos adultos. O desenvolvimento do nome da empresa teve origem na união dos nomes de suas três filhas (Cristina, Casileide e Patrícia) e na proximidade ao nome de uma marca conhecida na época: a Azaléia¹⁰.



Cassiano Chaves, fundador da Indústria e Comércio de Calçados Criléia Ltda, 1980.

Em 1978, instalou-se na cidade Birigui a Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda, especializada na produção de calçado infantil. A Calçados Milla Ltda, cuja denominação teve origem no nome Camila, filha de um dos sócios da empresa, foi fruto da visão de mercado de quatro empresários: Antônio Roberto Rodrigues, João Sanches Ortega, José Hamilton Villaça e Marcelo Sanches. A empresa começou com 10 empregados e apresentou um crescimento surpreendente. Em menos de um ano após a instalação, ela alcançou uma produção de 1500 pares diários e chegou a empregar 350 funcionários. A Calçados Milla Ltda se destacou em decorrência dos vários lançamentos de produtos que realizava no Birigui Pérola Club, tradicional clube social da cidade de Birigui, uma inovação para a época¹¹.



Prédio da Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda, década de 1980.

¹⁰ A Indústria e Comércio de Calçados Criléia Ltda permaneceu em atividades até o começo da década de 1990. Após o encerramento da empresa, Cassiano Chaves permaneceu no setor por meio da formação de uma empresa de vendas de componente para calçados - a Criléia Componentes para Calçados (atualmente - 2009 - em atividade).

¹¹ A Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda encerrou suas atividades em meados da década de 1980.



Sócios-proprietários da Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda. Da esquerda para a direita: Antônio Roberto Rodrigues, João Sanches Ortega, Marcelo Sanches e José Hamilton Villaça, 1979.



Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda no Jornal Exclusivo de Novo Hamburgo (RS) de 1981.

O pequeno resumo da história de algumas empresas formadas na cidade de Birigui entre 1969 e 1978, foi elaborado objetivando ilustrar o funcionamento e a dinâmica inicial desses empreendimentos. Os exemplos citados mostram as facilidades à entrada no setor, ou seja, a necessidade de um pequeno capital, de espaços físicos de dimensões reduzidas, de poucas máquinas e equipamentos (muitos dos quais usados) e de uma produção inicial pequena (poucos pares) para o início dos negócios. As baixas barreiras à entrada ajudam a entender e explicar o elevado número de empresas formadas na cidade dos anos 1960 em diante ¹². Adiciona-se aos itens apresentados as facilidades para formação de sociedades em que um ou mais sócios tinham experiência no ramo (fato que auxiliou o nascimento e o desenvolvimento das empresas).

Em resumo: a formação de novas empresas e o desenvolvimento daquelas que foram instaladas no período anterior, ampliaram a envergadura do complexo industrial de Birigui. Dados disponíveis indicam que a produção de 1.075.000 (um milhão e setenta e cinco mil pares) elaborada, em 1968, aumentou para 3.689.000 (três milhões seiscientos e oitenta e nove mil pares), em 1975, um incremento de 243%. Nota-se que o crescimento médio anual da produção foi de aproximadamente 34%. Projetando o índice de 34% para os anos seguintes até 1978 (ano de encerramento da segunda década analisada), chega-se a um total de aproximadamente oito milhões de pares/ano em 1978.

Portanto, o sucesso das empresas e o desenvolvimento da cidade projetaram o polo calçadista no Brasil. E, no começo dos anos 1970, a cidade de Birigui passou a ser conhecida nacionalmente como “A Capital do Sapato Infantil”, após a publicação de um caderno especial pelo “Jornal Exclusivo”, da cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, em 16 de dezembro de 1971. A título de curiosidade segue abaixo os dizeres da manchete desta que, correspondente ao original publicado, na primeira página do Caderno Especial de 1971, acompanhado por uma imagem da capa do jornal.

“40 FÁBRICAS SUPERANDO OS DOIS MILHÕES DE PARES ANUAIS”

“Gira em torno de 40 o número de indústrias de calçados que movimentam o parque manufatureiro dessa indústria do couro em Birigui. Calçados infantis, femininos e masculinos são fabricados na cidade, com acentuada predominância daqueles que são destinados às crianças. Podemos dizer que Birigui calça, efetivamente, as crianças do Brasil, como alias é o “slogan”

¹² Na década de 1980, as baixas barreiras à entrada somadas a outros fatores proporcionaram um crescimento muito expressivo do parque produtivo de Birigui (fatos que serão apresentados no capítulo 3).

da cidade. Nada menos do que 2.200.000 pares de calçados será a produção de Birigui em 1971. E para 1972, as indústrias que se ampliam a cada novo dia, pretendem superar em muito esses números do ano que agora está chegando ao fim” (CADERNO ESPECIAL DO JORNAL EXCLUSIVO DE 16 DE DEZEMBRO DE 1971).

Nas vinte e quatro páginas desse importante caderno especial, o primeiro produzido para a cidade de Birigui destacando o setor calçadista, é possível visualizar a configuração do parque produtivo local no começo dos anos 1970: suas principais indústrias (calçadistas e fornecedoras), os produtos confeccionados pelas empresas e os empreendedores e as personagens que impulsionaram o desenvolvimento industrial do município. Ressalte-se que, em 1971, a Prefeitura Municipal de Birigui por meio da Lei nº 1.216 de 05 de novembro de 1971 contratou uma empresa de publicidade de São Paulo – Colina Propaganda Ltda – para filmar e produzir um documentário sobre o parque industrial da cidade, colaborando também para a divulgação do setor¹³.

Destaca-se que o começo da década de 1970 foi um período muito interessante para a indústria de calçados de Birigui em decorrência de dois acontecimentos: 1) a formação do primeiro centro de treinamento de mão-de-obra para o setor calçadista (instituição que colaborou para amenizar um dos principais gargalos do processo produtivo – a ausência de trabalhadores especializados) e 2) a inserção internacional das empresas (primeiras exportações de calçados do parque calçadista local).

2.2 A INSTALAÇÃO DA ESCOLA DE APRENDIZAGEM DE OFICIAIS DE CALÇADOS E A INSERÇÃO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA CALÇADISTA NO COMEÇO DOS ANOS 70

2.2.1 A Escola de aprendizagem de oficiais de calçados

Na fase embrionária da indústria calçadista e durante o período de crescimento do setor, um dos grandes empecilhos e gargalos ao crescimento industrial foi à ausência de mão-de-obra especializada, principalmente, no setor de corte e pesponto.

¹³ Do ponto de vista dos incentivos para o desenvolvimento Industrial destacam-se duas Leis criadas pela Prefeitura Municipal no começo da década de 1970. A Lei nº 1.205 de 05 de outubro de 1971, que instituiu incentivos para a instalação de empresas na cidade e a Lei nº 1.416 de 21 de dezembro de 1973, que criou o Conselho de Desenvolvimento Industrial de Birigui – CONDEI.

BIRIGÜI É A CAPITAL DO SAPATO INFANTIL

EXCLUSIVO
caderno
especial

BIRIGÜI (SP), 16/12/1971

Conheça a capital do calçado infantil

PAG. CENTRAL

JUIZ É UM
ADVOGADO DA
INDÚSTRIA

PÁG. 8

40 fábricas superando os 2 milhões de pares anuais

Gira em torno de 40 o número de indústrias de calçados que movimentam o parque manufatureiro desta indústria do couro em Birigüi. Calçados infantis, femininos e masculinos são fabricados na cidade, com acentuada predominância daqueles que são destinados às crianças. Pode-se dizer que Birigüi calça, efetivamente, as crianças do

Brasil, como até lá é o "slogan" da cidade.

Nada menos do que 2.200.000 pares de calçados será a produção de Birigüi em 1971. E para 1972, as indústrias que se ampliam a cada novo dia, pretendem superar em muito estes números do ano que agora está chegando ao fim.

Guanabara, o maior consumidor

O Estado da Guanabara é o maior consumidor do calçado fabricado em Birigüi. Na verdade, o carioca é um dos maiores apreciadores dos artigos produzidos neste município da região Noroeste do Estado de São Paulo.

Um recente levantamento procedido pela Associação Comercial e Industrial de Birigüi comprovou este dado, apontando a grande preferência dos moradores na "Cidade de Maravilhas", pelo calçado de Birigüi.

Fornecedores de Birigüi são paulistas e gaúchos

Penápolis, Campinas, São Paulo e o Estado do Rio Grande do Sul são os principais fornecedores de matéria-prima para a indústria de calçados estabelecida em Birigüi.

Segundo consultas feitas a vários fabricantes do município, não tem havido maiores problemas no fornecimento de couros e outros materiais utilizados para o consumo em suas fábricas. Da mesma forma os produtos fornecidos têm sido de agrado geral dos produtores de sapatos.



Uma escola para formar técnicos em calçados

Esta "Escola para Oficiais de Calçado", construída por iniciativa do Lions Clube de Birigüi, será inaugurada em janeiro de 1972, devendo funcionar sob a responsabilidade da "Polícia Mirim" da cidade. É um grande passo que dá a indústria da cidade, no sentido de especializar mão-de-obra para servir às suas inúmeras fábricas de calçados. (REPORTAGEM À PÁG. 4).

ACI TEM PLANOS PARA AUXILIAR A INDÚSTRIA

PÁG. 20

A falta de trabalhadores especializados, além de acarretar dificuldades para o desenvolvimento das empresas, causou vários conflitos entre os empresários da cidade. Informações do jornal “O Biriguiense”, em matéria do mês de fevereiro de 1968, indicam a gravidade do problema gerado pela disputa por mão de obra qualificada entre as fábricas de calçados de Birigui.



Notícia do jornal “O Biriguiense” de fevereiro de 1968, intitulada: “Reina a paz novamente entre os fabricantes de calçados”. A reportagem apresentava a disputa entre as empresas da cidade pela mão de obra qualificada.

Tudo teve início quando algumas fábricas começaram a oferecer propostas tentadoras e irrecusáveis aos funcionários especializados de outras empresas com o objetivo de atrair o empregado. E, o problema tornou-se tão grave, inclusive, com ameaças de morte entre os industriais, que houve a necessidade na época da intervenção da promotoria e do juiz de direito que se reuniram com todos os proprietários de empresas de calçados, no Fórum local, para tentar chegar a um acordo que pudesse pôr um fim ou amenizar o problema antes que algo mais grave acontecesse.

Na reunião realizada no começo do ano de 1968, ficou decidido que toda empresa iniciante no setor poderia procurar empregados de outras fábricas até seis meses antes do início de suas atividades. Depois disso, estariam enquadradas no código verbal de ética. Depoimentos de empresários corroboraram com as questões apresentadas indicando que a falta de mão de obra especializada sempre foi um dos principais problemas da indústria ao longo de sua trajetória e que a reunião realizada no Fórum local resolveu por pouco tempo o problema, que era muito profundo e duradouro.

De acordo com Jovino Pacheli (ex-proprietário fundador da indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda e da Indústria e Comércio de Calçados Ysbel Ltda), naquele tempo, houve bastante confusão em decorrência de empresas oferecerem melhores salários para os empregados de outras calçadistas, estimulando-os a deixarem o trabalho ¹⁴. Esse processo acarretava vários prejuízos para os negócios, pois além dos investimentos realizados em treinamento, algumas empresas pagavam para buscar a mudança de funcionários especializados em outras cidades. E, pouco tempo depois, quando tudo parecia estar fluindo bem, outra empresa oferecia propostas melhores para eles, levando-os a desligarem-se das fábricas em que estavam trabalhando. O desligamento repentino do funcionário gerava custos e empecilhos para o andamento da produção.

E, para amenizar as dificuldades referentes à falta de mão de obra especializada, foi fundado um centro de treinamento na cidade no ano de 1972.



Inauguração da Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados do Instituto Educacional "Gumercindo de Paiva Castro" - Polícia Mirim de Birigui em 05 de janeiro de 1972. OBS: A escola foi a primeira instituição de treinamento de mão de obra instalada na cidade de Birigui. Ao longo de sua trajetória ela exerceu um papel extremamente importante no desenvolvimento do setor calçadista da cidade.

14 Entrevista realizada com Jovino Pacheli em 26 de julho de 2003.

O centro de treinamento denominado “Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados” do Instituto Educacional “Gumercindo de Paiva Castro” - Polícia Mirim de Birigui foi inaugurado oficialmente em 5 de janeiro de 1972 (dia em que iniciou os seus primeiros cursos). A instituição foi instalada em um prédio de 500 metros quadrados, localizado na entrada da cidade de Birigui, na rua Aimorés (hoje, Avenida Nelson Calixto) e prestou um serviço de apoio importante às empresas locais.

A iniciativa para a formação da escola partiu da Lions Club de Birigui. Em entrevista realizada pelo Jornal Exclusivo de 1971, Nelson Calixto, um dos idealizadores da instituição e um dos primeiros presidentes do Lions Club, comentou que o setor calçadista apresentava uma promissora trajetória de desenvolvimento, entretanto, notava-se a carência por mão de obra qualificada. Em decorrência dessas dificuldades apresentadas pelo setor, o Lions resolveu colaborar com a cidade formando um Centro de Treinamento para a indústria do calçado. Na época, entre os grandes colaboradores e incentivadores do projeto destacou-se o Juiz de direito, Antônio Carlos Debatin Cardoso, o Prefeito Municipal, Wilson Strose, e o empresário Antônio Ramos de Assumpção, que ao saber da iniciativa, entrou em contato com um renomado profissional, Antônio Ribeiro de Araújo, vindo de São Paulo passou a coordenar todo o trabalho técnico para o efetivo funcionamento da escola.

O projeto foi viabilizado com a realização de diversas campanhas, entre as quais: a tradicional “Festa da Cerveja”, que contou com a colaboração da comunidade Biriguiense. A Prefeitura Municipal também colaborou muito com o projeto por meio da elaboração de duas Leis Municipais.

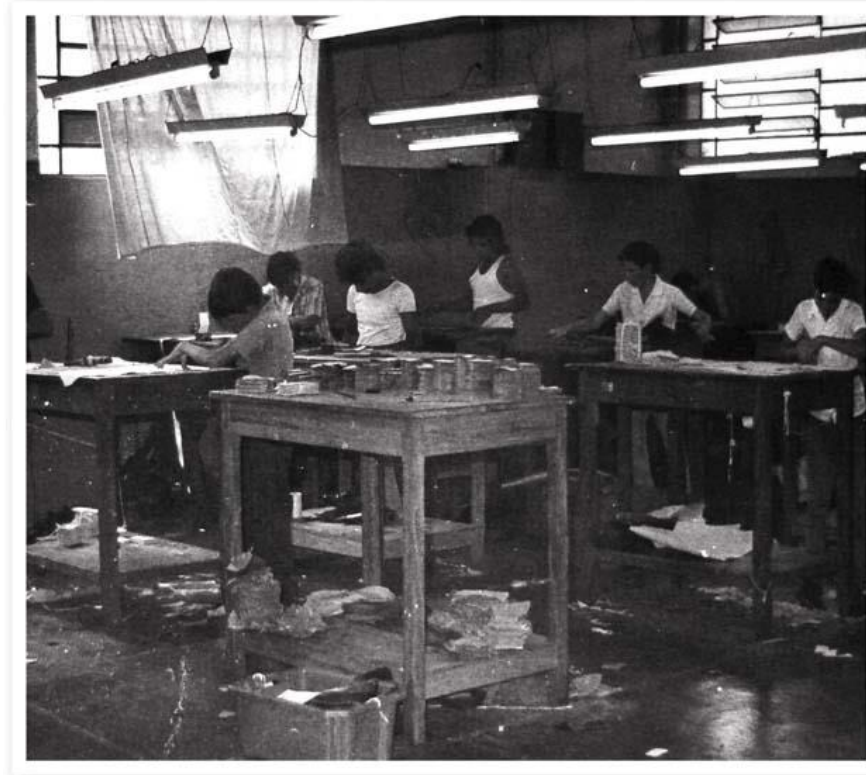
A Lei Municipal nº 1.223 de 23 de novembro de 1971 autorizou as reparações no prédio cedido pelo Lions Club de Birigui ao Instituto Educacional “Gumercindo de Paiva Castro” - Polícia Mirim de Birigui, para o funcionamento da Escola. Para a efetiva reparação a Prefeitura disponibilizou Cr\$ 2.550,00 (Dois mil e quinhentos e cinquenta cruzeiros). Outra Lei publicada foi a Lei Municipal nº 1.224 de 23 de novembro de 1971, cujo texto do artigo primeiro segue abaixo.

Eu, WILSON STROSE, Prefeito Municipal de Birigui, do Estado de São Paulo, usando das atribuições que me são conferidas por Lei, etc.

FAÇO SABER que a Câmara Municipal de Birigui decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1º - Fica a Prefeitura Municipal de Birigui autorizada a contribuir com 50% (cinquenta por cento) dos vencimentos dos professores da “Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados” do Instituto Educacional “Gumercindo de Paiva Castro” - Polícia Mirim de Birigui

O primeiro curso teve duração de um ano, foi direcionado para a área do pesponto, abrangendo a modelagem e o corte. Posteriormente, em sua segunda fase, a expectativa era trabalhar com o setor de montagem e acabamento. Para o início das atividades da escola as fábricas da cidade doaram oito máquinas de costura esquerda, matérias primas, insumos diversos, modelos e formas para a confecção dos primeiros calçados.



Interior da Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados, 1972. No destaque, os garotos do Instituto Educacional "Gumercindo de Paiva Castro" - Polícia Mirim de Birigui - os primeiros alunos da instituição.

Segundo Luiz Baptista Pereira, redator do Jornal Exclusivo da cidade de Novo Hamburgo (RS), em 1971, quatro pessoas formavam a primeira diretoria da escola: o juiz de direito, Antônio Carlos Debatin Cardoso, o empresário Antônio Ramos de Assumpção, o diretor do Lions Club de Birigui, Nelson Calixto e o prefeito municipal, Wilson Strose.



Da esquerda para a direita: Luiz Baptista Pereira, redator do Jornal Exclusivo em 1971, Antônio Ramos de Assumpção, diretor da Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum e Nelson Calixto, presidente do Lions Club de Birigui.

Os primeiros alunos da instituição foram recrutados na Polícia Mirim de Birigui que na época contava com 110 mirins e tinha a seguinte diretoria. Presidente de Honra (Antônio Carlos Debatin Cardoso – juiz); Presidente (Renato Cordeiro – deputado); 1º Vice-Presidente (Viriato da Silva Nunes – médico); 2º Vice-Presidente (Antônio Ramos de Assumpção – industrial); 3º Vice-Presidente (Nelson Calixto – comerciante); Secretário (Joaquim Bueno Miragaia – cartorário); 2º Secretário (Edson Romeira – cartorário); Tesoureiro (Nelson Calvani – comerciante); 2º Tesoureiro (Calil Nakad – comerciante); Comandante (Sargento Oswaldo Gouveia Barros); Instrutor (Sargento Paulo Everaldo Zampieri); Relações Públicas (Chauki Rahal, Francisco A. de Lima, Ivani Etto, Olívio Ventura Mazetto).

Em 1974, outra Lei Municipal (Lei nº 1.446 de 25 de junho de 1974) cedeu gratuitamente à Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados uma sala da Prefeitura localizada na Estação Rodoviária da cidade para que a Escola

pudesse expor e vender os produtos que fabricava cuja renda se destinaria a manutenção da instituição.

Portanto, no começo dos anos 1970, a união de empresas e instituições da cidade de Birigui colaborou para a formação de um importante “Centro de Treinamento” de mão de obra. Apesar da instituição não ter conseguido resolver todos os problemas do setor em relação ao tema, ela contribuiu para o avanço da industrialização e a consolidação do polo calçadista de Birigui nas décadas seguintes.



Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados do Instituto Educacional “Gumercindo de Paiva Castro” - Polícia Mirim de Birigui, 1972.

2.2.2 A inserção internacional das empresas nos anos 70

Ao longo de seu percurso e trajetória de desenvolvimento, a indústria calçadista de Birigui manteve suas vendas concentradas no mercado interno, principalmente, durante os anos 1960, 1970 e 1980. Foram poucos os períodos da história em que as empresas focalizaram suas estratégias na conquista e permanência duradoura no mercado externo. Durante essa trajetória, as exportações foram realizadas por empresas isoladas, esporadicamente e representavam uma participação pequena na produção total das fábricas. Foi somente na década de 1990 que as empresas direcionaram suas estratégias para a inserção internacional, objetivando transformar o mercado externo em um segmento representativo para seus negócios, processo realizado, principalmente, pelas grandes empresas¹⁵. Entretanto, o grande salto exportador ocorreu realmente após a desvalorização do real em janeiro de 1999. Nos anos seguintes, o setor chegou a exportar aproximadamente 16% da produção total.

Do ponto de vista histórico e cronológico, o primeiro momento de inserção internacional das empresas do município ocorreu no começo da década de 1970. Na época havia um grande otimismo em relação ao mercado internacional e as oportunidades que as exportações poderiam gerar para o desenvolvimento industrial.

Antônio Lirango, diretor da Associação Comercial e Industrial de Birigui (ACIB) e sócio da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda e Antônio

¹⁵ Nos anos 1980, a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, uma das grandes empresas da cidade de Birigui, iniciou um processo de inserção internacional mais agressivo e estruturado, com a instalação de um depósito de distribuição em Miami (EUA) e a formação de uma equipe de vendas especializada no mercado estadunidense.

Ramos de Assumpção, proprietário da Rahal & Assumpção Ltda – Rassum, em entrevistas concedidas ao Jornal Exclusivo em 16 de dezembro de 1971, comentaram as oportunidades proporcionadas pelas exportações para a economia brasileira e para a cidade de Birigui.

É nossa opinião, somente através das exportações é que conseguiremos acelerar o desenvolvimento nacional. Em verdade, ela vem sendo a mola propulsora do desenvolvimento brasileiro. Quanto a Birigui, já está colaborando também neste campo. Basta dizer que no ano entrante (1972), estaremos remetendo, em cumprimento a contratos já firmados, cerca de 40 mil pares mensais. Isto nos alega e, sobretudo, nos deixa tranquilos quanto a uma verdade: com as exportações uma nova era se aproxima, de muito trabalho e acelerado progresso. (Antônio Liranço, em entrevista concedida ao Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971).

As perspectivas para o ano entrante (1972) são das mais promissoras, especialmente considerando o início das exportações de calçados para o exterior, já marcado pelo primeiro embarque de sapatos de Birigui para o Canadá em 03 de dezembro corrente, realizado pela nossa empresa Rahal & Assumpção Ltda. Sendo a exportação uma realidade, é certa a expansão do parque fabril calçadista de Birigui. Assim, a Rahal & Assumpção Ltda já iniciou a construção de uma nova fábrica contendo 2000 (dois mil) metros quadrados de área construída, especialmente para atender os pedidos já em carteira, de importantes firmas norte-americanas e canadenses. (Antônio Ramos de Assumpção, em entrevista concedida ao Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971).

Destaca-se que no começo da década de 1970, foram realizadas algumas exposições no Brasil com o objetivo de apresentar os calçados produzidos no país para compradores estrangeiros. Entres as empresas participantes dessas feiras estava a Rahal, Assumpção Cia Ltda – Rassum, empresa pioneira no processo de inserção internacional da cidade.

No entanto, mesmo com as exposições realizadas e a política econômica implementada pelo governo federal a partir da década de 1970, destinada a aumentar as exportações nacionais e irrigada de incentivos, o impacto nas empresas de calçados de Birigui foi muito reduzido, ao contrário de outros polos que aproveitaram o momento para conquistar o mercado internacional permanentemente (exemplo de Franca, no Estado de São Paulo e do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul).



Raif Mehanna Rahal e Antônio Ramos de Assumpção (sócios-proprietários da Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rasmum), durante participação em uma Feira Internacional de Calçados, 1972.

Levantamentos realizados em jornais da época e complementados com pesquisa de campo (entrevistas) indicam que poucas empresas da cidade buscaram o mercado internacional no início dos anos 1970, aproveitando o momento favorável do setor¹⁶. Muitas das exportações realizadas no decorrer daqueles anos foram encaminhadas para países da América Latina, com destaque para a Bolívia e o Paraguai. Entretanto, essas exportações foram esporádicas e em pequena escala, o que pode ter inviabilizado o desenvolvimento de uma cultura exportadora no município.

¹⁶ Os jornais pesquisados foram: "O Biriguiense", o "Diário de Birigui" e o "Noroestino".

Em relação ao pioneirismo local de ingresso no mercado internacional, as desbravadoras foram as empresas: Rahal, Assumpção Cia Ltda – Rassum, a Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda (nome posteriormente alterado para Indústria e Comércio de Calçados Tossatti Ltda) e Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda. Foram elas as primeiras empresas da cidade que exportaram calçados e componentes para o setor calçadista.

Segundo Antônio Ramos de Assumpção, em entrevista concedida ao Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971, a empresa Rassum realizou sua primeira exportação (a primeira da cidade de Birigui no ramo de calçados) em 03 de dezembro de 1971. Os produtos embarcados para o Canadá (via aérea) eram calçados do segmento adulto. Na época, a Rahal, Assumpção Cia Ltda – Rassum, maior empresa da cidade, empregava 400 trabalhadores e produzia 4000 pares diários de calçados da linha infanto-juvenil com palmilha anatômica e desenvolveu uma linha de calçados adultos especialmente para atender aos pedidos do exterior. O empresário comentou que a empresa tinha iniciado a construção de um novo prédio de dois mil metros quadrados de área construída, localizado no bairro Silvaes, para atender especialmente os pedidos em carteira de importantes firmas importadoras americanas e canadenses. Em sua entrevista ao Jornal Exclusivo de 1971, Assumpção fez um comentário interessante.

Existe grande interesse de nossa parte na exportação de calçados. Acresce notar, todavia, que esse interesse não prejudica, em absoluto, a nossa constante preocupação em servir ao mercado interno. Nós vamos continuar com a fabricação normal e talvez mais intensificada, para o mercado interno, justificando a nossa condição de lançadora de moda infanto-juvenil no Brasil, pelo lançamento de novos modelos e novas linhas impostas pelos padrões modernos. No setor de exportação, vimos desenvolvendo nosso trabalho, especialmente com vistas ao imenso campo que se apresenta. Felizmente, apesar de algumas dificuldades, conseguimos confirmar os primeiros pedidos do exterior e, em 03 de dezembro corrente, foi embarcada a nossa primeira remessa para o Canadá, via aérea. Encomendas de importadores norte-americanos e canadenses deverão ser embarcadas em fevereiro próximo. (Antônio Ramos de Assumpção em entrevista concedida ao Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971).

BIRIGUI EXPORTA CALÇADOS!

A Indústria de Cía Ltda, de exportar calçados para o Canadá, através da Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum.



Qualquer indústria local, que tenha condições de exportar, a Indústria de Calçados Birigui e Assumpção Cia Ltda poderá aproveitar-se.

I Seminário de Informação profissional

Em Assumpção, na Faculdade de Educação e Cultura - FESC - haverá no dia 22 e 23 de novembro, um seminário de Informação Profissional, a pedido da Associação de Professores da Faculdade de Educação e Cultura - FESC.

Este é mais um momento importante para os profissionais locais que desejam se atualizar e participar de eventos profissionais.

Este seminário tem como objetivo proporcionar aos participantes conhecimentos e informações sobre as novas técnicas e métodos de trabalho, bem como a atualização dos conhecimentos e habilidades necessárias para o exercício da profissão.

BANESBI — o caçula

Associação de Bancários do Estado de São Paulo - ABESP - Associação de Bancários do Estado de São Paulo - ABESP - Associação de Bancários do Estado de São Paulo - ABESP

O Biriguiense

Jornal do Povo para o Povo

Notícia publicada no Jornal "O Biriguiense" de 21 de novembro de 1971 comentando as exportações da Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum.

Já as exportações da Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda ocorreram no ano seguinte, em 1972. O convite para que ela ingressasse no mercado internacional foi realizado pela Rassum. De acordo com Alceu Tossato, proprietário da empresa, sua fábrica foi convidada pela Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum, para a realização de uma exportação conjunta, porque os compradores canadenses queriam calçados femininos, e a Rassum só produzia infantil e adulto. A Calçados Sandra Ltda realizou aproximadamente 15 embarques de calçados para o exterior. Um dos embarques foi notícia de destaque do jornal Folha da Região (Araçatuba SP) de 22 de outubro de 1972. Na reportagem o jornal mencionou que a empresa tinha exportado 10.800 pares de calçados para o Canadá entre o dia 16 e 20 de outubro.

Na época, era muito curioso o percurso da saída dos calçados de Birigui para o seu destino (porto de Santos), visto que os embarques (carregamento dos produtos) eram muito festejados. A carreta que transportava os produtos percorria toda a cidade com faixas amarradas indicando o destino da exportação em grande clima de festa e comemoração.



Carreta com calçados confeccionados pela indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda no começo dos anos 1970. No destaque, a faixa com os seguintes dizeres "Exportação: 4º embarque para o Canadá". Calçados Sandra - Birigui - SP.

Destaca-se que após os 15 embarques realizados a empresa (Sandra) deixou o mercado internacional por causa de algumas dificuldades surgidas. Uma delas foi a de manter contato com os exportadores e com o escritório responsável pelas exportações, que estava localizado em São Paulo. Essa dificuldade estava relacionada ao problema de manter uma comunicação frequente com esses agentes, pois a ligação telefônica era muito complicada e tinha que ser realizada na cidade de Coroados (10 km de Birigui), demorando duas horas para ser completada. Havia dificuldades também na compra de matérias-primas que vinham de São Paulo e na falta de hotéis na cidade, pois os compradores canadenses, tiveram que se hospedar em Araçatuba (15 km de Birigui) quando vieram à cidade. Esses empecilhos levaram a Indústria e Comércio de Calçados Sandra Ltda a deixar o mercado externo.

Com relação a empresa Calçados Rassum Ltda, por causa das diferenças entre os modelos brasileiros produzidos e o aceito pelos americanos na época, não obteve meios para exportar. Dessa forma, uma ampla quantidade de calçados produzidos foram abruptamente rejeitados pelos importadores, decorrente da diferença de padrões utilizados. E assim, por não realizar as exportações, a empresa reduziu sua produção anual em 37% entre 1971 e 1972, caindo de 664 mil pares para 484 mil. Como forma de atenuar essa situação,

a Rassum instalou uma secção de venda a varejo, sendo uma das primeiras empresas de calçados da cidade a utilizar a estratégia de vendas diretas ao consumidor (Zampieri, 1976).

Outra empresa que iniciou vendas ao mercado internacional foi a Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda. Suas primeiras exportações foram realizadas para o Paraguai em outubro de 1971. Entretanto, a inserção internacional da empresa foi breve e o volume exportado representava uma parcela pequena da produção total da Petrilli & Oliveira Ltda.

Portanto, no momento embrionário de inserção internacional da indústria de calçados da cidade de Birigui, ocorrido no começo dos anos 1970, observam-se vários entraves e dificuldades para manutenção e a ampliação



Almoxarifado da Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, 1971. No destaque, as caixas com os produtos encaminhados pela empresa para o Paraguai.



Caminhão carregado com produtos confeccionados pela Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, destinados ao Paraguai, 1971. No destaque, uma faixa com os seguintes dizeres: "Petrilli & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda - Estamos Exportando - Asuncion Paraguay"

do processo de internacionalização, com exceção do caso da Petrilli & Oliveira Ltda. Desse modo, as dificuldades apresentadas podem ter desestimulado outras empresas a percorrer o caminho do mercado externo, processo que reforçou ainda mais a concentração das vendas de calçados do polo no mercado interno. Informações indicam que, no decorrer da década de 1970, outras empresas continuaram a exportar. No entanto, as exportações foram realizadas sem uma periodicidade definida, em pequenas quantidades e ficaram localizadas na América Latina, principalmente, em países vizinhos ao Brasil.

Por fim, o segundo período de história da indústria do calçado infantil não pode ser encerrado sem o conhecimento da Primeira Feira Industrial e Comercial de Birigui (1º FICBI) e os Novos Fornecedores do setor.

2.3 A PRIMEIRA FEIRA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE BIRIGUI (1.ª FICBI)

No começo dos anos 1970, foram realizadas algumas tentativas para organizar uma Feira Industrial e Comercial na cidade de Birigui¹⁷. O objetivo do evento era promover a cidade através da realização de uma feira de alcance nacional e que apresentasse ao Brasil a força industrial do município, principalmente, sua indústria de calçados. Na época, dois importantes pólos calçadistas brasileiros realizavam anualmente feiras industriais: o Vale dos Sinos no Rio Grande do Sul (RS) promovia a Feira Nacional do Calçado (FENAC), na cidade de Novo Hamburgo e a cidade de Franca (SP) realizava a Francal.

Havia muita expectativa entre o empresariado para que a cidade de Birigui concretizasse o sonho de contar com uma feira que pudesse apresentar os produtos confeccionados no município para todo o Brasil. Depoimentos da época corroboram com essa expectativa.

Sem dúvida a 1º (primeira) FIBIG será o marco inicial na promoção do centro produtivo que Birigui representa, ou seja, de seus calçados especialmente para crianças. Será mais um veículo de promoção e repercussão nacional a indicar o crescimento de um novo centro industrial do interior de São Paulo, ou seja, da nova capital industrial do calçado infantil (Antônio Ramos de Assumpção, sócio da Rahal & Assumpção Ltda em entrevista ao Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971).

¹⁷ Em pesquisa realizada, foi encontrada uma matéria publicada no Jornal "O Biriguiense" no dia 27 de agosto de 1972, comentando o trabalho que estava sendo realizado para organizar uma Feira Industrial e Comercial em Birigui (1º FICBI) na escola Prof. Stélio Machado Loureiro. Na época, o trabalho contou com a colaboração dos alunos e professores da instituição (escola) que percorreram a cidade de São Paulo divulgando o evento em jornais, distribuindo convites a autoridades do campo da educação, na Assembléia Legislativa e, inclusive, com participação em um programa na TV Tupi, Canal 4. Entretanto, a iniciativa não se materializou, pois não houve a adesão necessária para o funcionamento do evento.

Birigui é hoje o maior parque industrial de toda a região noroeste do Estado de São Paulo. As nossas indústrias de calçados, principalmente, são invejadas e conhecidas por todo o Brasil. Assim sendo creio que a FIBIG se faz necessário para mostrar a pujança de nosso parque industrial (Fernando Monn'y Fiorotto, sócio da Fiorotto Indústria e Comércio de Calçados – PAF – em entrevista ao Jornal Exclusivo de 16 de dezembro de 1971).

Entretanto, a montagem de uma exposição tornou-se realidade somente no ano de 1976¹⁸. Um dos motivos que explicam a demora para a viabilização da Feira foi a falta de apoio dos empresários que tinham a preocupação em encontrar e definir uma data que não atrapalhasse a participação das empresas na tradicional Fenac e Francal. A indefinição e a falta de apoio postergaram a realização do evento para a segunda metade da década de 1970.

A Feira contou com a participação da Prefeitura Municipal de Birigui por meio da Lei nº 1.628 de 23 de julho de 1976 e Lei nº 1.661 de 31 de dezembro de 1976. A Lei nº 1.628 de 23 de julho de 1976 que “Dispõe sobre a realização da I Feira Industrial e Comercial de Birigui” autorizava a Prefeitura a adaptar o prédio situado na rua Saudades, nº 1.004, que foi cedido pelo proprietário (Sr. Arlindo Sanches) para a realização da Feira. Já a Lei 1.661 de 31 de dezembro de 1976 autorizava a Prefeitura a abrir crédito especial de Cr\$ 22.000,00 (vinte e dois mil cruzeiros) para o pagamento de despesas diversas com a realização da Feira.

A primeira feira da cidade intitulada “Feira Industrial e Comercial de Birigui (1º FICBI)” foi realizada entre o dia 1º a 17 de outubro de 1976 e contou na ocasião com 60 expositores, entre eles: doze empresas do segmento calçadista. Ela foi realizada na rua Saudades nº 1.004 sendo organizada pela empresa Carvalho Promoções Empreendimento e Decorações S/C Ltda, estabelecida na cidade de São Paulo.

Observa-se, portanto, uma baixa presença de empresas do setor de calçados, situação que pode ter inviabilizado a manutenção de uma exposição dessa envergadura nos anos seguintes e, principalmente, o desenvolvimento de uma exposição que enfocasse somente a indústria de calçado.



Reportagem do Jornal Exclusivo destacando a realização da 1ª Feira Industrial e Comercial de Birigui - 1º FICBI, novembro de 1976.

18 As informações referentes a 1º FICBI foram retiradas do Jornal Exclusivo de 23 de novembro de 1976.



Notícia publicada no Jornal Exclusivo de 23 de novembro de 1976 comentando a participação da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda na 1ª Feira Industrial e Comercial de Birigui (FICBI).



Estande da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda na 1ª Feira Industrial e Comercial de Birigui (FICBI), outubro de 1976.

2.4 NOVOS FORNECEDORES

A pesquisa conseguiu mapear a instalação de dez empresas fornecedoras de insumos, componentes, máquinas e equipamentos diversos com produção local na cidade de Birigui entre 1968 e 1979. Esses fornecedores acompanharam a trajetória de desenvolvimento da indústria e contribuíram para a história de progresso do setor. Entre os fornecedores de insumos e matérias-primas destacam-se: a Indústria e Comércio de

Saltos Pérola Ltda (1969); a Cartonagem Birigui (1972); a Kicola Indústria Química Ltda (1973); a Indústria e Comércio de Saltos Lindesa Ltda; a Indústria e Comércio de Saltos Montoro e a Indústria e Comércio de Produtos Químicos Brasquímica Ltda. O resumo do início da história de três delas, a Saltos Pérola Ltda, a Kicola Indústria Química Ltda e a Indústria e Comércio de Produtos Químicos Brasquímica Ltda, aponta o perfil inicial desses empreendimentos.

A Indústria de Saltos Pérola Ltda foi formada por Neusa Beluf e Oswaldo Beluf. Ela começou empregando seis trabalhadores produzindo saltos de madeira de vários números e de modelagem variada, vendidos para praticamente todas as fábricas de calçados da cidade, com exceção daquelas que possuíam produção própria.

Em 1973, instalou-se na cidade a Kicola Indústria Química Ltda, sociedade formada por Antônio Nelson Juliette e Luis Antônio dos Santos Pinto. Ela iniciou suas atividades na rua Aimorés, nº 382, direcionando a produção para a confecção de colas para calçados e madeira. E, em 1978, foi formada a Indústria e Comércio de Produtos Químicos Brasquímica Ltda por Antônio Carlos Chagas e Dalva de Carvalho Chagas. Ela foi instalada na rua Belmonte, nº 1281 e destinava-se a fabricar produtos químicos para a indústria de calçados.



Fachada da Indústria e Comércio de Produtos Químicos Brasquímica Ltda, 1978. A empresa estava instalada na rua Belmonte nº 1281.

Além dos fornecedores para a produção local, que formaram os embriões dos elos da cadeia produtiva, o polo calçadista era abastecido por diversos outros fornecedores, fixados em quase todas as regiões do Brasil, principalmente, no Estado de São Paulo e no Rio Grande do Sul. Entre os fornecedores importantes e que fixaram seus nomes na memória do setor por fornecerem os elementos necessários para a manutenção do fluxo do processo produtivo, podem ser destacados os seguintes (vide quadro 1):

Quadro 1: Principais fornecedores de insumos, componentes, máquinas e equipamentos para a indústria de calçados da cidade de Birigui durante a década de 1970

Nome do fornecedor	Tipo de insumo, componente, máquina e equipamento fornecido
USM - United Shoe Machine Ltda	laminas, palmilhas, tachas, agulhas, colas, prego, linhas e peças de manutenção.
Brascola	colas e derivados
Avalon	palmilhas
Robson, Corrente e Lipasa	Linhas para costura
Curtume Leão, Cantagalo, Leal Figueiredo, Irmãos Ravagnani, São José, Cossari, Kermatts, Michelim, Progresso, Mococa, entre outros.	Couros e peles em geral
Amazonas	Saltos de borracha
Cartonagem 3 Marias	Caixa de papelão ondulado para embalagens de calçados
Santa Mônica	Produtos químicos
P. Gianinni	Fôrmas de madeira
Formet, Comerit, Lombardi e Jk	Enfeites metálicos e fivelas
Sincouro	Palmilhas em geral

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados de Zampieri (1976).

A segunda década de desenvolvimento do setor calçadista de Birigui entre 1969 e 1978 foi um período de desenvolvimento industrial com a instalação de várias empresas, início das exportações e instalação do primeiro centro formador de mão de obra. A indústria local projetou-se no mercado nacional e a cidade passou a ser conhecida como a Capital do Sapato Infantil.

O próximo capítulo analisa a consolidação do polo calçadista da cidade de Birigui, época em que mais de 170 novas empresas de calçados foram instaladas na cidade e a produção local atingiu 25 milhões de pares anuais. Foi a “era de ouro” do setor.

2.5 FACHADAS, PROPAGANDAS, REPORTAGENS E OUTRAS CURIOSIDADES DA SEGUNDA DÉCADA DE DESENVOLVIMENTO DO SETOR CALÇADISTA DE BIRIGUI.

CURIOSIDADE

O caso da água no telhado: A memória do setor calçadista da cidade de Birigui registrou em suas páginas uma passagem muito interessante envolvendo um dos problemas e características de nossa região – o intenso calor. A história ocorreu no final da década de 1970, época em que um forte calor de verão esquentou muito o interior de uma fábrica da cidade. Para tentar resolver o problema, um empresário teve uma idéia interessante para amenizar os desconfortos provocados pelo calor em sua empresa. Ele adaptou um equipamento de irrigação rural em cima do telhado da empresa que lançava água em círculo, molhando toda a parte superior da fábrica e, conseqüentemente, refrescando o seu interior. Uma solução rápida e simples.

Entretanto, o mecanismo acabou sendo desligado, pois a imprensa local (escrita e falada) começou a criticar duramente tal atitude, chamando o empresário de desperdiçador de água, esbanjador e inimigo da natureza. Enfim, um verdadeiro bafafá tomou conta da cidade em decorrência do funcionamento do equipamento. A empresa em que ocorreu essa história foi a Indústria e Comércio de Calçados Rssybel Ltda (antiga Indústria e Comércio de Calçados Ina Ltda e hoje Indústria e Comércio de Calçado Tiptoe Ltda.) e o empresário era Rubens Inácio Salzedas (na ocasião o único proprietário da empresa).



Rubens Inácio Salzedas, década de 1990.

**CALÇADOS PEROLA
APRESENTA:**

**EM CADA MARCA,
UM LANÇAMENTO**

PET

IRANDINHA

TATA

**DE TODOS O
MELHOR QUE HÁ.**

R. Mário de Souza Campos - 544 - Cx. P. 412 - Fone 223 - Birigui - SP.

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Pérola Ltda, década de 1970.



Curso de pesponto organizado na Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda em parceria com a Prefeitura Municipal e Secretaria de Relações do Trabalho de São Paulo, década de 1970.



Curso de pesponto organizado na Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda em parceria com a Prefeitura Municipal e Secretaria de Relações do Trabalho de São Paulo, década de 1970.



Sandália produzida pela Rahal, Assumpção Cia Ltda (Rassum), década de 1970.

Antônio Ramos de Assumpção (sócio-proprietário da Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum), 1971.





Bical



**CONHEÇA AGORA
O NOVO LANÇAMENTO BICAL**

*BICAL – NA FRANCAL
STAND Nº 110*

BICAL – Birigui Calçados Ind. Com. Ltda.
Trav. Marechal Deodoro, 56
Caixa Postal 281 – End. Teleg. “RICAL”
16200 – Birigui – São Paulo

Propaganda da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda no Jornal Exclusivo, década de 1970.



Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda (Ortofino). Jornal Exclusivo de 23 de novembro de 1976.



Escritório da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, rua Bento da Cruz, nº 67. Jornal Exclusivo de 23 de novembro de 1976.



Caixa de calçados da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda (Ortofino). Jornal Exclusivo de 23 de novembro de 1976.



MMO

CALÇADOS MIMO ORGULHOSAMENTE APRESENTA SUA NOVA LINHA INFANTIL COM OS PERSONAGENS WALT DYSNEY



MMO



NO APARTAMENTO - 107 ESTAREMOS LANÇANDO MODELOS COM EXCLUSIVIDADE DO TICO E TECO, MICKEY, PATETA ETC... VOCE É NOSSO CONVIDADO

MMO

MIMO IND. DE CALÇADOS LTDA

Rua dos Fundadores 386 - Fone 422071
Caixa Postal 82 BIRIGUI — São Paulo





O calçado anatômico Popi ganhou um novo solado.

A Popi mudou o solado de seus sapatos. Para melhor, é claro. Agora eles vêm com esta palmilha que você está vendo. E com esta mudança, você acabou ganhando novos argumentos de venda.

Você pode dizer que a palmilha dos calçados Popi é mais eficiente que as outras: ela é feita numa única peça moldada e não precisa daqueles calços que depois de algum tempo começam a machucar os pés da criança. Você também pode dizer que mesmo depois do solado gasto, o calçado Popi continua anatômico, porque a anatomia é dada por sua palmilha indeformável.

E por fim, você pode dizer que o calçado Popi ficou mais leve e mais gracioso com o novo solado.

Bom, daí para frente deixamos por sua conta. Você sabe melhor do que nós como fechar uma venda.

E você ganhou um novo argumento de vendas.



popi
ANATÔMICO

Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.
Rua Siqueira Campos, 83 - 107 - BIRIGUI - SP

Propaganda da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda. Jornal Exclusivo de 28 de março de 1978.

Calçado produzido pela Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda. Jornal Exclusivo de 28 de março de 1978.



Prepare seu estoque. Vai começar a jogada mais Popi do mundo!

Aproveitando essa onda fantástica da Copa do Mundo 78, a Popi está fazendo uma jogada tão espetacular quanto o nosso futebol: está anunciando em Cláudia, Manchete e País & Filhos, as principais revistas do Brasil. Além dos anúncios, a Popi vai decorar sua loja com cartazes que são uma parada!

Assim, vamos levar todas as torcidas para sua loja: a mãe, o pai e a criança.

E não é só isso! O lance decisivo é que o Oscar, zagueiro central da seleção brasileira, vai estar presente em todas as peças para dar "aquela" força na defesa dos Calçados Anatômicos Popi. Depois, não vai ter criança no Brasil que não vai querer entrar nessa jogada.

Por isso, cuide de seu estoque. E você vai ver que com Popi no ataque, o juiz não mostra cartão vermelho, e o seu "bicho" vai ser bem maior.



Popi Ind. e Com. de Calçados Ltda.
Rua Siqueira de Campos, 83 a 107
BIRIGUI - SP



Propaganda da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda. Jornal Exclusivo de 13 de agosto de 1978.



Calçados produzido pela Indústria e Comércio de Calçados Tossatti Ltda (antiga Calçados Sandra Ltda), década de 1970.



Prédio onde foi realizado a Couromoda de 1975, Rio de Janeiro.



Participação da Rahal, Assumpção Cia Ltda (Rassum) no carnaval da cidade de Birigui, 1973.



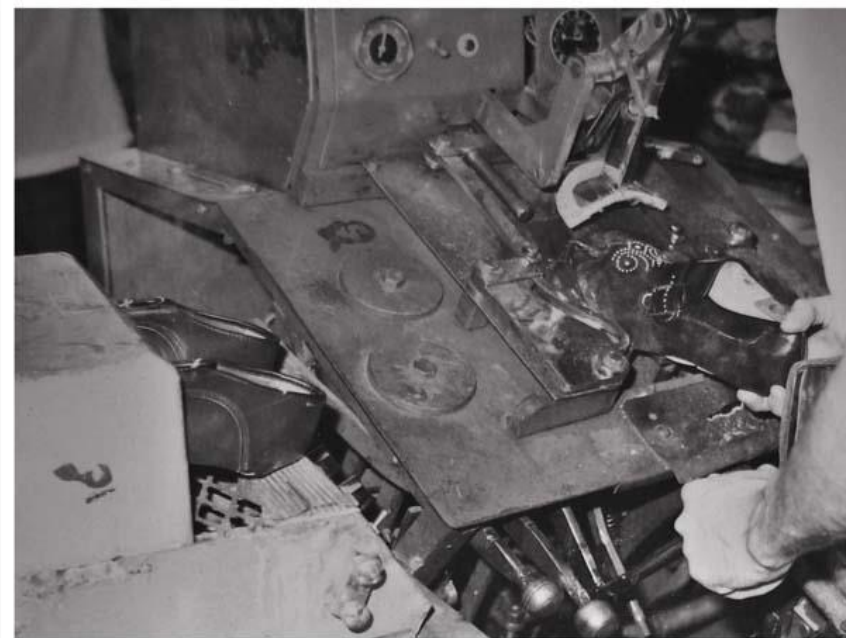
Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Zilmar Ltda, 1975. A empresa estava instalada na rua João Galo.



Linha de produção da Rahal, Assumpção Cia Ltda (Rassum), 1975.



Linha de produção da Rahal, Assumpção Cia Ltda (Rassum), 1975.



Máquina de montagem de calçados apelidada de Cabrita (Cabritinha), 1975.



Sócios da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda (Ortofino) no interior da empresa por volta da década de 1970. Da esquerda para a direita: Gerando Migliorini, Saleh Mustafá e José Pulzatto.

José Pulzatto (sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Raquete Ltda) no almoxarifado da empresa, década de 1970.



Calçados produzido pela Indústria e Comércio de Calçados Nibere Ltda. No destaque, a caixa utilizada para acondicionamento de seus produtos, 1971.

2.6 IMAGENS DA HISTÓRIA: REPRODUÇÃO INTEGRAL DAS 24 PÁGINAS DO CADERNO ESPECIAL DEDICADO À INDÚSTRIA DO CALÇADO DE BIRIGUI PUBLICADO PELO JORNAL EXCLUSIVO EM 16 DE DEZEMBRO DE 1971

BIRIGUI É A CAPITAL DO SAPATO INFANTIL

EXCLUSIVO
caderno
especial
BIRIGUI (SP), 16/12/1971

Conheça a capital do calçado infantil

JUIZ É UM ADVOGADO DA INDÚSTRIA

PÁG. CENTRAL

PÁG. 8

40 fábricas superando os 2 milhões de pares anuais

Com em torno de 40 o número de indústrias de calçados que movimentam o parque fabril desta indústria do couro em Birigui. Calçados infantis, femininos e masculinos são fabricados na cidade, com acentuada predominância daqueles que são destinados às crianças. Pode-se dizer que Birigui calça, efetivamente, as crianças do

Brasil, como aliás é o "logotipo" da cidade. Não menos do que 2.200.000 pares de calçados serão produzidos em Birigui em 1972. E para 1973, as indústrias que se ampliam a cada novo dia, pretendem superar em muito estes números do ano que agora está chegando ao fim.

Guanabara, o maior consumidor

O Estado da Guanabara é o maior consumidor do calçado fabricado em Birigui. Na verdade, o carioca é um dos maiores apreciadores dos artigos produzidos neste município da região Noroeste do Estado de São Paulo.

Um recente levantamento procedido pela Associação Comercial e Industrial de Birigui comprovou este dado, apontando a grande preferência dos moradores na "Cidade de Maravilhas", pelo calçado de Birigui.

Fornecedores de Birigui são paulistas e gaúchos

Pindamonhangaba, Campinas, São Paulo e o Estado do Rio Grande do Sul são os principais fornecedores de matéria-prima para a indústria de calçados estabelecida em Birigui.

Segundo consultas feitas a vários fabricantes do município, não tem havido maiores problemas no fornecimento de couros e outros materiais utilizados para o consumo em suas fábricas. De mesma forma os produtos fornecidos têm sido de agrado geral dos produtores de sapatos.



Uma escola para formar técnicos em calçados

Esta "Escola para Oficiais de Calçado", construída por iniciativa do Lions Clube de Birigui, será inaugurada em janeiro de 1972, devendo funcionar sob a responsabilidade de "Polícia Militar" da cidade. É um grande passo que dá a indústria da cidade, no sentido de especializar mão-de-obra para servir às suas inúmeras fábricas de calçados. (REPORTAGEM À PÁG. 4).

ACI TEM PLANOS PARA AUXILIAR A INDÚSTRIA

PÁG. 20



Foto do interior da Fábrica da Rahal & Assumpção Ltda., local em que são fabricadas cerca de 2 mil pares por dia.



Escritório da Rahal & Assumpção Ltda. em rua, São Paulo — no 1379 em Birigui.



Foto interna da matriz



Na foto o Sr. Antônio Ramos de Assumpção, um dos diretores da Indústria de Calçados KI — HOOT.



Vista da parte externa da matriz



Na foto o Sr. Ralf Mahana Rahal, um dos diretores da Indústria de Calçados KI — HOOT.

Ki-hoot

F — Quando e por quem foi fundada a empresa?
 R — "Sob a razão social de RAHAL & ASSUMPCÃO LTDA., a empresa foi fundada em 02 de janeiro de 1962, por Tratamento Particular de Contrato de Sociedade por Quotas de Responsabilidade Limitada, com capital inicial de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros). Os únicos fundadores são os sr. ANTONIO RAMOS DE ASSUMPCÃO, um dos pioneiros na fabricação de calçados em Birigui, e RAUF MEHANA RAHAL, os quais continuam no estabelecimento, até sua data, como sócios sócios associados."

F — Qual a produção diária? Que modelos vem fabricando e quais os processos usados (back — solo, jalecado, tabuleto)?

R — "A produção diária total da Empresa é cerca de 4.000 (quatro mil) pares de calçados, comendo suas duas estabelecimentos, a Fábrica Meriz e a Fábrica Filial. São fabricadas modelos especialmente desenvolvidos para a linha infantil-juvenil, apresentando particularidades estéticas, sendo estudadas nas sandálias modelo "pre-to-cu". Além disso, está se lançando modelos de sapatos esportivo de adultos, para exportação. Nos modelos das linhas infantil-juvenil, utilizamos processo de fabricação com solado vulcanizado "A. F.", no esp. solado."

F — Que tipos de calçados a empresa fabrica? (massimo, feminino, etc.).

R — "Os tipos de calçados fabricados, se destinam, em sua maior parte, a atender a falta, no país, a categoria infantil-juvenil, para ambos os sexos. São fabricados calçados para crianças, rapazes e meninas-adolescentes, com uma pequena produção de calçados também para homens."

F — Qual é o modo de locação e principal mercado consumidor para os produtos de sua fabricação?

R — "Atualmente, o principal mercado consumidor dos produtos da empresa é a zona do Estado de São Paulo. Todavia, praticamente, o verdadeiro mercado consumidor é todo o território nacional, incluindo maiores cidades nos Estados de Guanabara e Rio de Janeiro, Nordeste do Brasil, Estado do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, Minas Gerais e Estado do Norte do Brasil."

F — Em sua opinião, o que levou Birigui a fabricar calçados que exclusivamente calçados para crianças?

R — "A história nos tem demonstrado que os centros produtores de calçados de uma determinada categoria, sempre acompanham a linha dos pioneiros. Assim, em France — SP — tivemos um centro produtor de calçados para homens, baseado na experiência de seus pioneiros que iniciaram a fabricação para homens. Igualmente ocorreu a fabricação de calçados para mulheres. Em Birigui, considerando o grande contingente de população jovem no Brasil, os nossos fabricantes pioneiros se preocuparam em criar não, o homem de amanhã, e sua preocupação foi canalizada para o desenvolvimento de um novo centro produtor de calçados infantil. Em seguida, após a fundação dos unidades pioneiras, outros fabricantes foram se firmando aproveitando a experiência dos pioneiros, bem como as técnicas e especialização do pessoal local, cada vez

mais revivido pelo crescente mercado de trabalho."

F — Há problemas de transporte em Birigui?

R — "Não há problemas de transporte em Birigui, atualmente servido por rodovias oficiais pavimentadas, além da ferrovia federal, que proporciona o desenvolvimento de grandes empresas de transportes rodoviários, incentivadas também por demandas de grande produção agrícola e pecuária da região."

F — É, quanto à aquisição de matérias-primas, tem havido problemas mais sérios? (resposta, couros, etc.).

R — "A aquisição de matérias-primas tem se processado normalmente, uma vez que, sendo a zona de São Paulo, um dos maiores centros industriais e comerciais da América Latina, proporcione aos fabricantes, matérias-primas em quantidades e qualidades satisfatórias para o desenvolvimento da indústria do calçado. O couro, a existência de curtiúras em regiões próximas (como Paulicéia — SP —, por exemplo), mais as matérias-primas fornecidas pelo Estado do Rio Grande do Sul, tem servido a indústria do calçado biriguiense, de modo satisfatório. Portanto, problemas sérios propriamente não tem havido."

F — Como foi para você em Birigui a ano de 1971 (indústria de calçados)?

R — "O ano de 1971, para a indústria do calçado em Birigui, transcorreu normalmente. Ocorreu ao ano em curso, um aumento considerável na produção global de calçados, em calçados produzidos pelas indústrias já existentes, sem contar o eventual estabelecimento de novas unidades fabris."

F — Quais as perspectivas para o ano entrante?

R — "As perspectivas para o ano entrante, são das mais promissoras, especialmente considerando o início de exportação de calçados para o exterior, já realizado pelo primeiro embarque no mês de Birigui para o Canadá, em 03 de dezembro corrente, realizado pela única empresa Rahal & Assumpção Ltda. Sendo a exportação uma realidade, é certa a expansão do parque fabril calzeiro de Birigui. Assim, a Rahal & Assumpção Ltda. já iniciou a construção de uma nova fábrica com cerca de 2.000 (dois mil) metros quadrados de área construída, especialmente para atender aos pedidos já em cartório, de importações firmes (importadores norte-americanos e canadenses)."

F — O que você poderia dizer acerca de indústria em Birigui?

R — "Birigui já possui grande número de operários especializados na fabricação de calçados. Contudo, alguns setores de produção (especialmente infantil, por exemplo) apresentam certa deficiência em trabalhadores treinados. Às vezes a produção de calçados é efetuada pela mão-de-obra profissional adaptada. Assim, a situação impõe a implantação de escolas profissionalizantes, com vistas para o setor de calçados, o que, sem dúvida, irá suprir as nossas indústrias de mão-de-obra melhor qualificada. Assim, a situação impõe a implantação de escolas profissionalizantes, com vistas para o setor de calçados, o que sem dúvida irá suprir as nossas indústrias de mão-de-obra melhor qualificada. Assim, a situação impõe a implantação de escolas profissionalizantes, com vistas para o setor de calçados, o que sem dúvida irá suprir as nossas indústrias de mão-de-obra melhor qualificada. Assim, a situação impõe a implantação de escolas profissionalizantes, com vistas para o setor de calçados, o que sem dúvida irá suprir as nossas indústrias de mão-de-obra melhor qualificada. Assim, a situação impõe a implantação de escolas profissionalizantes, com vistas para o setor de calçados, o que sem dúvida irá suprir as nossas indústrias de mão-de-obra melhor qualificada."

F — Existe grande interesse de nossa parte na exportação de calçados. Apesar disso, porém, que esse interesse não prejudica, em absoluto, a nossa constante preocupação em bem servir o mercado interno. Nos vemos continuar com a fabricação normal e talvez mais intensificada, para o mercado interno, justificando a nossa condição de lançadora de moda infantil-juvenil no Brasil, pelo lançamento de novas modais e novas linhas importadas pelas pedras modernas. No setor de exportação, vimos desenvolvendo grande parte do nosso trabalho, especialmente em dois vitais ao mesmo tempo que se nos apresenta. Felizmente, apesar de algumas dificuldades, conseguimos confirmar os primeiros pedidos do exterior e, em 03 de dezembro corrente, foi embarcado o nosso primeiro remessa para o Canadá, via aérea. Entendemos de importadores norte-americanos e canadenses deverão ser embarcados em fevereiro próximo."

F — O Brasil deve exportar couros foras e baratos? Por quê?

R — "A nossa vez e com as devidas resoluções em respeito a política econômica do governo e, especialmente a vista de suas implicações eminentemente técnicas econômicas, o Brasil não deveria exportar couros crus ou curtidão. Porém a exportação de tal matéria-prima em larga escala, só pode a indústria nacional de produtos de couro, de sua principal matéria-prima. Ademais, a escassez de couros no mercado interno, evidentemente implicará no alto do produto. Portanto, seria ideal que o Brasil pudesse exportar calçados e os demais produtos do couro, em lugar de exportar tão preciosas matérias-primas."

F — V. S. tem interesse na exportação? O que já foi feito no campo?

R — "Existe grande interesse de nossa parte na exportação de calçados. Apesar disso, porém, que esse interesse não prejudica, em absoluto, a nossa constante preocupação em bem servir o mercado interno. Nos vemos continuar com a fabricação normal e talvez mais intensificada, para o mercado interno, justificando a nossa condição de lançadora de moda infantil-juvenil no Brasil, pelo lançamento de novas modais e novas linhas importadas pelas pedras modernas. No setor de exportação, vimos desenvolvendo grande parte do nosso trabalho, especialmente em dois vitais ao mesmo tempo que se nos apresenta. Felizmente, apesar de algumas dificuldades, conseguimos confirmar os primeiros pedidos do exterior e, em 03 de dezembro corrente, foi embarcado o nosso primeiro remessa para o Canadá, via aérea. Entendemos de importadores norte-americanos e canadenses deverão ser embarcados em fevereiro próximo."

F — Em sua opinião, tem sido satisfatória a atuação do atual governo em prol do setor coureiro-calzeiro?

R — "Apresentamos, a situação do governo em prol do setor coureiro-calzeiro, não tem sido satisfatória. Entretanto, consideramos a complexidade de política econômica desenvolvida no país, que muitas vezes se não reflete adequadamente em determinados períodos de sacrifício, o que inevitavelmente poderá favorecer de modo decisivo, o setor em questão. Por outro lado, é certo que as iniciativas financeiras propostas pelo governo para as exportações em geral, também se aplica ao mercado externo também para o setor coureiro-calzeiro."

F — France realiza atualmente a FRANCAL; Birigui fará realizar em 72 e sua 1a. (primária) FIBIG — O que V. S. tem a dizer acerca desta promoção?

R — "Sem dúvida, a 1a. (primária) FIBIG será o marco inicial de promoção do centro produtivo que Birigui representa, no país, de seus calçados especialmente para crianças. Será mais um valioso instrumento de reposição de mão-de-obra e implementação de um novo centro industrial do interior de São Paulo, no país, de novo capital industrial do calçado infantil do Brasil."

F — Com: V. S. é o "EXCLUSIVO" sobre também auxilia?

R — "Foi bastante oportuno o lançamento do "EXCLUSIVO" sobre nós. É sem dúvida um órgão de promoção de classe industrial do calçado e, consequentemente, também promoverá o CALÇADÃO INFANTIL DE BIRIGUI."

ESTE É O PROBLEMA



ESTA É A SOLUÇÃO.



ANATÔMICO ANTIDERRAPANTE VULCANIZADO A. F.



RAHAL & ASSUMÇÃO LTDA.
CALÇADOS KI-HOOT

FÁBRICA EM BIRIGUI:
RUA SAUDADES, 1378 - Caixa 375

FONES, 211 - 200 - 137 - 99
Código Postal, 16200

reportagem

BIRIGÜI TEM ESCOLA DE CALÇADO INFANTIL PARA FORMAR TÉCNICOS

INICIAIS DE CALÇADO



Aqui se repassava pelo Excalibur para Oficina de Calçado

Logo que se chega a Birigüi, ao longo da rua Almoraz, sua estrada principal, apresenta-se como verdadeiro cenário de vitórias da cidade, um moderno estabelecimento de ensino técnico e profissional a Escola de Aperfeiçoamento para Oficina de Calçado.

LIÇÕES CONSTRUÍDU

A reportagem do "Excalibur" procurou ouvir o sr. Nelson Calisto, dono que a escola foi idealizada e construída pelo Lions Clube de Birigüi, Calisto foi o primeiro presidente do clube. Segundo suas palavras, o Lions Clube procura, com tal obra, prestar um verdadeiro serviço público a comunidade birigüiana. Entretanto, Nelson discorreu acerca dos primeiros passos dados, todos eles visando dotar Birigüi de um moderno estabelecimento de ensino profissional. Como o setor de calçados era o que mais prestava-se a ser atendido, por ser carente de mão-de-obra e necessitando muito dela, não foi difícil a opção dos "lions" da cidade, e a sua decisão com a decisão atenuação do empresário Antônio Carlos Debatto Cardoso, que fez o grande baunilha de sua concretização. Através de diversas campanhas, e particularmente as conhecidas "Para da Carneval", o Lions Clube de Birigüi levantou o recurso suficiente para edificar o prédio.

POLÍCIA MIRIM É RESPONSÁVEL

Terminada a construção, o Lions Clube houve por bem destinar a uma instituição que desse continuidade ao trabalho iniciado. Inicialmente, foi feito um convênio com o Cadê, que permitiu que fosse realizado. Posteriormente, a Polícia Mirim de Birigüi foi a eleta pelas "lions". Graças ao trabalho prestado e doação do juiz de Direito da cidade, o também empresário "lão" Antônio Carlos Debatto Cardoso, a escola é hoje uma realidade. Neste passo, é mister que se realize a situação grande crédito da indústria de calçados de Birigüi, Antônio Ramos Assumpção, que de imediato se interessou pelo assunto. Entre em contato com o renomado profissional e mestre, Antônio Ribeiro de Araújo, que procedente da capital do Estado, passou a coordenar todo o trabalho técnico para o efetivo funcionamento da escola.

CURSO INICIA EM JANEIRO

Os responsáveis pela escola marcarão o início do curso para 5 de janeiro de 1972, quando será oficialmente inaugurada pelas autoridades e industriais de calçados da cidade. Segundo Araújo, o curso terá a duração de um ano e será ministrado em dois turnos, de modo período cada um, para 40 alunos por vez.

PROGRAMA

De início, terá preparar os garotos para o trabalho, abrangendo a suas diversas fases: modelagem, corte e preparo preliminar do couro, com aulas teóricas também. Após esta formação básica para a confecção de um sapato, passará para a fase da montagem e acabamento.

GRANDES ENTUSIASTAS

Além do juiz de Direito da cidade, de Antônio Carlos Debatto Cardoso, sr. Wilson Siroes, prefeito municipal, e outros



Os membros da Polícia Mirim do Birigüi se especializam em cursos para ajudar a indústria do calçado birigüiano a crescer



A reportagem do "Excalibur" quando está no sr. Antônio Ramos Assumpção (Calçado K1) e Nelson Calisto (Lions Clube) grande entusiasta e interessado da idéia, e vem dando toda a cobertura necessária para o completo êxito da obra.

INSTALAÇÕES

A escola encontra-se instalada em moderno e funcional edifício, com área coberta de 500 metros quadrados, sendo que conta com recepção, almoxarifado, instalações sanitárias completas e dependências apropriadas para as aulas teóricas.

MÁQUINAS DOADAS

Além do prédio, o Lions Clube de Birigüi achou de doar a escola, cerca de oito máquinas de costura "esquerda" para presente, além de numerário para eventuais despesas iniciais. As demais máquinas e materiais foram doados por diversas indústrias da cidade, que forneceram também grande parte de matéria-prima, modelos e formas necessárias para a fabricação dos primeiros calçados. Após seu início, com a própria comercialização do produto, es-

POLÍCIA MIRIM

A reportagem ouviu também o soldado Paulo Everaldo Euzébio, instrutor da corporação, que com dedicação vem se desdobrando em prol da Polícia Mirim de Birigüi. Disse ele que acompanhar os garotos mesmo na escola, pois é o responsável pela disciplina dos mesmos. A qual, aliás, tem sido exemplar. Adiante, também, que a Polícia Mirim de Birigüi conta atualmente com 110 caridos ativos, porém este número deverá ser aumentado, mesmo porque, com o funcionamento da escola, necessitará surgir a falta dos estudantes. A corporação que vem prestando relevantes serviços à comunidade birigüiana, não terá seus trabalhos prejudicados pela escola.

POLÍCIA MIRIM - DIRETORIA

- Presidente de honra: Antônio Carlos Debatto Cardoso (Juiz de Direito da comarca).
- Presidente: Renato Cordeiro (departamento estadual).
- 1º vice-presidente: Viriato de Silva Nunes (médico).
- 2º vice-presidente: Antônio Ramos Assumpção (industrial).
- 3º vice-presidente: Nelson Calisto (comerciante).
- Secretário: Joaquim Bruno Miranda (cartorário).
- 1º secretário: Edson Romera (cartorário).
- Tesoureiro: Nelo Galvão (comerciante).
- 2º tesoureiro: Cálil Nakhad (comerciante).
- Comandante: Argemiro Oswaldo Gonçalves Barros.
- Instrutor: soldado Paulo Everaldo Euzébio.
- Ilustres policiais: Chacki Bahal Francisco A. de Lima, Inepi Elzo, Cláudio Vestira Mazetto.

EXCLUSIVO **COUROS CALÇADOS**

EDIÇÃO NACIONAL MERCADO VIVO COUROS E CALÇADOS DO BRASIL

GRUPO EDITORIAL SINOS S. A.
 DIRETORES: MÁRIO ALBERTO GUSMÃO e PAULO SÉRGIO GUSMÃO
 GERENTE DE VENDAS: JORGE ALBERTO LOEBLEIN
 EDITOR: ONIRAM R. ALVES
 REDATOR-CHEFE: GILBERTO MICHAELSEN
 SEDE: Av. Cel. Frederico Lindt - nº 71 - Fone: 96-1323 e 96-1370
 AGENTES EM FRANCA: Rua Monsenhor Romão - nº 207 - Fone: 298
 DEPARTAMENTO COMERCIAL: Getúlio Alberto de Oliveira.
 DEPARTAMENTO REDACIONAL: Dr. Luís Battista Pereira. (Lubeos).



Veículos que transportam o progresso de Birigui



Da direita para a esquerda o sr. Eraldo Dias de Castro, diretor, e Sidney Mendonça, gerente da filial em Birigui

**EXPRESSO ARAÇATUBA LTDA.
TRANSPORTA O PROGRESSO DE BIRIGUI**

FUNDAÇÃO

Há cerca de 20 anos, foi fundada a grande empresa transportadora da Noroeste de São Paulo. Graças ao desconfínio e espírito empreendedor dos irmãos Ricardo Dias Alves e Joaquim Dias Alves, surgiu a importante organização de transportes, que mais tarde veio a ser a dona absoluta do mercado de transportes de cargas na sua região. Para que isto acontecesse, houve-se o trabalho incansável e acima de tudo objetivo dos filhos de Ricardo Dias Alves, que com a juventude de que são possuidores, deram vida nova à empresa, quando passaram a responder pela sua direção, isto por volta de 1965. Nesta mesma ocasião abriram novas frentes de trabalho, destacando-se as agências do Estado do Mato Grosso.

Eraldo Dias de Castro, Oswaldão Dias de Castro e Antônio Dias de Castro, compõem a eficiente equipe de dirigentes, que hoje é responsável pela incombustível expansão que vem alcançando o Expresso Araçatuba Ltda.

ÁREA DE ATUAÇÃO

O "Expresso Araçatuba" é o grande responsável pelo transporte de cargas em toda a Noroeste de São Paulo, zanjando 50% do movimento afetuado, sendo que seus caminhões servem a capital paulista bem como o Rio de Janeiro; outra região que também é servida pela empresa, é o Estado do Mato Grosso, onde a organização também predomina no que diz respeito ao transporte de cargas. A empresa atualmente mantém sua matriz em Araçatuba, sendo que conta com as seguintes agências: São Paulo, Baurer, Campo Grande, Curitiba e Birigui. Os diretores da empresa dedicam atenção toda especial para a região do Mato Grosso, pois segundo as próprias palavras do sr. Eraldo, ela é uma das regiões de maior capacidade de produção do Centro-Oeste brasileiro; além do mais, é grande consumidora de produtos manufaturados em geral, sendo que para lá são destinados também os calçados de Birigui.

EM BIRIGUI

Na cidade de Birigui, a filial que é dirigida pelo sr. Sydney Mendonça, vem servindo de modo extraordinário, principalmente o seu grande parque manufatureiro. Os calçados de Birigui, através dos caminhões do "Expresso Araçatuba", chegam a todos os Estados brasileiros. 70% das cargas da cidade são transportadas pela empresa, que todo vem fazendo para justificar a grande preferência de que desfruta.

FROTA DE CAMINHÕES

Inquirido pela reportagem do "EXCLUSIVO", o sr. Eraldo Dias de Castro disse que o Expresso mantém uma frota própria de 50 veículos que são usados no transporte de mercadorias bem como na sua distribuição. A empresa faz entregas dentro do Estado em 24 horas, sendo que para o Rio de Janeiro o tempo necessário é de 48 horas. Em relação ao Estado do

Mato Grosso, o percurso e distribuição das mercadorias é feito em aproximadamente 50 horas.

BOAS ESTRADAS

Via de regra é bom o estado geral das estradas, o que vem possibilitando grande presteza e pontualidade nos serviços de transporte; por motivos óbvios e compreensíveis, há maiores dificuldades quanto às estradas no Estado do Mato Grosso, mormente nas épocas chuvosas do ano.

CONVÊNIO DE TRAFEGO MÚTUO

É igualmente mantido e sistematicamente cumprido, o convênio de tráfego mútuo em todo o Brasil, de que são partícipes as empresas filiadas à Associação Nacional das Empresas de Transportes de Cargas. Tal convênio vem colaborar decisivamente para o grande sucesso e bom funcionamento do sistema de transportes do "Expresso Araçatuba", atuando supletivamente nos casos em que as áreas a serem atingidas estejam fora do âmbito de ação da empresa.

POLÍTICA GOVERNAMENTAL DOS TRANSPORTES

Segundo o sr. Eraldo, a política que o atual governo vem adotando para o setor de transportes, é um atestado de capacidade e tirocínio dos nossos governantes. Mário Andreazza, chefendo uma porta de mais alta importância para o desenvolvimento de nação, vem se pontificando como dos mais capazes e dinâmicos administradores do atual governo; no seu entendimento, o ministro dos Transportes vem marcando época em seu ministério, que visa sobretudo a integração nacional. As estradas vem sendo abertas dentro de um elevado padrão técnico.

PRODOESTE DINAMIZARÁ A INTEGRAÇÃO NACIONAL

Referindo-se às últimas providências do governo federal, citou com entusiasmo a "PRODOESTE", que a seu ver, trará como consequência natural uma integração muito mais rápida do sistema rodoviário nacional.

A TRANSAMAZÔNICA

Como não poderia deixar de ser, a reportagem quis saber do entrevistado qual era sua opinião acerca da TRANSAMAZÔNICA, ao que o sr. Eraldo respondeu convicto e usando de uma frase que deverá fazer história em nosso país: "A TRANSAMAZÔNICA É UM EXEMPLO DA AUTO-DETERMINAÇÃO E SOBERANIA DE UM GOVERNO".



EXPRESSO ARAÇATUBA LTDA.

Matriz: Rua Marechal Deodoro - nº 1155
Fone 2844 - ARAÇATUBA - Est. de São Paulo

EM BIRIGUI: Rua Saudades - nº 860 - Fone 345
Agente Sidney Mendonça.



Sr. Gláucio Eurico Fiorotto



Sr. João Euphrasio Fiorotto



Personal Administrativo: Sérgio A. Rosaboni - João Francisco - Marco Aurélio Rosebani - Osvaldo Zanini - Vergílio O. Stabile



Equipe de Produção: Alcides F. Catarin - Luiz C. Banquerotto - Ilmarines Nakano - Leonilda Reis - Waldomiro Gonçalves - Wander M. dos Santos - Idalva Cláudio - Wander Frazão - Awelino Weber - Aurélio Catarin - Sr.ª Tereza - Elder R. Cunha

POPI - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS LIMITADA.

A empresa foi fundada em 14 de agosto de 1969. Temos a satisfação que a Popi, em termos de industrialização, foi a pioneira na fabricação de calçado infantil em Birigiti.

Sua produção, em média diária, é de 2 mil pares, mantendo um quadro de 210 funcionários, inclusive a parte administrativa.

Seu processo de fabricação é o colado, sendo produzidos calçados infanto-juvenil, na faixa de 18 a 36, para ambos os sexos.

A diretoria da Popi é composta pelos srs. Gláucio Eurico Fiorotto (filho) e João Euphrasio Fiorotto (filho).

Destacamos, em seu quadro de funcionários, sua equipe de administração e produção, que são as seguintes:

EQUIPE ADMINISTRATIVA

Sérgio A. Rosaboni (Contas e planejamento) - João G. Francisco (Depto. Financeiro) - Marco A. Rosebani (Depto. Financeiro) - Marco A. Rosaboni (Depto. de Compras) - Vergílio O. Stabile e Zeferino F. Araújo (Depto. Contábil) - Osvaldo Zanini (Depto. de Vendas).

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Modelistas: Awelino Weber e Aurélio Catarin.

Marcen:

Alcides F. Catarin, Luiz C. Banquerotto, Ilmarines Nakano, Leonilda Reis, Waldomiro Gonçalves, Wander M. Santos, Idalva Cláudio.

Os pedidos popi são vendidos em todos os Estados brasileiros e, embora solicitados, não foi possível fechar contratos de exportação, em virtude de sua produção ser

absorvida pelo mercado interno, que é composto de clientes de melhor qualidade.

Fortunadamente, não com o intuito de ocupar a capacidade ociosa da fábrica, pois a mesma não existe, mas somente visando uma maior expansão de sua indústria, a Popi deverá fazer novos investimentos, para atender também ao mercado externo.

Essa interesse no mercado externo, foi encorajado pelas medidas tomadas pelo governo atual, bem benefício da indústria de calçados, fato que não ocorreu no passado, pois o nosso governo, já se conscientizou que o importante é exportar produtos manufaturados e não a matéria-prima.

A maior preocupação do fabricante, é a instabilidade de preço dos couros curtidos, que no período de entressafra, em que a demanda é diminuída, coincide com o aumento de produção das fábricas, pois entramos no segundo semestre do ano, agudizado pela exportação dos couros crus e curtidos. Também, há uma certa dificuldade por falta de maior número de curtumes existentes apenas aqui na região, principalmente no que diz respeito ao couro de porco (o fornecimento é do Sul). Fica aqui uma sugestão aos curtumes que se situam fora de centros industriais, para transferirem-se para Birigiti.

A respeito de FIEIG, acreditamos que será uma promoção, tanto para a classe de fabricantes, como, também, para a cidade de Birigiti, se a mesma for realizada com a seriedade que ela merece, e em data que esteja em harmonia com a FENAC e a FRANCAL.



Seção de Finitização



Seção de Empacotamento



MENINO - 20 A 36

MENINA - 20 A 36

BOTAS: 18 A 27 - PALMILHA ANATÔMICA
AJUDA NATURAL MENTE
A CORRETA
CONFORMAÇÃO
DOS PEZINHOS

popi® E a criança...
um amor de
muito anos

REPRESENTANTES PELO BRASIL: AMAZONAS - PARA - MARANHÃO - PIAUI - CEARÁ -
RIO GRANDE DO NORTE - PARÁIBA - PERNAMBUCO -
ALAGOAS E SERGIPE: CIRO REPRESENTAÇÕES LTDA.
RUA DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28 - CONJUNTO 31 - RECIFE - PE
BAHIA: ADELSON N. MOREIRA - RUA QUINZANTE DOS PADRES, 11 - 8º ANGAR -
SALA 802 - FONE 2.1645 - SALVADOR - BA.
MINAS GERAIS E ESPÍRITO SANTO: REPRESENTAÇÕES COELHO LTDA. - RUA TUPINAMBÁ,
400 - SALA 1003 - FONE 22.7500 - BELO HORIZONTE - MG.
GUANABARA E RIO DE JANEIRO: REPRESENTAÇÕES E. F. RIBEIRO LTDA. - AV. BRÁS
DE PISA, 2772 - SALA 301 - FONE 261.2288 - RIO DE JANEIRO - RJ.
SÃO PAULO: - BIVANT CHARMAIAN - ANAÍDO DE BRITO; RUA MONSENHOR ANACLETO, 81 -
INTERIOR DE SÃO PAULO E NORTE DO PARANÁ: ODILON BARBOSA.
GOIÁS, SANTA CATARINA, RIO GRANDE DO SUL E SUL DO PARANÁ: - CLÁUDIO ETRINTA.

popi
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS LTDA.
RUA SOUZA CAMPOS - Nº 82105
CAIXA POSTAL 353 - TELEFONE 440
BIRIGUI - EST. DE SÃO PAULO.

Juiz da cidade é um verdadeiro advogado da indústria calçadista

Antônio Carlos Debatto Cardoso, juiz de Direito de Birigiti, acaba de manifestar, quando ouvido pela reportagem do "Zelador". "Quando fui promovido para Birigiti, em julho de 1970, encontrei aqui uma cidade industrial e logo, com muita rapidez, nos adaptamos perfeitamente. Dois meses após, já nos consideramos para ingressar no Lions Clube de Birigiti, onde possuímos grandes amigos".

ESCOLA INACABADA

Sempre ao entrar na cidade, sua atenção era despertada pelo prédio da Escola de Ofícios para Calçados, de Birigiti, e verificando que a obra estava parada, não hesitou em acudir, indagou dos responsáveis o motivo. Como resposta, disse que o clube teria o contrato em mãos e entregou ao COBRI, uma entidade assistencial da cidade, que por sua vez dependia de subvenção da LBA (Legião Brasileira de Assistência), as quais não estavam sendo entregues, sendo assim, cabendo o primeiro contrato verbal, do clube com a entidade, sem que nada pudessem ter sido feito.



O juiz Antônio Debatto Cardoso (segundo da esquerda para a direita) é um dos membros atuantes com a Escola de Ofícios para Calçados.

UM ÓTIMO SAPATO



FIOROTTO — IND. E COM. DE CALÇADOS LTDA.

Especialidade: Calçados para Crianças
Inscrição Estadual 214002509 — C. G. C. do (MF) 45 383 999/001
Endereço Telefônico: "CALPAF"
CALÇADOS PAF
Rua Santos Dumont, 338 — Fone, 308 — BIRIGITÍ — SP

POLÍCIA MIRIM

Supera então, que se entregasse o prédio à Polícia Mirim da cidade, o que teria favorecido ao seu proprietário, que não criasse péssimo e que já tinha noções de disciplina. Entretanto, dada a instrução militar que recebeu. Como o subido, na Polícia Mirim se objetiva a dirigir para a vida todas estas crianças menos favorecidas.

"Em outra reunião do Lions, disse também que se conseguissemos ajuda da instrução militar, se fosse proporcionada aos jovens garotos outra habilitação, aí sim, estaríamos realizados". A ideia foi aceita com opiniões gerais, sendo de se destacar o grande e especial apoio recebido do empresário Leão Linsman Calisto, que foi um verdadeiro baluarte na defesa da iniciativa, tendo sido o que mais acreditou no sucesso da iniciativa, pois é um "leão" em todos os sentidos.

FOÇA DO CLUBE, O QUE MAIS ACREDITOU

A ideia foi tomando corpo, sendo que fora do clube, outra pessoa que a apoiou incondicionalmente, foi o sr. Assunção. É de se ressaltar — diz o dr. Cardoso — que esse foi um apoio de grande importância, pois Assunção foi o homem que lançou o ramo de fabricação de calçados em Birigiti. De Birigiti é hoje uma cidade pujante, esta núcleo industrial, deve muito ao sr. Assunção, pois foi ele quem lançou a ideia que teve segunda década, transformando a cidade no que é hoje. Assunção também se misturou com a ideia e ajudou em tudo o que pôde, desde máquinas e colando o seu prestigio ao lado dos que lutaram pelo funcionamento da escola.

DIFFICULDADES

"Muitas dificuldades foram enfrentadas, mas conseguimos, por fim, o que desejávamos. Como primeira passo foi feita uma reformulação na Polícia Mirim. Essas entidades foram reformuladas e com os senhores mesmos dispostos a trabalhar, conseguimos levar avanti a ideia."

PREFEITO MUNICIPAL

"Outra pessoa que nunca falhou com o meu apoio, foi o prefeito municipal, Wilson Street. Também ele, desde o começo, se empenhou com a ideia. Tanto a iniciativa e de sua parte nada foi negado para a escola, tendo inclusive sido o primeiro a se oferecer para cobrir os pagamentos do material para os alunos, tendo também dado os últimos retoques no prédio e encaminhado vários ofícios para entidades que poderiam se interessar pela escola."

REALIDADE DE HOJE

"Hoje a iniciativa é uma realidade, e para usar um termo muito em voga, "ninguém segura a escola", pois já tem profensores, máquinas e material necessário, bem como o Lions é hoje o prédio, animado e comercializado exteriormente para os primeiros ganhos. Também o fabricante de calçados de Birigiti tem prestado todo o apoio, sendo que a produção atualmente com uma importância para a manutenção da escola."

O GRANDE OBJETIVO

"Um grande objetivo, porém, é conseguir um dia que a escola se mantenha, através da fabricação de calçados populares, se possível, em suas próprias Polícias Mirim. Vendendo este calçado, conseguiriam recorrer para a sua manutenção."

ASSISTÊNCIA AOS MENORES EM BIRIGITÍ

"Em Birigiti existem os mesmos problemas de todo o Brasil. O município não tem um instituto adequado para educar os menores, o Instituto de São Paulo, por sua vez, está com superlotação, o que dificulta o acesso à escola e seu uso para os casos rotatórios. Os institutos especializados devem existir a situação de família, que muitas vezes não tem recursos para educar seus filhos, e de outras, a própria criança é orfã o que seria ainda mais importante e necessária a referência, após escolar, que deve recair sobre o Estado."


FAMÍLIAS QUE AJUDAM

"Em Birigiti, para vencer estas dificuldades, o Juizado de menores tem contado com a efetiva colaboração da população, através de famílias que se responsabilizam pelos menores, recuperando-os para a vida comum. Há várias famílias na cidade, de menores que se recuperaram assim. A própria Polícia Mirim, tem contribuído muito para isto. Uma vaga na Polícia Mirim é hoje dispensabilíssima, pois ali os jovens têm orientação exemplar e ambiente dos melhores."

SEXO FEMININO

Com relação ao sexo feminino, o problema é mais complexo. Se existe uma delinqüência juvenil em Birigiti, 70 a 80% é do sexo masculino. No entanto os casos femininos, a grande maioria que vem recebendo é proveniente das famílias locais."

Calçados
CLYFER



FEMININOS- NUMERAÇÃO 20 ATÉ 33
MASCULINOS- NUMERAÇÃO 20 ATÉ 33

*NOSSA SAUDAÇÃO A BIRIGUI POR MAIS
ESTE ANIVERSÁRIO DE EMANCIPAÇÃO.*

FINOS MODELOS

CLYFER - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS LTDA.
Rua Anhangabaú - nº 363 - Fones 46 - 92 e 381.
Cidade Postal - 432
BIRIGUI - São Paulo.

Bical lança-se ao mercado externo



O industrial Antônio Tachin fabrica até seis pares de sapatos para a reportagem de "Exclusivo".

Firma das mais sólidas e processistas da jovem indústria de calçados de Birigui, o Calçado Bical vem se destacando pela excelência de seu produto, já nacionalmente conhecido por sua freguesia.

SEUS FUNDADORES

A empresa foi fundada em 1965 por Sérgio Augusto Clark Xavier Soares (médico), João Sanches Ortega e Manoel S. Bagheta. Posteriormente passaram por transformações sendo que agora são seus diretores: Sérgio Augusto Xavier Soares, Antônio Tachin e Antônio Lirraço.



Dr. Sérgio Augusto, responsável pelo turismo da cidade de Birigui, e o sr. João Augusto Passarelli, Diretor da firma Fiorotto Indústria e Comércio de Calçados Ltda., quando recebem a visita de "Exclusivo".

No foto o Sr. Fernando Moniz Fiorotto, um dos diretores da Fiorotto Indústria e Comércio de Calçados Ltda.

F - Quando e por que foi fundada a empresa?
 R - "A empresa foi fundada em 1965, pelos senhores FERNANDO MONIZ FIOROTTO, SILVIO AUGUSTO PASSARELLI e Dr. JOÃO SANDOZ JARDIM."
 F - Qual é sua produção diária?
 R - "Atualmente a nossa produção varia de 600 a 700 pares diários."
 F - Que modelo tem fabricando e qual o processo usado?
 R - "Fabricamos a linha masculina Sapato cantareiro a máquina, sapato de vinteiros e sapato para crianças em couro, com solas fabricadas a máquina."
 F - Que tipo de máquina a empresa utiliza?
 R - "Máquinas e ferramentas de fabricação que vai de 20 a 37."
 F - Qual é onde se localiza o principal mercado consumidor para os produtos de sua fabricação?
 R - "Nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Guanabara, Goiás, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e incluindo no campo de exportação para Alemanha da Prússia."
 F - Em sua opinião, que fator Birigui é fator para que exclusivamente calçados para crianças?
 R - "Atualmente, pela falta de lojas e concorrência de outros produtores de calçados para homens e mulheres, que são Famos e Basso Barchengo. Hoje, Birigui já produz calçados para a linha masculina em grande escala, inclusive com algumas fábricas produzindo calçados para homens e mulheres."
 F - Há problemas de transportes em Birigui?
 R - "Não."
 F - E quanto à aquisição de matéria-prima, tem havido problemas aqui também?
 R - "Trabalhamos de dentro de uma programação corrente com fornecedores sólidos e sérios."
 F - Como foi para você e para Birigui o ano de 1977?
 R - "Em 1977, apesar das dificuldades relativas de moeda, a nossa indústria e os demais setores sem processo de desaquecimento levantei."
 F - Quais as perspectivas para o ano entrante?
 R - "Com aprovação através do Instituto de calça-

das no campo de exportação, para 1978 se pensam - se em se melhorar bastante."
 F - O que você poderia dizer acerca de indústria em Birigui?
 R - "Sentindo as dificuldades porque passamos os meses de inverno de calçados, com o aumento de vendas de calçados, por iniciativa do Lions Club de Birigui, foi fundada a escola para oficial de calçados, que funcionará ainda neste exercício, formando profissionais e solucionando o problema que se apresenta para o futuro."
 F - O Brasil deve exportar sempre calçados ou não? Por quê?
 R - "Exportar e importar não é, em nossa opinião, a ideal, e após a produção feita para o mercado das principais Américas, calçados, botas, etc."
 F - V. G. Se tem interesse na exportação? O que já foi feito no campo?
 R - "Tudo a indústria que tem condições, deve se interessar pela exportação. Há empresas já em vias de se interessar para os Estados Unidos e Europa, sem informações que o nosso produto supere os importados. Já estamos buscando e primeiro contato de uma série para a Prússia."
 F - Em sua opinião, tem sido satisfatória a situação da indústria em geral do setor calçados-calçados?
 R - "Hoje temos de exportação, pelo que até, pelo que interessa ainda nos três estados de comércio com os mercados consumidores, Europa e Estados Unidos."
 F - Faltam muitas máquinas e FERRAMENTAS? Birigui faz melhor e sua própria FIBRA. O que V. G. tem a dizer acerca disso, por exemplo?
 R - "Birigui é hoje o maior campo industrial de toda região industrial do Estado de São Paulo. As novas indústrias de calçados principalmente, são instaladas e atendidas por todo o Brasil. Assim sendo, não que a FIBRA se faz necessária para manter o emprego do nosso Povo Industrial."
 F - Como está o "EXCLUSIVO" (lepra também paulista)?
 R - "Para nós o Exclusivo teve uma série de vantagens, promovendo a nossa indústria de calçados e nos fornecendo informações valiosas, nos reportagens de interesse das indústrias de calçados, Prússia ou Exclusivo."

TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS

Com o passar do tempo aconteceram modificações na empresa, que conta hoje com efetiva participação de Sérgio Augusto, Antônio Osamar e Antônio Lirraço. Os dois últimos são responsáveis diretos pela administração da indústria, enquanto o dr. Sérgio, que também milita na política local como vice-prefeito, não descuida da firma, não obstante sua ocupação principal seja a médica.

TAMBÉM CALÇADO ADULTO

Não fugindo à grande regra de Birigui também a Bical se especializou na fabricação de calçados infantis, com numeração que varia de 18 a 27.

Ante a insistência de lojistas e consumidores a indústria já preparou e vai lançar no mercado de 72 numeração complementar passando a fabricar também calçados de números 28 a 33.

PRODUÇÃO ATUAL

Dentro da variada modelagem que fabrica, a indústria produz 1.000 pares diários, para o que utiliza totalmente as suas atuais instalações e maquinarias. Como parece ser uma constante no setor, também seus diretores estão projetando novas e amplas instalações com as quais aumentariam consideravelmente a produção atual.

TAMBÉM VAI EXPORTAR

Exportação é uma das metas da Bical que, sem esquecer nem se descuidar do mercado interno, que reputa de grande importância, deseja se lançar no mercado internacional onde ficará inclusive para aproveitar os incentivos concedidos, e dizer presente ao atual chamado do governo.

EXCELENTE O ANO QUE TERMINA

Segundo as afirmações do sr. Lirraço, diretor comercial da empresa e também presidente da Associação Comercial de Birigui, o ano que finda foi dos melhores na vida da indústria que dirige. A Bical bateu cotidianos recordes de produção tendo alcançado saldos dos mais positivos em seu movimento econômico e financeiro.

É RECOMENDÁVEL CONSULTAR OS GRANDES GRUPOS

O representante do Instituto de Munch (IFO) Erich Baltzer, durante os debates sobre "marketing" no Simpósio de Exportação - B e V - Alemanha, recentemente realizado em São Paulo, declarou que para as pequenas e médias empresas, a maneira mais correta de conhecer o mercado do país importador, é entrar em contato com os grandes grupos comerciais que ali atuam, pois o custo das informações e a montagem de escritórios seriam antieconômicos.

PRÉ-SELEÇÃO

H. Tambelli, da Associação do Comércio Exterior do Comércio Varejista de Colônia, focalizou a existência de inúmeras Centrais de Compra na Alemanha Ocidental, "pois o comprador é o primeiro contato que o exportador deve realizar, uma vez que realiza uma pré-seleção de mercadorias que considera possíveis de obter aceitação no mercado alemão, e apresenta uma mostra dessas artigos às lojas".

CRIAÇÕES «NIBERE»

UM PRODUTO SUPER CLASSE



NIBERE UM CALÇADO
DE FORMAS GOSTOSAS,
LINDO, CONFORTÁVEL E
DURÁVEL

NIBERE O CALÇADO
EXCLUSIVO DA MENINADA
"PRA FRENTE" QUE GOSTA
DE ANDAR NA MODA.
AFINAL MODA NÃO É FEITA
SÓ PARA MULHERES

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS NIBERE LTDA.
Av. Governador Pedro de Toledo - nº 135/155.
Caixa Postal, 40 - Fone 338
BIRIGUI - São Paulo

Esta é Birigüi, a capital bi

No último dia 7 de dezembro, Birigüi — município localizado na zona Noroeste do Estado de São Paulo — comemorou o seu 600 aniversário de fundação e 500 aniversário de elevação a município. Conhecido em todo o país como a "capital brasileira do calçado infantil", Birigüi tem alcançado elevados índices de crescimento, principalmente na indústria calçadista, que já se projeta pela qualidade do calçado que fabrica. Extensa programação foi cumprida para festejar o aniversário de emancipação de Birigüi.

Neste trabalho, um pouco de sua história e muito do seu desenvolvimento.



Muito antes para a população. Este é o Instituto de Educação "Professor João Malhada Loureiro".

O município possui indústria e modernas praças públicas, como esta de São

PERÍODO HISTÓRICO

Quer acreditamos ou não, sabemos que determinamos os acontecimentos independentemente da vontade humana, quer acontecidos a lei do livre arbítrio que da a cada um o direito de modificar por sua preferência e vontade o curso de todas as coisas, está fora de dúvida que certas obras se destinam a certas pessoas, a certa hora, em certa situação a comoda de certos homens que, com vontade, esperando a hora e em certos, recebem ostensivas intrínsecas às criaturas humanas.

Isso vem a propósito do sonho acalentado por Nicolau da Silva Soares, naquele domingo de 1.180, quando aos 29 anos de idade palpitaran estufadas em seu ser, ao lhe chegar às mãos o "Estado de São Paulo", com um artigo do almirante José Carlos de Carvalho, chefe militar, que realizara longa viagem pela Noroeste do Brasil, pilares, em largas e estípidas viagens, a beira do qual, por esta razão, o estanciar. Nas rápidas paradas feitas pelo Sr. que sempre nervosamente escrito a bordo, teve o almirante tempo bastante para apalpar o valor e a qualidade das terras.

Nicolau, como bom português que era, nascido no Príncipe de Viana em Montez, aos 30 de outubro de 1.600, apresentava uma simpática aparência, a oportunidade de ler, sua vez mais, a gama de raças que lhe chamaram o caráter e fortaleceram o caráter. Não houve qualquer confirmação do que lhe, não apenas pelo desejo de comprar terras, mas de fundar uma cidade. Trouxe consigo José Garcia, que estava de viagem para Aracatia, José Miranda e Francisco Figueira. Dirigiram-se à Tanguá, e ali, hospedados na pensão de Manoel Ventura — outro que mais tarde haveria de prestar relevantes serviços à futura "Cidade Verde" — se entrevistaram com Manoel Bento da Cruz, advogado provisionado pelo Tribunal do Justic do Estado. Nicolau comprou 400 alqueires e José Miranda 160, ao preço unitário de 25 réis.

Mas o problema não somente consistia em adquirir terras, pois se estas fossem, bastaria qualquer cidadão possuir algumas economias para, numa simples transação comercial, possuir um nome no gravêlo dos poderes. Diga-se de passagem, nem sequer era necessário inverter algum cunho de réis em colunas numeradas de desvalorização ou, quando muito, de manter estagnadas, e até mesmo, depreciadas. O problema era mais grave. Havia, nestas paragens, os "Catacoas", agressivos e intolerantes para com os brancos, quando estes vinham ananar nas terras que alguns nos proprietários de cultura, nem escrituras públicas ou qualquer documento oficial. E tudo isto e verdade, que nas primeiras de 1.600, no rio Aparecida, sendo chegado a sua primeira desbravamento da Ingleza mala, monsenhor Claro Monteiro Bonfim de Melo, fora brevemente estacionado ao ler as cartas geográficas, de escrituras nas mãos e passara rapidamente ao trabalho de estabelecer o ponto de partida. Em 1.611, a nascentes por onde se deslocaram os cascos, mudando 14 paradas em 1.612, nova incursão se verificou. Inocente Vilhena e os trabalhadores. As terras de servidão João Ferraz — o velho vilhano — e servidão Antônia Ferraz — o velho vilhano — foram a primeira categoria. Por isto é que a primeira de comprar terras e ser de vendê-las a alguém, não era puramente comercial, mas era de colonização, a exigir peregrinação, espírito de desenvolvimento, arrojado e disposição para viver sob o mais completo desconforto e acrar

com as consequências de tudo o que pudesse acontecer. Com um grupo de homens, abertos às rotas do trabalho, e para isso foi necessário conduzir as primeiras casas que, devido à falta de material Juras de burros, nas condições onde atualmente se localiza o município, na rua dos Fundadores. A primeira de Nicolau, e segunda de Francisco Galvão de Castro, cuja esposa, d. Antônia Leal Dias, foi a primeira mulher a pisar o solo de Birigüi e paulista a "pioneira" feita pelos homens, pelas rotas que com dedicado castro, justificam a dedicação da mulher brasileira.

Constituídas as casas, começou propriamente a colonização com a vinda das esposas das que aqui se encontravam. Surge ali a ideia da instalação de uma companhia, com o objetivo de lidar a vender as terras que compraram. Dita cuja denominação "The São Paulo Land, Lumber Colonization Company", denominação da sociedade pomposa e meio sober, para impressionar o leitor ou, quem sabe? Isto tudo ocorreu mais ou menos em 1.612, após o regresso de James Miller da Inglaterra. No ano seguinte toda a soma do Noroeste estava dividida a oito pequenas comarcas de Soares, de acordo com o decreto baixado pelo Sr. Albuquerque Lima, aos 16 de dezembro de 1.611, quando presidente do Estado.

Nascera a companhia, vulgarmente conhecida por Companhia de Terras, Madalena e Colonização, Nicolau dirigiu como executor, e se pôe a equacionar todos os ritos, obtendo as terras que, em sua opinião de português, eram os mais férteis e frescos.

Em 1.614/15, vem residir aqui Estevão Ajax dos Reis e Roberto Clark, dois ilustres pioneiros, cultos e diligentes, nos quais muito se deve a progresso social e político do novo povoado, que nesta altura transformado em Distrito da Paz. Sobreviveu já com a Câmara dos Vereadores e prefeito. Depois de alguns anos, o eleitor viria ao centro da cidade, mudando seu título eleitoral, e, numa lista, manifestaria "ativamente" sua vontade, detendo, a cargo do Partido Republicano Paulista ou do Partido Democrático a tarefa de eleger aqueles que iriam representar de Birigüi. E assim, enquanto o engenheiro e Theodoro Augusto Galvão existia no centro urbano de terras com os entre matas e arbores, as malícias e intrigas de seu pequeno reino já se faziam sentir, e, em não tempo, chegou a legislação em que vive o estado municipal, através do projeto lei nº 1, de 1.924, que substituiu a presença da Câmara, a "autorizar" procriação a um advogado a fim de identificar o processo e criar a cidade e redator responsável da "C. Câmara de Birigüi" pelo ataque a multiplicidade, o que, para tal despesa foi aberta o bilhete de câmbio de 50 réis.

Todavia, entre essas medidas que foram tomadas o os melhores que foram superados, o progresso de Birigüi, após, dependeu de criaturas excepcionais, apesar de todas as dificuldades na obra cíclica de um povo "O Povo de Birigüi".

COORDENADAS GEOGRÁFICAS

Latitude S 21° 18' 30"
Longitude O 50° 19' 00"

ZONA FISIOMORFOLÓGICA DO ESTADO

Marília.

ÁREA

342 quilômetros quadrados.

ALTITUDE

400 metros.

MUNICÍPIO VIZINHOS

Araguaína, Coroados, Bilar, Durizana, Glicéris, Piquituba, Placido, Gabriel Monteiro, Clementina e São Paulo de Assupé.

OROGRAFIA

Terreno relativamente plano, sem acidentes marcantes.

POPULOCRAFIA

O sistema populométrico de Birigüi apresenta como tendências importantes, em primeiro plano o crescimento em os ritmos do Bagagem, dos habitantes, e, em segundo plano, destacando-se do Coahuil, de Cauape, etc.

VIAS DE COMUNICAÇÃO

Birigüi é ligada aos municípios vizinhos através da NCR, pertencendo ao complexo ferroviário nacional (FERRA). Pela rodovia "Marechal Rondon", pertencendo ao Estado de São Paulo (DER - asfaltada) e por um sistema de rodovias municipais que proliferam em todos os sentidos, cortando o município em suas quadras e se destacando nos municípios limítrofes.

Distância Araguaína	16 quilômetros
Coroados	8 quilômetros
Bilar	22 quilômetros
Durizana	22 quilômetros
Piquituba	33 quilômetros
Clementina	30 quilômetros
São Paulo de Assupé	41 quilômetros
Placido	48 quilômetros
G. Monteiro	39 quilômetros

AEROPORTO

Campo de pouso do Aero Clube de Birigüi, distante 60 metros do centro da cidade. (Possui estação aeroviária boa instalações e pista para pouso de avião regular)

EMPRESAS DE TRANSPORTE

No transporte de passageiros destacam-se as seguintes empresas: Rodovia Paulista de Transporte Ltda. (RPT), Expresso Birigüi Ltda., Transportes C. L. C., G. Monteiro e outras de menor importância. Transporte de cargas: Expresso Real, Expresso Araguaína, Expresso Barcelos, Expresso Cláudio e outros.

CLIMA

Temperado (máxima 23 graus - mínima 9 graus).

asilieira do sapato infantil



O prefeito municipal de Birigiti, Sr. Wilson Sousa



A Prefeitura Municipal de Birigiti - a mais propulsora do progresso birigitense



Abadia Abadez, estrada que terá melhores condições de acesso a Birigiti



A administração municipal expande os trabalhos de distribuição das redes de água e esgoto

POPULAÇÃO

Zona urbana: 77.154 habitantes
Zona rural: 7.859 habitantes
Total: 85.013 habitantes

DENSIDADE DEMOGRÁFICA

84,8 habitantes por quilômetro quadrado.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

A principal fonte econômica do município é a indústria - 183 estabelecimentos industriais, 40 dos quais de calçados. O número de casas comerciais é de 488. Destacam-se também a pecuária e agricultura. Em 1971, os números da economia birigitense foram, aproximadamente, estes: indústria - 183 milhões de cruzeiros; pecuária - 21 milhões; agricultura - 13 milhões.

RECEITAS

Para o seu desenvolvimento, prevê-se que Birigiti apresentará as seguintes arrecadações: União - 3 milhões de cruzeiros; Estado - 6 milhões; município - 4 milhões e 800 mil cruzeiros.

ÁGUA E LUZ

Neste particular, Birigiti está muito bem servida. A rede de água abrange 80% do município, enquanto que a rede de esgoto se estende por 70% da zona urbana.

A cidade e parte da zona rural é servida pela Cia. Paulista de Força e Luz.

HOTÉIS E RESTAURANTES

Destacam-se os principais:

- São João Hotel
- Hotel Luz
- Hotel São Paulo
- Penso-Cristal
- Penso Teresense
- Restaurante Record
- Restaurante Bar
- Papete
- Delici

ASSISTÊNCIA MÉDICO-HOSPITALAR (250 leitos)

Birigiti é servida, no que particular, pela Santa Casa e Maternidade de Birigiti, pelo Sanatório Felício Lemos, além, por 20 médicos, clínicas médicas especializadas, centros de saúde, Posto de Puericultura e Dispensário de Iléus Vitais.

TELEFONES

Em 1972, uma grande notícia - Birigiti vai ganhar o melhor serviço telefônico automático, cuja implantação está prevista para o mês de maio.

ESPORTES

Divisão Pública Municipal Dr. Nilo Peçanha, Biblioteca do Instituto de Educação.

MERCADOS

Mercado Municipal
Supermercado-Yamano.

COMUNICAÇÃO

Rádio Clube de Birigiti
Rádio Clube de Birigiti
Jornal

"O Birigitense"

"O Noroeste"
"A Voz da Terra"
Recebe ainda, através das casas de televisão, 3 e 7.

ESPORTE E RECREAÇÃO

O esporte em Birigiti é dirigido pela Comissão Municipal de Esportes e Liga Birigitense de Futebol. Destra-se as seguintes entidades esportivas, destacam-se as principais:

- Birigiti Tênis Clube
- Pereira Clube
- Associação Nipo-Birigitense
- Birigiti Clube
- Clube de Pesca e Regatas "Jaçará"
- Birigiti Country Clube
- Bandeirante Esporte Clube
- Posseí ainda o Conselho Municipal de Esportes, um dos maiores do Nordeste.

CINEMA

Cine Pireola.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA, SERVIÇO DE ESGOTO E ENERGIA

O abastecimento de água e o serviço de esgoto são da municipalidade, sendo a cidade, em quase sua totalidade, beneficiada por esses serviços. O fornecimento de energia elétrica é feito pela Cia. Paulista de Força e Luz.

ASPECTOS URBANOS

Imóveis cadastrados no ITR: 1.118
Estabelecimentos industriais com mais de cinco operários: 112.
Estabelecimentos industriais com menos de cinco operários: 99.
Estabelecimentos comerciais varejistas: 431.
Estabelecimentos comerciais atacadistas: 6.
Estabelecimentos de prestação de serviços: 288.
Veículos automotores: 1.224.
Camionetes: 1.183.
Caminhões: 714.
Ônibus: 82.
Praças ajardinadas: 10.
Postos sanitários: 4.
Country Club: 1.
A cidade é quase totalmente asfaltada.

ORGANIZAÇÃO JUDICIÁRIA

Circunscrição de 2a. Judiciária
Cartório do 1º Ofício.
Cartório do 2º Ofício.
Cartório de Registro de Imóveis e Arrend.

Cartório Distribuidor e Depositário Público.

ATIVIDADES TURÍSTICAS

Palácio de Cristo Ao Vivo.
Clube de Regatas e Pesca Jaçará.
Reservatório da Margem do Rio Taubaté.
Country Club.

ESCOLAS

Primárias: 8 grupos escolares
1 unidade do BEE
1 secundária menor
3 colégios particulares
1 curso anexo ao BEE "Professor Rêgis Machado Loureiro".
23 unidades incluídas.
Secundárias: 4 ginásios
2 classes mistas
2 normais
1 comercial
1 industrial
Cursos especiais: 1

TEMPLOS

Paróquia Imaculada Conceição.
Templo Velho Nossa Senhora de Fátima.
Igreja de São Cristóvão.
Igreja de São João.
23 Capelas Públicas (depois do Culto Católico)
CULTO EVANGÉLICO
Igreja Metodista
Igreja Batista
Congregação Cristã
Assembleia de Deus
Testemunhas de Jeová
Igreja do Evangelho Quadrangular
CULTO ESPÍRITA
Centro Espírita Amor e Caridade.
Centro Espírita Raimundo Mariano Dias.
Outros Cultos:
Comunidade Religiosa PT do Brasil.

OUTROS DADOS JULGADOS ÚTEIS

Podemos destacar neste particular, várias particularidades que caracterizam marcadamente a cidade de Birigiti, entre as quais citamos ser o maior centro industrial do Nordeste, como também o maior centro produtor de calçados infantis do Brasil e, ainda, da América do Sul. É também a única cidade do interior que possui o maior número de praças e lagos públicos. Poderemos citar também a beleza arquitetônica e a maravilhosa paisagem do Templo Velho Nossa Senhora de Fátima, que situa-se no alto de quem o visita. Além das indústrias de calçados, Birigiti conta com outros ramos, a saber: autopeças, rações, insecticidas, vestuário, óleos essenciais, marfins, móveis, marfins, plásticos de cerâmica, cartomagem, óculos e argolas, artesanato de bordado, móveis, equipamentos de aparelhagem, massas alimentícias, refrigerantes, bebidas, ferragens, parafusos e porcelanas, equipamentos de ferro, serralheria e serralherias, jóias, malhas para visagem, além de oficinas especializadas para revisão, reparos de eletrodomésticos e conserto de transformação de produtos agrícolas.

Esta é Birigüi, a capital nacional do sapato infantil



Prédio do SESP em Birigüi



Grande Industrial de Birigüi. Aqui também o ensino é uma meta prioritária



A bela e moderna praça de recreação



Os trabalhos de captação de água



A atual administração municipal tem dedicada especial atenção às obras públicas



Na um espaço de boa qualidade e materiais que a embalagem momento este nível. É isto é o que faz Birigui



O diretor João Ferreira Filho, e esquerda, quando recebe a representação do "Exaltado"

CARTONAGEM INVICTA: A BOA EMBALAGEM PARA O CALÇADO



Aqui o trabalho para o atendimento de indústria calçadista

Em 1946, quando a indústria calçadista de Birigui já se mostrava em franco progresso, com a visão do empresário que é, João Ferreira Filho inovadora: "A cidade precisa de uma grande e bem aparelhada cartonagem". Estritamente era tal o número de fábricas de calçados que já naquela época época, que a indústria se justificava amplamente. Contudo no progresso da cidade e na sua nascente indústria, investiu no ramo, buscando a que é hoje conhecido como uma das principais cartonagens do país - a Cartonagem Invicta.

PRODUÇÃO ATUAL

Produz diariamente 15 mil caixas de sapato com revestimento, 20 mil caixas de tênis duplas, com identificação, milhares de caducenas para eixos e de calçados, milhões para botinas diversas, e material para embalagem de confecção, além de inúmeros outros produtos.

OFF-SET

Equipa com que há de melhor e mais moderno no ramo, a Invicta-Atletismo de Papel e Papelão, vem trabalhando dentro dos mais elevados padrões de impressão, adotando máquinas e o sistema "Off-Set". Graças ao trabalho criativo e bom gosto de seus operários a indústria consegue um conceito dos mais elevados da região, sendo hoje no ramo a mais bem montada de toda a Noroeste do Estado de São Paulo.

QUEM CONSUME SUA PRODUÇÃO

Grande parte de sua produção é consumida na própria cidade de Birigui, que é a grande responsável pelo fornecimento de calças e impressões para a indústria de calçados da cidade. Não des-

ta, segue também a região com seus produtos.

MATÉRIA-PRIMA

E a matéria-prima não vem preocupando o setor, pois ela é encontrada no mercado nacional. No que toca à sua aquisição não tem muitos maiores problemas. Os fornecedores vem cumprindo suas compromissos, e que, por sua burocracia ágil a empresa entrega rápida e pontual, desde que programada.

O ANO FOI EXCELENTE

Assim o sr. João Ferreira defini ao ano de 71. Em sua opinião a indústria de calçados de Birigui obteve os melhores resultados no ano que finda.

De sua parte se ocupou a opção geral não tendo maiores motivos a fazer. Quanto às perspectivas para 72, são as mais otimistas possíveis.

EXPORTAÇÃO BENEFICIA TAMBÉM

Absorvido acerca das exportações tradicionais de couro e calçados etc. João Ferreira não se mostrou contrário à exportação mesmo de couro cru, e sendo que há suprimento do mercado interno. Quanto aos calçados, tem o máximo interesse no sucesso das negociações internacionais. Indiretamente será beneficiado também, pois terá aberto uma vasta área de mercado, o que deverá trazer como consequência a necessidade de maiores produções também de materiais. Sua indústria como o primeiro da indústria de calçados, numa simbólica perfeita, cartonagem e indústria calçadista, alimentam-se mutuamente, sendo bom e válido para uma, o que de positivo e mais, for para a outra.



Buena produção de impressões em "off-set", para maior tranquilidade das indústrias calçadistas



Uma grande empresa de Birigui - a Cartonagem Invicta

Assumpção: os pioneiros do calçado infantil em Birigüi

Birigüi, no litoral noroeste do Estado de São Paulo, edifica, em meados de 1930, o maior parque industrial do calçado infantil do país.

Seu nome extrai-se da fronteira nacional, propo-

zando-se nos Estados Unidos e Canadá.

Tal foi o império dessa indústria, que Birigüi é co-

hecida, hoje, como a dimensão da moda de agosto in-

Buffet em todo o Brasil.

DE PIONEIROS DA INDÚSTRIA

Daí tiramos a expressão, Apanha Basso Assumpção e Francisco Basso Assumpção tiveram, em 1936, a i-



André Basso Assumpção

ção de especializar-se no fabrico de calçado para criança. Depois de um estágio em São Paulo para se aperfeiçoar, em seguida, com suas economias, à rua Bandeira, um pequeno prédio de três portas, sua fábrica.

Era modesta: seis operários e 20 pares de máquinas. Anos depois, a fábrica girava em o nome de "Basso & Assumpção Ltda."

Como a indústria do calçado, essa modesta oficina lida produz a fruição de um mundo de possibilidades industriais.

A INDÚSTRIA DE DESENVOLVE

Os dois irmãos pioneiros, depois de um ano de atividade, resolveram ampliar a incipiente indústria. Adquiriram na sociedade João e Eduardo Fioravanti que possuíam um exíguo volume de capital. Montaram a Basso & Basso, a qual passou a se denominar "Fábrica de Assumpção Ltda." e transferiram as instalações para prédio mais amplo, à rua Antônio Romero, o que assegurou melhores condições de atividades e negócios.

Essa firma prosperou até o ano de 1961. Nesse ano, a socio André Basso Assumpção desistiu de sua participação, e, associando-se a Rolf Méhner Rühl, proprietário da cooperativa de Birigüi, fundou a "Fábrica de Calçados Basso Ltda."

RESUMO

Se Birigüi converteu-se no capital do calçado infantil do país, isto se deve em grande parte ao desenvolvimento da "Basso".

Essa fábrica é, hoje, uma indústria soberbamente equipada, tanto no país como no exterior.

Não é exagero, além, afirmar que, dentro do exemplo da "Basso" e que nasceram e se desenvolveram muitas fábricas de calçado infantil em Birigüi e grande parte das indústrias, nessa a ramo, como foram fábricas de calçado, fábricas de têxtil, fábricas de calçados de borracha, calçados, etc.

Com suas 400 operários, produz, atualmente, perto de 4 mil pares diários. Essa produção se elevou a 8 mil pares em 1972, devido a contratos de exportação à sociedade com importadores dos Estados Unidos e do Canadá.

Tal pujança prova que o pioneirismo de Assumpção continua a ser e a inspirar na presença de André Basso Assumpção e seu filho Rolf M. Basso. Realmente, não raro o exemplo de indústria que haja progredido tanto em tão pouco tempo.



Uma das fábricas e primeira fábrica de calçado de Birigüi - "Fábrica Assumpção"

**DE
SALTO
EM
SALTO
ATINGIMOS
O PARAGUAI**



SALTO ECONOFLEX SALTO BIRIGUI SALTO BIRIGUI

 **PETRILLI, OLIVEIRA**
INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE BORRACHA LTDA.
Inscr. no C.G.C.M.F. N.º 45384229/001 - Inscr. Estadual N.º 214.002.536
Escr.: R. Barão do Rio Branco, 533 - Fone, 536 **BIRIGUI - E. S. Paulo**
Cx. Postal, 58 — Fabrica: R. Bento da Cruz, 409

Cidade possui oito bancos e uma caixa



A agência de Banco do Estado de São Paulo S.A.



Também em Birigiti os bancos prestam os importantes serviços do BRASILECO

Os bancos particulares e a Caixa Econômica Estadual de São Paulo (CEE) estão presentes na cidade de Birigiti, aproveitando o seu apoio creditício ao desenvolvimento da cidade. Todos, inclusive a CEE, fazem parte da Câmara de Desenvolvimento, que visa dar o melhor desempenho a rede de estabelecimento de crédito do município. São estas as bancas que contam com agências no município de Birigiti: Banco do

Brasil S.A.; Banco do Estado de São Paulo S.A.; Banco Noroeste; Banco Agrícola do Sul; Banco Comercial Brasil S.A.; Banco Prudential de Descontos (BRADESCO); Banco Bradesco; Banco do Comércio e Indústria S.A.; além da Caixa Econômica Estadual de São Paulo, já citada.

Gerente do BB fala da assistência bancária às indústrias de Birigiti

O Banco do Brasil, além como todos os demais bancos da cidade, vem orientando as indústrias locais, desde que elas correspondam e satisficam às condições dos bancos. De sua parte o gerente do BB local, sr. Lídio Passarelli, afirma categoricamente: "Na cidade, quase todas as indústrias pelo Banco do Brasil". São tais, desde as que trabalham com madeira, até as que produzem o azeite de dendê, passando pelo comércio local, que o comércio com crédito fácil e prático, pedem e devem contar com o auxílio mais produtivo.

LÍDIO PASSARELLI

O Banco do Brasil, além como todos os demais bancos da cidade, vem orientando as indústrias locais, desde que elas correspondam e satisficam às condições dos bancos. De sua parte o gerente do BB local, sr. Lídio Passarelli, afirma categoricamente: "Na cidade, quase todas as indústrias pelo Banco do Brasil". São tais, desde as que trabalham com madeira, até as que produzem o azeite de dendê, passando pelo comércio local, que o comércio com crédito fácil e prático, pedem e devem contar com o auxílio mais produtivo.

LÍQUIDEZ

Quanto ao índice de liquidez, ele sempre bastante precário há cerca de quatro meses atrás, todavia, agora a liquidez melhorou bastante, podendo ser considerada boa.

"Reconheço que as indústrias com essa falta de capital de giro, não tem podido manter depósitos de acordo, mas o Banco pode no mínimo 10% de depósitos, da importância de atendimento.

BOM O LIMITE DA AGÊNCIA

O limite da agência vem sendo reduzido, aumentou porque ele o máximo de três em três meses, baseado na média de depósitos, que tem sido bastante boa na agência de Birigiti.

EXPORTAÇÃO

"Relação com a Birigiti, a planície ao sudeste e a firma 'Bassani' já tem exportado os seus salões e móveis para o Paraguai, e

tem novas e grandes pedidas em carteira."

FÉRIAS-FÉRIAS INDUSTRIAL DE BIRIGITI

"De ter realizada, será de uma grande volta para a promoção de Birigiti, pois bastante importante a cidade e pouco conhecida lá fora. A cidade precisa ser divulgada e divulgada, pois o que vem acontecendo, é que as certas pessoas não sabem o que tem na cidade e o que ela representa. A feira virá mostrar o produto e as riquezas do município."

EM BIRIGITI NÃO HÁ DESEMPREGO

"Esta é mais uma afirmação de sr. Lídio, que diz com orgulho: "Aqui todos trabalham, neste ou naquele setor, principalmente nas fábricas de calçados que têm muita mão-de-obra no pessoal. A cidade é limpa e bem cuidada. São pessoas muito honestas e merecem ser visitadas. Tudo isto justifica a existência da feira, que certamente trará o sucesso para Birigiti."

AGRICULTURA

O algodão é a principal atividade nas principais fazendas agrícolas da cidade. "A cultura agrícola do banco tem se ocupado com a evolução da zona agrícola local, sendo que vem superando em muito as demais. Visto que para a agricultura, o banco não tem limite para operações. Como o crédito para a indústria, as operações são reguladas pelas regras do Conselho Monetário Nacional, que se destina de acordo com a classificação da agência."

25 FUNCIONÁRIOS NA AGÊNCIA

"Na agência do Banco do Brasil em Birigiti, 25 funcionários prestam seus serviços. O prédio, que foi construído há dois anos e meio, que era previsto em Birigiti, vem se preparando para o movimento atual, devido, desde de mais ou menos cinco anos, acredita que sua instalação estará superada. O imóvel custa com 800 metros quadrados de área construída e foi adquirido em apenas dez meses, por firma de própria cidade.

LO FUMI

o processo



Lídio Passarelli à direita, o gerente do BB de Birigiti



A agência de Banco do Brasil em Birigiti

DERLY

A MENINADA ADORA DERLY QUE É SEU CALÇADO MUITO BOM, MUITO CONFORTÁVEL E BONITO. CRIANÇA QUE ANDA SÁ NÃO DA USA DERLY.

DERLY QUALIDADE
CALÇADOS TIRADO

CALÇADOS DERLY LTDA.
RUA MÁRIO DE SOUZA CAMPOLITZ
CAIXA POSTAL 102 - TELEFONE 2
TELEGRAMAS DERLY
BIRIGUI - SP

**ARTIGOS PARA
CALÇADOS
FIVELAS,
ESQUINOS, ETC**

Ind. Met. "Juanga" Ltda.
Rua Duque de Rio Branco, 1247 - BIRIGUI

The advertisement is a black and white print. The top half features several styles of shoes: a pair of lace-up boots, a pair of Mary Jane shoes with buckles, and a pair of lace-up shoes with fringed laces. A small illustration of a girl's face is placed near the Mary Jane shoes. The bottom left of the top section shows a small photograph of a building. The bottom half of the advertisement displays a collection of various metal buckles and shoe accessories arranged on a dark background. The text is in a mix of bold, sans-serif and serif fonts.



O presidente da ACIB, Antônio Lirango

Entre os muitos serviços que o presidente da Associação Comercial e Industrial de Birigüi tem em mente realizar, destaca-se o Cadastro Central de Informações para a indústria de calçados. Esta ideia, de longa data, acalentada pelo presidente Antonio Lirango, poderá concretizar-se dentro em breve, eis que já manteve entendimentos diretos com o serviço similar em Franca, o que possibilitará sua criação imediata, desde que exista o interesse e o apoio dos industriais do setor em sua cidade. O cadastro em questão, deverá prestar informações atualizadas e fidedignas acerca de todos os clientes e lojas brasileiras. Deverá funcionar nos moldes do "DECRI" de Franca, e poderá manter troca de informações com o Banco de Dados, de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

SESC E SENAC

Doas instituições modelares, que vêm merecendo todo o apoio da Associação Comercial, sempre que vem a Birigüi. Cursos como o de enfermagem, garçons e "Barman", foram ministrados recentemente em Birigüi pelo SENAC, com o patrocínio da Associação Comercial. Da mesma forma, foi notável o trabalho realizado nesta cidade pela Unidade Móvel do SESC, que a par da instrução e formação profissional que ministrou, fez realizar concorridas disputas esportivas na cidade.

SPC FUNCIONA PARA O COMÉRCIO

Basta ser associado da entidade, para poder usufruir do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito), que foi organizado e é mantido pela Associação Comercial. Os usuários pagam uma taxa especial para consultar, de acordo com o regulamento existente, que prevê toda a forma de funcionamento de serviço.

BANCOS - LIMITE INSUFICIENTE

Uma das grandes e importantes reivindicações da indústria de Birigüi, empossada e apadrinhada pela sua principal entidade classista. Tendo em vista o constante aumento dos faturamentos das indústrias locais, verifica-se que os referidos limites não foram proporcionalmente reajustados, tornando-se por consequência exigüos e insuficientes. Dado o desconforto gerado, a Associação Comercial e Industrial, pela justiça dos motivos, reivindicou a quem de direito, que fossem tomadas as medidas cabíveis que viessem sanar a distorção, que era nefasta para o empresário da cidade.

FIBIO - FEIRA INDUSTRIAL DE BIRIGÜI

Concedida pela reportagem a se externar quanto à matéria, disse que a Associação Comercial e Industrial de Birigüi apóia integralmente a iniciativa do prefeito municipal, colocando-se odrosamente, à inteira disposição do mesmo a favor da concretização da ideia.

TODO O APOIO

Em princípio, tudo o que promover e valorizar Birigüi, deverá ser devidamente considerado e merecerá todo o apoio da entidade classista que preside. Mostrou-se, porém, contrário a realização da feira para a cidade a FRANCAI e FENAC, pois isto em princípio, para e contrariar os interesses das indústrias de calçados da cidade.

ACI de Birigüi tem muitos planos para sua indústria

cidade. "A ideia merece e precisa ser estudada com cuidado".

ENTIDADE SATISFEITA COM O GOVERNO

"Estamos satisfeitos com o que o governo está realizando. Em verdade, o que está se fazendo hoje, já deveria ter sido feito há dez anos, contudo, ainda é tempo. Verifica-se no momento, que o país caminha a passos largos para aquilo que o empresariado esperava. Mudou-se inclusive a mentalidade do "contribuinte", que agora já colabora e vê com bons olhos a cobrança de impostos; a sã aplicação dos mesmos, justifica esta atitude, que é de aprovação". Citatambem a "política de incentivos", que vem colaborando decisivamente para o impulso e definitiva emancipação da indústria nacional, graças a ela, ela pode ombrear-se com similares estrangeiras, lutando agora, com amplas possibilidades de sucesso no mercado internacional.

EXPORTANDO ACELERAREMOS O PROGRESSO

A exportação de nossos produtos, que hoje é uma feliz realidade, nada mais e do que o reflexo do desenvolvimento industrial brasileiro. Por meio dela, enquanto se projeta o país no exterior, equilibra-se ou se favorece a nossa balança comercial, o que é muito importante. Tem sido tamanho o desenvolvimento neste setor, que tradicionais países fornecedores vêm sentindo já a influência dos nossos produtos, que se impõe pela qualidade e pelo preço.

"É nossa opinião, só através das exportações é que conseguiremos acelerar o desenvolvimento nacional. Em verdade, ela vem sendo a mola propulsora do desenvolvimento brasileiro."

"Quanto a Birigüi, já está colaborando também neste campo. Basta dizer que para o ano entrante, estaremos remetendo, em cumprimento a contratos já firmados, cerca de 40 mil pares mensais. Isto nos alegria e sobretudo nos deixa tranqüilo quanto a uma verdade: com as exportações, uma nova era se aproxima, de muito trabalho e acelerado progresso.

DIRETORIA

- A atual diretoria da entidade está assim constituída:
- Presidente - Antonio Lirango.
 - 1º vice-presidente - Nelson Bocca.
 - 2º vice-presidente - Osmar Guidotti.
 - 3º vice-presidente - Hélio Galera.
 - 4º vice-presidente - Domingos Pulsetto.
 - 1º secretário - João Carlos Ferreira.
 - 2º secretário - José A. Grecca.
 - 3º secretário - Nilson Estrada.
 - 1º tesoureiro - Lídio de Souza Freitas.
 - 2º tesoureiro - Emil Busener.
 - 3º tesoureiro - Nabor Pustoa.
 - Diretor administrativo - Edson Clemente.

CONSELHEIROS

- Laércio Memei, Egídio Zambotti, Osvaldo J. Primo, Ovílio Ventura Mazetto, Felício Tompalli, Ecy Cirillo, João Peres Molina, Ezequias de Freitas, Roberto Bazeiro, Sérgio Custizani, Felício Ferraz de Melo, Clarindo Del Valle e Adardo Valera.

Lions e Rotary: clubes muito atuantes

Lions e Rotary são, efetivamente, clubes atuantes em Birigüi. Um fato que chama a atenção para quem vai conhecer o município, é o de que os dois clubes em conjunto procuram resolver os problemas da coletividade. Há pouco tempo, edificaram um magnífico relógio público, em uma das praças centrais da cidade. Foi um belo exemplo de companheirismo e que, no breve, mostrou a união existente entre o birigüense.

Um restaurante que é cartão de visita da cidade

Quem visita Birigüi não pode deixar de visitar o Dário's, um restaurante que se constitui em um justo orgulho para a cidade. Com fartos e saudos

UM NOME

Foi grande o trabalho e a dedicação do sr. Nelo Galvani em acompanhar a equipe do "Exclusivo" pelo município, quando da elaboração desta edição especial. Graças a ele, muito se conseguiu. Birigüi está de parabéns pelo secretário de Turismo que tem. É um verdadeiro anfitrião e entusiasta incansável das coisas de sua terra.

o bom gosto e asseio absoluto. Música das melhores e atendimento de primeira, agradam a todos os seus frequentadores.

Comércio muito expressivo

Os comerciantes ocupam maior número no quadro social da Associação Comercial e Industrial de Birigüi, do que os industriais. A ACIB é a entidade que congrega todas as classes empresariais do município, e também de outras comunas.


Esta afirmativa dá uma ideia da potencialidade do comércio birigüense, ainda mais quando se conhece o significado dos estabelecimentos industriais existentes no município, principalmente o que se dedica à transformação do couro em sapato.

ACI tem 120 associados

120 associados, prestigiam em Birigüi a sua principal entidade classista, que é a Associação Comercial e Industrial de Birigüi, que tem na sua presidência o sr. Antônio Lirango.

Nama cidade onde é grande o progresso em todos os sentidos, percebe-se também, o alto espírito de discernimento e liderança de que são dotados os filiaidos a referida entidade empresarial.

Homens de visão, compreendendo e valorizando o trabalho que ali se desenvolve, merecem os aplausos gerais.



CALÇADOS

Sandra

Fabricação de Calçados para Senhores.

UM CALÇADO DE CLASSE
PARA MULHER DE BOM GOSTO

ALCEU TOSSATO- INDÚSTRIA DE CALÇADOS SANDRA LTDA

Rua Júlio Galo - nº 796 - Fone 614 - Caixa Postal 420
BIRIGUI - Estado de São Paulo

Moderna fábrica de saltos abastece a indústria de Birigüi



Os sócios da empresa: Otviano de Oliveira Filho e Waldemar Petrilli

A exemplo de outros grandes centros produtores de calçados, a indústria Birigüi, possui a sua indústria de saltos, a sala de costura e plantas para sapatos.

Waldemar Petrilli e Otviano de Oliveira Filho, são os responsáveis pela grande indústria de artigos de borracha.

Produzindo artigos desde das mais raras especificações técnicas, agudizado pela qualidade e refinado acabamento, os produtos da marca "Econoflex" indicam para os milhares e milhares pedidos.

A fábrica, que trabalha a pleno vapor, sente a presente necessidade de ampliar suas instalações, de que a construção conseguiu atender os pedidos que chegam a cada dia.

Novas máquinas estão sendo adquiridas e a empresa se desenvolve cada vez mais nas linhas saltos que os seus fundadores lançaram.

Utilização de matéria-prima quase que exclusivamente de Petrópolis, a indústria vem fabricando o que há de melhor no Brasil. Também se vale do "regenerado", para determinados produtos de sua linha, o que atesta a grande capacidade produtiva e de diversificação de que é dotada a nova empresa.

EXPORTAÇÃO

Como vem sendo uma constante nas indústrias nacionais de certo porte, as exportações vêm mostrando muita atividade. Tanto os diretores de Petrilli & Oliveira. Tanto isto é verdadeiro, que a empresa já realizou em outros países para o exterior, o seu primeiro embarque de saltos.

O Paraguai, foi o país comprador, sendo que continuará recebendo os produtos "Econoflex" que tem assumido mais duas centenas de exportação para serem comercializados neste ano. Para o ano que vem, novas e grandes remessas já estão inicialmente comprometidas, o que atesta em definitivo, a capacidade da firma em termos de mercado internacional.

O MERCADO INTERNO

Muito embora os diretores da empresa deem muita importância às suas exportações, não se esqueceram em momento algum do mercado interno, para o qual mantém uma grande e importante programação.

Visionando atender a todos que procuram, procuram-se os diretores da empresa em aumentar a produção, o que será feito com a instalação de novas máquinas.

O MERCADO

Muito embora haja muitas e importantes firmas atuando no ramo, o sr. Petrilli entende que no Brasil há lugar para todos. "O mercado consumidor é muito grande e tudo nos leva a crer, que com as exportações múltiplas, maior produção será exigida dos fabricantes, que já agora, se preocupam quanto ao seu fortalecimento regular".

PARALELO ECONÔMICO

Pelo seu 80º aniversário de fundação, Waldemar, parabeniza-se em nome de Petrilli & Oliveira, com os industriais e o povo de Birigüi.

No que diz respeito à indústria de calçados, terminos por concluir, que continuaremos na luta pelas exportações de seus produtos, o que terá dividas para o país e a cidade.

No seu entender, melhor presença que este não poderá desejar Birigüi, pois assim, terá maiores e melhores condições de progresso e desenvolvimento.

EXCLUSIVO

O jornal Exklusivo é excelente, circula-se no exclusivo, em Birigüi, entre os habitantes de calçados, que era o que visava faltando para promover mais a cidade em outras regiões. Estabelece e poderá ser o caso, como vem sendo feito pelo "Brasil Export". Aceito que de agora em diante não faltará mais em Birigüi, uma grande iniciativa que é a circulação entre nós, do jornal Exklusivo".



Waldemar Petrilli à esquerda, quando recebe para o "Exklusivo"



A grande remessa de saltos Econoflex para o exterior



Os saltos Econoflex, pronto para embarcar com destino ao Paraguai

Foto: J. M. S. / A. S. / A. S.

UM CALÇADO EXCLUSIVO DA MENINADA



Foto interna da Indústria de Calçados Pérola Ltda.

TATÁ E CIRANDINHA, CALÇADOS DE LINHAS SUAVES, GOSTOSO DE USAR, BONITO E DURÁVEL.
TODA CRIANÇA MERECE TATÁ E CIRANDINHA NO NATAL.



Pela passagem de mais um aniversário de emancipação de Birigui, a Indústria de Calçados Pérola Ltda., congratula-se com este evento e deseja muitas felicidades nos próximos anos.

TATÁ E CIRANDINHA — calçados que as crianças adoram

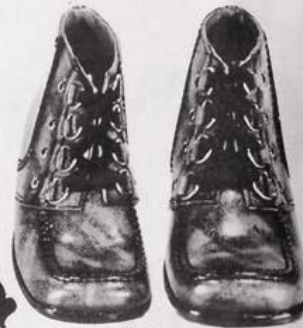
INDÚSTRIA DE CALÇADOS PÉROLA LTDA.

Rua Mário de Souza Campos — nº 544
BIRIGUI — Estado de São Paulo.



(Foto da Indústria Bical)

ESTE SÃO OS NOVOS LANÇAMENTOS DO BICAL PARA 72



CALÇADOS BICAL
SUPER ANATÔMICO

PROPORCIONA andar seguro e correto a seu filho.
Equilíbrio no caminhar, porque sua sola é anti-derrapante e encaixada no corpo do calçado, sendo seu salto alargado, para melhor apoio no andar.

Previne a formação dos pés, por ser sua palmilha
SUPER ANATÔMICA
NUMERAÇÃO PARA CRIANÇAS:
FEMININO 18 a 27
MASCULINO 28 a 32.

OS SAPATOS SÃO OS RESPONSÁVEIS PELOS PÉS,
SABER COMPRÁ-LOS É MUITO IMPORTANTE.



NOSSA HOMENAGEM POR MAIS UM ANO
DE EMANCIPAÇÃO DE BIRIGUI.

Bical

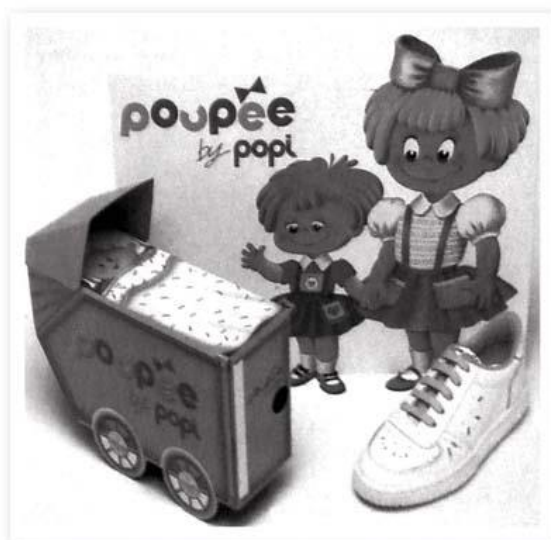
BIRIGUI CALÇADOS IND. E COM. LTDA.

TRAV. M. DEODORO, 96 - TEL. 105
CAIXA POSTAL 201 - BIRIGUI -
E. SP - N.O.B.

TERCEIRA DÉCADA (1979-1988)

A ERA DE OURO (INSTITUIÇÕES, DESENVOLVIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DA CAPITAL BRASILEIRA DO CALÇADO INFANTIL).

Entre 1979 e 1988, a indústria de calçados da cidade de Birigui viveu sua “era de ouro”. Foram dez anos de extraordinário crescimento industrial, alimentado por um “boom” na formação de novas empresas e pelo desenvolvimento dos empreendimentos instalados nas décadas anteriores. Em paralelo e impulsionando essa trajetória, houve uma revolução no mundo infantil com a introdução do tênis, fato que acelerou o uso de materiais alternativos no processo produtivo, a ampliação no uso de cores e o incremento na confecção de calçados com personagens de desenhos animados, que passaram a calçar os pezinhos das crianças. A agregação de brindes, gibis e outros itens que pudessem tornar os produtos visualmente mais atrativos e encantar os pequenos foi uma das estratégias utilizadas pelas empresas no período analisado.



Caixa de calçados produzida pela Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda e introduzida no mercado no começo do ano de 1988. Produto inovador que se transformava em um carrinho de boneca, agregando valor aos produtos confeccionados pela empresa. Era um dos aspectos das grandes transformações no mundo infantil desencadeadas nos anos 1980.

Dessa forma, o parque produtivo consolidado durante a terceira década de história do setor calçadista era responsável por 73% da produção de calçados infantis do Estado de São Paulo e 30% dos confeccionados no Brasil. A produção chegou aos 25 milhões de pares anuais.

Algumas empresas que iniciaram seu percurso como pequenos empreendimentos, produzindo modestamente pouco mais de uma dúzia de pares diários, amadureceram e atingiram uma produção de grande envergadura, fixando seus nomes na memória do setor. Dezenas delas passaram dos 500 pares diários. Muitas chegaram aos dois mil, algumas atingiram cinco mil, houve aquelas que ultrapassaram os 10 mil pares diários e uma empresa atingiu uma produção de 40 mil pares/dia. Grandes marcas hoje em destaque na indústria brasileira deram seus primeiros passos entre 1979 e 1988.



Fachada da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda localizada na Avenida Nelson Calixto, nº 320, 1985. Na época, a empresa estava comemorando o aniversário de seus dois anos de instalação.

A denominada “era de ouro” foi à época de nascimento de diversas instituições que acompanharam e colaboraram com o progresso do polo calçadista nas décadas seguintes. Entre as instituições destacam-se: a Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui (atual Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui – SINBI); o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário e o Centro de Treinamento Avak Bedouian (atual escola do Senai).



Logotipo desenvolvido para o Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui, 1986.

Entretanto, apesar do sugestivo título de “Era de Ouro”, enganam-se aqueles que imaginam que a trajetória foi fácil, pois não foi. Várias dificuldades foram encontradas pelo caminho: inflação, planos econômicos, moratória, problemas em relação ao financiamento da dívida externa, recessão, crise; enfim, muitos problemas que acarretaram o fechamento de diversas empresas. Algumas fecharam, entretanto, muitas iniciaram e outras tantas se desenvolveram aceleradamente, fazendo com que o saldo final fosse muito positivo para a cidade e para o setor (isso explica um pouco do porquê denominar a terceira década como “era de ouro”).

De todos os anos do intervalo entre 1979 e o final dos anos 1980, um se destacou perante os outros – o ano de 1986 – ano do Plano Cruzado. Ele ficou registrado na memória dos empresários como um ano muito atípico (um ano adverso) em decorrência dos eventos que se sucederam no decorrer de seus doze meses.

Os fornecedores com produção local, também, não podem ser esquecidos. Assim como os pioneiros das décadas de 1960 e 1970, outros empreendedores acreditaram no potencial do polo calçadista, investindo na instauração de novas empresas fornecedoras de insumos, componentes e prestadoras de serviços.

Em síntese, a terceira década foi o período de consolidação da “Capital Brasileira do Calçado Infantil”, acontecimento que apresentaremos em detalhe em seguida.

3.1 O “BOOM” NA FORMAÇÃO DE NOVAS EMPRESAS, O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DO PARQUE PRODUTIVO CALÇADISTA

De 1979 a 1988 foram instaladas 171 novas empresas de calçados na cidade de Birigui, perfazendo uma média de 17 novas fábricas por ano. Entretanto, o crescimento maior ocorreu de 1986 a 1988 (vide tabela 3). O efeito demonstrado causado pelo sucesso das empresas formadas entre os anos 1960 e 1970, somado as baixas barreiras à entrada, aos efeitos positivos das economias de aglomeração e aos desmembramentos e alterações societárias são algumas das explicações para o “boom” na formação de empresas. E, seguindo os passos das fábricas em atividade, as novas direcionaram sua produção para o segmento infantil, reforçando ainda mais a especialização do município e contribuindo para a consolidação do título conquistado em dezembro de 1971 – o de Capital Brasileira do Calçado Infantil.

Tabela 3: Instalação de empresas de calçados e empresas fornecedoras entre 1979 e 1988

Anos	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Produtores de calçados	5	12	6	4	18	13	4	62	24	23
Empresas fornecedoras	-	-	2	1	2	4	3	8	7	5

Fonte: Souza (2006).

O título concedido ao município de Birigui em 1971 foi consolidado durante a década de 1980 com o apoio do Jornal Exclusivo de Novo Hamburgo que colaborou para divulgar o slogan de Birigui no Brasil e no exterior nas várias reportagens realizadas com empresas e empresários locais. Nelas, o jornal estampava uma logomarca desenvolvida pelo Jornal Exclusivo e que apresentava o mapa do estado de São Paulo com a localização da cidade de Birigui em destaque e acompanhada do título: Birigui: a Capital Industrial do Calçado Infantil.



Slogan desenvolvido pelo Jornal Exclusivo na década de 1980, que favoreceu a consolidação do nome de Birigui como Capital Brasileira do Calçado Infantil.

Outro material desenvolvido pelo Jornal Exclusivo e apresentado durante a década de 1980, em cadernos especiais dedicados ao polo calçadista de Birigui, dava também destaque ao título de Capital Brasileira do Calçado Infantil.

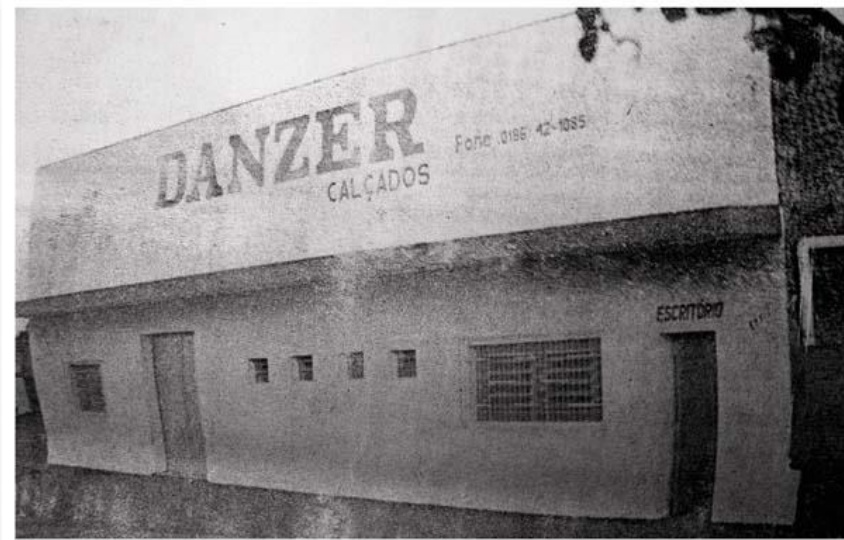


Destaque superior do Jornal Exclusivo Especial (Centros Produtores) dedicado a indústria de calçados de Birigui. Sempre que um caderno especial enfocando o polo era desenvolvido, o presente slogan era incorporado na edição.

3.2 História das Empresas: a formação de novas empresas

Conforme foi apresentado, foram instaladas 171 novas empresas na cidade entre 1979 e 1988. Para conhecer melhor as empresas formadas, segue abaixo uma pequena história do percurso inicial de algumas delas: Indústria e Comércio de Calçados Danzer Ltda; Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda; Pet-Pan Indústria e Comércio de Calçados Ltda; Indústria e Comércio de Calçados Hobby Ltda; Indústria e Comércio de Calçados Bira Ltda; Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda; Pé com Pé Comércio de Calçados Ltda; Indústria e Comércio de Calçados Menina Ltda; Indústria e Comércio de Calçados Pampili Ltda; Indústria e Comércio de Calçados Marekstein Ltda e Indústria e Comércio de Calçados Ortopasso Ltda ¹.

No final da década de 1970, o desenvolvimento do setor calçadista estimulou cinco empreendedores e funcionários da Laluce & Cia Ltda (comércio de venda de pneus e posto de gasolina) a instalar uma pequena empresa na cidade de Birigui em 1979, dando início à história da Indústria e Comércio de Calçados Danzer Ltda (Dan de Danilo e Daniel, filhos dos sócios da empresa e Zer incluído para completar o nome fantasia - DANZER).



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Danzer, 1986. A empresa estava localizada na rua Marco Botteon, nº 111.

¹ Para o desenvolvimento desse tópico utilizou-se das informações da pesquisa realizada para o desenvolvimento do acervo do Museu Virtual do Calçado. Para maiores informações pesquisar o site do Museu: www.museubirigui.com.br

A empresa, localizada inicialmente na Rua Belmont, nº 439, deu seus primeiros passos no começo dos anos 1980, produzindo 30 pares diários de calçados infantis (tipo balila) do número 16 ao 32 e empregando seis operários. No começo, somente um dos sócios, Valdomiro Pascolate, trabalhava diretamente na empresa, pois os outros sócios permaneceram exercendo atividades na Laluce & Cia Ltda e ajudavam no dia a dia da empresa após encerramento do expediente, nos finais de semana e feriados. Entretanto, no começo dos anos 1980, alguns dos sócios da Calçados Danzer Ltda deixaram a sociedade, permanecendo somente Luiz Antônio Michilin e Horácio Canassa, companheiros de longa jornada e que antes de entrarem na Laluce & Cia Ltda já tinham trabalhado juntos na Casa Alegre, materiais de construção e ferragem.

Com a consolidação da sociedade entre Luiz e Horário, a empresa entrou em processo de crescimento e, em 1986, a fábrica chegou a uma produção de 800 pares/dia. Em 1988, visualizando novas oportunidades de investimentos, Horácio Canassa e Luiz Antônio Michilin resolveram instalar uma nova empresa - a Indústria e Comércio de Calçados Petty Ltda ².

Luiz Antônio Michilin (primeiro) e Domingos Paludetto (ao fundo), década de 1980.



Horácio Canassa, década de 1990.

Outra empresa que surgiu em 1979 foi a Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda. Sua história foi iniciada em 1968, quando foi instalada na cidade de Birigui a Indústria e Comércio de Calçados Ina Ltda. A Calçados Ina Ltda foi adquirida por Rubens Inácio Salzedas, em 1975. Salzedas alterou o nome da empresa para Indústria e Comércio de Calçados Rissybel Ltda. O calçado produzido era do segmento feminino. Alguns anos depois, o empresário convidou para ingressar como seus sócios dois jovens estudantes e proprietários de uma pequena cantina em uma faculdade de Araçatuba: Daniel Felipini e José Luiz Fernandes. E, com a entrada dos novos sócios, em 1979, a Calçados Rissybel Ltda alterou seu nome para Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda, modificando a linha de produção de femininos para os calçados infantis.

² Posteriormente, em 1999, houve uma separação de sociedade. Luiz Antônio Michilin ficou com a empresa Petty e Horácio com a Danzer. Ambas continuam atualmente (2009) em atividade.

Sua produção inicial foi de 100 pares diários de calçados infantis confeccionados por 15 trabalhadores. Na década de 1980, o crescimento da empresa foi impulsionado pela forte demanda de seus produtos da marca: Tetela, kika, Petita e Tiptoe. Durante o percurso da Calçados Tiptoe Ltda as estratégias de incorporação de tecnologia e a ampliação da numeração de seus produtos até o número 42, garantiram a sustentabilidade no desenvolvimento da empresa ³.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda na rua Maestro Antônio Passareli, década de 1980.



José Luiz Fernandes, década de 1970.



Rubens Inácio Salzedas, década de 1970.

³ Em 1994, o fundador da Tiptoe, Rubens Inácio Salzedas, por problemas de saúde retirou-se da sociedade, permanecendo à frente do empreendimento Daniel Felipini e José Luiz Fernandes. A empresa atualmente (2009) se destaca entre as maiores fábricas de calçados de Birgüi.

A Pet-Pan Indústria e Comércio de Calçados Ltda, formada por Ademir Panini, Carmelo Waldemar Petrilli e João Lucas Petrilli, iniciou suas atividades em 01 de maio de 1980. O nome da empresa teve origem na junção das iniciais dos sobrenomes dos sócios: PET de Petrilli e PAN de Panini. A empresa foi instalada na rua Siqueira Campos, nº 657 e começou empregando 8 trabalhadores e produzindo aproximadamente 80 pares de calçados infantis/dia da marca Pet-Pan e Baby & Layd.

Inicialmente, a Calçados Pet-Pan Ltda produziu calçados em couro (raspas de couro), sendo o primeiro produto uma botinha do nº 16 ao 22 comercializada no Estado de São Paulo. O sócio Ademir Panini ficou responsável pelo setor administrativo e João Lucas Petrilli pelo setor industrial. Já Carmelo Waldemar Petrilli não participava ativamente do empreendimento, pois era proprietário de uma outra empresa na cidade: a Petrili & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda. A Calçados Pet-Pan Ltda apresentou um crescimento muito rápido e, em 1983, precisou ampliar suas instalações, mudando-se para um prédio maior localizado na rua Fundadores, nº 404. Nesta época contava com uma produção de 300 pares/dia, e a numeração dos produtos havia aumentado até o número 32.

No novo prédio, a Pet-Pan Indústria e Comércio de Calçados Ltda chegou a ocupar um espaço de 2000 metros quadrados, principalmente durante o ano de 1986, quando o aquecimento da economia ampliou a produção da fábrica e ela chegou a empregar 90 trabalhadores e a produzir 1200 pares diários. Importante destacar que o novo prédio ocupado pela Calçados Pet-Pan Ltda era o local onde antigamente estava instalado o setor de fabricação de solados de borracha da Petrili & Oliveira Indústria de Artefatos de Borracha Ltda, mas que em decorrência do surgimento do PVC (que substituiu a borracha) foi desativado pela empresa.



Ademir Panini, 1986.

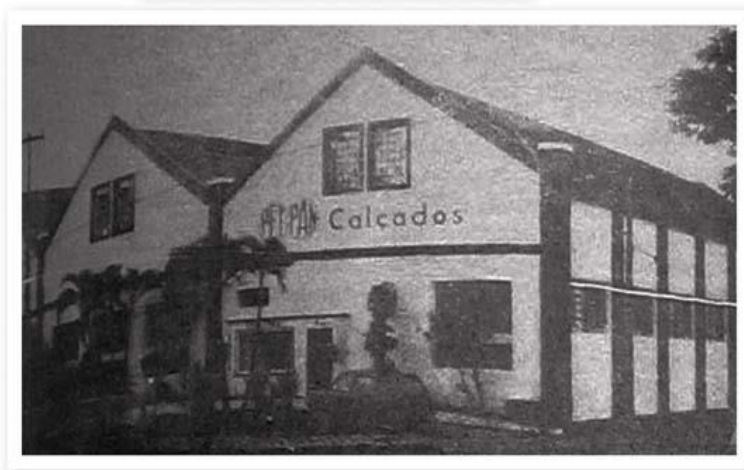


João Lucas Petrilli, 1985.

Após o período de euforia provocado pelo Plano Cruzado, a empresa passou a apresentar um crescimento mais lento e enfrentou algumas dificuldades com os planos econômicos dos últimos anos da década de 1980: o Plano Bresser e Verão⁴.



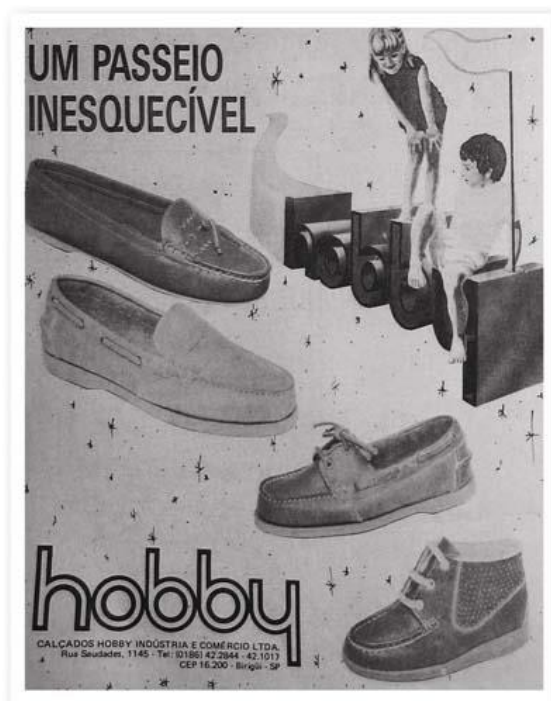
Propaganda da Pet-Pan Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.



Fachada da Pet-Pan Indústria e Comércio de Calçados Ltda, 1984. A empresa estava localizada na rua dos Fundadores, nº 404.

⁴ Em 13 de março de 1992, o sócio Ademir Panini retirou-se da sociedade, vendendo sua participação na empresa para os sócios que permaneceram. A partir desta data, alterou-se também a denominação da empresa para Calçados Petrilli Indústria e Comércio Ltda. De acordo com Ademir Panini, aproximadamente um ano e meio após sua saída, a Calçados Petrilli Indústria e Comércio Ltda (antiga Pet-Pan) encerrou suas atividades, pois os antigos sócios da família Petrilli resolveram concentrar suas atividades na empresa de fabricação de solas e solados, que naquela época passou a pertencer única e exclusivamente a família, tendo em vista que Carmelo Waldemar Petrilli tinha adquirido a parte pertencente ao outro sócio (Octaviano de Oliveira Filho).

Em 1980, iniciou suas atividades a Indústria e Comércio de Calçados Hobby Ltda, fundada por Joaquim Pacca Júnior, Alcides Moreira, Alcides Moreira da Silva Júnior e Getúlio Martins (Chicão). Instalada inicialmente na rua Eduardo Rocha Garcia, a empresa começou com uma produção de 30 pares/dia de calçados infantis confeccionados em couro e elaborados por seis trabalhadores. O investimento constante em propaganda realizado na Revista Lançamentos e no Jornal Exclusivo e a especialização na produção de calçados em couro impulsionaram o crescimento do empreendimento, contribuindo para que ela em pouco tempo iniciasse sua participação nas feiras nacionais do setor calçadista, entre as quais: a Couromoda e a Francal ⁵.

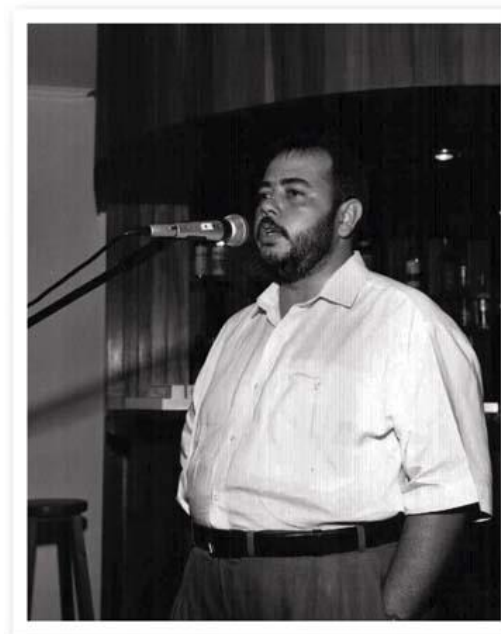


Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Hobby Ltda no Jornal Exclusivo de 10 de junho de 1986.

⁵ De sua fundação até o começo dos anos 1990, ocorreram várias alterações societárias na empresa. Após os ajustes societários a empresa passou a ser de propriedade de Marcelo Ribeiro Moreira, filho de Alcides Moreira, e João Reis Rodrigues, funcionário que trabalhava como contador da Hobby. Os novos sócios deram continuidade ao desenvolvimento do empreendimento. A Indústria e Comércio de Calçados Hobby Ltda encontra-se em atividade atualmente (2009).

A Indústria e Comércio de Calçados Bira Ltda, formada pelos irmãos Ubirair Chaves dos Reis e Ubiraci Chaves de Oliveira, iniciou suas atividades em 1982, em um galpão adaptado (um antigo bar localizado na vila Real) de apenas 11 metros quadrados. A empresa, inicialmente, começou produzindo 35 pares/semana confeccionados por dois trabalhadores e utilizando como matéria-prima as raspas de couro (um subproduto do couro). Pouco tempo depois, a Calçados Bira Ltda transferiu-se para a Avenida 9 de julho, nº 50, época em que seus produtos da marca Bira e Birinha chegaram aos 200 pares/dia elaborados por 25 trabalhadores.

Os sócios da Bira diversificaram o leque de produção da empresa, dos calçados infantis para os adultos em decorrência da procura maior observada nesse segmento. Entre as estratégias da empresa destaca-se a formação de lojas da fábrica instaladas em cinco cidades da região e as propagandas realizadas na rede Globo de televisão em horário nobre nos anos 1980 ⁶.



Ubiraci Chaves de Oliveira, começo da década de 1990.



No destaque, a marca Indústria e Comércio de Calçados Bira Ltda - o Birinha, década de 1980.

⁶ Em 2009, a Bira permanece no setor como empresa que se destina à confecção de bordados em calçados. A produção de calçados foi paralisada pela empresa.

Em 1983, foi fundada por Carlos Alberto Mestriner e seu pai Augusto Mestriner, a Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda em um pequeno galpão de 65m². A empresa fabricava sandálias “ortopédicas” e iniciou-se com quatro colaboradores e uma produção diária de 15 pares. Dois anos após sua fundação, a produção atingiu 750 pares/dia e um quadro de 62 trabalhadores. Nesta mesma época, a Calçados Klin Ltda passou por mudanças na sociedade, com a saída do senhor Augusto e a entrada de Valdir Mestriner.

Investindo em inovação e aperfeiçoamento constante de seus produtos a Calçados Klin Ltda conseguia avançar mesmo em períodos conturbados da economia brasileira. Em 1987, passava por momentos difíceis ocasionados pelo reflexo do plano Cruzado. A superação dessas dificuldades amadureceu a empresa, impulsionando seu crescimento e ampliando sua envergadura a partir desse período. Em 1988, ela atingiu uma produção de 6 mil pares/dia ⁷.



Carlos Alberto Mestriner, 2007.



Valdir Mestriner, 2007.



Propaganda da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda no Jornal Exclusivo, 1986.

⁷ Na década de 1990, a Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda assumiu a liderança como a maior empresa de calçados da cidade. Atualmente (2009) ela produz mais de 40 mil pares de calçados/dia empregando aproximadamente quatro mil trabalhadores.

A Pé com Pé Comércio de Calçados Ltda, foi fundada por Claudenir Antônio Detini e Wagner Aécio Poli e iniciou suas atividades em 11 de março de 1986. A empresa foi constituída sob o nome de Calçados Di-Fêmini Indústria e Comércio de Calçados Ltda, e sua produção era direcionada ao segmento feminino adulto. Ela foi instalada nos fundos da casa dos pais de Wagner e se iniciou com uma pequena produção de cinco a dez pares diários. No começo, os sócios tiveram que dedicar o período noturno e os finais de semana ao empreendimento, em decorrência de exercerem outras atividades profissionais durante o dia. Nesta época, Wagner era proprietário de um ateliê que desenvolvia e projetava modelos de calçados para diversas empresas do ramo e Claudenir trabalhava em um comércio de vendas de componentes para o setor calçadista ⁸.



Wagner Aécio Poli, década de 1990.



Claudenir Antônio Detini, década de 1990.

⁸ Em 1990, a empresa passou por uma mudança muito importante para seu futuro: a modificação de sua linha de produtos de calçados femininos para os calçados infantis. A continuidade do crescimento, em 1992, levou um dos sócios (Wagner) a dedicar-se integralmente ao desenvolvimento do negócio, e promoveu uma mudança importante: a alteração de seu nome para Pé com Pé Comércio de Calçados Ltda. Após as alterações, a empresa adentrou em uma trajetória de crescimento sustentado e hoje (2009) encontra-se entre as maiores empresas de calçados de Birigui.



Fundos do prédio onde foi instalada a Pé com Pé Comércio de Calçados Ltda, 1986. Na época, a empresa se chamava Calçados Di-Fêmini Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Primeiros funcionários da Pé com Pé Comércio de Calçados Ltda, 1986. Na época, a empresa se chamava Calçados Di-Fêmini Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Fachada do primeiro prédio da Pé com Pé Comércio de Calçados Ltda, 1986.



Foto área do prédio da Pé com Pé Comércio de Calçados Ltda, década de 1990.

Em 1987, iniciou atividades a Indústria e Comércio de Calçados Menina Ltda, sociedade formada por quatro irmãos (Edson Geareta, Edvaldo Geareta, Edmundo Geareta e Edilson Geareta). A empresa foi instalada na rua Florida, nº 92 no bairro Santo Antônio, em uma pequena casa alugada de três cômodos. Os primeiros equipamentos (uma lixadeira, uma mesa de corte, algumas formas, um compressor e uma prensa) foram adquiridos com recursos oriundos do décimo terceiro salário dos sócios, que trabalhavam em outro local e tinham como objetivo ter seu negócio próprio.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Menina Ltda, rua Florida, nº 92, começo dos anos 1990. No destaque, o veículo que serviu de transporte por muitos anos para entrega de calçados.

No começo, a produção da fábrica foi direcionada ao público feminino adulto com a produção de calçados do número 33 ao 39. No ano seguinte, em 1988, a Indústria e Comércio de Calçados Menina Ltda direcionou a produção para o segmento infantil, introduzindo as sandálias ortopédicas unisex em sua linha de produção. Importante destacar que a produção inicial da empresa de 10 pares diários foi confeccionada pelos próprios sócios (que em decorrência das dificuldades iniciais, não contrataram trabalhadores e produziam os calçados após o horário de expediente, aos finais de semana e feriados).

Os calçados produzidos pela empresa receberam o nome fantasia de Dengo e Totti, sendo o nome Dengo muito conhecido no mercado calçadista brasileiro na época.

O trabalho e a determinação dos sócios impulsionaram o crescimento da empresa. No final de 1988 a produção dela chegou aos 100 pares/dia. E, dois anos após a instalação do empreendimento, sua produção chegou aos 500 pares/

dia, época em que empregava 25 trabalhadores. Importante destacar que apesar das profundas mudanças ocorridas na década de 1980, geradas pela disseminação do uso de matérias-primas alternativas (sintético, tecido, borracha e plástico), a Calçados Menina Ltda, manteve o couro como insumo básico de seus produtos ⁹.



Edson Geareta, década de 1990.



Empresários de Birigui em feira realizada no Rio Grande do Sul (RS) no começo da década de 1990. Da esquerda para a direita: José Roberto Rodrigues (Ortopasso), Wagner Aécio Polí (Pé com Pé), Edvaldo Geareta (Calçados Menina) e Eldir Paulo Scarpim (Calçados Pixote).

⁹ E, em 2000, após enfrentar todas as dificuldades dos anos 1990, a Calçados Menina Ltda encerrou suas atividades. Entretanto, sua história continuou por outras vias, pois um dos sócios, Edson Geareta, abriu uma nova fábrica de calçados chamada ALF (Iniciais das letras do nome de seu filho) com a marca fantasia Edpé.

A Indústria e Comércio de Calçados Pampili Ltda, formada por José Roberto Colli e sua esposa, Maria Aparecida Mestriner Colli, iniciou suas atividades em 5 de fevereiro de 1987, direcionando a produção para o segmento infantil. No início, os sócios, tiveram dificuldades para dar pulso ao empreendimento, pois cada um dedicava-se a uma profissão diversa da relacionada a confecção de calçados infantis. Colli era gerente de banco e sua mulher, farmacêutica, ambos em Piracicaba (SP).

Quando a empresa começou a ganhar envergadura, o casal fixou domicílio em Birigui, concentrando suas atividades na fábrica e formando uma história de vida voltada à empresa – Calçados Pampili Ltda.

Instalada em um prédio de 200 metros quadrados, produzindo 20 pares diários confeccionados por seis trabalhadores, inicialmente, denominava-se Kolli's Indústria e Comércio de Calçados Ltda. Entretanto, em decorrência da existência de uma empresa com um nome parecido, optou-se por substituí-lo por Pampili. No final da década de 1980, a empresa ampliou suas instalações para 500 metros quadrados, época em que empregava 65 operários e produzia 650 pares diários de calçado infantil feminino, segmento no qual a Pampili se especializou ao longo de sua trajetória ¹⁰.



Maria Aparecida Mestriner Colli, 2008.



José Roberto Colli

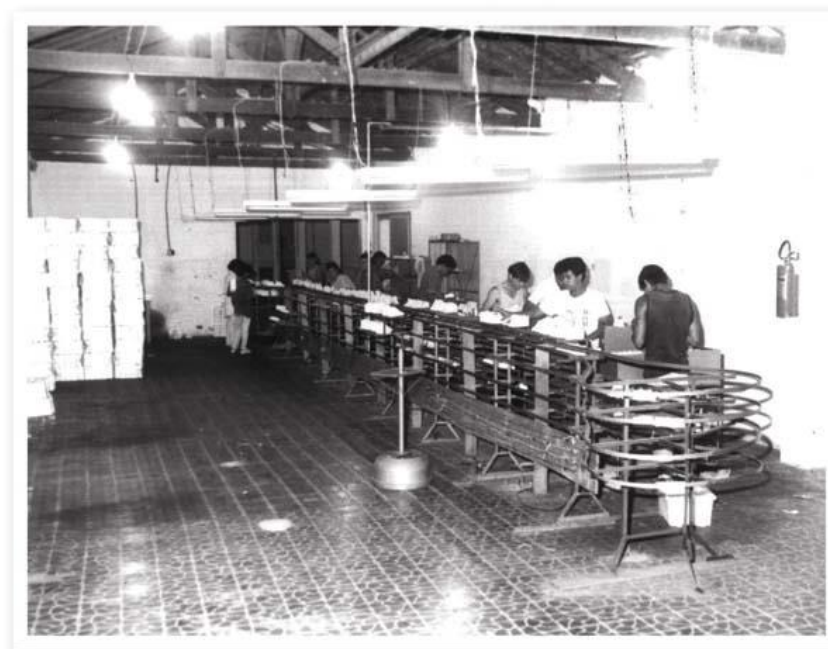
A Indústria e Comércio de Calçados Marckstein Ltda, sociedade formada por Denílson Eckstein e Dailton Marim, iniciou suas atividades na cidade de Birigui em 1988, direcionando sua produção para o segmento infantil. A empresa começou produzindo 30 pares diários, confeccionados por quatro trabalhadores, inicialmente, na Rua Belmont em um prédio de aproximadamente 60 metros quadrados. No princípio, a razão social da empresa era Marckstein (abreviaturas dos sobrenomes Marim e Eckstein) e o nome fantasia era Babylândia. Devido às necessidades de im-

¹⁰ A empresa apresentou um elevado crescimento nos anos 1990 e atualmente (2009) é a segunda maior da cidade de Birigui.

pulso e fomento para garantir o seu início, Dailton administrava e gerenciava a empresa e Denílson os negócios e intercâmbios necessários para a comercialização dos produtos (no começo teve que conciliar as funções de empresário e representante comercial de outras empresas). E, em uma das primeiras negociações, houve uma venda de 400 pares de calçados infantis, o que desencadeou o impulso necessário para a comercialização do produto e solidificação da marca ¹¹.



Denilson Eckstein, década de 1990.



Linha de produção da Indústria e Comércio de Calçados Marckstein Ltda, década de 1980.

¹¹ Em 2000, suas famosas linhas de produtos (MKS Tênis, Sapatinho de Cristal e Babycity) foram substituídas pela marca Brink, que passou também a ser o nome fantasia e a razão social da empresa. Em 2001, Denílson adquiriu a parte pertencente a seu sócio Dailton Marin, permanecendo à frente da Brink. Contudo, algum tempo após a saída de Dailton, Eckstein incorporou dois novos sócios na empresa: Oscar Gonçalves e Josué Donizete Rodrigues de Almeida. A Calçados Brink Ltda permanece atualmente entre as grandes empresas do setor calçadista de Birigui (2009).



Linha de produção da Indústria e Comércio de Calçados Marckstein Ltda, década de 1980.

A experiência adquirida durante o período em que foi sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Kit-Net Ltda, entre 1984 e 1987, somada ao espírito empreendedor nato, levaram José Roberto Rodrigues a instalar a Indústria e Comércio de Calçados Ortopasso Ltda em 1988, direcionada à produção de calçados infantis. Em um prédio alugado de 350 metros quadrados, localizado na Vila Maria e, contando com algumas máquinas emprestadas, iniciou com uma produção de 150 pares diários de calçados infantis confeccionados por oito operários. A experiência de José Roberto Rodrigues agregada a diferenciação dos produtos da empresa, que eram todos confeccionados em couro, impulsionaram o crescimento do empreendimento em pouco tempo. Com seis meses de atividade, a fábrica começou a obter respostas positivas do mercado consumidor, iniciando uma trajetória consistente de crescimento ¹².

¹² Acompanhando as tendências do mercado ao longo dos anos 1990, a Calçados Ortopasso Ltda foi alterando sua linha de produção, dos sapatos de couros para o tênis e, posteriormente, utilizando-se do sintético. Além disso, buscou-se investir em inovações tecnológicas, na melhoria permanente e constante de seus produtos e na profissionalização e especialização de seus colaboradores. Essas estratégias permitiram uma ampliação da produção que atingiu 1000 pares/dia na década de 1990 e foi evoluindo gradativamente até os 10.000 pares diários ao final da referida década. Atualmente (2009), a empresa se destaca entre as maiores de Birigui.

Para contextualizar o estágio de desenvolvimento da indústria de calçados de Birigui no começo da década de 1980, segue abaixo uma lista das 47 empresas de calçados da cidade em 1981.

Quadro 2: Relação de empresas de calçados da cidade de Birigui no ano de 1981

Nome da Empresa	Marca dos principais produtos
Agatelli, Bulzzato & Cia - Novita Indústria e Comércio de Calçados Ltda	Vitinha
Alceu Tossato & Cia - Indústria e Comércio de Calçados Tossatti Ltda	Tossati
Ari Alves - Birigui Calçados Ketty Ltda	Ketty
Bical - Birigui Indústria e Comércio de Calçados Ltda	Bical
Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda	Beni
Calçados Baby Indústria e Comércio Ltda	Baby
Calçados Concord Indústria e Comércio Ltda	Concord
Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda	Katina e Nenê
Indústria e Comércio de Calçados Hobby Ltda	Hobby
Indústria e Comércio de Calçados Clícia Ltda	Clícia
Indústria e Comércio de Calçados Criléia Ltda	Criléia
Calçados Anita - Indústria e Comércio de Calçados Ltda	Anita
Indústria e Comércio de Calçados Danzer Ltda	Pequito
Daknel - Indústria e Comércio de Calçados Ltda	Daknel
Indústria e Comércio de Calçados Glisa Ltda	Glisa
Guelphi - Indústria e Comércio de Calçados Ltda	Piuca e Miudinha
Indústria e Comércio de Calçados Mariely Ltda	Mariely
Indústria e Comércio de Calçados Tânia Ltda	Tânia
Indústria e Comércio de Calçados Derly Ltda	Derly
Indústria e Comércio de Calçados Rinde Ltda	Rinde
Indústria e Comércio de Calçados Ibelca Ltda	Baby-Bel
Indústria e Comércio de Calçados Joval Ltda	Joval
Indústria e Comércio de Calçados Cervelati Ltda	Di-Fiori
Indústria e Comércio de Calçados Pérola Ltda	Tatá, Pet e Simone
Ypo Indústria e Comércio de Calçados Ltda	Ypo
Indústria e Comércio de Calçados Ika Ltda	Ika
Indústria e Comércio de Calçados Avak Ltda	Avak
Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda	Menopé
Indústria e Comércio de Calçados Filadélfia Ltda	Filadélfia

Indústria e Comércio de Calçados Kap Ltda	Kap e Gatita
Indústria e Comércio de Calçados Kelly Ltda	Kelly
Indústria e Comércio de Calçados Marjan Ltda	Dândi
Indústria e Comércio de Calçados Mapu Ltda	Aninha
Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda	Mimi, Índio, Biri e Mimo
Indústria e Comércio de Calçados Milla Ltda	Milla
Indústria e Comércio de Calçados Mabam Ltda	Vivi
Indústria e Comércio de Calçados Ortofino Ltda	Ortofino
Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda	Popi
Indústria e Comércio de Calçados Pet-Pan Ltda	Pet-Pan
Indústria e Comércio de Calçados Rudikal Ltda	Rudikal
Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum	Kiuti, Cavalo Branco e Anahy
Indústria e Comércio de Calçados Rodimar Ltda	Dani e Daniela
Indústria e Comercio de Calçados Sallus Ltda	Sallus
Indústria e Comércio de Calçados Sandal Days Ltda	Fabi e Sandal Baby
Indústria e Comércio de Calçados Sfapa Ltda	La Round
Indústria e Comércio de Calçados Zipmar Ltda	Mila e Pinguinho de gente

O surgimento de grande número de empresas e o desenvolvimento do parque produtivo calçadista desencadeou um aumento considerável na produção e no número de empregados da indústria (vide tabela 4).

Tabela 4: Produção e número de empregados da indústria de calçados da cidade de Birigui entre 1979 e 1988

Anos	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Produção de calçados	-	-	-	-	-	-	17.781.510	25.292.100	20.405.900	21.426.195
Número de empregados	3.500	-	-	-	4.785	-	7.223	9.753	8.028	8.680

Fonte: Souza (2006).

Apesar da ausência de informações quantitativas (produção e empregados) para alguns anos, fato que dificulta a elaboração de uma série histórica completa para o setor, os dados apresentados permitem realizar algumas comparações. Em um primeiro momento, a comparação das informações da tabela 4, aos últimos dados disponíveis da segunda década de industrialização (1969-1978) evidencia a consolidação da indústria do calçado na cidade de Birigui. A

produção estimada de oito milhões de pares para o ano de 1978, aumentou para pouco mais de 17 milhões, em 1985. E, os 3.500 empregados das empresas, em 1979, aumentaram para 8.680, em 1988, indicando uma especialização da mão-de-obra, peça fundamental para o desenvolvimento industrial.

Destaca-se que alguns eventos colaboraram para o desenvolvimento da indústria de calçados infantis da cidade de Birigui durante a “era de ouro”: a consolidação do processo que se desenrolava desde a metade da década de 1970 – a substituição do couro pelos insumos alternativos (borracha, plástico, sintético e tecido); a revolução no universo infantil ocorrida na esteira de sucesso dos vários programas de televisão voltados para as crianças e que viraram febre durante a década de 1980 e as seguintes, dentre os quais o famoso “Xou da Xuxa”. Adiciona-se aos acontecimentos apresentados a grande diversidade de cores introduzidas no período, a disseminação do uso da alta frequência, as inovações realizadas (ex: solado bicolor com aroma) e a agregação de brindes e brinquedos que se transformaram nas décadas subsequentes, em um dos principais diferenciais competitivos do setor.

3.3 MUDANÇAS EM CURSO: A PRODUÇÃO DE CALÇADOS ALTERNATIVOS, AS INOVAÇÕES DO SETOR E O MUNDO INFANTIL

Conforme apresentado no item anterior, durante 1979 e 1988, ocorreram profundas transformações no setor calçadista, muitas das quais lideradas por empresas da cidade de Birigui. Uma das mudanças verificadas no período foi o aumento da demanda e da produção de calçados infantis elaborados com materiais alternativos. Apesar do processo ter iniciado timidamente, em meados dos anos 1970, foi na década de 1980 que ele consolidou-se, mais precisamente no ano de 1985 – quando cresceu a confecção de calçados com borracha, plástico, sintético e tecido.



Calçados produzidos pela Indústria e Comércio de Calçados Pinóquio Ltda em material alternativo, década de 1980.



Calçados produzidos pela Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda em material alternativo, década de 1980.

De acordo com Reis (1994), durante a década de 1980 houve uma predominância do consumo de calçados alternativos em detrimento ao tradicional calçado de couro. Diversas podem ser as explicações para essas alterações: o perfil da distribuição de renda do país; os impactos das crises econômicas no poder aquisitivo da população brasileira e o encarecimento do couro em decorrência de uma elevação da produção e do aumento das exportações que reduziu a disponibilidade da matéria-prima no mercado interno. Aos fatores destacados pode ser incluído o argumento de que os calçados produzidos com materiais alternativos apresentavam ganhos de produtividade e de custo, condição que proporcionava uma queda no preço final do produto, comparado ao similar produzido em couro.

Dessa forma, os calçados alternativos, por apresentarem preços mais reduzidos, tinham uma demanda superior aos calçados confeccionados com couro, conforme apresenta a tabela 5.

Tabela 5: Consumo per capita de calçados no Brasil entre 1980 e 1988

Anos	Calçados de couro	Calçados alternativos	Total
1980	1,35	2,46	3,81
1981	1,31	2,46	3,77
1982	1,32	2,43	3,75
1983	1,25	2,37	3,62
1984	1,33	2,38	3,71
1985	1,32	2,24	3,56
1986	1,40	2,51	3,91
1987	1,26	2,96	4,22
1988	1,22	2,67	3,89

Fonte: Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado de São Paulo, extraído de Reis (1994).

A indústria de calçados de Birigui também acompanhou as mudanças em curso no setor, realizando a substituição do couro por insumos alternativos. Na realidade, o perfil do consumidor dos calçados produzidos pelas empresas da cidade – o público infantil – acabou facilitando e acelerando o processo de substituição, pois a garotada absorvia inovações mais rapidamente em relação ao público adulto. Sinais desse movimento de substituição de materiais pelas fábricas da cidade foram detectados nos anos 1970 (vide capítulo 2). Entretanto, no período posterior, ele ganhou intensidade e um poderoso aliado – o tênis. O tênis criava uma sensação de liberdade nos pés e sua anatomia trazia conforto,

ingredientes muito valorizados pelos baixinhos (usando o jargão da apresentadora Xuxa muito usado nos anos 1980 para se referir às crianças).

De acordo com Antônio Ramos de Assumpção, o tênis chegou em primeiro lugar para o consumidor adulto, que passou a adotá-lo¹³. E como os pais gostam de calçar seus filhos com os mesmos modelos que usam, logo o tênis também ganhou força no segmento infantil. Ele ajustou-se perfeitamente ao público brasileiro e não foi uma moda passageira, o tênis entrou, ficou e foi notório o seu crescimento no começo dos anos 1980.



Tênis produzido pela Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum, começo da década de 1980.

O ano de 1986 foi o período de consolidação do processo de mudança da matéria-prima utilizada por grande parte das fábricas de Birigui em decorrência do crescimento elevado na produção de calçados e da escassez e encarecimento do couro. A Indústria e Comércio de Calçados Carbi Ltda, sociedade formada por Amauri César Bini e Renato Carmona dos Reis, pode ser citada como um caso que ilustra a problemática apresentada. De acordo com um dos proprietários da Calçados Carbi Ltda, Amauri César Bini, o aumento da demanda gerado pelo Plano Cruzado em 1986, somado ao encarecimento do custo do couro, naquele ano, levou sua fábrica a substituir o couro pelo material sintético. De 1987 em diante, ela passou a produzir calçados, usando somente matérias-primas sintéticas, que inclusive eram mais baratas e proporcionavam ganhos de produtividade.

Outros exemplos da utilização de materiais alternativos pelas empresas de calçados de Birigui durante o período analisado podem ser listados: a Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda utilizava o sintético e o tecido para a confecção de calçados em 1979; a Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda produziu calçados infantis com tecido cristalizado em 1980; a Indústria e Comércio de Calçados Glisa Ltda confeccionou produtos com

¹³ Informações coletadas da entrevista de Antônio Ramos de Assumpção concedida ao Jornal Exclusivo em agosto de 1984, intitulada: Tênis está se consolidando no mercado infantil

o couro sintético e os emborrachados em 1982; a Indústria e Comércio de Calçados Biri utilizou o nylon em 1982; a Indústria e Comércio de Calçados Caruse Ltda e a Indústria e Comércio de Calçados Pucky Ltda utilizaram a lona em 1984; a Indústria e Comércio de Calçados Kit-Net produzia calçados com o poletine e o nylon em 1986 e, por fim, a Indústria e Comércio de Calçados Kiuty – antiga Rassum elaborava seus produtos com o sintético, o tecido e o nylon, em 1987.

Por fim, em depoimento concedido ao Jornal Exclusivo em 26 de agosto de 1984, o empresário Sérgio Henrique Hecth, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Kelly Ltda, comentou que sua empresa (detentora da marca Kelly e Monalisa) realizou o lançamento de uma modelagem rica em materiais alternativos tanto na linha Kelly (do número 16 ao 22) como na Monalisa (23 ao 32). Na época, o couro havia deixado de ser um material predominante na empresa e os alternativos como o emborrachado sintético, o lezard e o réptil passaram a dominar a produção da fábrica. Segundo o empresário quem não utilizasse esses materiais ficaria fora do mercado.

3.3.1 As inovações do setor e o mundo infantil

A indústria de calçado infantil passou por profundas transformações nos anos 1980 – uma década singular. O percurso da indústria de 1960 até a década de 1980 indica as mudanças ocorridas no setor.

Na década de 1960, poucas eram as opções de cores e modelos de calçados infantis disponíveis para as crianças: o preto, o branco e o marinho eram algumas das cores usadas na confecção dos calçados da época, o “Kicker” (sapato infantil apelidado de Bico Virado) e a “Balinha” os modelos existentes. Do ponto de vista da matéria-prima predominava e reinava o couro (usado tanto no solado como no cabedal).

Os anos 1970 marcaram o início de uma revolução silenciosa no mundo das crianças, com a introdução de novos materiais, entre os quais o mocassim, os tecidos rústicos e o sintético (este último de forma tímida em decorrência dos preconceitos existentes em relação ao material); o uso de personagens de histórias infantis, a introdução do tênis e uma pequena diversificação das cores dos produtos. Era a época de confecção de sapatos com o bico arredondado.

Todavia, foi na década de 1980 que a revolução conquistou os pés e se consolidou: o tênis ganhou as ruas, o jeans atingiu o seu ápice, o plástico ganhou forças, surgiram os solados com aroma e os pré-fabricados de PVC e a borracha e o nylon tornaram-se insumos da moda.

Os programas infantis que nasceram no período encantavam a menina e para se aproximar dos pequenos, empresas do setor alimentício, de roupas, de brindes e de brinquedos passaram a patrocinar esses programas, processo que foi seguido pelas empresas de calçados, principalmente, aquelas que produziam calçados infantis.

As inovações do setor e do mundo infantil chegaram até as caixas de calçados que antes serviam apenas para acondicionar os produtos durante a transição da fábrica até a loja e da loja até a casa dos consumidores, sendo posteriormente descartadas. Elas passaram por uma revolução e começaram a exercer um papel chave nas estratégias das empresas em conquistar os corações e as mentes das crianças: as caixas transformavam-se em brinquedos, carinhos de bonecas, ilhas, praias e tantos outros produtos que gravitassem ao entorno do universo infantil e pudessem encantar as crianças.

E, as empresas de calçados da cidade de Birigui não ficaram apenas observando as mudanças em curso, elas participaram ativamente de toda a trajetória percorrida pela indústria brasileira e, no segmento infantil elas ajudaram a revolucionar, transformando-se na mola propulsora e no epicentro de muitas inovações.

Nesse contexto, muitas empresas da cidade se destacaram e inovaram o mercado introduzindo gibis, que acompanhavam os calçados e narravam histórias educativas para as crianças; caixas que se transformavam em brindes; calçados desenvolvidos e que tinham origem em histórias de gibis e revistas em quadrinho; calçados desenvolvidos tendo como tema grandes acontecimentos dos anos 1980 (como exemplo a passagem do Cometa Ralley próximo do Planeta Terra, em 1986); produtos confeccionados com licenças de marcas de desenho animado e de grandes complexos relacionados ao mundo da criança: Warner Brothers, Turma da Mônica, Walt Disney, entre outros. Enfim, foram muitas as inovações desencadeadas por empresas nascidas e sediadas na cidade de Birigui e que ficaram registradas nas páginas da história do setor.

De todas as empresas que se destacaram naqueles tempos, relembramos de uma que eternizou seu nome, a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.

Além dos investimentos constantes em novos materiais, teste de produtos, marketing, máquinas e equipamentos, design, estrutura física e capacitação de colaboradores, foi pioneira na renovação das embalagens de calçados e no desenvolvimento de gibis com histórias educativas tendo como personagens seu mascote – o bonequinho Popi. Ela foi uma das primeiras empresas da indústria brasileira de calçados que apresentou uma nova roupagem para a tradicional caixa de calçados.

Em 1988, suas caixas deixaram de servir apenas para o acondicionamento do produto entre a fábrica e a loja, para se transformar em uma embalagem tão revolucionária quanto lúdica ¹⁴.

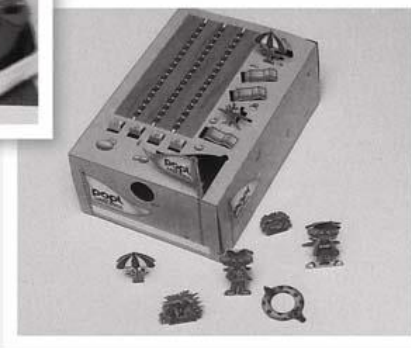
O trabalho de diferenciação de produtos teve início com o lançamento da linha Popi Sport em janeiro de 1988. Na época, houve o lançamento de uma embalagem de calçados que se transformava em um brinquedo para crianças – um micro-ônibus. O sucesso foi tão grande que a empresa resolveu estender a inovação para todas as linhas do segmento infantil. Em seguida, para o lançamento da linha Poupeé by Popi destinadas ao público feminino foi desenvolvida uma embalagem bem diferenciada e que se transformava em um carrinho de bonecas e encantava as meninas.

E, na esteira desses sucessos, vieram depois as sandálias Popi Surfing do número 22 ao 32, embalada em um caixa que se transformava em uma ilha tropical contendo uma miniatura do famoso bonequinho da Popi com um prancha de surf, uma tartaruga, um macaco, um pelicano e outros animais. Depois foi lançada a sandália Popi anatômica do número 22 ao 32 que vinha em uma embalagem lúdica que se transformava em um cubinho com muitos desenhos estampados e a linha Popi Jogging do 22 ao 39, destinada ao público infantil e infanto-juvenil e que contava com uma caixa cheia de ilustração e colagens da moda.



Caixa de calçados produzida pela Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda e introduzida no mercado no começo do ano de 1988. Produto inovativo que se transformava em um micro-ônibus.

Caixa de calçados produzida pela Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda e introduzida no mercado no começo do ano de 1988. Produto inovativo que se transformava em um brinquedo.



¹⁴ Revista Lançamentos de setembro de 1989.




EMBALGEM SANDÁLIA SURFING ILHA

Caixa de calçados produzida pela Popi Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda e introduzida no mercado no começo do ano de 1988. Produto inovativo que se transformava em uma ilha tropical.

A Calçados Popi Ltda também se destacou por criar minigibis que narravam histórias educativas para as crianças e que tinham como personagem, o mascote da empresa – o bonequinho de sapatos grandes e sorriso cativante chamado Popi. Em uma das histórias narradas nos minigibis o mascote da empresa ensinava as crianças os cuidados que deveriam ter com o trânsito e com as ruas de modo que elas pudessem andar com mais segurança. Os gibis incluíam até dicas para as crianças de como lavar os calçados para aumentar sua durabilidade. Uma das histórias intitulada “Popi em uma aventura na floresta”, vinha até com um caça palavras educativo que colaborava para o desenvolvimento do vocabulário entre os pequenos.

Destaca-se que outras empresas da cidade também desenvolveram produtos diferenciados entre 1979 e 1988, colaborando para introduzir inovações do setor durante sua terceira década de desenvolvimento. Houve empresas que optaram pelo desenvolvimento de calçados e coleções tendo como tema famosas histórias de gibis, que eram agregadas em seus produtos com o objetivo de conquistar a simpatia das crianças; outras optaram por desenvolver personagens próprios e algumas desenvolveram coleções e produtos com base em acontecimentos ocorridos na década de 1980 e características locais (da cidade de Birigui).

popi
it's delicious





"POPI EM UMA
AVENTURA
NA FLORESTA"




popi
it's delicious








QUÊ! QUE LUGAR
MAGNIFICO!



"TOMARA QUE ENCONTRE
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."




"É MUITO BONITO, MAS
TODOS ENLADOS, MAS NÃO
PARO ENSTE SUSTO."




"COMO É POSSÍVEL
QUE NÃO HAJA
NEM UM
SOMENTE NA
FLORESTA?"




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



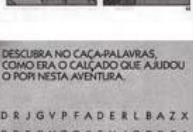
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."




"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."



"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."
"VAMOS VER SE ENCONTRO
ALGUÉM QUE LIGUE
A NOSSA CASA."
"SIM, MAS NÃO
PARECE QUE HAJA
NEM UM SÓ."

DESCUBRA NO CAÇA-PAALAVRAS
COMO ERA O CALÇADO QUE AJUDOU
O POPI NESTA AVENTURA.

DRJGVPPFADERLBAZX
BDFRNDOSSEUJOGBCA
XGTFBPPJAMNOATOGT
HVDRSIPLINGUETAL
BCFADRAVGVGDNOGU
BCDAGFRASDIOGIORL
AXCADARÇOMNKS LFO
FMJUAESALLGÇOAHF
JGFORTEOAGFR TJVG

Copyright © Birigui, 2008

Em relação ao desenvolvimento de coleções tendo como tema histórias conhecidas e difundidas em gibis infantis, revistas em quadrinhos e licenciamento de marcas internacionais, podem ser citadas duas empresas: a pioneira no desenvolvimento de calçados com essas características – a Indústria e Comércio de Calçados Mímo Ltda, que introduziu essa inovação no começo dos anos 1970 e ampliou o seu uso na década seguinte, incorporando novos personagens, entre as quais os personagens da Disney; e a Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda.

A Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda lançou em janeiro de 1980 (durante a tradicional Couromoda – na época sediada na cidade do Rio de Janeiro) uma sandália desenvolvida a partir dos personagens criados pelo desenhista Ely Barbosa no final dos anos 1970¹⁵. A sandália chamava-se “Nenê” e sua numeração era do 16 ao 22. Nenê era um dos componentes da Turma do Cacá (personagens de uma história de gibi desenvolvida por Ely Barbosa e direcionada para as crianças). Ely Barbosa lançou no começo dos anos 1980, uma revista em quadrinhos colorida de aproximadamente 50 páginas narrando a história de Cacá e sua turma. Esses personagens levavam muita graça aos produtos, revistas e jornais em que apareciam e foram sabiamente escolhidos pela Calçados Katina Ltda para figurarem como participantes de um de seus lançamentos.

Cacá era um cachorrinho e sua turma era formada por Lili e Dentinho (duas crianças muito engraçadas), Nenê (um bebê muito contestador), Escovão (um coelhinho que voava com uma enorme escova de dente), Fofura (esposa do escovão) e Gordo e Fininho (garotos de rua).



Personagens desenvolvidas por Ely Barbosa que foram utilizados pela Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda no desenvolvimento de seus produtos.

¹⁵ Além da turma do Cacá Ely Barbosa também tinham outros personagens interessantes. Um dos sucessos do desenhista era a história de algumas frutas e legumes que ganhavam vida e faziam muita atrapalhada na cidade de Hortolândia. Destacam-se entre os personagens dessa história os incríveis Tutti-frutis, o João Banana, o Melâncio, o padre Berinjela e o Abrobrino Lamparina (personagem muito atrapalhado), o exército de amendoins e o gozadíssimo paçoquinha.

Seguindo um caminho diferente, algumas empresas optaram por desenvolver personagens próprios. Esse foi o caso da Indústria e Comércio de Calçados Kit-Net Ltda, fundada em 1984, por José Roberto Rodrigues e Marcelo Sanches e direcionada a confecção de calçados infantis. A empresa cujo sugestivo nome estava relacionado a “algo pequeno” – ou seja, uma empresa que produzia algo para os pequenos – as crianças – desenvolveu dois personagens muito interessantes: o menino apelidado de “Kit”, e a menina apelidada de “Net”, ou seja, era a dupla “Kit e Net” (grandes sucessos de vendas da empresa).



Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Kit-Net Ltda na Revista Lançamento do mês de janeiro de 1987.

E, por fim, um terceiro caminho percorrido foi o desenvolvimento de produtos e coleções tendo como tema grandes acontecimentos ocorridos nos anos 1980. Esse foi o caso da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda.

A Calçados Klin Ltda foi uma das empresas da indústria brasileira que desenvolveu produtos tendo como tema o cometa Halley. Em 1985, muitas informações foram divulgadas em relação a passagem de um cometa que rasgaria o céu com um risco luminoso, equivalente ao tamanho de trinta luas cheias enfileiradas. O cometa chamava-se Halley e a previsão era de que ele poderia ser visto no Brasil entre 10 de março e 4 de abril de 1986. O fenômeno despertava muito a atenção, porque segundo os especialistas, o Halley só aparece a cada 76 anos e, portanto, após 1986, somente em 2066 seria possível vê-lo novamente. E, na época, a expectativa de passagem do cometa fez com que a indústria

brasileira desenvolvesse uma infinidade de itens como roupas, brinquedos, materiais escolares, doces, programas de TV e documentários. Estimulada por esse acontecimento, a Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda lançou entre o final de 1985 e o começo de 1986 um produto chamado “Halley Star”.



Propaganda da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda, 1986. No destaque, a linha de produtos tendo como tema o “Cometa Halley”.

3.4 UM ANO MUITO ADVERSO: 1986 E O PLANO CRUZADO.

Ao longo de sua trajetória, a indústria de calçados da cidade de Birigüi, vivenciou períodos extremamente adversos desencadeados na maioria das vezes pela dinâmica da economia, que em determinadas épocas inclinava-se para o crescimento e, em outras, para a crise. Desse modo, houve épocas muito positivas para o parque calçadista local, momentos de crescimento industrial e de agigantamento da cadeia produtiva e períodos de dificuldades com crises intensas e o encolhimento da indústria local. O ano de 1986 foi um dos anos adversos vivenciados pela indústria do calçado, um dos ápices da “Era de ouro”.

No decorrer de seus doze meses acelerou-se a instalação de novas empresas, houve um aumento considerável da produção e do número de empregados, provocando falta de trabalhadores especializados, pois a produção crescia mais rápido que a capacidade de treinar novos quadros para serem absorvidos pelo setor. A matéria prima, couro, praticamente desapareceu do mercado, impulsionando

a sua substituição por insumos alternativos (borracha, plástico, sintético, tecido, etc). Em decorrência do crescimento da produção houve também escassez de insumos e aumento de preços de diversas matérias-primas e componentes para a indústria de calçados. Foi, portanto, o período de maior crescimento das empresas de Birigui na década de 1980, e, talvez, um dos mais robustos de toda sua história de desenvolvimento do polo calçadista desde 1958.

Em 1986, aproximadamente 60 novas fábricas de calçados foram instaladas na cidade, a produção local chegou aos 25 milhões de pares e a indústria passou a empregar 9.753 operários.

A principal explicação para o aceleração do crescimento foi o Plano Cruzado, implementado em 28 de fevereiro de 1986 pelo Presidente Sarney, com base no Decreto-Lei nº 2.283 de 27 de fevereiro de 1986. O Plano Cruzado foi uma Política Econômica criada para combater um dos grandes problemas da economia brasileira na época – a inflação. Seus instrumentos intervencionistas provocaram o aumento do poder aquisitivo da população brasileira acarretando uma explosão no consumo de calçados.

Em 1986, a implantação do Plano Cruzado trouxe de fato uma mudança nos rumos da política econômica: a inflação reduziu-se drasticamente, cresceu o nível de emprego da economia, os salários cresceram em termos reais, a indústria cresceu 11,3% e as importações cresceram, reduzindo o superávit da balança comercial a US\$ 8,3 bilhões. A expansão da economia foi acompanhada de ligeiro aumento nos investimentos, com crescimento de bens de capital e de bens de consumo duráveis, mas, sobretudo do setor produtor de bens de consumo não-duráveis, decorrência do aumento real nos salários e do nível de emprego. (Negri, 1996, p. 157).

Todavia, é importante destacar que a euforia do Plano Cruzado trouxe consequências para o setor, em 1987, ano em que a indústria enfrentou um período de dificuldades. Em relação ao Plano Cruzado, nos primeiros dias de vigência, as empresas de Birigui pararam seu faturamento para que pudessem entender e se adaptarem as novas regras da Política Econômica. Em uma edição do Jornal Exclusivo de 12 de março de 1986, foram apresentadas informações sobre a primeira reunião coletiva organizada pela Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui em 05 de março de 1986 para atender aos pedidos de esclarecimentos dos associados. Na ocasião, a diretoria da Associação Patronal anunciou que teria um encontro com assessores do Ministro da Fazenda, Dílson Funaro, em São Paulo, no dia 07 de março. Já no dia 08 de março organizou-se uma nova reunião nas

dependências da Câmara Municipal de Birigui na qual compareceram mais de 90 empresários (inclusive de outras cidades) para ouvir as notícias e informações trazidas pelos diretores da Associação.

Após esclarecerem que a desindexação seria uma medida normal e legal, José Manoel Sanches e Marco Antônio Oliveira sugeriram a formação de comissões para visitarem os principais fornecedores da indústria de calçado de Birigui. Cada comissão de trabalho contava com dois ou três empresários que tinham como objetivo o contato com os maiores fornecedores das indústrias de Birigui, visando mostrar o posicionamento da entidade com relação a necessidades de desindexação dos custos, ou seja, redução dos preços dos insumos, matérias-primas e componentes destinados à indústria calçadista. O produtor de calçados só poderia deflacionar suas mercadorias, se o fornecedor também seguisse o mesmo caminho.



Reunião na Câmara Municipal de Birigui no dia 08 de março de 1986 organizada pela Associação das Indústrias do Vestuário de Birigui para esclarecer os empresários sobre as medidas do Plano Cruzado.

De acordo com o Jornal Exclusivo de 12 de março de 1986, no dia 10 de março de 1986, a Associação das Indústrias do Vestuário de Birigui autorizou a colocação de seu nome em um comunicado que o Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca passou para vários órgãos da imprensa do país.

O comunicado informava que toda a fatura anterior a 01 de março de 1986 deveria ser deflacionada para o cruzado aplicando-se o fator de conversão da tabela normal. Porém, os novos pedidos de compra teriam que apresentar como teto máximo os preços unitários dos produtos recebidos em fevereiro, devidamente desindexados (Jornal Exclusivo de 12 de março de 1986).

E, ainda em 10 de março de 1986, a Associação convocou uma reunião com fornecedores e representantes de matérias primas para calçados em que informou sua decisão. E deixou bem claro o seguinte: as mercadorias não deflacio-

nadas seriam imediatamente devolvidas e o fornecedor que não se enquadrasse no espírito do Decreto-Lei 2.283 seria denunciado às autoridades.



Marco Antônio Oliveira, Presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui em reunião com outros dirigentes de polos calçadistas brasileiros com o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, em Brasília em junho de 1986.

Após a transição por esses momentos de incertezas e ajustes ocorridos nos primeiros meses de vigência do novo Plano Econômico foi possível verificar um crescimento da indústria de calçados de Birigui. Em inúmeras edições, o *Jornal Exclusivo*, destacou o “boom” no desenvolvimento calçadista Biriguiense. Para lembrar um pouco desses momentos importantes da história local, escolhemos algumas das capas do *Jornal Exclusivo* publicadas durante o ano de 1986 para ilustrar os acontecimentos.

Os depoimentos de alguns empresários da cidade concedidos ao *Jornal Exclusivo* durante 1986 ajudam a entender as sensações dos que passaram por 1986.

O Diretor da Indústria e Comércio de Calçados Gamcal Ltda, João Carlos Sfaciotti, comentou no *Jornal Exclusivo* de junho de 1986, sua pretensão de aumentar em 50% a produção de calçados, que era de 500 pares/dia naquele período. A empresa pretendia atingir, num prazo de 30 dias, uma produção de 1.500 pares/dia. Segundo Sfaciotti, o aumento da produção não seria difícil, considerando o acentuado incremento das vendas de calçados no país e a situação favorável do mercado. O diretor da Calçados Gamcal Ltda comentou que as perspectivas otimistas para o segundo semestre, eram reflexo do aumento da demanda.

Para o diretor da Indústria e Comércio de Calçados Kelly Ltda, Sérgio Henriques Hecht, e para o diretor da Indústria e Comércio de Calçados Puky Ltda, Armando dos Reis, em entrevista ao *Jornal Exclusivo* de junho de 1986, havia um grande otimismo em relação às vendas do segundo semestre¹⁶. Segundo Armando dos Reis, as perspectivas para o segundo semestre eram ótimas, já que as vendas estavam motivadas pelas reforma econômica “(os) reflexos estão sendo positivos e a tendência é melhorar ainda mais nos próximos períodos”. Para Edson Luiz Pulzatto e Saleh Mustafá, da Indústria e Comércio de Calçados Ortofino Ltda, a mudança monetária no país reaqueceu as vendas

¹⁶ A produção da Indústria e Comércio de Calçados Puky Ltda era de 1.000 pares/dia com perspectivas de atingir 1.300 pares/dia.

BRIGUI: A Capital Brasileira do Calçado Infantil

Belca e Menopé expõem juntas nesta Couromoda

Nora Chimento, a filha de Calçados Belca, apresenta os tênis de marca Menopé, em lona e solado de látex.

Já o diretor da Ibelca, Antonio Noale, mostra os tênis de numeração 20 ao 32, em lona e solado PVC. E também, duas linhas para bebês: uma em sintético e a outra em couro, solado PVC, com passíveis e modelos graciosos.

"Esperamos obter pontos favoráveis aos nossos produtos por parte dos visitantes, na 'Couromoda'", comenta ele.

A Menopé costuma seguir um padrão em suas formas e implantar algumas novidades em sua moldagem tradicional.

"Renovamos os modelos no princípio de ano e incrementamos quando necessitados, 'diferentes, etc'", diz Marcos Noale.

Como meta principal, tanto a Ibelca, quanto a Menopé, pretendem divulgar o nome da indústria, produtos e marca. "Nosso objetivo básico é mostrar a empresa e seus artigos para que possam adquirir maior número de clientes. A feira ajuda a vender. Pode acontecer que o cliente, passe a comprar nossos produtos", observa Marcos.

Tênis é novidade de Chip's na Couromoda

BRIGUI — A Chip's Indústria e Comércio de Calçados Ltda., de Bertioga, estreia venda bem na Couromoda, por seus trabalhos com alicio na produção de seus artigos. "É a primeira participação da empresa em uma feira e o resultado que observamos dará base para definirmos a possibilidade de outras participações ainda este ano", declara Antonio Campos Belli, diretor da indústria, que aguarda a Couromoda com otimismo.

Além das sandálias (menina-moça e adulto), produzidas pela Chip's a empresa apresenta uma linha de tênis que é sua novidade. De acordo com o diretor da empresa, as sandálias como está abertas ao portar para a aplicação de novos clientes, boas vendas, e divulgação da firma e seus produtos. É o mais importante a experiência adquirida.

Dentre os pontos de maior importância para a Chip's na Couromoda, Antonio Belli salienta a divulgação e promoção dos artigos fabricados. "Apresentamos sandálias com a marca Careline na numeração 15 ao 39, feitas em couro e a mesma marca na numeração 23 ao 32 em sintético. Temos também o tênis infantil-juvenil de marca Chip's que é o nosso lançamento e que esperamos fazer sucesso

Flipper quer divulgar os personagens Buppi & Detto

O desaquecimento da indústria e Comércio de Calçados Ltda., de Bertioga, procura a marca Buppi e Detto. É uma linha que não tem personalidade própria e o objetivo é promover a marca, empresa e produtos em feiras e eventos infantis, além de outros, na feira Flipper e Couromoda.

Flipper quer divulgar os personagens Buppi e Detto, que são muito populares entre as crianças, através de uma campanha de vendas, posterior ao evento.

Na opinião de Oswaldo Pazian, deveria haver apenas duas feiras por ano, uma em cada semestre.

"Para que o trabalho da indústria não fosse complicado, o ideal seria uma feira em fevereiro ou março (para fevereiro) e a outra em agosto (para verão). E ainda deveriam ser realizadas em São Paulo, por ser uma cidade com maior infraestrutura e centralizada, onde a feira, mas os contatos feitos lá, resultam num reforço de vendas, posterior ao evento", finalizou.

NUNCA A BELEZA FOI TÃO FUNDAMENTAL



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇ. YPO LTDA.
Av. Nogueira Cabral, 310 - CEP. 261 - IM - 01.063-42-2823
CXP 18 - 300

Capa do Jornal Exclusivo, janeiro de 1986. Em 1986, o polo calçadista local apresentou um elevado crescimento e foi objeto de vários cadernos especiais publicados pelo Jornal Exclusivo. No destaque, a participação da Indústria e Comércio de Calçados Ibelca e Menopé Ltda na Couromoda; o trabalho de divulgação dos personagens infantis desenvolvidos pela Calçados Flipper Ltda e informações sobre o lançamento da Calçados Chip's Ltda.

CENTROS PRODUTORES

BIRIGÜI: A Capital Brasileira do Calçado Infantil

condenação geral
Gelu
publicidade

Circula nas lojas, indústrias de calçados e afins. Edição nacional. JANEIRO, 1986

grande a participação de Birigüi na Couromoda

UI — Realizada pela primeira vez em São Paulo este ano despertou a atenção de um maior de indústrias birigüenses. Por ser uma verdadeira o foco dos negócios, de boa localização de fluxo etc, a capital paulista oferece oportunidades aos expositores da Couromoda. Por essas razões, Birigüi conta com um número considerável de fabricantes divulgando seus artigos nesta feira. Os visitantes de Birigüi estão muito confiantes e o sucesso da feira. A vontade de divulgar produtos, nomes e marcas é unânime. Além disso, a oportunidade de novos contatos, que podem trazer a longo prazo futuras vendas, é uma certeza. Muitas empresas de Birigüi que estão presentes na Couromoda

86 são: Bical, Calcopé, Clícia, Chip's, Dina, Flipper, Glisa, Hobby, Ibelca, Katina, Klin, Kelly, Kiko, Kit-Net, Marbella, Menopé, Mimo, Popi, Rahal Assumpção, Kinde, Stelina, Tiptoe e Ypo e todas contam com o apoio da Prefeitura Municipal da cidade. Essas indústrias apresentam várias inovações em seus modelos tradicionais e lançamentos que prometem causar boa aceitação entre os lojistas e visitantes de modo geral. As linhas confeccionadas pelas indústrias de Birigüi vão do infantil ao adulto. Nota-se que apesar de ser a capital brasileira do calçado infantil, a cidade possui um número considerável de fábricas que representam bem tanto a linha infantil quanto a adulta.

Novo shopping para Birigüi

BIRIGÜI — Para melhor servir o consumidor da região, foi inaugurado em Birigüi o Shopping Rio. Situado na rua Barão do Rio Branco, conta até o momento com 14 lojas e possui ainda, em suas dependências, várias salas a serem ocupadas futuramente. Esta realização vem ao encontro das necessidades da cidade, que está carente de locais próprios para o comércio. O projeto arquitetônico é mais uma obra do empresário Evaldo Fiorotto e demonstra um estilo bonito e arrojado. Dentre as lojas que compõem o Shopping Rio está a Elias Calçados e Bolsas e em breve será para precorre também a Sandra Calçados, que é mais uma loja do grupo Gregório Arlmann.

coloca do calçado formou 28 pessoas

UI — O Centro de Treinamento Calçadista Avak, de Birigüi, com apenas dois meses de funcionamento já formou 28 profissionais aptos a atuar no setor calçadista, com especialização e pontualidade. Esses alunos receberam orientação de técnicos e poderão atuar nas indústrias de calçados com a qualificação necessária para a execução de tarefas compatíveis ao cargo ocupado. O Centro de Treinamento Calçadista Avak é uma conquista do setor em Birigüi, em colaboração com a administração municipal, em convênio com as indústrias locais. Com a participação da mão-de-obra, tanto as empresas locais quanto os funcionários qualificados serão favorecidos, com o aumento da produção, remuneração e qualidade dos produtos fabricados por profissionais capacitados.



O Centro de Treinamento Calçadista "Avak Bedouian" está sendo muito importante para o setor calçadista de Birigüi

Popi campeã de M em Birigüi

UI — A Popi — Indústria e Comércio de Calçados, novamente aparece em destaque. Desta feita seu marcante desempenho e notável contribuição econômica por ser uma das empresas que mais geram impostos sobre Circulação de Mercadorias no setor industrial da região de Birigüi. É de ter sido a única empresa de Birigüi a fazer parte da lista das maiores arrecadadoras de ICM, a Popi possui sete unidades de produção e usinas de grande porte. Para o próximo ano, ela deverá contar com novas instalações, na avenida Euclides Miraglia, próximo ao bairro de São João.

João Fiorotto: "Industrial do Ano" e "Cidadão Birigüense"

BIRIGÜI — Em 30 de novembro de 85 foi entregue o título de cidadão birigüense a João Euphrásio Fiorotto, diretor-presidente da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda. A entrega foi realizada no Birigüi Pérola Clube, onde vários empresários estiveram presentes para prestigiar o industrial. Em seu discurso, João Fiorotto não conteve a emoção ao contar a história de sua vida e carreira. Sua empresa é uma das 100 maiores do país, no setor de calçados, e a que mais gera ICM na região de Birigüi. Discursaram também o presidente da Câmara Municipal, José Manoel Sanchez e o prefeito Florival Cerevalati, que reconheceram seu valor como cidadão birigüense. HONRA AO MÉRITO Além de cidadão birigüense, João Euphrásio Fiorotto foi eleito o industrial do ano e recebeu este diploma em 19 de dezembro de 85 pela ACIB — Associação Comercial e Industrial de Birigüi. Esta entidade promoveu a escolha através de um questionário que as indústrias locais responderam, sem que fosse permitido na questão do voto, opção por parente ou sócio da empresa. O diretor-presidente da Popi foi escolhido para ambos os títulos, em virtude do trabalho que tem desenvolvido e pela demonstração de carinho por essa cidade. Seus colegas o qualificaram para tais honras por acharem justa uma homenagem a quem sempre colaborou com dedicação ao progresso de Birigüi.



João Fiorotto: emoção no discurso

Capa do Jornal Exclusivo, janeiro de 1986. No destaque, informações sobre a participação das empresas de calçados de Birigüi na Couromoda de 1986; o Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian e a entrega do título de cidadão birigüense e o de Industrial do Ano a João Euphrásio Fiorotto da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.

CENTROS PRODUTORES

BIRIGUI: A Capital Brasileira do Calçado Infantil

Cooperação entre
Gelo
Publicidade

Circuito nas lojas, indústria de calçados e ativas... edição nacional

Kelly: reformulação total na modelagem

BIRIGUI — Participando da Franca desde que foi fundada em São Paulo, a Kelly Indústria e Comércio de Calçados Ltda. está neste momento expando sua feitura apresentando uma reformulação total na modelagem, com certas inovações no salto. Trata-se de linhas meina-moça (malha) e as sandálias e atos fechados, com numeração do 16 ao 22 (17), confeccionados em solado de EVA e micro e salto anabela.

O principal objetivo da participação, de acordo com Sérgio Henriques Hecht, diretor da Kelly, é fazer grandes contatos com os lojistas, como também divulgar seus produtos e o nome da empresa. No ponto de vista dele, as vendas na docência dos produtos feitos na feira. Por isso está confiante que esta edição da Franca trará perspectivas para o segundo semestre.

Para Sérgio Henriques



Sérgio Henriques Hecht: muito otimismo

em termos de feira a Franca se destaca mais por ser uma continuidade de lançamentos de meados até o final do ano. "A Franca, tanto por sua tradição quanto pela organização, é a melhor feira para o fabricante de calçado negociar seus produtos. Estamos muito otimistas com a exposição levando em consideração as suas outras edições. Acredito que este ano o sucesso será ainda maior", reconheceu.

Com relação a reação dos lojistas, o empresário assinou que haverá uma participação expressiva da parte dele, pois, a procura de mercados tem sido intensa. "Os lojistas virão à feira com o propósito de comprar muito, pois terão que garantir sua mercadoria para o segundo semestre", finalizou.

Puky diversifica modelagens e cores

BIRIGUI — Demonstrando um expressivo desempenho em sua atividade, a Puky Indústria e Comércio de Calçados Ltda., vem obtendo bons resultados em suas vendas. Seus produtos tem apresentado boa aceitação e isso está refletindo no crescimento da empresa que, já tem vendas faturadas até julho. Fabricando a linha completa de calçados infantis, com numeração do 15 ao 22, a Puky apresenta diversificados modelos e cores.

Puky foi fundada em outubro de 84, pelo modelista, Armando dos Reis, que atua nesta área há 20 anos. Portanto seu conhecimento é profundo no que diz respeito a fabricação e modelagem de calçados. Antes de iniciar com a Puky, o empresário, fundou a Kelly e Guri", onde atuou aproximadamente durante cinco anos. Atualmente, é diretor da Puky, juntamente com sua esposa, Ezaete

Lúcia Bego dos Reis. Para ele, as perspectivas para o segundo semestre são ótimas, já que, as vendas estão sendo motivadas pela reforma econômica. "Os reflexos estão sendo positivos e a tendência é melhorar ainda mais nos próximos períodos. Assim teremos maior facilidade na produtividade e amplas condições de trabalho. A necessidade fundamental das pequenas e médias empresas, agora, se dirige ao apoio bancário, que está sendo escasso", esclareceu.



Armando dos Reis: boas perspectivas para o segundo semestre

em lona, solado de borcha e forro em PVC, acompanhando sempre o mercado.

No ponto de vista do empresário a linha infantil possibilita uma acerta expansão de crescimento por possuir um giro maior no mercado. Es um dos motivos pelo qual a empresa se dedica, especificamente, nesta linha, a preocupação em manter a qualidade de seus produtos.

PRODUÇÃO
Puky está com uma produção diária de 1.000 pares de calçados. Otimista com o potencial da fábrica, Armando dos Reis, quer ampliar o volume de produção, atingindo a margem de 1.300 pares/dia. Seus artigos tem cabedal

50 mil pares é a meta de vendas da Ortofin

BIRIGUI — Para os diretores da Ortofino Indústria e Comércio de Calçados Ltda., Saleh Mustafá e Edson Palzatto, o aquecimento nas vendas já é uma realidade, em função da mudança monetária do país. Por acreditam que a XVIII edição da Franca será um grande sucesso. Por esse motivo mostram-se muito contentes na aceitação de seus produtos que compõem sua coleção. Projetaram uma venda de aproximadamente mil pares.

"A feira em si sempre foi além das expectativas, neste ano será bem melhor, levando em consideração o espaço das vendas no final do primeiro semestre e o momento estar bastante propício, devido ao aumento dos preços. No entanto, os reflexos da Franca tendem a ser favoráveis", salientou Edson Palzatto.

Com relação ao comportamento dos lojistas, Saleh Mustafá assinou que será bom. Ele acha que a feira concentrará muitos visitantes.

A Ortofino trouxe para a Franca uma linha de composição de sapatos chanel, sandálias ortopédicas e tradicional linha de tênis em variados modelos, com ma e aplicação Hot Silk. Seus lançamentos são seis deles de botinhas, com numeração do 16 ao 22, que leva a marca Papa. E também, na linha feminino (do 24), seis modelos de sapatilhas, sizer, com a marca



Edson Palzatto e Saleh Mustafá

Gamcal inova sua coleção



Com 1.200 metros quadrados de área, o atual prédio da Gamcal possibilita aumentar a produção

BIRIGUI — Fabricando mocassim, sandalhão e chifres masculinos, com numeração do 20 ao 44, totalmente confeccionado em couro (solado, cabedal e unisola), em odélagem arrojada e acompanhando as tendências de moda, a Gamcal Indústria e Comércio de Calçados Ltda está inovando sua coleção. Mas a novidade principal é a linha de sapatilha feminina em couro com forro de borracha. Apresentando cinco modelos diferentes em oito cores (tradicional), a coleção feminina vai garantir à empresa a conquista de uma nova fatia do mercado.

Além disso, a Gamcal, com a nova linha, pretende aumentar em mais de 50 por cento sua produção, que anda de volta de 500 pares por dia. Dentro de 30 dias a empresa quer inclusive atingir uma produção de 1.500 pares/dia, o que, segundo o diretor João Carlos Sfacioti, não vai ser muito difícil, se considerado o aumento de sua

vorável no mercado.

O diretor da Gamcal reserva perspectivas muito otimistas para o segundo semestre e salienta que a indústria já está sentindo os reflexos positivos do aumento da demanda. "Em fevereiro e março, as vendas registraram declínio, mas de abril para cá, houve uma sensível recuperação. Nos meses que seguem, a tendência é melhorar ainda mais", enfatiza, João Carlos Sfacioti.

MAIS ESPAÇO

Gamcal mudou recentemente suas instalações para um prédio (próprio) com uma área de 1.200 metros quadrados, localizada na rua Liberdade, 935. Com a duplicação do espaço (prédio anterior tinha 600 metros quadrados), a empresa está agora melhor instalada, e portanto, com condições favoráveis para aumento de sua

Capa do Jornal Exclusivo, junho de 1986. No destaque, notícias sobre a Indústria de Comércio de Calçados Kelly Ltda; Puky; Gamcal e Ortofino.

CENTROS PRODUTORES

BIRIGUI: Um Polo Calçadista em Constante Ascensão

Circula nas lojas, indústrias de calçados e afins - Edição nacional
SETEMBRO 1986

Cooperação para a
Gelu
Publicidade
Filial de Birigui
Tel. 0180 42.1957

Cobertura Comercial: Edson Ferreira Machado
José Paulo Schmidt
Cobertura Redação: Irenita Rosemary Lagrotteria Arrau



Empresários birigüenses visitam feiras da Europa

Birigui. Vários empresários birigüenses estiveram na semana visitando as feiras de calçados na Alemanha e França. O grupo teve a maioria industrialistas, mas na presença de comerciantes. Tal demonstração que o Brasil em exposição exterior não apenas nos fabricantes de calçados ou

componentes, mas também em revendedores desse produto.

Birigui formou o seguinte grupo: Antonio Osmar Tuschin (Bical - Birigui Calçados Indústria e Comércio Ltda.), Dorival Felipini (Indústria de Calçados Biri Ltda.), José Manoel Sanchez (Gisa Indústria e Comércio de Calçados Ltda.), Joaquim Paça

Júnior (Calçados Hobby Indústria e comércio Ltda.), Marco Antonio Oliveira e Hamilton Vejalão Ferraz (Calçados Katina Indústria e Comércio Ltda.), Gregório Arslanian (Lojas Armênia, Carla, Minerva, Louca Karina e Sandra), Munir Djaback (Barão tecidos e Claudina Modas), Silas Ibañez Soares (Bical - Birigui Calçados In-

dústria e Comércio Ltda.), Carmelo Waldemar Petrilli e Octaviano de Oliveira Filho (Petrilli-Oliveira Injetados para Calçados Ltda.).

Esses empresários, passaram dez dias colhendo informações e aplicando os conhecimentos que devem aplicar em seus empreendimentos.

Exclusivo com novo endereço em Birigui

BIRIGUI - A filial da Gelu Publicidades em Birigui está em novo endereço. O representante oficial do Jornal Exclusivo e da Revista Lançamentos está funcionando agora na rua Francisco Galindo de Castro, 122 onde pretende intensificar o atendimento as indústrias de calçados da região noroeste e oeste do Estado de São Paulo.

Edson Ferreira Machado e José Paulo Schmidt destacam que após dois anos de atividades em Birigui a empresa conseguiu cadastrar cerca de 200 indústrias do setor coureiro-calçadista e, com o poder de divulgação dos dois veículos editados pelo Grupo Editor Sinos S.A., conseguiram mostrar para todo o país o potencial industrial da "Capital do Calçado Infantil" ainda de cidades como Araçatuba, Presidente Prudente, Penápolis, Rancheira, Bilac, Guararapes, e o "Oitavo" - Graças ao interesse do empresário em mostrar a capacidade, conseguimos, mês a mês, superar as nossas propostas".

A filial da Gelu/Birigui pretende enviar esforços para já a partir do próximo mês delinear um plano assintomático permanente as indústrias da região de São José do Rio Preto. Os responsáveis pela filial acreditam que nesta região existe aproximadamente 80 indústrias ligadas ao setor.

"Percebemos que o mercado calçadista cresceu além dos tradicionais polos produtores. Pelo interior de São Paulo encontramos cidades como Presidente Prudente, com mais de dez indústrias de calçados, Rancheira, com quase 20 indústrias, Guararapes, com fábricas, e assim sucessivamente. Dentro da proposta maior do Exclusivo e da Lançamentos, que é divulgar o setor coureiro-calçadista de todo país, estamos levando adiante um trabalho que promete muito mais a longo prazo para o próximo ano", finalizaram.

urtume
eao
nuda
istema
e
rabalho

virtude do proble-
creta o setor cal-
há meses, o
Lelo adota por
indeterminado um
na funcional que fa-
sua prestação de
e ao mesmo tem-
fabricação de calça-
de seus clientes,
do fabricante, que
agora a colaborar
o trabalho do curso-
Pádua 6

Pabro em sede própria e com planos de expansão

BIRIGUI - Em pouco tempo, Joacir Alexandre Pávao conseguiu concretizar os planos que havia traçado para sua empresa, a Pabro Comércio e Representação Ltda. A situação em empresa em péssimo cenário era uma das prioridades que hoje, transformada em realidade, tornou mais eficaz o trabalho da empresa, conforme diz seu diretor.

Localizada na rua Ribeiro de Barros, 127 - sala A, a Pabro obteve um crescente aumento nas vendas. Parte disso, Pávao atribui a colaboração recebida da Itapagé (uma de suas representadas), que fornece calças de papelão oduladas. Com o depósito próprio, as vendas são favorecidas pela pronta entrega. Além



Joacir Alexandre Pávao: ampliar o depósito.

disso, a indústria de caixas para embalagens não tem apresentado problemas relativos ao atraso na entrega, o que é um fator relevante", diz ele. Além de embalagens, a

empresa representa Palmilhas São Judas Tadeu e a Florotécnica. Essas apresentaram problemas relativos a entrega de materiais, mas segundo o diretor, são perfeitamente justificáveis: "Após a divulgação do Plano Cruzado, houve um aumento aceleradíssimo do consumo, daí a falta de materiais e produtos. É necessário uma normalização do consumo para que o abastecimento de matéria-prima se normalize", assinala.

Após uma definição do governo a respeito da política econômica do país, a Pabro poderá lançar outros planos. Por enquanto, o único em pauta é a ampliação de depósito que já prevê esse "incremento", finalizou Pávao.

Produtos diversos na nova loja da SM.

Birigui, a loja inaugurada pela SM obtem bons resultados por causa do método de diversificação de produtos não aplicado. A loja pretende ampliar

Novo instrutor para o centro calçadista de Birigui

Para atender as necessidades das indústrias birigüenses, a escola do calçado da cidade ganha mais um professor, proporcionando a formação de novas tur-



Edson Ferreira Machado e José Paulo Schmidt: responsáveis pelo Exclusivo e Lançamentos em Birigui

Birigui ganha uma fábrica de palmilhas

Os fabricantes de Birigui e região contam agora com uma indústria especializada na fabricação de palmilhas moldadas. Esta empresa está capacitada a atender

de calçados e a venda projetada era de 50 mil pares durante a Franca¹⁷. Segundo José Manoel Sanches, diretor da Indústria e Comércio de Calçados Glisa Ltda, em decorrência do bom desempenho do comércio varejista após o Plano Cruzado, esperava-se um segundo semestre bom para vendas.

Para o diretor da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda, Antônio Ramos de Assumpção, a participação da empresa na Franca não tinha o objetivo de vender produtos, mas de manter contato direto com clientes e rever amigos. Segundo Assumpção “a Kiuty este ano está numa situação diferente dos outros anos em que estivemos expondo. Ao invés de vendas imediatas só poderemos atender pedidos para faturamento no mês de julho” – *Jornal Exclusivo*, junho de 1986. Em outra entrevista concedida a *Revista Lançamentos Máquinas e Componentes* (setembro e outubro de 1991), Antônio Ramos de Assumpção comentou a reação que teve diante a decretação do Plano Cruzado.

Tive uma agilidade muito grande. Quando todos estavam apavorados, apostei que o Cruzado seria uma solução. Achei que iríamos vender mais que o pretendido. Eu entrei de sola; entrei com tudo. Quando todos diminuíram a produção, com medo de não faturar, eu não perdi um dia de faturamento. Entrei sem medo. Foi uma grande solução e ganhei muito dinheiro. Em 1987, ampliamos nossa área de 11 mil metros quadrados para 21 mil metros quadrados. Dobrei também a produção da empresa e, em 1988, fui eleito o industrial do ano. (Antônio Ramos de Assumpção – *Revista Lançamentos Máquinas e Componentes* – setembro/outubro de 1991).

Para o diretor da Indústria e Comércio de Calçados Danzer Ltda, Horácio Canassa,

(...) a política econômica implantada pelo governo brasileiro já provou sua validade. O reaquecimento do consumo aconteceu e o pacote tem muito a ver com isso, pois as vendas estão crescendo e o setor tem tudo para dar certo. (*Jornal Exclusivo* de junho de 1986).

Devido a grande demanda por calçados, que absorveu grande parte da produção da Indústria e Comércio de Calçados Kit Net Ltda, a fábrica desistiu de participar da Franca. Segundo José Roberto Rodrigues, diretor da empresa, “(o) reaquecimento nas vendas foi além das perspectivas, o que acabou impossibilitando de atender as encomendas”. Com uma produção de 1.200 pares/dia

¹⁷ No ano de 1986, a Franca, tradicional feira do setor coureiro-calçadista, foi realizada no mês de julho.

a empresa pretendia aumentar em 30% por cento sua produção a fim de atender melhor as encomendas dos clientes. A empresa estava com sua produção comercializada até agosto de 1986.

Segundo Antônio Liranco, sócio-proprietário da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda, em entrevista a Revista Lançamentos de setembro de 1986, o Plano Cruzado acarretou um aumento de cerca de 40% no preço do couro. Além dessas informações, ele apresentou as seguintes observações:

Para Bical, não acho que esteja sendo um ano melhor do que os anteriores. As vendas subiram, é verdade, mas de acordo com a média normal. Tenho minhas dúvidas se este ano não está sendo pior que todos os outros, tendo em vista a falta de matéria prima, mão-de-obra e outros itens, em contraposição com a crescente demanda.

Por fim, nota-se que ano de 1986 foi um dos anos adversos vivenciados pela indústria do calçado na década de 1980.

3.5 O NASCIMENTO DE IMPORTANTES INSTITUIÇÕES LOCAIS

Ao longo do desenvolvimento da indústria calçadista de Birigui, muitas instituições importantes para o desenvolvimento do setor surgiram na cidade. Entre elas, destaca-se a Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui (atual Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui – SIN-BI); o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário e o Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian (atual escola do Senai).

3.5.1 – O Surgimento da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui

A Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui surgiu em 10 de outubro de 1979. A formação da Associação foi uma reação ao surgimento da Associação dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de Birigui instalada em 17 de julho de 1979.

Na época de formação da instituição, a cidade de Birigui contava com aproximadamente 30 empresas de calçados que empregavam aproximadamente 3.500 trabalhadores e com uma produção estimada em mais de oito milhões de pares anuais (cujo maior percentual era de calçados infantis – especialidade da cidade de Birigui).

Portanto, o surgimento das Associações (patronal e dos trabalhadores), ocorreu em um momento extremamente importante para o setor: o período de consolidação da indústria.

Destaca-se que o movimento que deu origem a Associação Patronal iniciou quando os proprietários das empresas calçadistas começaram a se reunir na sede da Associação Comercial e Industrial de Birigui (ACIB) para debater e discutir a criação de uma entidade coletiva que pudesse representá-los tendo em vista que do lado dos trabalhadores uma instituição representadora foi constituída. E, em 10 de outubro de 1979, formou-se, portanto, a entidade patronal, com o nome de Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui. A instituição foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho em 05 de setembro de 1980. Sua primeira diretoria foi composta pelos seguintes empresários:

Quadro 3: Primeira diretoria da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui eleita em 10 de outubro de 1979

Nome	Função	Empresa
Nalberto de Milton Vedovotto	Presidente	Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda
Antônio Ramos de Assumpção	Vice-Presidente	Indústria e Comércio de Calçados Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum
José Luis Pires	Primeiro Secretário	-
Henrique Fiorotto	Segundo Secretário	Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda
Rubens Inácio Salzedas	Primeiro Tesoureiro	Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda
Cícero Alves	Segundo Tesoureiro	Indústria e Comércio de Calçados Pérola Ltda
Antônio Osmar Taschin	Diretor Vogal	Indústria e Comércio de Calçados Bical Ltda
Domingos Paludetto	Conselho Fiscal	Indústria e Comércio de Calçados Rinde Ltda
Silas de Aguiar Gaeti	Conselho Fiscal	Suzel Indústria e Comércio de Confecções Ltda
João Euphrásio Fiorotto	Conselho Fiscal	Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda
João Pazian Neto	Suplente	-
Tadanobu Kawanami	Suplente	-
Dirson Del Valle	Suplente	Alceu Tossato Cia Ltda

Em depoimento ao Jornal Exclusivo de 29 de outubro de 1986, o primeiro presidente da Associação Profissional das Indústrias do Vestuário, Nalberto de Milton Vedovotto, explicou os motivos da formação da instituição.



Nalberto de Milton Vedovotto (primeiro Presidente da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui entre 1979 e 1980).

Embora existisse em Birigui a Associação Industrial e Comercial, da qual eu também fazia parte como diretor, achava melhor aglutinar os empresários calçadistas em uma entidade própria, onde os esforços seriam concentrados. A maior dificuldade na ocasião era aglutinar, pois no meu entender a desunião entre a classe era acentuada. Os empresários de Birigui eram muito fechados em suas unidades fabris. O gelo precisava ser quebrado. A tarefa não foi fácil. Com o passar do tempo todos foram percebendo a importância do órgão e paulatinamente foram aderindo a associação (Nalberto de Milton Vedovotto, primeiro presidente da Associação Profissional das Indústrias do Vestuário).

Do começo da década de 1980 até 1985, três empresários ocuparam a presidência da Associação Patronal, antes dela transformar-se em Sindicato: Marco Antônio Noale, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Ibelca e Menopé Ltda; Marco Antônio Oliveira, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda e José Manoel Sanches, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Glisa Ltda.



Marco Antônio Noale, Presidente da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui, entre 1981 e 1982. Ao fundo, Antônio Noale (pai de Marcos) e proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Ibelca Ltda.



Marco Antônio Oliveira (à direita) e José Manoel Sanches (à esquerda). Oliveira foi Presidente da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui, entre 1983 e 1985 e Sanches elegeu-se em 1985 e ficou até o começo de 1986.

Destaca-se que a década de 1980, foi um período de grandes transformações: crise da economia brasileira, aumento explosivo da inflação com a implementação de diversos planos econômicos (Cruzado, Bresser e Verão) e transição do regime militar para a democracia. Essas transformações se refletiram na atuação da Associação Patronal que teve que liderar diversas frentes de trabalhos buscando o desenvolvimento do setor.

O problema do gargalo de mão de obra qualificada, principalmente, nos setores de corte e pesponto; o monitoramento dos impactos dos planos econômicos da segunda metade da década no setor; a especulação e o aumento de preços das matérias primas, insumos e componentes em 1986, a crise em 1987 e a situação das creches para os filhos dos trabalhadores são alguns dos exemplos de temas discutidos e de problemas enfrentados pela Associação durante os anos 1980. Foi nesta década que a Associação Patronal lutou e conseguiu se transformar em Sindicato, fato que contribuiu muito para a consolidação da instituição e o desenvolvimento do polo calçadista. Um dos trabalhos realizados pela instituição era a organização de viagens para visitação de feiras nacionais e internacionais.

Um exemplo foi a viagem realizada para a V Pré-Seleção Moda e Máquinas realizada em Novo Hamburgo (RS) pela Fenac, em 1985, e para a Fecam (Feira de Moda) em Belo Horizonte (MG) em março de 1986. Na ocasião, no caso da V Pré-Seleção, a Associação organizou um grupo de 25 empresários de Birigui para visitar a feira em conjunto com empresários da cidade de Jaú (SP). Eles foram de ônibus até São Paulo e depois seguiram de avião até Novo Hamburgo.



Empresários de Birigui e Jaú em frente ao avião da empresa Cruzeiro do Sul durante viagem para a V Pré-Seleção Moda e Máquinas realizada em Novo Hamburgo (RS) pela Fenac em 1985.



Viagem organizada pela Associação Patronal para a II Fecam (Feira de Moda) Belo Horizonte (MG), março de 1986.

Outro trabalho desenvolvido pela Associação foi a instalação de uma filial do Jornal Exclusivo na cidade de Birigui em 1984. O Jornal era publicado desde o final da década de 1960 e acompanhava o desenvolvimento do setor calçadista brasileiro e pertencia ao Grupo Editorial Sinos que publicava também a Revista Lançamentos. O grupo que se deslocou para a cidade era ligado a uma filial do Jornal Exclusivo, instalada em Franca (SP) – a Gelu Publicidade Ltda. A filial foi instalada na rua Barão do Rio Branco, nº 576 (2º andar). Desse modo, a proximidade facilitou o trabalho de divulgação do polo calçadista de Birigui no Brasil e no exterior. Segue abaixo a transcrição das mensagens encaminhada pela Associação Patronal e pela Prefeitura Municipal de Birigui, a Gelu Publicidade Ltda e ao Jornal Exclusivo, que foram publicadas na edição de 24 de setembro de 1984 do Jornal Exclusivo.

A Associação da Indústria do Vestuário de Birigui, entidade que congrega as indústrias de calçado do município, sente gratificada por ver, na sua atual gestão, a instalação de uma filial do Jornal Exclusivo em nossa cidade. Estamos, igualmente, orgulhosos de ver a nossa imprensa fortalecida. A força da divulgação e o nível profissional deste veículo só vem somar pontos positivos para o setor calçadista local. Nós sempre vimos a possibilidade de termos entre nós um veículo de comunicação como o Exclusivo. Birigui conta hoje com um parque industrial invejável e desponta como um dos principais polos calçadista do Brasil. Em nosso parque fabril temos grandes indústrias de componentes, solados, embalagens, produtos químicos, etc. Principais fornecedores de nossas

75 indústrias de calçados que produzem, hoje, aproximadamente 160 mil pares de calçados por dia. Com a vinda do Exclusivo, temos a certeza de que poderemos alcançar muitos de nossos objetivos. O principal deles é a transformação da Associação em Sindicato, cujo processo já se encontra nos órgãos competentes para uma avaliação final. Sendo o Exclusivo um jornal de leitura obrigatória para homens que regem o setor calçadista, estaremos sempre nos manifestando para realizarmos, no mais curto espaço de tempo possível essa meta. A eficiência desse veículo há muito tempo já foi comprovada. Birigui também está orgulhosa. Estamos, agora, definitivamente estruturados para reivindicarmos com mais força às autoridades estaduais e federais. Mesmo sendo a cidade que mais cresce na IX Região Administrativa do Estado de São Paulo, ainda não dispomos de uma atenção especial que nos leve ao desenvolvimento pleno. O Jornal Exclusivo é sinônimo de boa informação, atualidade e profissionalismo. Com ele, o calçado de Birigui ganhará uma maior projeção a nível nacional e internacional, onde, aliais, já estamos marcando uma performance excelente. A classe calçadista de Birigui aplaude essa feliz iniciativa, fruto de nosso próprio potencial e da visão dos homens que dirigem esse importante veículo de informação. Ao Grupo Editorial Sino e a Gelu Publicidade os nossos mais sinceros agradecimentos. Ao jornalista Edson Machado externamos as nossas boas vindas, para o qual, desde já, ratificamos o nosso integral apoio para que possa desenvolver com vigor o seu trabalho. Um trabalho tão eficiente quanto ao Jornal que representa. (Marco Antônio Oliveira, Presidente da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui).

Como Prefeito Municipal de uma cidade reconhecida como polo industrial dos mais desenvolvidos do Estado, pontificando-se na industrialização de calçados infantis, cumpre-nos o mui grato prazer de congratularmos com o Jornal Exclusivo, pela inauguração em Birigui de uma filial. Em se tratando de um dos mais completos jornais do país, especializado na cobertura das atividades produtivas, envolvendo a industrialização de calçados, temos plena convicção de que a presença física do Jornal Exclusivo em Birigui contribuirá, sem dúvida, para o desenvolvimento ainda maior do processo fabril em nossa cidade. Desejamos ainda, de modo especial, enfatizar a expressão de representatividade do Jornal, por intermédio de jornalistas de grande experiência no campo de reportagens e publicidade. Ao Jornal Exclusivo as nossas boas vindas, com votos de pleno êxito no empreendimento a que se propõe (Dr. Florival Cervelati – Prefeito Municipal).

AGORA EM BIRIGUI, A RECEITA MÁGICA DE PROFISSIONALISMO

Sejam bemvidos,
Jornal Exclusivo/Revista
Lançamentos/Gelu Publicidade.
O trabalho por aqui é grande,
mas nós sabemos que vocês
darão conta do recado.

BICAL

BICAL - BIRIGUI CALÇADOS
INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
Travessa Marechal Deodoro, 56 - Birigui - SP
Telefone: (0186) 42.3822

*Juste a uma colher de dinamismo
gráfico, uma xícara de talento
paulista e uma pitada de sabedoria
mineira.
A seu lado, acrescente uma bela
porção de otimismo catarinense.
Misture bem.
Sirva-se semanalmente dessa poção
mágica e você estará sempre por
dentro de tudo o que acontece no
cenário calçadista brasileiro e
mundial, tendo o Exclusivo.
Experimente.
Sem contra-indicações.*

Propaganda da Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda, publicada em 24 de setembro de 1984, dando as boas vindas a Gelu Publicidade Ltda e ao Jornal Exclusivo em Birigui.

BIRIGUI A VISTA

O Jornal Exclusivo e a Revista Lançamentos
os dois maiores e mais importantes veículos de
essa categoria, através da Gelu Publicidade
aparecem em Birigui, abrindo sua mais recente filial.
Esta grande passo visa dar mais atenção ainda
à cidade que hoje é considerada
"CAPITAL DO CALÇADO INFANTIL"
PARABÉNS BIRIGUI!

FRANCAL
Feiras e Empreendimentos Ltda

Rua
F. do Povo, 2073 - Conj. 2103 - Ed. Horus
14100 - Birigui - SP - Caixa Postal 108
FRANCAL - Birigui - SP - Caixa Postal 108

São Paulo
14100 - Birigui - SP - Conj. 2103 - Ed. Horus
Conj. Nacional - Cep 01311 - São Paulo - SP

Propaganda da Francal Feiras e Empreendimentos publicada, em 24 de setembro de 1984, comentando a instalação da Gelu Publicidade Ltda e do Jornal Exclusivo em Birigui.

VAMOS QUEBRAR O NOSSO SILÊNCIO



EM MUITOS ANOS QUE NOS, DA RAHAL ASSUMPCÃO E CIA LTDA,
 SEM ACOMPANHADO, EM SILÊNCIO, O TRABALHO SÉRIO E
 PROFSSIONAL DA GELU PUBLICIDADE/FRANCA,
 EM SILÊNCIO PORQUÊ, QUANDO ALGUÉM É BOM NO
 SEU TRABALHO, AS PALAVRAS SE TORNAM DESNECESSÁRIAS, POIS SEU
 TRABALHO É O PRÓPRIO TESTEMUNHO DE SUA CAPACIDADE E
 EFICIÊNCIA.

MAS, COMO A GELU SABE FAZER COMO NINGUÉM,
 NÓS HOJE QUEREMOS QUEBRAR ESSE LONGO SILÊNCIO, PORQUÊ A
 GELU ACABOU DE REALIZAR UM SONHO QUE SEMPRE DESEJÁVAMOS: UM VEÍCULO
 QUE MOSTRASSE AO BRASIL E AO MUNDO TODO O TRABALHO REALIZADO EM BIRIGUI
 NA FABRIL DO CALÇADO INFANTIL.

A GELU FEZ MAIS DO QUE ISSO, TRAZENDO DOIS: O JORNAL EXCLUSIVO
 E REVISTA LANÇAMENTOS, OS MAIORES VEÍCULOS DO SETOR CALÇADISTA
 NACIONAL QUE IRÃO DEFENDER O CALÇADO INFANTIL PRODUZIDO AQUI E
 COLOCÁ-LO NO LUGAR QUE MERECE.

REALMENTE, É ALGO QUE NOS ENCHE DE ORGULHO, LEVANDO-NOS A DIZER
 EM MUITAS PALAVRAS TUDO O QUE ESTAVA RETIDO EM NÓS:

—“ BEM VINDA, GELU,
 À CIDADE E DE VOCÊS”

Propaganda da Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum, publicada em 24 de setembro de 1984, dando as boas vindas a Gelu Publicidade Ltda e ao Jornal Exclusivo em Birigui.

A última diretoria da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui, antes da transformação em Sindicato, que tomou posse em 30 de outubro de 1985, foi formada pelos seguintes empresários:

Quadro 4: Última diretoria da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui eleita em outubro de 1985

Nome	Função	Empresa
José Manoel Saches	Presidente	Indústria e Comércio de Calçados Glisa Ltda
Marco Antônio Oliveira	Vice-Presidente	Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda
Antônio Ezequiel Martins	Primeiro Secretário	Indústria e Comércio de Calçados Ellen
João Euphrásio Fiorotto	Segundo Secretário	Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda
Antônio Sérgio Rahal	Primeiro Tesoureiro	Rahal, Assumpção Cia Ltda - Rassum
Antônio Liranço	Segundo Tesoureiro	Indústria e Comércio de Calçados Bical Ltda
Valdir Lino Pulzatto	Diretor Vogal	Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda
Rubens Inácio Salzedas	Conselho Fiscal	Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda
Youssef Nakad	Conselho Fiscal	Butrus Indústria de Vestuário Ltda
Dorival Felipini	Conselho Fiscal	Indústria e Comércio de Calçados Biri Ltda
Domingos Paludetto	Suplente	Indústria de Calçados Rinde Ltda
Saulo Ferreira da Silva	Suplente	Indústria e Comércio de Calçados Kelly
Carlos Alberto Mestriner	Suplente	Indústria e Comércio de Calçados Klin

De acordo com José Manoel Saches, presidente eleito da Associação Patronal em outubro de 1985, em entrevista ao Jornal Exclusivo em 03 de novembro de 1985, a Associação tinha três objetivos para serem alcançados em sua gestão¹⁸. O primeiro deles era o fortalecimento da união entre a classe empresarial da cidade, pois com a união ampliaria o poder de reivindicação da Associação, marcando presença tanto dentro como fora de Birigui. A segunda proposta era a continuidade de um trabalho iniciado na gestão anterior, objetivando transformar a Associação em Sindicato. A terceira proposta era intensificar a parceria com o poder público municipal de modo a amparar por meio de incentivos e apoio o crescimento e desenvolvimento, principalmente, das pequenas empresas, que representavam uma grande parcela das empresas calçadistas instaladas no município.

¹⁸ Na época em que foi eleito Presidente da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui, José Manoel Saches, era Presidente da Câmara Municipal de Birigui.

3.5.2 – A transformação da Associação em Sindicato

Outra luta liderada pela Associação Patronal durante a década de 1980 foi a viabilização de sua transformação em Sindicato. Desde o começo dos anos 1980, os empresários buscavam conquistar a Carta Sindical, entretanto, somente em 1986 o sonho tornou-se realidade. O trabalho para a transformação de Associação em Sindicato contou com a colaboração do Prefeito Municipal na época (Florival Cervelatti) e com o Jornal Exclusivo de Novo Hamburgo. Esse jornal foi um grande parceiro, pois levantou a bandeira dos empresários locais, somando forças em sua luta para a materialização do objetivo através de seu correspondente local: Edson Machado. O trabalho para transformar a instituição em Sindicato foi formalizado em 31 de agosto de 1983, quando a Associação Patronal promoveu uma assembléia geral com seus associados, em que foi discutido e ao final deliberado por unanimidade a transformação dela em Sindicato para aumentar a autonomia e a liberdade de ação da entidade.

Entretanto, o processo de transformação foi difícil. Seguindo os trâmites legais, após a realização da Assembléia, foi encaminhado as instituições interessadas, no caso o Sindicato da Indústria do Calçado do Estado de São Paulo e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), o comunicado da realização da assembléia e a deliberação tomada. Todavia, os departamentos jurídicos dos dois Sindicatos foram contrários a formação de um Sindicato em Birigui. Na época, Sebastião Burbulhan, presidia o Sindicato das Indústrias do Calçado do Estado de São Paulo e a Fiesp era presidida por Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho. De acordo com o Jornal Exclusivo de 29 de outubro de 1984, a resposta de Sebastião Burbulhan e de Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho foram as seguintes:

Se a postulação for atendida, estará se desmembrando uma categoria, no que se diz respeito a sua base territorial, para que, deixando sua categoria específica, e a de indústria de calçados, vá conglomerar-se a uma categoria genérica e da indústria do vestuário. Portanto, somos contrários (Sebastião Burbulhan, presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado do Estado de São Paulo).

Essas divisões, via de regra, apenas servem a desarticulação da representação empresarial e ao fortalecimento do sindicato dos trabalhadores. Certo de contar com sua compreensão para meu posicionamento que lhes é desfavorável. (Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho presidente da Fiesp).

A partir daí deu-se início a um trabalho político e de bastidores para viabilizar a formação do Sindicato local. Apelou-se na época até para o Ministro do Trabalho – Murilo Macelo – para que interviesse na disputa de modo a favorecer a Associação Patronal de Birigui. Conforme foi apresentado, o Jornal Exclusivo foi um grande parceiro na reivindicação do polo calçadista de Birigui. Na coluna “Opinião”, escrita pelo jornalista Edson Machado em 29 de outubro de 1984, em um texto intitulado “A omissão de Burbulhan e da Fiesp”, extraiu-se o seguinte comentário:

Por que o potencial de Birigui é tão desprezado pelos órgãos estaduais? É muito justo o anseio da associação para ser sindicato. Ela quer defender melhor seus associados, pois Birigui, geograficamente distante da Capital do Estado, é prejudicada pela ligação com qualquer entidade patronal. Afirmar que isso enfraqueceria a representação empresarial é utopia, porque, caso contrário, Franca não teria seu sindicato muito mais forte e atuante que o sindicato estadual. A entidade dos trabalhadores de Birigui já foi reconhecida como sindicato dos trabalhadores da indústria do Vestuário. Então está questão da nomenclatura “vestuário”, é também “cascata”, pois não está em conflito com a CLT. Faz bem a associação em apelar para o Ministro Murilo Macedo. Que o Ministério do Trabalho se pronuncie, pois Burbulhan e Vidigal são águas passadas. Daqui a poucos dias, eles deverão se manifestar sobre igual reivindicação que os calçadista de Jauí irão fazer. Vamos esperar para ver qual posição tomarão. Eu não tenho dúvida de que Birigui e Jauí aparecerão muito mais se tiverem suas entidades independentes (Edson Machado – jornalista do Jornal Exclusivo).



E, após muita luta, em 31 de janeiro de 1986, com a publicação no Diário Oficial, a Associação foi reconhecida como Sindicato e sua denominação alterou-se para Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui e a sigla SIVB passou a ser adotada pela instituição. A Carta Sindical foi assinada em 31 de abril de 1986 pelo Ministro do Trabalho Almir Pazzianotto.

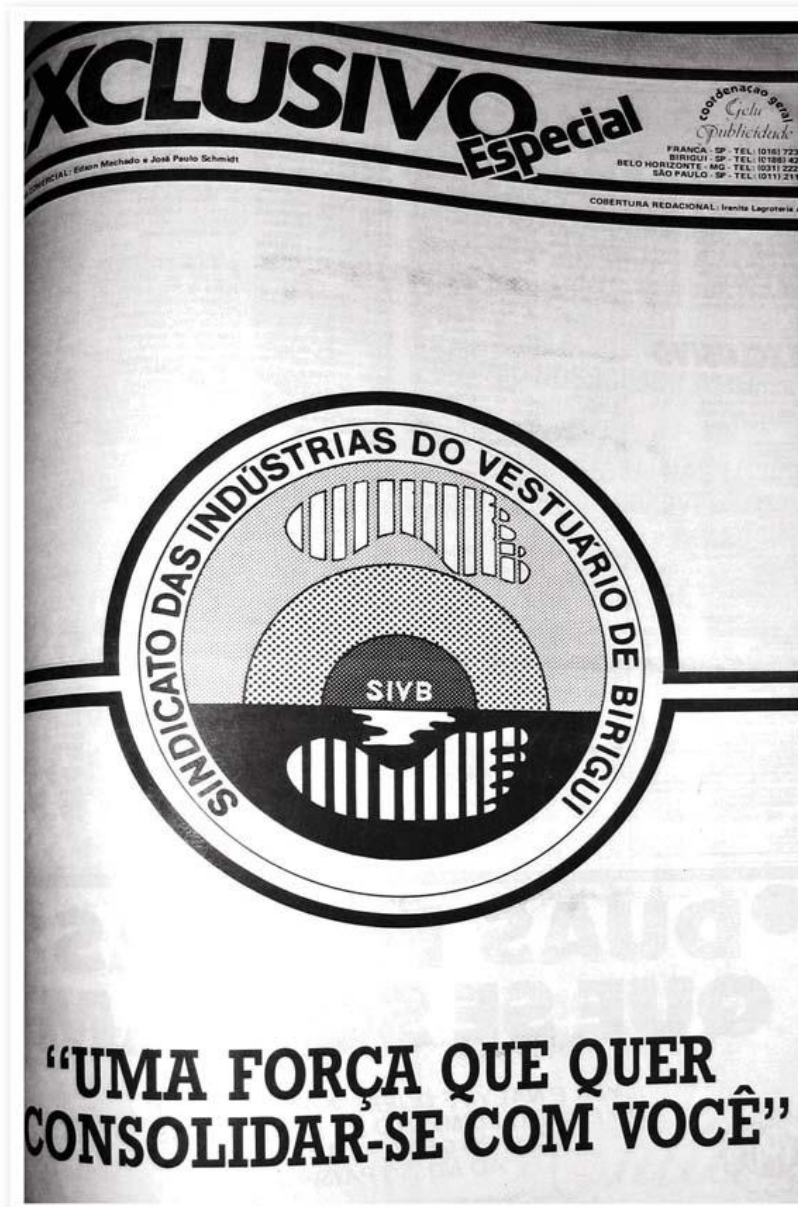
A transformação da Associação em Sindicato foi motivo de muita alegria para as empresas da cidade, muitas delas veicularam propagandas no Jornal Exclusivo parabenizando a instituição pela grande conquista.



Carta Sindical assinada pelo Ministro do Trabalho Almir Pazzianotto em 31 de abril de 1986. Documento que oficializou a transformação da Associação em Sindicato.



Logotipo desenvolvido para o Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui (SIVB), 1986.



Capa do Jornal Exclusivo Edição Especial de 29 de outubro de 1986 em comemoração a transformação da Associação Profissional das Indústrias do Vestuário de Birigui em Sindicato.

SURPRESA!!!

A FORÇA DO NOSSO SINDICATO JÁ É UMA SURPRESA ASSIMILADA. ISSO É ÓTIMO. MAS SURPRESA MESMO, SERÁ O NOSSO LANÇAMENTO

TOE of LINE

QUE ESTARÁ NAS LOJAS BREVEMENTE. AGUARDE.

Tiptoe

TIP - TOE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS LTDA.
Rua Maestro Antonio Passarelli, 388
Cx. Postal 346 - Tel.: (0188) 42.2184
Cep: 16.200 - Birigüi - SP

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda dando as boas vindas ao Sindicato.

JUNTOS VAMOS REGAR, COM CARINHO, A SEMENTE PLANTADA, NA CERTEZA DE UM CRESCER CONSTANTE.

Kelmy Kelly

KELLY INDÚSTRIA E COM. DE CALÇADOS LTDA.
R. Maestro Antonio Passarelli, 388 - Tel.: (0188) 42.2184 - Cep: 16.200 - Birigüi, SP.

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Kelly Ltda, dando as boas vindas ao Sindicato.

JUNTAS, AS EMPRESAS DE BIRIGÜI CRESCERÃO AINDA MAIS, RUMO A UM FUTURO DE GRANDE BRILHO.

UM ABRACO AO NOSSO QUERIDO SINDICATO.

Anita

ANITA INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA.
Rua Guarani, 881 - R. Sílvio - Tel.: (0188) 42.3424
Cep: 16.200 - Birigüi - SP

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Anita Ltda dando as boas vindas ao Sindicato.

OUTRA ALEGRIA

"UM ANO DE SUCESSO, SO TINHA QUE NOS DAR DE PRESENTE UMA NOTÍCIA TÃO BOA COMO O NASCIMENTO DO NOSSO SINDICATO QUEREMOS PARTICIPAR E ATUAR".

Ellen

ELLEN INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA.

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Ellen Ltda, dando as boas vindas ao Sindicato.



Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Baby-Passi Ltda, dando as boas vindas ao Sindicato.

Seguem abaixo alguns depoimentos de empresários publicados no Jornal Exclusivo de 29 de outubro de 1986, comentando a importância da transformação da Associação em Sindicato.

Em outra oportunidade falamos sobre o assunto e agora ratificamos: não foi uma tarefa fácil, pois nos esbarramos com os mais diversos problemas. Além da documentação propriamente dita era preciso a aprovação por parte dos Sindicatos das Indústrias de Calçados do Estado de São Paulo e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Ambos os órgãos através de seus presidentes eram abertamente contrários à fundação de nosso Sindicato. Graças a intervenção do Prefeito Municipal de Birigui, juntamente com o Ministro Almir Pazzianotto, em 21 de abril de 1986, a carta sindical foi assinada, proporcionando assim a nossa autonomia (Marco Antônio Oliveira, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda e primeiro presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui – SIVB).

Sem dúvida alguma foi um benefício de importância significativa para a classe que há muito esperava por isso. O esforço e empenho nessa luta valeram a pena (Dirson Del Vale, diretor da Alceu Tossato Cia Ltda).

Foi um período longo, de perseverança, principalmente, por parte da diretoria da antiga Associação. Foram muitos os obstáculos que tiveram que ser removidos até chegarmos a concessão da carta patente (Edison Ferreira Dantas, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda).

A transformação da Associação em Sindicato foi uma conquista de todos os industriais. Unidos conseguiremos alcançar um objetivo em comum (Domingos Paludetto, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Rinde Ltda).

Devemos agradecer aos nossos colegas que, em sua luta, não mediram esforço para conseguir fundar o nosso sindicato patronal que representará e auxiliará nosso setor (Antônio Ramos de Assumpção, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda).

Por intermédio das reuniões pude sentir os problemas enfrentados pelos colegas que estavam nesta situação. Houve vários obstáculos, até mesmo problemas burocráticos, mas finalmente o setor conseguiu chegar ao final da luta, vitorioso (Rubens Inácio Salzedas, sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda).

A primeira diretoria do Sindicato foi eleita em abril de 1986 e era formada pelos seguintes empresários:

Quadro 5: Primeira diretoria do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui (SIVB), eleita em abril de 1986

Nome	Função	Empresa
Marco Antônio Oliveira	Presidente	Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda
Edison Ferreira Dantas	Tesoureiro	Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda
José Manoel Sanches	Secretário	Indústria e Comércio de Calçados Glisa Ltda
Antônio Liranço	1º Suplente	Indústria e Comércio de Calçados Bical Ltda
João Euphrásio Fiorotto	2º Suplente	Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda
José Alexandre Sanches	3º Suplente	Indústria e Comércio de Calçados Bical Ltda
Antônio Iziquiel Martins	Conselho Fiscal	Indústria e Comércio de Calçados Ellen Ltda
Hamilton Vejalão Ferraz	Conselho Fiscal	Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda
Ubiraci Chaves de Oliveira	Conselho Fiscal	Indústria e Comércio de Calçados Bira Ltda
Antonio Ramos de Assumpção	Suplente do Conselho	Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda
Carlos Alberto Mestriner	Suplente do Conselho	Indústria e Comércio de Calçados Klin Ltda
Sérgio Henriques Hecht	Suplente do Conselho	Indústria e Comércio de Calçados Kelly Ltda
Carlos Alberto Mestriner	Suplente	Indústria e Comércio de Calçados Klin



Primeira diretoria do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui (SIVB), 1986. Da esquerda para a direita (em pé): Sérgio Henriques Hecth; Marco Antônio Oliveira; Edison Ferreira Dantas; José Manoel Sanches e Antônio Iziquiel Martins. Da esquerda para a direita (sentados): Carlos Alberto Mestriner; Antônio Ramos Assumpção e Ubiraci Chaves de Oliveira.

A primeira diretoria eleita para o Sindicato, na época, tinha entre suas metas e objetivos: a instalação de um aparelho de telex; a viabilização de trocas de informações cadastrais com outros centros calçadistas; a manutenção do departamento jurídico da entidade à altura de suas necessidades e do porte de Birigui; promover e apoiar eventos do setor e divulgar ao máximo a cidade como um pólo calçadista. A primeira sede social da instituição foi na rua Americana, nº 68. O depoimento de alguns empresários eleitos para a primeira diretoria do Sindicato ao *Jornal Exclusivo* de 29 de outubro de 1986, indica as metas e os objetivos da instituição.

Seremos sempre incansáveis para a concretização de todo e qualquer objetivo que a nossa diretoria almejar. Fundamentalmente a nossa preocupação relaciona-se com a união da classe. Como sindicato, somos mais fortes e é isso que queremos difundir no meio empresarial para que as 110 indústrias de calçados de Birigui participem efetivamente de nossa entidade. Essa divulgação, ao fazermos no dia a dia, seja através de um bate papo informal, ou de um simples telefonema (Carlos Alberto Mestriner, sócio-proprietário da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda).

Futuramente, uma sede própria para o Sindicato e o que é de salutar importância: a conscientização do empresário para que o mesmo participe do órgão que nos representa. O empresário deve saber o que o sindicato significa. Devemos também criar um espírito de participação e solidariedade com toda a classe (Antônio Lirango, sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Bical Ltda).

No momento nossos objetivos estão voltados para a construção de uma sede própria, que vai permitir a instalação de incrementos para atender os associados da melhor forma possível. Várias coisas serão introduzidas, mas posso adiantar que já temos em mente a bolsa de empregos, cadastro de informações, incentivo às exportações e outros (Edison Ferreira Dantas, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda).

Devemos ter uma infra-estrutura suficiente para fornecer aos associados informações cadastrais dos clientes, bem como, a aquisição de telex, o aperfeiçoamento da escola de calçados e a construção da sede própria (Sérgio Henriques Hecht, sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Kelly Ltda).

Este era o momento exato de implantarmos o sindicato, para a realidade de Birigui. Antes não estávamos preparados realmente, mas agora estamos. O tempo que esperamos para que esta transformação ocorresse amadureceu e preparou ainda mais a todos os empresários (Hamilton Vejalão Ferraz, sócio-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda).

Em 1988, Antônio Lirango assumiu inteiramente a Presidência do Sindicato em decorrência da candidatura e da eleição de Marco Antônio Oliveira para vereador em Birigui. Em 1989, Marco Antônio Oliveira voltou a ocupar a presidência da instituição sendo eleito para o cargo.

3.6 O CENTRO DE TREINAMENTO CALÇADISTA AVAK BEDOUIAN

Em decorrência do crescimento elevado da indústria calçadista de Birigui, ao longo de sua trajetória de desenvolvimento, e da característica do setor que é intensivo em trabalho, um problema recorrente

era a ausência de mão de obra qualificada. A situação mais crítica ocorria no setor de corte e pesponto. O problema da falta de trabalhadores qualificados surgiu na década de 1960 (Souza, 2006) e tornou-se um empecilho para o desenvolvimento do setor e para a união da classe empresarial. Nos anos 1970, conforme apresentação realizada no capítulo 2, foi analisada a formação de um Centro de Treinamento de mão de obra na cidade – a Escola de Aprendizagem de Oficiais de Calçados do Instituto Educacional “Gumercindo de Paiva Castro” - Polícia Mirim de Birigui. Entretanto, ela não conseguiu resolver por completo os problemas de formação de trabalhadores para o setor. Segundo Nalberto Vedovotto, primeiro presidente da Associação Profissional da Indústria do Vesturário de Birigui e ex-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Beni Ltda, a concorrência entre os empresários pela mão de obra especializada provocou uma desunião e conflitos de interesses (Souza, 2006).

Até 82 e 83 foi uma guerra, tinha até empresário que se dirigia para empresa do outro armado, querendo matar o dono da outra fábrica porque ele havia tomado funcionários seus. Era muito difícil obter mão de obra no período. Você treinava um funcionário, por exemplo, uma pespontadeira, deixando-a no auge do seu aprendizado e vinha uma outra empresa pagando 30 a 40% a mais e levava o seu bom funcionário. Às vezes, esse funcionário estava sendo preparado há mais de seis meses e você o perdia. Acontecia também da pessoa pegar um funcionário chave da montagem, prejudicando o andamento da empresa. Essas coisas eram muito complicadas, os empresários sentavam à mesa para conversar e prometiam um monte de coisas, mas era só virar as costas e já estavam tomando novamente os seus funcionários. Isso gerava um desconforto, gerava uma desunião. Realmente não tinha união. Era uma guerra, uma briga tremenda (Souza, 2006, p. 31).

A situação tornou-se mais difícil durante os anos 1980, época de elevado crescimento industrial e de aumento no número de empresas instaladas na cidade. Foi nesse contexto que surgiu o Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian (uma grande conquista para o setor).



Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian, inaugurado em 28 de setembro de 1985. Jornal Exclusivo de 03 de novembro de 1985.

O Centro de Treinamento foi instalado na Avenida Nelson Calixto nº 207 e foi inaugurado em 28 de setembro de 1985. Ele recebeu o nome de “Avak Bedouian” em homenagem a um dos pioneiros na produção de calçados na cidade. Por meio do Decreto nº 1.058 de 23 de setembro de 1985 a Prefeitura Municipal atribuiu ao Centro de Treinamento o nome de Avak Bedouian. Segue abaixo o Decreto nº 1.058 de 23 de setembro de 1985.

DECRETO Nº 1.058 DE 23 DE SETEMBRO DE 1985. “DISPÕE SOBRE A DENOMINAÇÃO DE CENTRO DE TREINAMENTO CALÇADISTA”

Dr. Florival Cervelati, Prefeito Municipal de Birigui, Estado de São Paulo,

considerando que cabe ao Poder Público a perpetuação do nome daqueles que em vida representaram parcelas de um coletividade em prol do desenvolvimento aos seus vários setores;

considerando que Avak Bedouian foi o pioneiro da indústria calçadista de Birigui, deixando a indelével marca de sua capacidade nesse setor, que representa hoje, indiscutivelmente, o maior potencial econômico do município.

considerando que seu nome já está indelevelmente ligado à história de Birigui, mas que se deve materializar para as futuras gerações, a lembrança daquele, que na sua simplicidade, conquistou o respeito e admiração da comunidade.

DECRETA:

Artigo 1º - O Centro de Treinamento Calçadista instalado na Avenida Nelson Calixto, nº 207, desta cidade, passa a denominar-se “Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian”.

Artigo 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Birigui aos 23 de setembro de um mil novecentos e oitenta e cinco.

Dr. Florival Cervelati – Prefeito Municipal.



Avak Bedouian no interior de sua empresa, década de 1950.



O Prefeito Florival Cervelati e a viúva de Avak Bedouian (Sra. Sirvat Pirikyan) na inauguração do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian em 28 de setembro de 1985.



Hasteamento das bandeiras Brasileira, do Estado de São Paulo e da cidade de Birigui, durante inauguração do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian em 28 de setembro de 1985. No destaque, o Prefeito Municipal Dr. Florival Cervelati (bandeira do Brasil), o Presidente da Associação Profissional das Indústrias do Vestuário de Birigui, Marco Antônio Oliveira (bandeira de Birigui) e o representante do Senai/SP, Walter Sattin (bandeira do Estado de São Paulo).



José Manoel Sanches (na época presidente da Câmara Municipal de Birigui) durante discurso na inauguração do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian em 28 de setembro de 1985. Jornal Exclusivo de 03 de novembro de 1985.



Marco Antônio Oliveira (Presidente da Associação Profissional das Indústrias do Calçado de Birigui) durante discurso na inauguração do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian em 28 de setembro de 1985. Jornal Exclusivo de 03 de novembro de 1985.

Walter Sattin, representante do Senai/SP, durante discurso na inauguração do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian em 28 de setembro de 1985. Jornal Exclusivo de 03 de novembro de 1985.

A escola foi viabilizada por meio de uma parceria entre a Prefeitura, a Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui e o Serviço Nacional da Indústria (SENAI). O papel da Prefeitura na parceria foi ceder as dependências adequadas para o funcionamento da escola, as máquinas, o mobiliário, além das despesas de manutenção (luz, água, telefone e pessoal discente), ou seja, a infra-estrutura para a viabilização do projeto. O SENAI entrou com a orientação técnico-didática, os professores, instrutores e o material didático. Já a Associação, forneceu as matérias-primas, insumos e componentes, divulgou o trabalho para as empresas e encaminhava os participantes e concluintes dos cursos para as vagas de empregos. A parceria entre Prefeitura Municipal e SENAI foi estabelecida por meio de um convênio assinado em 24 de setembro de 1984 por Florival Cervelati (Prefeito Municipal); Luís Eulálio Bueno de Vidigal Filho (Presidente do Conselho Regional do SENAI/SP) e Paulo Ernesto Tolle (Diretor do Departamento Regional do SENAI/SP). O convênio foi ratificado pela Lei nº 2.241 de 04 de março de 1985.

A escola se iniciou com 60 alunos indicados pelas fábricas de calçados da cidade que frequentaram o curso de corte e pesponto com 180 horas de duração.



Interior da sala de aula do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian durante aula inaugural em setembro de 1985 (primeira turma). No destaque, o Prefeito Municipal Dr. Florival Cervelati.



Interior da sala de aula do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian. No destaque, as primeiras alunas da escola e o professor.

Entre 1985 e 1989, o Centro de Treinamento “Avak Bedouian” treinou 1.041 trabalhadores, sendo 448 cortadores e 559 pespontadores. Para realização desses treinamentos, o Centro de Treinamento consumiu cinco toneladas de retalhos de couro, cortou 109,3 mil pares de calçados e pespontou 48.4 mil peças. Esses números indicam a importância da instituição de treinamento para o desenvolvimento do setor durante a segunda metade dos anos 1980¹⁹.



Foto interna do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian. No destaque, as máquinas de pesponto instaladas na escola. Propaganda da empresa Ivomaq Indústria e Comércio de Máquinas Ltda que vendeu as máquinas para a escola, Jornal Exclusivo de 03 de novembro de 1985.

Chegando ao final desse terceiro capítulo, foi possível constatar pelas informações apresentadas, o elevado crescimento da indústria calçadista da cidade de Birigui entre 1979 e 1988. Se o primeiro ciclo de industrialização foi o momento embrionário do setor e os anos 1970 o período de crescimento, a década de 1980 pode ser considerada a época de consolidação da indústria biriguiense. O setor ampliou sua envergadura e a participação na indústria brasileira de calçados. E, os oito milhões de pares de calçados fabricados, em 1978, foram ampliados para 25 milhões em 1986. Grandes empresas atualmente em atividade deram início às suas histórias entre 1979 e 1988. Foi também o momento de formação de importantes instituições. O próximo capítulo analisa o período de 1989 e 1998, época de grandes dificuldades para o setor.

¹⁹ Destaca-se que a escola atualmente (2009) está incorporada ao SENAI e desde sua fundação vem prestando inúmeros serviços para o setor calçadista de Birigui. A escola irá receber um investimento de aproximadamente R\$ 10 milhões de reais entre 2009 e 2010, tornando-se uma das mais modernas do Brasil.

3.7 FACHADAS, PROPAGANDAS E OUTRAS CURIOSIDADES DA TERCEIRA DÉCADA DE DESENVOLVIMENTO DO SETOR CALÇADISTA DE BIRIGUI



Disco de vinil com músicas do Bandeirante Esporte Club de Birigui editado na década de 1980. No destaque, o time do Bandeirante que era patrocinado pela Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Carbi Ltda na Avenida João Cernak, nº 2401, 1986.



O ex Prefeito da cidade de Birigui (Florival Cervelati) e a viúva de Avak Bedouian (Sirvat Pirikyan) na inauguração do Centro de Treinamento Calçadista Avak Bedouian, em 28 de setembro de 1985.



Fachada do prédio da Anita Indústria e Comércio de Calçados Ltda, 1986.



Fachada da Tatiany Indústria e Comércio de Calçados Ltda, empresa adquirida pelos proprietários da Anita Indústria e Comércio de Calçados, em junho de 1984.

João Fiorotto: “Industrial do Ano” e “Cidadão Birigüense”

BIRIGUI — Em 30 de novembro de 85 foi entregue o título de cidadão birigüense a João Euphrásio Fiorotto, diretor-presidente da Popi

Indústria e Comércio de Calçados Ltda. A entrega foi realizada no Birigui Pérola Clube, onde vários empresários estiveram presentes para

prestigar o industrial. Em seu discurso, João Fiorotto não conteve a emoção ao contar a história de sua vida e carreira. Sua empresa é uma das 100 maiores do país, no setor de calçados, e a que mais gera ICM na região de Birigüi. Discursaram também o presidente da Câmara Municipal, José Manoel Sanchez e o prefeito Florival Cervelati, que reconheceram seu valor como cidadão birigüense.

HONRA AO MÉRITO

Além de cidadão birigüense, João Euphrásio Fiorotto foi eleito o industrial do ano e recebeu

de dezembro de 85 pela ACIB — Associação Comercial e Industrial de Birigüi. Esta entidade promoveu a escolha através de um questionário que as indústrias locais responderam, sem que fosse permitido na questão do voto, opção por parente ou sócio da empresa.

O diretor-presidente da Popi foi escolhido para ambos os títulos, em virtude do trabalho que tem desenvolvido e pela demonstração de carinho por essa cidade. Seus colegas o qualificaram para tais honras por acharem justa uma homenagem quem sempre colabora com dedicação ao progresso de Birigüi.



João Fiorotto recebe as honras.

Notícia do Jornal Exclusivo de dezembro de 1985. No destaque, a entrega do título de Cidadão Birigüense e o de Industrial do Ano a João Euphrásio Fiorotto da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



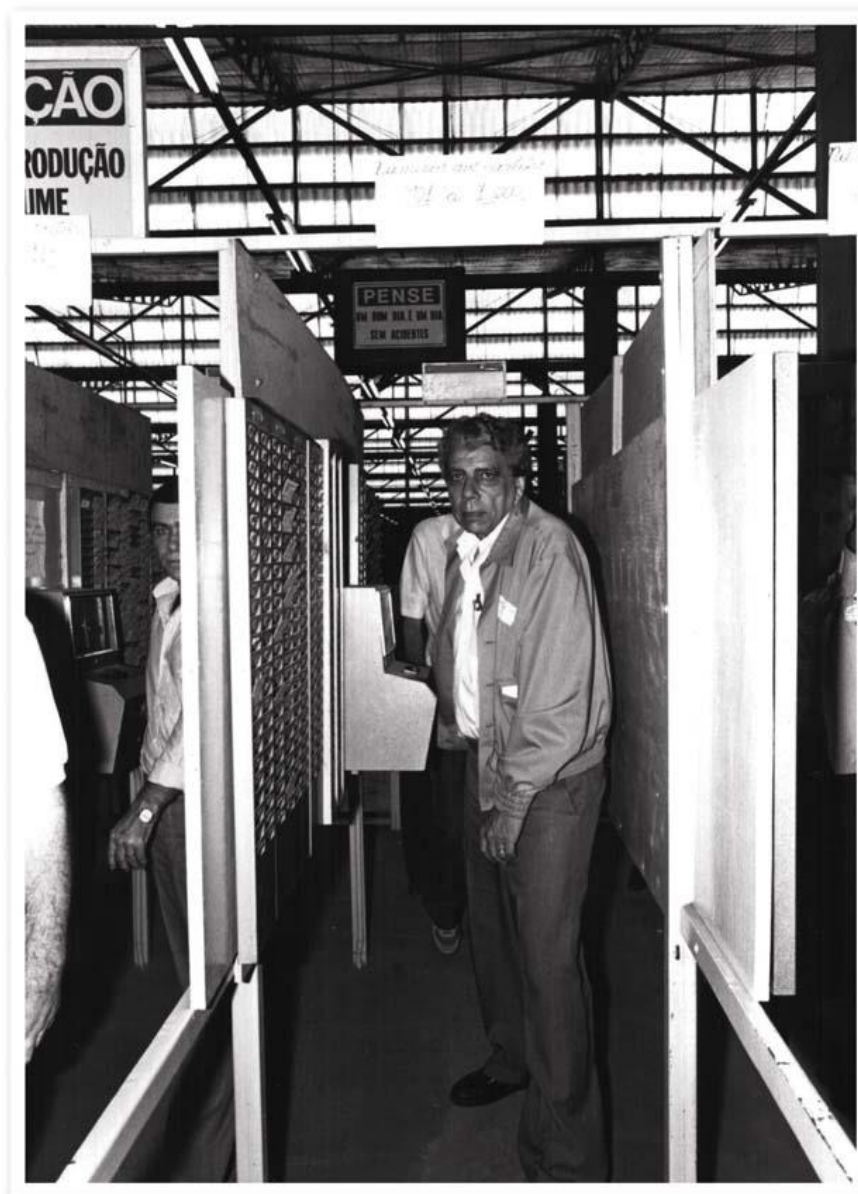
Foto aérea da Rahal & Assumpção Cia Ltda - Rassum (Kiuty), primeira metade da década de 1980. A empresa estava localizada na Avenida Euclides Miragaia, nº 2447.



Entrega do título de cidadão biriguiense ao empresário João Euphrásio Fiorotto, novembro de 1985.



Fachada da Pachelli Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.



Antônio Ermirio de Moraes em visita a Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda, durante campanha para governador do Estado de São Paulo em 1986. Antônio Ermirio de Moraes perdeu a eleição para Orestes Quércia, entretanto, obteve mais de 3,5 milhões de votos.



Antônio Ermírio de Moraes em visita a Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda, durante campanha para governador do Estado de São Paulo em 1986. No destaque, Antônio Ermírio de Moraes (à direita), Antônio Ramos de Assumpção (à esquerda). Ao fundo, o ex- Prefeito de Birigui, Pedro Marin Berbel (Pedrão).



Instalação da conhecida Caixa d'água na Bical Indústria e Comércio de Calçados Ltda, na década de 1980.



Linha de produção da empresa Pachelli Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.



**FLAGRANTE DE NOSSA PARTICIPAÇÃO NA
XII COUROMODA 10/01/85 RIO DE JANEIRO.**

Empresários de Birigui durante participação na XII Couromoda no Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 1985.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Gamcal Ltda, década de 1980.



Fachada da Nelsemar Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.



Caixa de Calçados produzido pela Pachelli Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.



Calçados produzidos pela Pachelli Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda, década de 1980.

Di Fiore

O HOMEM ELEGANTE
PREFERE O MELHOR

**CALÇADOS
DI FIORE**

ESTILO ITALIANO
(COURO LEGÍTIMO)

IND. CALÇADOS CERV
Fone: 42-2025
Rua Barão do Rio Branco
Birigui - SP

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Di-Fiore Ltda, década de 1980.

**OS SUPER-HERÓIS DA MIMO
VÃO ENTRAR EM AÇÃO**

© DC COMICS INC. 1985
T. A. S. - Rua dos Fundadores, 386 - Birigui - SP

MIMO

**SUPER
POWER**

Numeração:
16 ao 27

MIMO IND. CALÇADOS LTDA.
Rua dos Fundadores, 386 - Tel: 42.2688 - CEP 16.200 Birigui - SP

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda, década de 1980.



Fachada da Nyria Comércio e Representações de Produtos para Calçados Ltda, década de 1980.

Caixa de calçados produzido pela Pinóquio Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.



Fachada da Sfapa Indústria e Comércio de Calçados Ltda, começo da década de 1980.

Calçados produzido pela Pinóquio Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1980.





ELLEN TEM NOVOS DIRETORES



A partir de janeiro deste ano, o empresário Antonio Fatori assumiu a diretoria administrativa da Ellen Indústria e Comércio de Calçados Ltda., e como primeira providência adotou a formação de uma administração familiar, nomeando para diretor industrial Fernando Antonio Fatori, e para diretora financeira Adriana A. Fatori.

Fundada há quatro anos, a empresa conseguiu posicionar-se como uma das mais destacadas indústrias birigüenses, por seu bom trabalho desenvolvido na fabricação de sapatos para o segmento feminino. Dentro dos planos de desenvolvimento da Ellen, estão incluídas novas diretrizes administrativas, a partir do controle acionário da empresa que foi totalmente assumido por Antonio Fatori.

ELLEN INDÚSTRIA DE CALÇADOS LTDA.
Rua 7 de Setembro, 137 - Tel: (0186) 42.3785 - Cep: 16.200 - Birigüi - SP

Notícia publicada no Jornal Exclusivo em março de 1987 comentando a mudança societária ocorrida na Ellen Indústria e Comércio de Calçados Ltda. Na ocasião, a matéria explica que Antônio Fatori passou a ser o único proprietário da empresa e que decidiu inserir seus filhos na sociedade, transformando-a em uma empresa familiar. No destaque, ao centro, Antônio Fatori, e ao lado esquerdo seu filho Fernando Antônio Fatori (responsável pela área industrial) e Adriana Fatori (responsável pelo setor financeiro).

FUNDAMENTAL COMO O BELO



Karime CALÇADOS

IND e COM de CALÇ. KARIME LTDA
Rua Benjamim Strozzzi, 776 - Tel(0186) 42.1853
CEP: 16.200 - Birigüi - SP

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Karime Ltda publicada no Jornal Exclusivo, janeiro de 1986.



Propaganda da Kelly Indústria e Comércio de Calçados Ltda, parabenizando a cidade de Birigui pelos seus 71 anos, Jornal Exclusivo dezembro de 1982.



Marca da Indústria e Comércio de Calçados Karime Ltda, utilizada nos calçados infantis do nº 23 ao 32.

O MELHOR PARA OS "BAIXINHOS"



RINDE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS RINDE LTDA.
Rua Capitão José Cordeiro, 650 - Tel: (0186) 42.3635
Cep: 16.200 - Birigüi - SP

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Rinde Ltda, no Jornal Exclusivo, começo da década de 1980. No destaque, os produtos elaborados pela empresa (sapatos para adultos e uma sandália para crianças).

ESTAS SÃO AS LINHAS QUE DÃO LUCROS: *Daniela*



R
RODIMAR - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS LTDA.
R. Barão do Rio Branco, 116
Tel: 212.3142 - Birigüi - SP

Danessa

Propaganda da Rodimar Indústria e Comércio de Calçados Ltda, março de 1983.



João Euphrásio Fiorotto, "O Industrial do Ano em Birigui de 1985", Jornal - O Noroestino, 19 de dezembro de 1985.



Florival Cervelati (Prefeito da cidade de Birigui) e Antônio Ramos de Assumpção (Kiuty), década de 1980.

LINHA BEBÊ
16 ao 22



Glisa

SA - Ind. e Com. de Calçados Ltda.
RUA GETÚLIO VARGAS, 08 — Caixa Postal 291
Fone: 422054 — BIRIGUI — São Paulo

Propaganda da Indústria e Comércio de Calçados Glisa Ltda, década de 1980.



Inauguração das novas instalações da Indústria e Comércio de Calçados Katina Ltda, no começo da década de 1980. Da esquerda para direita: Hamilton Velajão Ferraz, Marco Antônio Oliveira (sócios-proprietários da Calçados Katina Ltda), Florival Cervelati e Paulo de Britto (jornalista).



Foto interna da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty, 1988.



Antônio Ramos de Assumpção e os diretores do jornal Exclusivo e Revista Lançamentos durante a entrega do troféu de Industrial do ano a Assumpção durante a 20ª Franca.



Fachada da Indústria e Comércio de Calçados Mimo Ltda, década de 1980.

QUARTA DÉCADA (1989-1998)

PEDRAS NO CAMINHO: CRISE, REESTRUTURAÇÃO E A MODERNIZAÇÃO NOS ANOS 1990.

A quarta década de desenvolvimento do setor calçadista de Birigui foi marcada pelo processo de reestruturação industrial pela qual passaram as empresas de calçados da cidade. O Plano Collor (1990) e o Plano Real (1994) impactaram acentuadamente a indústria local.

Carta a Malan

Calçadistas
de Birigüi
pedem que
o ministro
não adote
medidas para
frear consumo



Birigüi/SP - O Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi encaminhou no último dia 3 de março uma carta ao Ministro da Fazenda, Pedro Malan, através do prefeito da cidade, que foi pessoalmente a Brasília para entregá-la. O objetivo, conforme o secretário executivo da entidade, José Manoel Sanches, foi solicitar ao governo que não tome nenhuma medida de contenção da economia neste momento.

Segundo Sanches, o governo tem divulgado a intenção de "frear" a economia, o que, conforme ele, inviabilizaria o setor calçadista. Limitando-se não só ao seu próprio parque industrial, a cidade de Birigüi procurou o apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Fiesp e dos sindicatos das indústrias de calçados de Jaú, Franca e Novo Hamburgo. Segundo Sanches, todos 'abraçaram' a idéia.

Até o momento, o governo não se manifestou através de nenhuma resposta oficial, mas os calçadistas estão otimistas. "A receptividade ao manifesto foi muito boa por parte do setor", afirma o secretário executivo. Abaixo, a transcrição da carta encaminhada ao ministro Malan.

MESTRINER: lojistas reticentes às compras

APOIO À INICIATIVA

- Associação Brasileira das Indústrias de Calçados - Abicalçados
- Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Fiesp
- Sindicato das indústrias de Calçados de Jaú
- Sindicato das indústrias de Calçados de Franca

Reportagem do Jornal Exclusivo como o Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, Carlos Alberto Mestriner (Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda), dando ciência da carta enviada pela instituição ao Ministro da Fazenda Pedro Malan, em 03 de março de 1997.

Birigüi, 3 de março de 1997

Ao
Excelentíssimo Senhor Ministro da Fazenda,
Dr. Pedro Malan
Esplanada dos Ministérios
Brasília - DF

Prezado Senhor!

À luz das constantes notícias veiculadas em nossa imprensa sobre a necessidade urgente ou, no máximo, a curto prazo de se colocar um freio em nossa economia, vimos à presença de V^o. Excia para esclarecer que estamos vivendo no dia-a-dia na condição de produtores de bens de consumo, especificamente na área de calçados.

1. A nossa cidade, até 1994, tinha um parque industrial composto de mais de 220 (duzentos e vinte) empresas, entre grandes, médias, pequenas e micros, e hoje não ultrapassa a 160 (cento e sessenta) unidades fabris.

2. No mesmo período, estas empresas chegaram a empregar 16 mil (dezesesseis mil) pessoas, hoje não ultrapassa a casa das 10 mil (dez mil).

3. O preço do produto final, ao longo do processo de estabilização da economia, já recuou em aproximadamente 15%, ao passo que despesas que compõem o custo produtivo tiveram alterações significativas para cima. Como exemplo, citamos os custos financeiros e as tarifas públicas, que anularam parcialmente os ganhos de produtividade obtidos através de pesados investimentos em tecnologia e treinamento pessoal.

4. A pequena recuperação sentida no quarto trimestre de 1996 já vem transformando-se em pesadelo aos fabricantes, pois as unidades fabris não conseguem operar com a mesma capacidade. Faltam-lhes pedidos em carteira;

5. Na busca de pedidos, encontramos lojas reticentes às compras, pois, além do pequeno interesse de compra por parte do consumidor, o fantasma da inadimplência ameaça ressurgir.

Diante dos fatos acima, que V. Exa poderá constatar através de seu quadro de assessores, vimos pedir-lhe que analise com cautela as medidas a serem tomadas, para que não levem à sucumbência de todo um setor que, se em valores econômicos não tem o condão de demonstrar uma grande representatividade no PIB nacional, temos uma certeza que, sob o aspecto empregatício, tem elevada representatividade, sendo, portanto, fator de ordem e paz social.

Atenciosamente

Carlos Alberto Mestriner
Presidente

Carta do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui presidido na época pelo empresário Carlos Alberto Mestriner (Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda) ao Ministro da Fazenda Pedro Malan, em 03 de março de 1997.

Muitas empresas instaladas nas décadas de 1960, 1970 e 1980, encerraram suas atividades nos anos 1990. Outras conseguiram percorrer o período e apresentaram um crescimento vigoroso, consolidando-se entre as maiores do setor calçadista brasileiro no final da década. Foi também uma época de formação de novas empresas, que trouxeram novas idéias ao setor. A crise e as dificuldades da quarta década aceleraram a modernização empresarial, fortalecendo as empresas locais na ampliação da competitividade em um cenário de abertura econômica e acirramento da concorrência internacional.

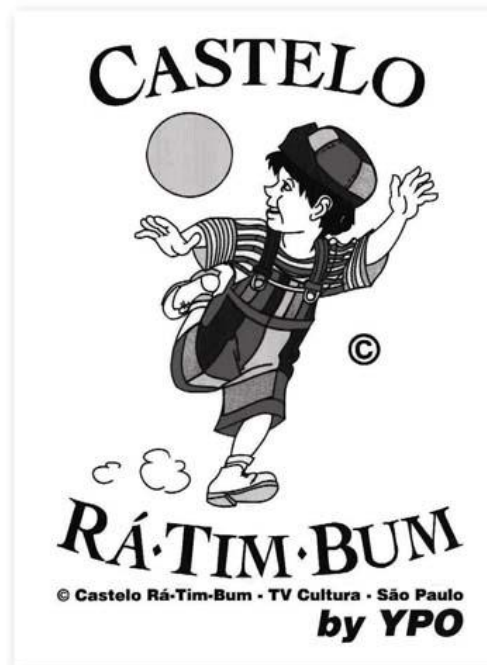


Charge publicada no Jornal Exclusivo em 01 de maio de 1995. No destaque, o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Crítica a abertura econômica e a valorização da moeda nacional (Real) que tornou muito competitivo o calçado Chinês, acarretando um aumento muito grande das importações.

Um dos aspectos mais interessantes do período foi a intensificação dos intercâmbios entre as empresas do parque produtivo calçadista – o início da cooperação – um atributo construído na década que passou a diferenciar a indústria local de outros polos calçadistas.

A revolução na produção de calçados infantis que foi impulsionada a partir da década de 1980, fortaleceu-se nos anos 1990. Personagens para o mundo infantil foram desenvolvidos, a agregação de brindes aos calçados foi uma estratégia de diferenciação e agregação de valor utilizada pelas empresas, novas cores, aromas, materiais e outros fatores de diferenciação foram incorporados à confecção de calçados. Um exemplo foi a “febre” na produção de calçados com “luzinhas” nos solados desenvolvido nos anos 1990 – os calçados “black lighth”.

E, o desenvolvimento da qualidade dos produtos fabricados, tornou-se fundamental para a sobrevivência dos empreendimentos em conjunto com os investimentos em propaganda e fortalecimento da marca. Máquinas e equipamentos



Licenciamento e parceria realizada pela Indústria e Comércio de Calçado Ypo Ltda com o programa infantil "Castelo Rá-tim-Bum" da TV Cultura de São Paulo, na década de 1990. Investimento em marketing um dos grandes desafios dos anos 1990.

Fernando Collor de Melo, em 1990, e ampliou-se no governo de Fernando Henrique Cardoso a partir de 1994. A abertura econômica teve grande impacto na indústria brasileira e refletiu-se na indústria de calçado nacional.

De acordo com Carneiro (2002), a eliminação das barreiras alfandegárias foi a primeira medida que gerou reflexos negativos no setor produtivo. O chamado "anexo C", lista com aproximadamente 1.300 produtos com a importação proibida, em razão da produção de similar nacional, foi abolida no período. Segundo Miranda (2001), em 1990, a maior parte das barreiras não tarifárias foi extinta e estabeleceu-se um cronograma de redução das tarifas de importação que vigorou entre 1991 e 1994, contribuindo para que a proteção industrial fosse drasticamente reduzida. A consequência desse conjunto de medidas foi o acirramento da concorrência com os produtos importados.

Nesse contexto, a indústria de calçados nacional, que apresentou um desempenho positivo na década de 1980, sofreu, ao se deparar com um crescimento vertiginoso das importações de calçados provenientes, principalmente,

novos foram incorporados à linha de produção das fábricas, alguns, inclusive, importados no começo dos anos 1990 por grandes empresas da cidade, em investimentos que totalizaram US\$ 4,5 milhões de dólares. Em paralelo, ocorreram mudanças na forma de organização industrial, com o surgimento das minifábricas, das células de produção e da terceirização. Foi, portanto, um momento de modernização do parque calçadista local.

4.1 A CRISE DA INDÚSTRIA BRASILEIRA E OS REFLEXOS NO SETOR CALÇADISTA NACIONAL

A década de 1990 foi marcada pelo processo de abertura econômica, comercial e financeira, que começou no governo

do Sudeste Asiático (Coréia do Sul, Tailândia, China, Indonésia, Filipinas, Hong Kong, Taiwan e Singapura). Esse quadro agravou-se a partir de 1994 com o início do Plano Real e com a sobrevalorização da moeda nacional, que barateou as importações e encareceu as exportações. Consequentemente, as empresas nacionais foram forçadas a se reestruturarem durante a década de 1990, buscando mecanismos de proteção. Conforme mostra Miranda (2001), essa reestruturação foi centrada em quatro eixos básicos: concentração nas atividades de maior competência; redução da integração vertical; reorganização e compactação dos processos e layouts de plantas; e profissionalização da gestão empresarial com a redução das hierarquias e níveis organizativos.

O investimento na qualidade dos produtos fabricados foi também um dos focos das empresas no começo dos anos 1990. O Jornal Exclusivo de 01 de outubro de 1990 destacou os objetivos dos empresários em relação aos investimentos em qualidade relacionando o tema a abertura comercial.

Acompanhando uma tendência mundial, a indústria brasileira de calçados investe na melhoria da qualidade de seus produtos. O objetivo, segundo empresários, é evoluir em termo de estilo, conforto e materiais, exigências cada vez mais efetivas à medida que se consolida a abertura do país à economia internacional e o consumidor torna-se mais criterioso em suas compras, para tanto as empresas não têm medido esforços na busca de tecnologias avançadas no exterior e na contratação de profissionais de renome internacional, capazes de levar o calçado brasileiro a uma posição destacada no cenário mundial (Jornal Exclusivo de 01 de outubro de 1990).

4.2 O DESEMPENHO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE BIRIGUI ENTRE 1989 E 1998

Entre 1989 e 1998, apesar das dificuldades enfrentadas pela indústria calçadista brasileira, 377 fábricas de calçados foram formadas em Birigui. O destaque ocorreu entre 1989 e 1994, com a instalação de 263 empresas, o que indica uma maior dificuldade na implantação de unidades fabris após 1994. O elevado número de empresas de calçados que iniciaram atividades no período foi acompanhado pelo desenvolvimento da cadeia produtiva local com a instalação de 77 firmas fornecedoras de insumos, matérias-primas, componentes, máquinas e equipamentos. As empresas fornecedoras seguiram a dinâmica da implantação das empresas de calçados e tiveram, entre 1989 e 1994, o período de maior desenvolvimento, com 52 unidades (vide tabela 6).



Com a qualidade ganha novos adeptos a cada dia

Catálogo do Setor Calceadista do Brasil

A empresa tem uma oportunidade ímpar de entrar no mercado. É o Catálogo do Setor Calceadista do Brasil 90/91 - Guia do Comprador, que a revista Lançamentos e o Jornal estão preparando. Para participar desta importante publicação, que servirá de apoio aos profissionais de atuar no setor, basta enviar os cupons remetidos pelo correio e que serão distribuídos pelo Exclusivo e pela Editora Sinos até 31.10 e sua empresa junto com quem quer comprar. Publicação dia 17, 12.

ICMS - O Confaz, em sua última reunião ordinária, analisou o mecanismo de transferência dos créditos fiscais das exportações está atualmente em 1 de outubro, conforme previsto no artigo 41, parágrafo 3º, do Anexo das Disposições Constitucionais Transitórias. Os exportadores de calçados estão insatisfeitos com o procedimento do Conselho e são gestores, através da Abicalçados, junto ao Governo Federal e às Secretarias de Fazenda dos estados visando a busca de alternativas que possibilitem o aproveitamento dos créditos de ICMS.

Pág. 16



Arrecadação pelo número de duplicatas pagas no mês de agosto de 1990.

Mês de Pagamento	MAG.		JUL.		AGO.		SET.	
	1989	1990	1989	1990	1989	1990	1989	1990
Calçados	4.55	4.16	3.41	4.88	2.17	3.71	3.94	3.94
Total	81.84	88.77	86.50	89.68	99.90	85.86	89.60	89.60
Até 30 dias	10.84	5.43	8.74	3.72	6.02	8.21	4.91	4.91
Entre 30 e 60 dias	1.10	0.28	0.29	0.23	0.31	0.55	0.49	0.49
Entre 60 e 90 dias	0.60	0.37	0.29	0.35	0.55	0.96	0.36	0.36
Acima de 90 dias	0.96	0.99	0.76	1.15	0.97	0.71	0.70	0.70

Fonte: ACI-MPL Departamento de estatística.

EXCLUSIVO

Jornal das lojas, indústrias de calçados e afins - Fundado em 19/13/1968
1º a 7/10/90 - N° 1.303 - Cx\$ 60,00

Indústria investe em qualidade

Acompanhando uma tendência mundial, a indústria brasileira de calçados investe na melhoria da qualidade de seus produtos. O objetivo, segundo os empresários, é evoluir em termos de estilo, conforto e materiais, exigências cada vez mais elevadas à medida em que se consolida a abertura do país à economia mundial e o consumidor torna-se mais criterioso em

suas compras. Para tanto, as empresas não têm medido esforços na busca de tecnologias avançadas no exterior e na contratação de profissionais de renome internacional, capazes de levar o calçado brasileiro a uma posição destacada no cenário mundial.

Pág. 5

DIA DA CRIANÇA Comércio na expectativa

O Dia da Criança é, tradicionalmente, uma data promocional muito esperada pelo comércio de calçados. Este ano, porém, a expectativa dos lojistas está sendo ofuscada, pelo menos em parte, pelos altos preços dos produtos, que muitas vezes chegam a R\$ 4 mil. Com isso, os comerciantes, de antemão, prevêem que o volume de vendas nesta semana não deverá sofrer grandes alterações em relação aos últimos dias e, para tentar tirar pelo menos um pouco de proveito da data, facilitam as compras a prazo e concedem descontos à vista. Exemplo é a rede gaúcha Gaston, em cujas lojas crianças de até 12 anos de idade concorrem a diversos prêmios pintando a figura do Gastonzinho num folheto.

Pág. 3

Em Franca, setor busca alternativas para vender

Pág. 15



Calçados para crianças: preço alto pode inibir vendas em outubro



Explorando contrastes

A composição em couro preto/bronze valoriza a bolsa produzida pela 280 Moda Com. e Ind. Ltda, de Nova Iguaçu-RJ. De tamanho médio, possui alça trançada removível.

Tabela 6: Instalação de empresas de calçados e de empresas fornecedoras entre 1989 e 1998

Anos	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Produtores de calçados	45	55	41	35	41	46	31	25	43	15
Empresas fornecedoras	9	15	7	4	6	11	7	6	8	4

Fonte: Souza (2006).



Foto do interior (linha de produção) de uma das empresas de calçados instaladas entre 1989 e 1990: a Kidy Indústria e Comércio de Calçados Ltda. No destaque, os proprietários da empresa: Sérgio Gracia e Ricardo Gracia, dezembro de 1990.



Primeiro produto produzido pela Indústria e Comércio de Calçados Sonho de Criança Ltda, instalada na cidade de Birigui, em 1991. Na época, a empresa chamava-se Calçados Juquinha Ltda.



Calçados produzido pela Indústria e Comércio de Calçados Adélia Moreno Ltda, empresa instalada em 1992.



Proprietários da Indústria e Comércio de Calçados Pixote Ltda (foto de 1998), uma das empresas formadas nos anos 1990. Da esquerda para a direita: Oscar Fernandes Correia, Valdecir Fagundes Prates, Maria Inez Varoni, Eldir Paulo Scarpim, Dércio Varoni e Sebastião Varoni. Na ocasião, os sócios estavam apresentando uma nova marca desenvolvida para a empresa chamada LULOBALO.

Ressalte-se que assim como nos anos 1980, a maioria das empresas fornecedoras instaladas na década de 1990 eram representações de firmas cuja produção era realizada em outra localidade. No entanto, o aumento no número de fornecedores instalados na cidade e o crescimento das empresas com produção local indicam um fortalecimento da cadeia produtiva. As empresas fornecedoras com produção local ampliaram sua participação e representavam 30% das fábricas fundadas nos anos 1990. Entre as firmas locais, destacam-se os fabricantes de saltos, solados, solas, moldes, fôrmas, injetados, matrizes; os fabricantes de facas e os fabricantes de etiquetas (vide tabela 7).

Tabela 7: Empresas fornecedoras e representantes instalados na década de 1990

Empresas Fornecedoras	Número de empresas
Representantes de Fornecedoros (máquinas, equipamentos, insumos e componentes)	51
Fabricantes de saltos, solados, injetados, matrizes, moldes e fôrmas	11
Fabricante de embalagem e facas para calçados	7
Fabricante de blagens, etiquetas e fivelas	8
Total	77

Fonte: Souza (2006).

Apesar do aumento do número de empresas de calçados e fornecedoras instaladas, o desenvolvimento da indústria foi interrompido em dois momentos por mudanças na política econômica, principalmente, durante a implantação do Plano Collor e do Plano Real.

4.3 O PLANO COLLOR

De acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, Marco Antônio Oliveira, os impactos decorrentes do Plano Collor começaram a ser sentidos a partir de setembro e outubro de 1990¹. No primeiro semestre do ano, um otimismo contagiou as empresas, apesar delas não terem vendido nenhum par de calçados durante os primeiros 30 dias do Plano Collor. Segundo o presidente do Sindicato Patronal, entre 15 de abril e 15 maio as fábricas de calçados da cidade contrataram 900 trabalhadores e ainda precisavam de mais 500².



Folha da Região de Araçatuba de 29/07/1990. No destaque, a falta de empregados na cidade de Birigui.

¹ Marco Antônio Oliveira, presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, em entrevista ao jornal "Folha da Região de Araçatuba" de 02/11/1990.

² Folha da Região (Araçatuba) de 27/05/1990.

Entretanto, no último quadrimestre do ano, o aumento da taxa de juros e o enxugamento do crédito provocaram cancelamentos e uma queda nos pedidos das fábricas de calçados do município, desencadeando uma crise generalizada. Além disso, muitas empresas estavam com dificuldades para receber as duplicatas vencidas. Segundo Amauri César Bini, ex-proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Carbi Ltda, as dificuldades enfrentadas por sua empresa durante o Plano Collor levaram a uma paralisação e, posteriormente, ao fechamento da fábrica. A principal dificuldade era a falta de capital de giro. A empresa tinha fechado uma grande venda de calçados para o grupo Pão de Açúcar, no entanto, o bloqueio dos recursos da fábrica inviabilizou a produção e as vendas. Segundo o empresário, o dinheiro das vendas foi depositado na conta da empresa, mas foi retido pelo governo federal, impossibilitando o início da produção.

Ministra da Fazenda
Zélia Cardoso de Mello
durante o lançamento
do Plano Collor,
março
de 1990.



Quadro 1. O bloqueio da liquidez no Plano Collor – Medida Provisória 168, 15/03/1990, depois Lei n. 8.024, 12/4/1990

<p>Bloqueio da liquidez da parte constituinte dos haveres financeiros, exceto o papel-moeda em poder de público. Os valores em créditos novos bloqueados ficaram recolhidos ao Banco Central do Brasil por dezesseis meses, recebendo juros de 6% ao ano mais correção monetária, creditados diretamente, e seriam liberados em duas parcelas mensais a partir do 19º mês.</p> <p>Os haveres financeiros seriam convertidos ao par, de créditos novos (NCdE) para créditos (CdE), após a cobrança aritmética de 8% de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) nos haveres não monetários e na venda ou amortização de ações e cotas, licenças ou depósitos à vista e os títulos e depósitos do ativo das instituições financeiras.</p> <p>A conversão em créditos deveria ser feita no momento da liberação dos valores retidos, com regras diferenciadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • papel-moeda, conversão imediata, sem bloqueio; • depósitos à vista e cadernetas de poupança, liberação imediata de até CdE 50 mil (pelo taxa de câmbio oficial de 13/3/1990, US\$ 1.300,00) pelo taxa do câmbio paralelo, US\$ 610,00 em 13/3, US\$ 1.110,00 em 19/3 e US\$ 770,00 em 30/3; • aplicações emagig e cotas remuneradas, liberação imediata de CdE 25.000,00 ou de 20% do total, valendo o maior; • títulos e depósitos a prazo, 20% do total. <p>Todos os limites deveriam ser calculados por aplicativo e por instituição financeira. Títulos e depósitos do ativo das instituições financeiras subscritas se ao mesmo regime.</p> <p>Nos depósitos a prazo, debêntures e cotas de fundos, a conversão para créditos de parcela liberada deveria ser feita apenas no vencimento do título. Nos fundos, a conversão ficaria condicionada à disponibilidade de liquidez em créditos. As parcelas não convertidas deveriam permanecer denominadas em créditos novos até o vencimento. Títulos com prazo superior a dezesseis meses permaneceriam denominados integralmente em créditos novos até o vencimento.</p> <p>Os créditos novos bloqueados poderiam ser usados por somente dois (até 18/3/1990) para pagamento de impostos, taxas, contribuições e obrigações previdenciárias e por 180 dias podiam ser transferidos entre pessoas físicas e jurídicas, "para fins de liquidação de dívidas e operações financeiras comprovadamente contratadas antes de 15/3/1990", processo denominado de "transfêrência de titularidade".</p> <p>Recursos dos bancos do sistema de governo ficaram livres de bloqueio e foram convertidos integralmente, com liberação imediata dos créditos no caso de depósitos à vista e recursos em títulos no sistema bancário, e liberação no vencimento, no caso de títulos. Para os três níveis de governo, recursos mantidos em créditos novos até 18/3/1990, pelo pagamento de impostos, taxas e contribuições, seriam convertidos integralmente e liberados na data de vencimento da obrigação que lhes deu origem, ou de imediata, no caso de obrigação já vencidas.</p>
--

Fonte: BCB, Gestão Monetária (edição extra, 17/3/1990, n. 19.209, p. 32). Revista do Economista Paulista, 1990, p. 117-120.

Medida provisória 168 de 15/03/1990, depois Lei nº 8.024 de 12/04/1990. Foi através dessa medida provisória que em seguida tornou-se Lei que foi realizado o bloqueio dos recursos financeiros na instauração do Plano Collor.



Capa da Revista Veja de março de 1990. No destaque, o sumiço do dinheiro em decorrência das medidas de política econômica do Plano Collor, março de 1990.



Folha da Região de Araçatuba de 02/11/1990. No destaque, a crise do setor de calçados em 1990.

A queda acentuada do emprego entre 1989 e 1990 evidencia a crise ocorrida no começo dos anos 1990 (vide tabela 8). No ano de 1989, as empresas de calçados da cidade empregavam 12.238 trabalhadores e no ano de 1990 o número deles foi reduzido para 8.445, o que representa uma queda de 3.793 postos de trabalhos ou 31%. Outro indicador foi a queda na produção diária de calçados. Em 1989, a produção era de 138 mil pares/dia e, em 1990, reduziu para 120 mil pares/dia, registrando uma queda de 15%³. Ressalta-se que a queda da produção só não foi maior em virtude do bom desempenho das empresas no primeiro semestre de 1990, pois no segundo semestre (entre outubro e dezembro) a paralisação e o fechamento de várias empresas causaram uma queda na produção de 80% em relação ao começo do ano⁴.

Tabela 8: Empresas de calçados e número de empregados entre 1989 e 1998

Anos	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Empresas	133	166	175	166	172	184	192	185	210	166
Número de empregados	12.238	8.445	8.464	10.754	12.133	13.634	8.923	9.765	8.270	9.482

Fonte: Souza (2006).

³ Dados fornecidos pelo Presidente do Sindicato Patronal, Marco Antônio de Oliveira, em entrevista a Folha da Região de 16/01/1991.

⁴ Informação fornecida pelo presidente do Sindicato Patronal a Folha da Região de 07/04/1991.

O Jornal Exclusivo de 29 de outubro de 1990 apresentou uma reportagem em que analisou o impacto do Plano Collor nas empresas calçadistas brasileiras, sob o título “O impacto da reestruturação econômica”.

Depois do impacto inicial da divulgação do Plano Collor que, num primeiro momento, retirou um grande volume de dinheiro de circulação e depois provocou uma profunda modificação no sistema comercial nacional via liberalização das fronteiras para a compra e venda no mercado exterior, líderes de entidades do setor coureiro-calçadista pregaram que as empresas passariam por um processo de seleção. O que os empresários quiseram dizer é que somente indústrias economicamente e predominantemente sólidas sobreviveriam ao impacto de medidas como a valorização da moeda nacional. A premissa dos líderes empresariais estava correta, 180 dias após o início do Plano Collor, muitas empresas já começaram a sucumbir-se a dura política cambial imposta pelo governo. Mas a surpresa foi que se notou que não foram somente as fábricas mais tênues economicamente que estão fechando suas portas ou pedindo concordata preventiva. Gigantes do setor como a Calçados Catléia, Lígia e Sibisa S/A tiveram abaladas suas bem montadas estruturas de atuação no mercado externo (construídas há mais de vinte anos), não lhes restando alternativa senão entrar na justiça com pedido de concordata preventiva, que foi aceito. A argumentação das 23 empresas que até o dia 25 de outubro haviam solicitado concordata ou simplesmente falido é de que além da política governamental recessiva, que resultou em defasagem cambial, houve redução de pedidos de calçados por parte das empresas estrangeiras, postergação de entrega de recursos na fábrica, restrição de crédito bancário e vultosas despesas financeiras (Jornal Exclusivo de 29 de outubro de 1990).

Algumas empresas da cidade aproveitaram o momento favorável provocado pela abertura econômica para realizar a importação de máquinas e equipamentos em 1991 e 1992. Esse foi o caso da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda e da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda (as duas maiores empresas de calçados de Birigui na época) que investiram US\$ 4,5 milhões de dólares na importação de máquinas da Itália. A Calçados Popi Ltda, que na época empregava 2.200 trabalhadores e tinha uma produção diária de mais de 20.000 pares, investiu aproximadamente US\$ 1,5 milhões na importação de injetoras da Itália. E, a Calçados Kiuty Ltda, realizou um investimento de US\$ 3 milhões de dólares na importação de um conjunto de seis injetores quatro cores da Itália, que tinham a capacidade de produzir 20 mil pares de solas por dia.

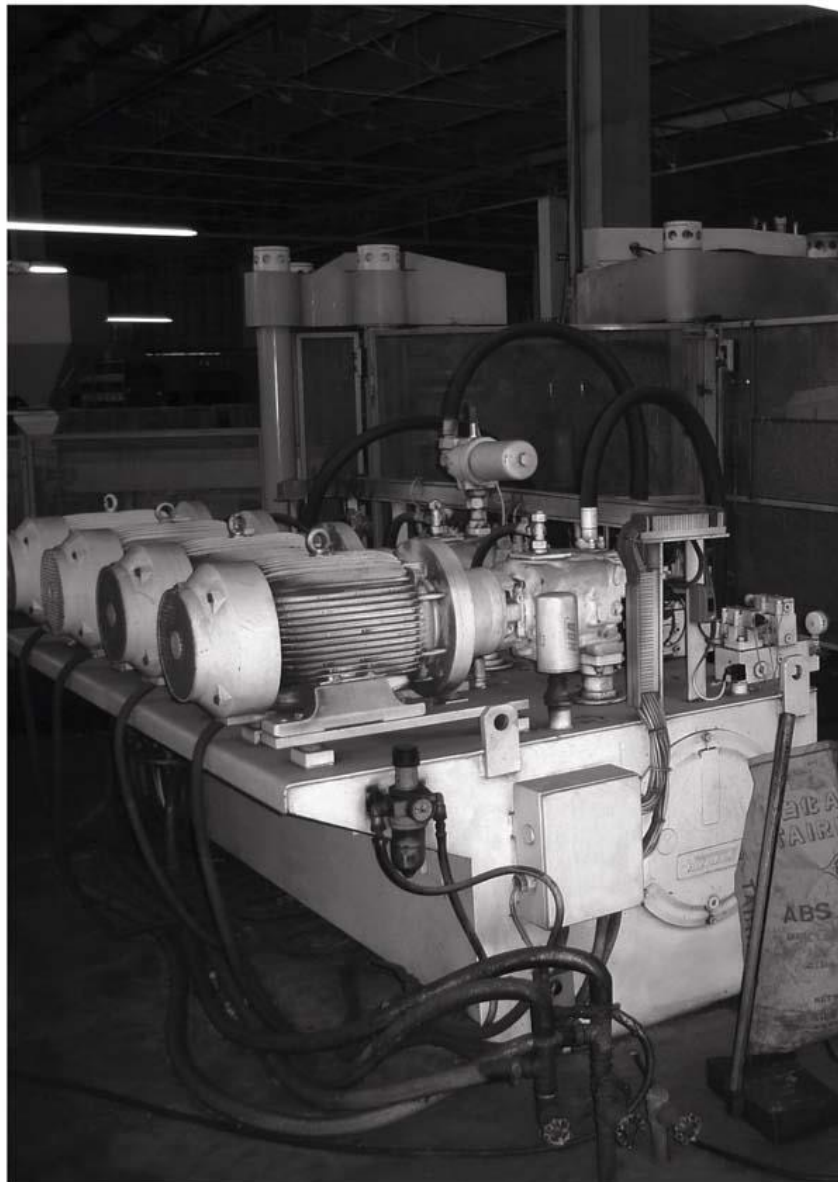
A importação das injetoras foi um dos maiores investimentos realizados por uma empresa calçadista do Brasil no começo dos anos 1990. Em decorrência do investimento, a Revista Lançamentos Máquinas e Componentes, nº 40, de setembro e outubro de 1991, realizou uma entrevista com Antônio Ramos de Assumpção destacando-o na capa de sua edição.



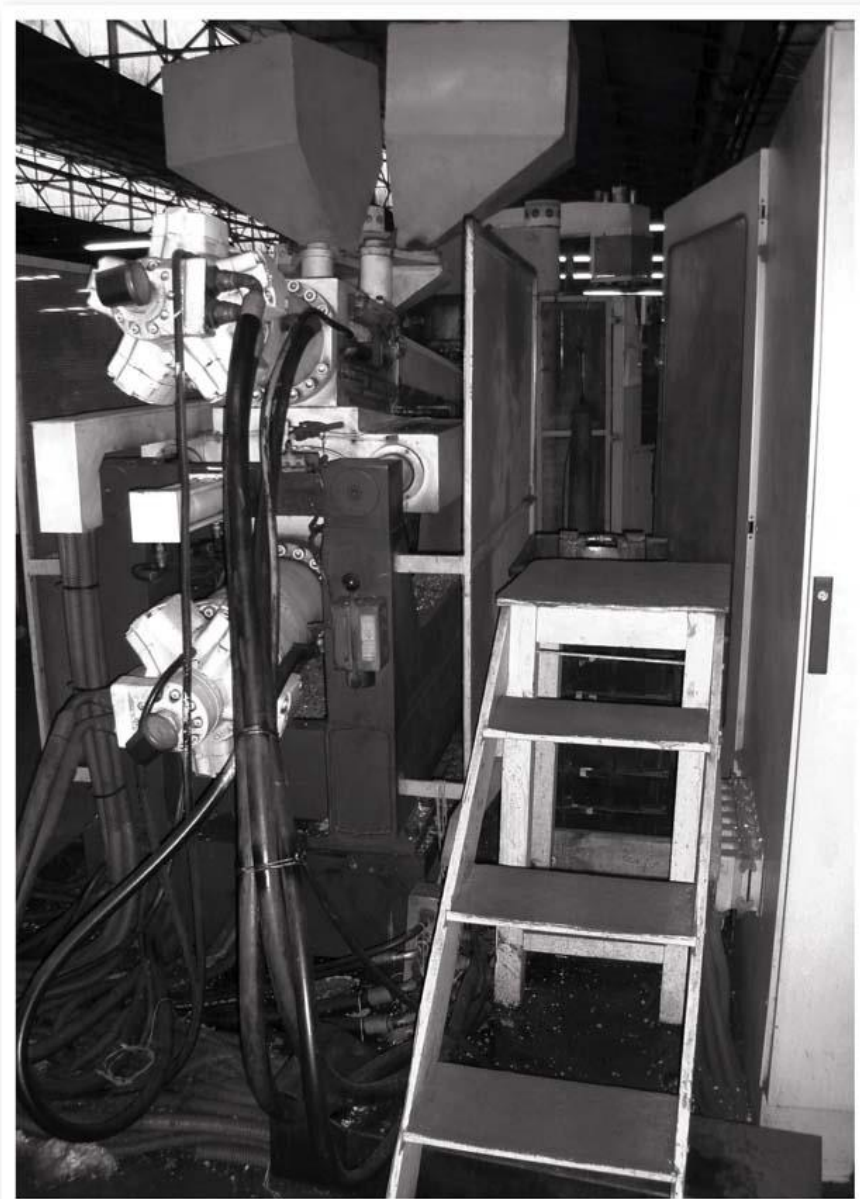
Capa da Revista Lançamentos Máquinas e Componentes, nº 40, de setembro e outubro de 1991. Como destaque de capa e reportagem o empresário Antônio Ramos de Assumpção, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda. Na época, a empresa estava produzindo aproximadamente 40 mil pares/dia.

Segue abaixo alguns trechos da entrevista com Antônio Ramos de Assumpção, apresentada na Revista Lançamentos Máquinas e Componentes, nº 40, de setembro e outubro de 1991, em que o empresário comentou o investimento realizado pela empresa (Kiuty).

A importação de maquinário no Brasil, até um tempo atrás, era muito dificultada. Hoje, o governo deu essa brecha oferecendo mais facilidades. Fizemos a compra de seis conjuntos de máquinas injetoras para solados. Vimos qual o método mais prático de fazer esse investimento – de três milhões de dólares – de modo que não desmobilizasse o capital de giro da empresa. Descobrimos a possibilidade do leasing. Conseguimos por intermédio do Banco Francês-Brasileiro (BFB) e da Franlease Arrendamentos Mercantis – associada ao BFB – uma coisa inédita no Brasil: fazer um leasing total, um financiamento de 100 por cento das despesas fiscais. A importadora é a empresa de leasing, que irá fazer, inclusive, o pagamento das despesas fiscais para ingresso do produto no país. Se tivéssemos optado pelo leasing internacional, a Kiuty só teria autorização para uma operação de US\$ 2,2 milhões de dólares, valor FOB dos produtos. Teria que desembolsar ela mesma US\$ 800 mil dólares para a entrada no país. Isto é, o leasing internacional só tem autorização para o financiamento do valor FOB do produto. É uma das maiores importações de injetoras para solado do Brasil. São seis conjuntos para uma produção de 20 mil pares/dia de solados em quatro cores. Elas já estão praticamente prontas em Padova na Itália. No dia 03 de outubro seguem para lá três técnicos nossos, que vão fazer um estágio de 15 dias na fábrica e, em seguida, as máquinas serão embarcadas para o Brasil. No final de dezembro, as seis máquinas devem estar em pleno funcionamento na Kiuty (Antônio Ramos de Assumpção em entrevista a Revista Lançamentos Máquinas e Componentes, nº 40, de setembro e outubro de 1991).



Máquina injetora importada pela Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda, em novembro de 1991. Investimento de US\$ 3 milhões de dólares. Foto de 2008.



Máquina injetora importada pela Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda, em novembro de 1991. Investimento de US\$ 3 milhões de dólares. Foto de 2008.

4.4 O PLANO REAL

No governo de Fernando Henrique Cardoso, com a implantação do Plano Real, ocorreu um agravamento das condições da indústria nacional, devido, principalmente a supervalorização cambial. A indústria de calçados, que estava sentindo os reflexos negativos da primeira fase de abertura econômica, iniciada no governo Collor, teve sua situação agravada com o novo governo. Os anos de 1995, 1996 e 1997 foram os mais críticos para o setor, na década de 1990.



Fernando Henrique Cardoso durante o lançamento do Plano Real. Na época, FHC era o Ministro da Fazenda do Governo do Presidente Itamar Franco. No final de 1994, em decorrência do sucesso do Plano Real, Fernando Henrique Cardo foi eleito Presidente da República.

Em matéria do Jornal Exclusivo de 10 de abril de 1995, intitulada “Calçadistas querem imposto de importação elevado para 70%”, o Jornal apresentou algumas reivindicações das entidades do setor na época.

Os calçadistas foram – mais uma vez – a Brasília na semana passada, solicitar providência do governo a favor do setor. O Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, Horst Volk, pediu à Ministra da Indústria, Comércio e Turismo, Dorothea Werneck, a elevação do imposto de importação, dos 20%, atualmente aplicados sobre os calçados, para 70% para os sapatos provenientes de países signatários da Organização Mundial do Comércio. Para os países que não têm nenhum compromisso com essa organização, a Abicalçados sugeriu a imposição de uma alíquota substancialmente superior aos 70%. A Ministra, segundo o diretor executivo da Abicalçados, Heitor Klein, reconheceu que estamos em outros tempos da importação e está considerando os pleitos do setor. O pedido dos calçadistas baseia-se em dados levantados junto ao DTIC (Departamento Técnico de Intercâmbio Comercial) da Secex (Secretaria de Comércio Exterior), que revelam o significativo aumento de 706% na importação de calçados pelo Brasil – principalmente originários da China no ano passado (1994) em relação a 1993: US\$ 258 milhões contra US\$ 28 milhões respectivamente. A previsão para 1995 – foi comunicada também a Ministra – é de que as importações de calçados alcancem US\$ 550 milhões de dólares (Jornal Exclusivo de 10 de abril de 1995).

EXCLUSIVO • 10 a 16/04/95

G E N E R A L

Calçadistas querem imposto de importação elevado a 70%

Brasília/DF-Novo Hamburgo/RS - Os calçadistas foram - mais uma vez - a Brasília, na semana passada, solicitar providências do governo a favor do setor. O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, Horst Volk, pediu à ministra da Indústria, Comércio e Turismo, Dorothea Wernicke, a elevação do Imposto de Importação, dos 20% atualmente aplicados sobre os calçados, para 70% para os sapatos provenientes de países signatários da Organização Mundial de Comércio. Para os países que não têm nenhum compromisso com esta organização, a Abicalçados sugeria a imposição de uma alíquota substancialmente superior aos 70%. A ministra, segundo o dire-

tor executivo da Abicalçados, Heitor Klein, reconheceu que "estamos em outros tempos na importação" e está "considerando" os pleitos do setor. Os calçados entrariam em uma nova lista de 450 produtos, que estaria sendo examinada pelo governo para aumento de alíquotas, mas a ministra negou, na semana passada, a existência desta lista, segundo divulgaram as agências de notícias AE e AJB. O pedido dos calçadistas baseia-se em dados levantados junto DTIC (Departamento Técnico de Intercâmbio Comercial) da Secex (Secretaria de Comércio Exterior), que revelam o significativo aumento de 706% na importação de calçados pelo Brasil - principalmente originários da China

- no ano passado, em relação a 1993: US\$ 258 milhões contra US\$ 32 milhões, respectivamente. O número surpreendeu, ficando umas quatro vezes superior à estimativa dos calçadistas, afirma Heitor Klein. A previsão para 1995 - foi comunicado também à ministra - é de que as importações de calçados alcancem os US\$ 550 milhões, o que representaria um aumento de 120% sobre o ano passado. **SALVAGUARDAS** Paralelamente ao pedido de elevação da alíquota, a Abicalçados pediu à ministra a implantação de salvaguardas em favor da indústria brasileira de calçados, contra as im-

portações chinesas. Os brasileiros consideram desleais as práticas comerciais da China. Caso se concretize a previsão de importação de US\$ 550 milhões em calçados, neste ano - montante equivalente a cerca de 10% do faturamento da indústria nacional de calçados no mercado interno - isto caracterizaria a situação de dano à indústria brasileira, dando elementos ao governo para fazer cumprir a legislação antidumping, "embora se saiba que este é um processo muito complicado e demorado", admite Klein. **BANCADA** O presidente da Abicalçados fez uma exposição do desempenho e da problemática

do setor calçadista na Câmara dos Deputados, em Brasília, no dia 3 passado, por ocasião da instalação da Bancada de Representação do Setor Coureiro-calçadista - que já conta com 72 nomes cadastrados, na semana passada. Na próxima terça-feira, dia 11, o líder do governo na Câmara, deputado Germano Rigotto, e os calçadistas terão uma audiência com o ministro da Fazenda, Pedro Malan. O encontro poderá contar com a presença do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Nesta oportunidade, mais uma vez, serão apresentadas as reivindicações do setor para recuperar sua competitividade no mercado internacional e defender o seu mercado interno. (Marta Pedrosa)

Jornal Exclusivo de 10 de abril de 1995. No destaque, a reportagem intitulada "Calçadistas querem imposto de importação elevado para 70%".

A situação do setor tornou-se tão grave que, na primeira semana de maio de 1995, 40 Sindicatos e seis entidades ligadas ao setor calçadista assinaram e publicaram em importantes jornais dos brasileiros, entre os quais: A Gazeta Mercantil, o Jornal Correio Brasiliense, O Globo e Folha de São Paulo - um manifesto à sociedade brasileira. Segue abaixo alguns trechos desse manifesto que foi publicado também no Jornal Exclusivo de 01 de maio de 1995.

MANIFESTO À SOCIEDADE BRASILEIRA.

Diante da grave crise que experimenta a indústria brasileira de calçados, as entidades signatárias vem alertar a Exmo. Sr. Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, seus Ministros de Estado, Parlamentares e a sociedade em geral, sobre a situação do setor coureiro-calçadista e as repercussões futuras, caso não sejam tomadas imediatas providências para corrigir as distorções da política econômica e não se dispense adequado tratamento aos setores produtivos e exportador. A política cambial adotada a partir da implantação do Plano Real vem causando dramáticas dificuldades aos setores exportadores. Mas, as dificuldades do setor externo somam-se agora aos problemas do interno. Em razão da mesma compreensão da taxa cambial, estão enormemente facilitadas as importações de calçados, oriundos, notadamente dos países asiáticos, especialmente a China, desleais, como todos sabem em suas práticas comerciais. Hoje já são quase 200 as empresas de calçados que encerraram suas atividades, a queda no nível de

emprego do setor já ultrapassa os 18% nos últimos 15 meses e seguem crescendo! Em pouco tempo, se não tomarem as medidas necessárias, a situação se tornará irreversível, sucateando a indústria de calçados (Jornal Exclusivo de 01 de maio de 1995).

A Realidade

MANIFESTO À SOCIEDADE BRASILEIRA

Diante da grave crise que experimenta a indústria brasileira de calçados, as entidades signatárias vem alertar ao Exmo. Sr. Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, seus Ministros de Estado, Parlamentares e a sociedade em geral sobre a situação do setor coureiro-calçadista e as repercussões futuras, caso não sejam tomadas imediatas providências para corrigir as distorções da política econômica e não se dispense adequado tratamento aos setores produtivo e exportador.

A política cambial adotada a partir da implantação do Plano Real vem causando dramáticas dificuldades aos exportadores. Os calçadistas, em especial, foram dos primeiros a sentir os efeitos, uma vez que a vigência do Plano coincidiu com a definição da comercialização das coleções primavera-verão, cujas entregas ocorrem de setembro a fevereiro. Desde a primeira hora foram alertadas as autoridades econômicas de que a situação, perdurando, causaria acentuada queda nos volumes de exportação de calçados, com o consequente fechamento de empresas e crescente desemprego. Exatos quatorze contatos pessoais foram efetuados em Brasília com as autoridades, às quais se apresentaram trinta e duas sugestões e pleitos. Em vão.

Infelizmente os prognósticos se confirmaram. Mais, às dificuldades no mercado externo somam-se agora os problemas no interno. Em razão da mesma compressão da taxa cambial, estão enormemente facilitadas as importações de calçados, oriundas notadamente dos países asiáticos, especialmente a China, desta vez, como todos sabem, em suas práticas de comércio. E o produtor brasileiro, desprotegido pela falta de mecanismos oficiais de proteção comercial, assiste impotente, à crescente perda de seu mercado.

Como resultado desta conjugação de fatores desfavoráveis, a situação assim se apresenta:

BALANÇA COMERCIAL DO SETOR CALÇADISTA			
ano	exportações US\$ milhões	importações US\$ milhões	Saldo US\$ milhões
1993	1.932	32	1.900
1994	1.624	258*	1.366
1995**	1.200	550	650

* importações autorizadas
** projeção

Hoje, já são quase duzentas as empresas de calçados que encerraram suas atividades, a queda no nível de emprego do setor já ultrapassa os 18% nos últimos quinze meses e segue crescendo! Em pouco tempo, se não forem tomadas as medidas necessárias, a situação se tornará irreversível, sucateando a indústria de calçados, que até 1993 foi líder na pauta de exportação de manufaturados, a segunda maior produtora e a terceira maior exportadora do mundo, o que demonstra, adequadamente, a capacidade competitiva do setor.

Esta é denúncia e o alerta que a indústria brasileira de calçados, com a responsabilidade econômica e social que a geração dos mais de um milhão de empregos lhe atribui, vem fazer às autoridades e à sociedade brasileira.

ABICALCADOS Associação Brasileira das Indústrias de Calçados
ABRAMEQ Associação Brasileira de Fabricantes de Máquinas e Equipamentos para o Couro e Calçado
ACI/NH Associação Comercial, e Industrial e de serviços de Novo Hamburgo
AICSUL Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul
ANIACAV Associação Nacional das Indústrias de Artefatos de Couro e Artigos de Viagem
ASSINTECAL Associação Brasileira de Indústria de Componentes para Calçados

Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado do Rio Grande do Sul, de Novo Hamburgo (RS), de Sapiranga (RS), de Parobé (RS), de Campo Bom (RS), de Dois Irmãos (RS), de Igrejinha (RS), de Três Corões (RS), de Farroupilha (RS), de Estância Velha (RS), de Ivoti (RS), de São Leopoldo (RS), de Tequara (RS), de Caxias do Sul (RS), de Franca (SP), do Estado de São Paulo, Birigui (SP), de Jaú (SP), Sindicato Indústrias de Calçados Est. Minas Gerais (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados de Uberlândia (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados de Uberaba (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados de Nova Serrana (MG), Sindicato Intern. Ind. Calçados Zona da Mata (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados e Boleas Rio de Janeiro (RJ), Sindicato das Indústrias Vestuário e Artefatos de Couro do Rio Grande do Sul, Sindicato das Indústrias de Calçados de São João Batista (SC), de Criciúma (SC), Sindicato das Indústrias de Calçados de Macaé (AL), Sindicato das Indústrias de Calçados de Manaus (AM), Sindicato das Indústrias de Calçados do Est. da Bahia (BA), Sindicato das Indústrias de Calçados Fortaleza (CE), Sindicato das Indústrias de Calçados do Est. de Goiás (GO), Sindicato das Indústrias de Calçados Est. do Espírito Santo (ES), Sindicato das Indústrias de Calçados Est. de Goiás (GO), Sindicato Indústrias Vestuário Mato Grosso do Sul (MS), Sindicato das Indústrias Vest. Mato Grosso (MT), Sindicato Indústrias de Calçados do Estado do Pará (PA), Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado da Paraíba (PB), Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado de Pernambuco (PE), Sindicato das Indústrias de Vestuário de Piauí (PI).

Manifesto à sociedade brasileira assinado por 40 Sindicatos e seis entidades ligadas ao setor calçadista publicado no Jornal Exclusivo de 01 de maio de 1995.

Em resposta aos pedidos do setor, o governo federal tomou duas medidas: aumentou os impostos de importação e instaurou a Câmara Setorial do Couro, Calçados e Afins, que estava desativada desde 1993. Duas notícias do Jornal Exclusivo (01 e 15 de maio de 1995) apresentaram informações sobre o aumento do imposto de importação dos calçados.

JORNAL DO GRUPO EDITORIAL SÍNOIS

MOBILIZAÇÃO TOTAL NO SETOR



Notas de Paulo, Raul Klitz, Gilberto Muzumoto, Horst Voth e Antônio Fossatini, na sede da Associação: empresários e autoridades analisam em profundidade o setor coureiro-calçadista

Governo anuncia sobretaxa para calçado chinês

O MCT confirmou que vai abrir processo de dumping contra a China, que deverá ser acompanhado por uma sobretaxa às importações brasileiras de calçados chineses. A proposta do Programa Calçado do Brasil é de que esta sobretaxa seja de 1.000%. Também já foi levantada a possibilidade de se sobretaxar o calçado chinês em US\$ 10 por par.

Terça-feira, dia 2 de maio, o governador gaúcho Antônio Rito reuniu reunião com o secretário adjunto de Comércio Exterior, Hélio Mauro França, no Palácio Piratini, juntamente com técnicos do setor-calçadista, para a preparação do processo.

Esta ação do governo é um resultado da intervenção direta do governador gaúcho junto ao governo federal, a favor do setor, e também da mobilização de empresários, trabalhadores e lideranças políticas de todo o Brasil, ligados ao setor coureiro-calçadista, numa campanha feroz para trazer volta a este setor a sua capacidade de competição em todos os mercados, a sua capacidade de geração de empregos e de divisas para o Brasil.

Na semana passada, 40 sindicatos e 6 entidades assistenciais publicaram, em alguns dos mais importantes jornais brasileiros - como Gazeta Mercantil, Correio Brasileiro, O Globo e Folha de São Paulo - um manifesto à população brasileira, que hoje, aliás, está circulando na capa deste jornal, como o leitor pode conferir. Em reunião na sede da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, na quarta-feira passada, com a participação de empresários pequenos, médios e grandes, representantes de sindicatos de trabalhadores e perfetos da região do Vale do Sinos, também foram discutidas ações do sentido do setor calçadista para fazer incidir medidas governamentais para garantir a sobrevivência das empresas e os empregos do setor, cujas dificuldades já afetam empresas de toda a cadeia de produção e começam a aparecer reflexos nas preferências das regiões produtoras.

Quinze municípios já decretaram estado de emergência. Os micros, pequenos e médios querem um ato político para o dia 5 de maio.

Enquanto isto acontece:

- o BNDES anuncia a criação de uma linha de crédito para os calçadistas - que também está provocando discussões;
- o governador diz que quer, de Brasília, garantias de revisão às importações de calçados;
- as exportações continuam em queda: menos 16% em março deste ano, comparado com março de 1994;
- as contas da empresa dividem a unidade do setor; um deles tem a culpa à concorrência desleal da China e ao Plano Real, que com a sobrevalorização da moeda nacional frente ao dólar desparou as exportações; outros questionam os indicadores de desempenho negativo já não são anteriores a estes dois fatores e se não é, também, uma crise de competitividade cuja pela qual o setor está assustado.

Fig. 24/1 e 2/2

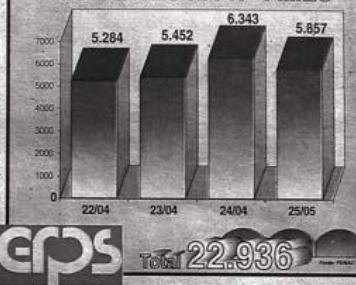
EXCLUSIVO

Couro e Calçados

Curtumes são alvo de pesquisas em várias áreas

Pag. 35

VISITANTES NA 17ª FIMEG



Veja na página 31

CONHEÇA MAIS UMA INICIATIVA PIONEIRA ERP

A Pedido

MANIFESTO À SOCIEDADE BRASILEIRA

Diante da grave crise que experimenta indústria brasileira de calçados, os entidades signatárias vem alertar ao Excmo. Sr. Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, seus Ministros de Estado, Parlamentares e à sociedade em geral sobre a situação do setor coureiro-calçadista e as repercussões futuras, caso não sejam tomadas imediatas providências para corrigir as distorções da política econômica e não se dispense adequado tratamento aos setores produtivos e exportadores.

A política cambial adotada a partir da implantação do Plano Real vem causando dramáticas dificuldades aos exportadores. Os calçadistas, em especial, foram dos primeiros a sentir os efeitos, uma vez que a vigência do Plano coincidiu com a defluição da comercialização das coleções primavera-verão, cujas entregas ocorreram de setembro a fevereiro. Desde a primeira hora foram afetadas as economias econômicas de que a situação, perdurando, causaria acirrada queda nos volumes de exportação de calçados, com o conseqüente fechamento de empresas e crescente desemprego. Esses quarenta e cinco milhares foram afetados em Brasília com as autoridades, às quais se apresentaram lista e suas sugestões e pedidos. Em vão.

Inicialmente os prognósticos se confirmaram. Mais, as dificuldades no mercado externo somam-se agora os problemas no interno. Em razão da recente compressão de taxa cambial, estão enormemente facilitadas as importações de calçados, oriundas notadamente dos países asiáticos, especialmente a China, desleais, como todos sabem, em sua prática de comércio. E o produto brasileiro, desprotegido pela falta de mecanismos oficiais de proteção comercial, assiste impotente à crescente perda de seu mercado.

Como resultado desta conjunção de fatores desfavoráveis, a situação assim se apresenta:

BALANÇA COMERCIAL DO SETOR CALÇADISTA

ano	exportações US\$ milhões	importações US\$ milhões	Saldo US\$ milhões
1993	1.932	32	1.900
1994	1.224	283*	1.365
1995**	1.200	650	650

* Importações autorizadas

** Projeto

Hoje, já são quase duzentas as empresas de calçados que encerraram suas atividades, a queda no nível de emprego do setor já ultrapassa os 10% nos últimos quinze meses e segue crescendo! Em pouco tempo, se não forem tomadas as medidas necessárias, a situação se tornará irreversível, acarretando a indústria de calçados, que até 1993 foi líder na pauta de exportação de manufaturados, e segunda maior produtora e terceira maior exportadora do mundo, o que determinará, adequadamente, a capacidade competitiva do setor.

Esta é a denúncia e o alerta que a indústria brasileira de calçados, com a responsabilidade econômica e social que a geração dos mais de um milhão de empregos lhe atribui, vem fazer às autoridades e à sociedade brasileira.

ABICALÇADOS	Associação Brasileira das Indústrias de Calçados
ABIAMCO	Associação Brasileira de Fabricantes de Máquinas e Equipamentos para o Couro e Calçado
ACINH	Associação Comercial, e Industrial e de serviços de Novo Hamburgo
AKCSUL	Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul
ANACAV	Associação Nacional das Indústrias de Artefatos de Couro e Artefatos de Vagum
ASSINTECAL	Associação Brasileira de Indústria de Componentes para Calçados

Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado do Rio Grande do Sul, de Novo Hamburgo (RS), de Sapiranga (RS), de Peritiba (RS), de Campo Bom (RS), de Dois Irmãos (RS), de Igrejinha (RS), de Três Corões (RS), de Farroupilha (RS), de Estância Velha (RS), de Ivoti (RS), de São Leopoldo (RS), de Tejuçupeira (RS), de Caxias do Sul (RS), de Franco (RS), do Estado de São Paulo, Birigui (SP), de Jau (SP), Sindicato Indústrias de Calçados Est. Minas Gerais (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados de Uberlândia (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados de Uruçuca (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados de Nova Serrana (MG), Sindicato Intern. Ind. Calçados Zona da Mata (MG), Sindicato das Indústrias de Calçados e Artes do Rio de Janeiro (RJ), Sindicato das Indústrias Vestuário e Artefatos de Couro do Rio Grande do Sul, Sindicato das Indústrias de Calçados de São João Batista (SC), de Criciúma (SC), Sindicato das Indústrias de Calçados de Mossoró (RN), Sindicato das Indústrias de Calçados de Maracá (AM), Sindicato das Indústrias de Calçados do Est. de Pernambuco (PE), Sindicato das Indústrias de Calçados Fortaleza (CE), Sindicato das Indústrias de Calçados (DF), Sindicato das Indústrias de Calçados Est. do Espírito Santo (ES), Sindicato das Calçados Est. Goiás (GO), Sindicato Indústrias Vestuário Mato Grosso do Sul (MS), Sindicato das Indústrias Vest. Mato Grosso (MT), Sindicato Indústrias de Calçados do Estado do Pará (PA), Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado de Paraíba (PB), Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado de Pernambuco (PE), do Sindicato das Indústrias de Vestuário de Piauí (PI), Novo Hamburgo, 26 de abril de 1995.

ASSINE EXCLUSIVO (LANÇAMENTOS: 0054) R\$1.000 (PARCELAS 2x)

Capa do Jornal Exclusivo de 01 de maio de 1995. No destaque, a notícia da aplicação de uma sobretaxa nos calçados chineses.

Durante uma audiência em Brasília, em 11 de maio de 1995, que contou com a presença do governador de São Paulo Mário Covas e do Rio Grande do Sul, Antônio Brito, além de empresários do setor calçadista, representantes dos trabalhadores e políticos, o Presidente Fernando Henrique Cardoso, assinou um decreto que aumentou os impostos de importação de calçados de 20% para uma faixa que variava de 47% a 63%. Outro destaque da audiência foi a regulamentação de salvaguardas, com o objetivo de proteger o produtor nacional da concorrência desleal, e um decreto viabilizando o uso de mecanismos de investigação e adoção de medidas de contingenciamento e regularização do fluxo de importações.



Capa do Jornal Exclusivo de 15 de maio de 1995. No destaque, a notícia do aumento do imposto de importação para calçados.

Em relação a Câmara Setorial do Couro, Calçados e Afins sua reinstalação ocorreu no dia 16 de maio de 1995 em um encontro de mais de seis horas entre a Ministra da Indústria, Comércio e Turismo, Dorothea Werneck e os representantes de 12 entidades empresariais, 9 entidades trabalhistas, 12 políticos e 15 representantes do governo. No mesmo dia de instalação da Câmara Setorial foi realizada a primeira reunião de trabalho na qual foram discutidos os seguintes temas: qualidade, tecnologia e produtividade, comércio exterior com enfoque para o Mercosul, promoção comercial e defesa comercial, relações trabalhistas, redução do custo Brasil e regularização do abastecimento e preços.



Ministra da Indústria e Comércio, Dorothea Werneck, ao centro, participou da reabertura da Câmara Setorial do Couro e Calçado, dia 16, em Brasília

Jornal Exclusivo de 22 de maio de 1995. No destaque, reunião ocorrida no Ministério da Indústria, Comércio e Turismo em 16 de maio de 1995, em que foi realizada a reabertura da Câmara Setorial, Couro, Calçados e Afins.

O setor calçadista paulista passou por dificuldades com o Plano Real, provocando também um movimento reivindicatório no Estado de São Paulo, segundo maior polo produtor de calçados do Brasil. A resposta do governo, dos empresários e das entidades empresariais e de trabalhadores do setor foi a instalação da “Câmara Paulista de Desenvolvimento do Setor de Calçados” em 11 de março de 1996. A solenidade aconteceu no Palácio dos Bandeirantes às 14h e 30 minutos contando com a presença do governador de São Paulo, Mário Covas, empresários e trabalhadores do setor, parlamentares e prefeitos, vários secretários e assessores do governo estadual, representantes do governo federal e dos pólos calçadistas. A coordenação da Câmara do Setor Calçadista ficou a cargo do Secretário do Emprego e Relações do Trabalho – Walter Barelli.

JORNAL DO GRUPO EDITORIAL SINOS



OPINIÃO
 Os empresários Roberto Argenta (diretor de Calçados Beira Rio, de Igrejinha/RS), e Ernesto Corrêa da Silva Filho (da empresa conhecida como Topázio, de Campo Bom/RS), agente de exportação ligado ao grupo americano Nine West, o maior importador de calçados brasileiros, falam sobre o aumento da alíquota de importação de calçados.

Pág. 14

EXCLUSIVO

Couro e Calçados

Couro e calçado: reunião reabre Câmara Setorial



Ministra da Indústria e Comércio, Dorothéa Werneck, no centro, participou da reabertura da Câmara Setorial de Couro e Calçado, dia 16, em Brasília.



PARA ESQUENTAR O INVERNO

O frio é um convite ao aconchego. E o abotinado da By Elise (Novo Hamburgo/RS) é o ponto quente da estação. Ao charme do forro xadrez, somam-se o solado alto emborachado, presilhas de couro e amarração com cadarço.

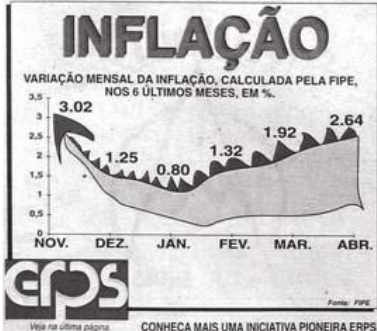
Um encontro de mais de 6 horas, no dia 16 de maio, em Brasília, marcou a reinstalação da Câmara Setorial do Couro, Calçados e Afins, desativada desde 1993. A ministra da Indústria, Comércio e Turismo, Dorothéa Werneck, participou da reabertura da Câmara, que contou com a representação de 12 entidades empresariais, 9 entidades trabalhistas, 12 políticos e 15 representantes do governo.

As avaliações deste primeiro encontro da Câmara Setorial não são uniformes. Segundo o diretor executivo da Abicalçados, Heitor Klein, o resultado foi "frustante", e vai continuar frustrando, entende, na medida em que nas reuniões se falem em linguas diferentes. "O governo oferece medidas de médio e longo prazo, exigindo contrapartida do setor. E o empresário quer medidas imediatas", compara Klein. A Associação Comercial, Industrial e de Servi-

ços de Novo Hamburgo/RS partilha esta opinião com a entidade calçadista. Para o vice-presidente da AIC/Sul Amadeu Fernandes, a reunião não teve objetividade e não atendeu aos pleitos que resolveriam os problemas imediatos do setor, como capital de giro e juros internacionais, a diferença do câmbio e as taxas de juros, estes dois, aliás, foram excluídos da pauta.

Já os representantes do pólo calçadista de Franca/SP ficaram otimistas com a primeira reunião da Câmara. Ivánio Batista, diretor executivo do Sindicato da Indústria de Franca, enfatiza o comprometimento do governo em reabrir as negociações das alíquotas de calçados no Mercosul. Os trabalhadores, segundo o presidente do Sindicato dos Sapateiros francano, Rubens Facciorilli estão elaborando uma proposta cujo eixo central será uma política de geração de empregos.

Pág. 15



40 ANOS **Piccadilly**

CALÇANDO O BRASIL

LOJAS DE GOIÁS E BRASÍLIA

Entre os dias 8 e 13 de maio, equipes do jornal Exclusivo e Calçados Beira Rio estiveram no Centro-Oeste brasileiro visitando lojas de Goiânia (capital do Estado de Goiás) e de Brasília (Capital do Distrito Federal). O objetivo foi dar continuidade ao projeto *Calçando o Brasil*, que está percorrendo todos os estados brasileiros e que visa aproximar este veículo de comunicação e o fabricante aos seus principais parceiros: os lojistas. Nesta edição, publicamos a opinião de lojistas e atacadistas dessas duas importantes cidades sobre o mercado atual, as perspectivas para o ano, além de informações sobre o comércio local.

Realização: **Jornal EXCLUSIVO** Apoio: **Beira Rio**

NO MÊS DE ANIVERSÁRIO QUEM GANHA É O LOJISTA.

Capa do Jornal Exclusivo de 22 de maio de 1995. No destaque, notícia sobre a reunião ocorrida no Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, em 16 de maio de 1995, em que foi realizada a reabertura da Câmara Setorial, Couro, Calçados e Afins.

Dakota patrocina etapa do Elite Model Look 96 no BR

O Elite Model Look, mais importante seleção de modelos do mundo, ganha uma poderosa parceira em sua etapa brasileira deste ano: Calçados Dakota. A empresa - maior fabricante de calçados femininos de couro do País - se une à agência Elite Internacional para promover o evento que escolhe, entre centenas de milhares de candidatas,

as melhores modelos do planeta. A etapa brasileira acontece entre 21 de março e 6 de agosto. As interessadas em participar podem se inscrever nas lojas onde são comercializados os calçados Dakota. São mais de 15 mil pontos de vendas em todo o território nacional.

Pág. 16

EXCLUSIVO
Couro e Calçados

25 a 31/03/96 - Nº 1668 - R\$ 3,00 - Fundado em 1971/1969

SÃO PAULO

Câmara de Desenvolvimento do Setor Calçadista é instalada

Disponos a buscar, em conjunto, alternativas capazes de reverter o quadro de dificuldades da indústria calçadista de São Paulo, o governo do estado, empresários, entidades empresariais e de trabalhadores uniram-se para criar a Câmara Paulista de Desenvolvimento do Setor de Calçados, instalada no último dia 11, no Palácio do Bandeirantes. O objetivo é promover o desenvolvimento econômico e racional das indústrias de calçados afora, por meio da união de forças entre o setor e o Estado.

A primeira reunião de trabalho será realizada na Câmara Municipal de Franca, nesta quarta-feira, dia 27, a partir das 10h30min. A reunião, os participantes deverão entregar

suas propostas, estudos e reivindicações. A partir daí, serão designados os grupos de trabalho para cada assunto levantado. O regimento da Câmara também será apresentado na ocasião.

Presidente do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, Paulo Henrique Cintra, a redução do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS é uma das questões que merecem ser avaliadas imediatamente, já que existe uma desigualdade de percentual de estado para estado. Essa também é uma das reivindicações apontadas por Carlos Alberto Mestriner, presidente do Sindicato da Indústria e Vestuário de Birigui e região.

Pág. 20

Principais reivindicações

Esfera estadual

• Redução do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS e alongamento do prazo de pagamento

• Aplicação das reformas tributária, previdenciária e administrativas

• Abertura de linhas de crédito a juros menores para capital de giro e investimentos em tecnologia

• Revisão dos impostos

Esfera federal

• Desburocratização dos financiamentos para empresas

• Redução do custo aduaneiro sobre as mercadorias exportadas

• Agilidade na liberação de mercadorias em portos

• Manutenção das atuais taxas para calçados importados

Minas Calçados espera 9 mil visitantes de 9 a 11 deste mês, em BH

O amplo trabalho de divulgação realizado pela promotora deverá levar cerca de 5 mil lojistas à 7ª edição da Minas Calçados, que acontece de 9 a 11 deste mês, em Belo Horizonte. Na semana passada, 92% dos espaços já haviam sido comercializados. Segundo Eugênio Ulvim, promotor, cerca de 60 expositores deverão ocupar a área de 4,86 mil

metros quadrados de estandes do pavilhão de exposições do Minas Centro. De acordo com Alvim, estão confirmadas as presenças de expositores de Minas Gerais (55% do total), São Paulo (27%), Rio Grande do Sul (9%), Rio de Janeiro (6%), dos estados do Paraná e Santa Catarina (que representam juntos 2%) do Ceará (1%).

Pág. 18

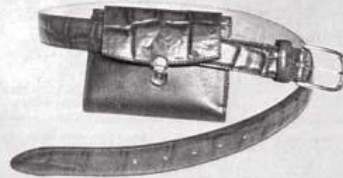


Xuxa em dose dupla na campanha publicitária da nova coleção Rider

A nova campanha publicitária do chinês Rider uniu dois nomes de expressão nacional. De um lado, a Xuxa, a rainha dos baixinhos. De outro, o Xuxa, o nadador Fernando Scherer, candidato à medalha de ouro nas Olimpíadas de Atlanta. O modelo apresentado é o Rider Reaction Sensor, um chinelo mais encorpado que segue a tendência dos tênis e das sandálias masculinas que estão tomando conta do mercado. Mas a Grendene S/A, produtora da marca, lança outra novidade, o Rider Tamar, que reverterá 6% de seu faturamento para o projeto homônimo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - tema para a preservação das tartarugas marinhas no litoral brasileiro.

Pág. 9

Moda em artefatos de couro



A linha de cintos e carteiras da Fasolo (Bento Gonçalves/RS) incorpora as últimas tendências internacionais de moda. Feitos com materiais de primeira e design arrojado, são o complemento ideal para o calçado e a roupa.



Capa do jornal Exclusivo de 25 de março de 1996. No destaque, a instalação da "Câmara de Desenvolvimento do Setor Calçadista", ocorrida no dia 11 de março de 1996.

De acordo com a matéria do Jornal Exclusivo de 25 de março de 1996, o objetivo da Câmara Paulista de Desenvolvimento do Setor Calçadista era promover o desenvolvimento harmônico e racional das indústrias de calçados e afins, por meio da união de forças entre o setor e o governo. Atuando em conjunto, as entidades do setor e o governo estadual, poderiam desenvolver alternativas para reverter o quadro de dificuldades enfrentadas pelo setor. As principais reivindicações dos calçadistas eram as seguintes:

Esfera Estadual	Esfera Federal
Redução do imposto sobre circulação de mercadorias e serviços - ICMS - e alongamento do prazo de pagamento	Desburocratização dos financiamentos para empresas
Agilização das reformas tributárias, previdenciária e administrativa	Redução dos custos aduaneiros sobre as mercadorias exportadas
Abertura de linhas de crédito a juros menores para capital de giro e investimento em tecnologia	Agilização na liberação de mercadorias importadas
Revisão dos impostos	Manutenção das atuais taxas para calçados importados



Charge publicada no Jornal Exclusivo de 25 de março de 1996.

A primeira reunião de trabalho foi realizada na Câmara Municipal de Franca, no dia 27 de março de 1996. Na ocasião, vários pedidos ao governo do Estado de São Paulo foram realizados, entre os quais a redução do ICMS de 18% para 12% e o estabelecimento de linhas de crédito para o setor. Outro aspecto importante debatido foi a elaboração do Regimento Interno da Câmara Paulista de Desenvolvimento do Setor Calçadista.

E, a segunda reunião, realizou-se na cidade de Birigui, no dia 26 de abril de 1996, no Birigui Palace Hotel. Nessa reunião foram definidos quatro grupos temáticos, formados por empresários, trabalhadores e técnicos para discussão e apresentação de propostas de desenvolvimento. Ficou definido que esses grupos deveriam se reunir quinzenalmente. Os grupos temáticos formados foram os seguintes: 1º Política Industrial; 2º Política Fiscal e Creditícia; 3º Mercado Consumidor e 4º Política de Emprego e Relações de Trabalho.



Folha da Região de Araçatuba de 27 de abril de 1996. No destaque, o Secretário do Emprego e Relações do Trabalho - Walter Barelli explicando as deliberações realizadas em Birigui.



Reportagem do Jornal Diário de Birigui do dia 27 de abril de 1996. No destaque, reunião ocorrida no dia 26 de abril, em Birigui, da Câmara de Desenvolvimento do Setor Calçadista do Estado de São Paulo.



Reunião da Câmara Paulista de Desenvolvimento do Setor Calçadista, ocorrida na cidade de Birigui, no dia 27 de abril de 1996. No destaque (em pé), o Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui - Carlos Alberto Mestriner.

4.4.1 O impacto do Plano Real na indústria calçadista de Birigui

No começo do novo Plano Econômico, por volta do segundo semestre de 1994, as empresas de calçados de Birigui aumentaram as vendas de calçados. Esse crescimento das vendas ocorreu devido ao aumento do poder aquisitivo da população brasileira, decorrente da queda da inflação. Alguns empresários da cidade consideraram o ano de 1994, um dos melhores períodos para vendas dos últimos cinco anos ⁵. Um exemplo foi o caso da Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda que, em épocas normais, produzia cerca de 4.000 pares de calçados por dia e, durante o primeiro semestre do Plano Real, aumentou em 28% sua produção que passou para 5.500 pares/dia ⁶. Na Indústria e Comércio de Calçado Kolli's Ltda (atual Pampili), logo após o início da nova política econômica, ocorreu também um crescimento de 20% na comercialização dos calçados. Segundo o Vice-Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui e, proprietário da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda, Carlos Alberto Mestriner, o aquecimento nas vendas de calçados atingiu quase todas as 250 empresas que formavam o parque produtivo de Birigui. O aumento da produção dessas fábricas foi um sinal da grande explosão no consumo, que ocorreu no começo do Plano Real.

Entretanto, no início de 1995, a indústria calçadista de Birigui começou a sentir os efeitos negativos da política econômica. A desaceleração na produção e a queda dos pedidos ocorridos na Calçados Menopé Ltda, uma das empresas que experimentaram um aumento da produção de calçados no começo do plano, mostra a gravidade da crise. A Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda enfrentou uma crise no início de 1995, que acarretou uma redução de 47% de seu quadro de trabalhadores, passando de 380 para 200 empresas. A Indústria e Comércio de Calçado Kiuty e a Popi Ltda, duas das cinco maiores do município, enfrentaram as mesmas dificuldades. Na primeira, o número de empregados reduziu-se de 1900 para 1360, acarretando uma queda de 29% e na Calçados Popi Ltda, 400 trabalhadores foram dispensados entre fevereiro e abril de 1995 ⁷. A Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda, que produzia calçados infantis, juvenis e adultos, atingiu no primeiro trimestre de 1994 uma produção de 4.500 pares/dia empregando 300 trabalhadores. No mês de maio de 1995 sua produção passou para 1.500 pares diários confeccionados por 180 operários.

⁵ Informação da Folha da Região de 18/12/1994.

⁶ Folha da Região de 18/12/1994.

⁷ Folha da Região de 13/05/1995.

Uma reportagem do Jornal Exclusivo de 13 de fevereiro de 1995 apresentou informações em relação a situação dos polos calçadistas do Estado de São Paulo, destacando Franca e Birigui.

Depois da euforia de fim de ano e da Couromoda (em janeiro, no Anhembi), o cenário do setor calçadista apresenta sintomas não muito otimistas, segundo algumas lideranças. Juros altos, inadimplência, consumo retraído e poucas perspectivas de recuperação da competitividade no mercado externo são constatações que compõe um quadro não muito animador ao empresariado dos pólos calçadista do Estado de São Paulo. Os diretores executivos dos Sindicatos de Franca e Birigui admitem que a situação é crítica e já está havendo redução da produção. Das 250 empresas calçadistas de Birigui 10% ainda tem pedidos em carteira e 42% estão produzindo estoques, assegurado diretor executivo do Sindicato das Indústrias de Calçados, Nalberto Vedovotto. A tendência é a falta de pedidos, lamenta, prevenindo o desemprego no setor, a partir de março, caso a situação não se reverta (Jornal Exclusivo de 13 de fevereiro de 1995).

EXCLUSIVO, 13 a 18/02/95

GERAL 9

Pólo calçadista paulista sofre com falta de pedidos

Franca/Birigui (SP) - Depois da euforia do fim de ano e da Couromoda (em janeiro, no Anhembi), o cenário do setor calçadista apresenta sintomas não muito otimistas, segundo algumas lideranças. Juros altos, inadimplência, consumo retraído e poucas perspectivas de recuperação da competitividade no mercado externo são constatações que compõem um quadro não muito animador ao empresariado do pólo calçadista de São Paulo. Os diretores executivos dos sindicatos da indústria de Franca e de Birigui admitem que a situação é crítica e que já está havendo redução da produção.

"A expectativa que se criou durante a Couromoda não se comprova no comércio", lamenta Ivânio Batista, diretor executivo do sindicato de Franca. "Quando se vende da fábrica para a loja é quase uma transferência de estoque. A venda se realiza de verdade somente quando o consumidor compra. Mas, de acordo com pesquisas, a venda ao consumidor não está acontecendo".

falado com cerca de 16 lojas, de todo o Brasil, na semana passada, e a conclusão é de que as vendas, no geral, estão baixas.

"A verdade é que o brasileiro continua com pouco poder aquisitivo. O salário é baixo, ele recorre ao crédito. E com a entrada do real o povo comprou muito e comprometeu a renda familiar acima das suas possibilidades. Agora, não consegue saldar seus compromissos. O governo, por sua vez, aumentou os juros para reprimir o consumo. Mas pergunto: não deveria ser o contrário?"

sabafa o executivo. Pelo menos no setor calçadista, as vendas já estão estancadas. E não há como o mercado interno absorver o que deixou de ser exportado. Ele explica: o Brasil exportou, em 1993, 185 milhões de pares de calçados. No ano passado, deixou de exportar 16% deste volume, ficando nos 155 milhões de pares. A previsão para 1995 é de uma redução de 30 por cento em relação a 94 - ou seja, menos 47 milhões de pares vendidos ao exterior, que somados aos 30 milhões a menos de 1994 resultam num volume de 77 milhões de pares de sapatos de couro. De acordo com Ivânio, cada brasileiro consome 0,6 pares de calçado por ano, e não se pode esperar que o mercado interno brasileiro, de repente, passe a absorver os 77 milhões de pares de sapatos deixados de ser exportados.

BIRIGUI Das 250 empresas calçadistas de Birigui, 10% ainda têm pedidos em carteira e 42% estão produzindo estoque, assegura o diretor executivo do Sindicato da Indústria da cidade, Nalberto Vedovotto. A tendência é a falta de pedidos, lamenta, prevenindo o desemprego no setor, a partir de março, caso a situação não se reverta. (Marta Pedroso)

Jornal Exclusivo de 13 de fevereiro de 1995. No destaque, reportagem sobre a falta de pedidos nos polos calçadistas do Estado de São Paulo com destaque para Franca e Birigui.

As dificuldades provocadas pela sobrevalorização cambial foram de tamanha envergadura que uma empresa de calçados de Birigui optou pela importação de calçados infantis da China. A estratégia da empresa era adquirir os calçados chineses, importados sem marca, que ao chegar ao Brasil recebiam uma etiqueta com a marca dela. Em algumas ocasiões, os calçados chegavam com uma marca que a empresa havia licenciado. Essa empresa adquiriu por semana um container de calçados com cerca de 40.000 pares, que eram vendidos a preços bem mais competitivos que os fabricados na própria cidade. Durante

o tempo em que o real ficou sobrevalorizado, ela utilizou-se dessa estratégia e experimentou um crescimento elevado, saltando para uma posição de destaque entre as fábricas de calçados da cidade e consolidando-se entre as cinco maiores no final da década.

A crise desencadeada a partir de 1995 foi expressa, também, num manifesto entregue pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em julho, no qual o Sindicato comentava que o referido período foi “o pior momento econômico, vivido pelo nosso parque industrial em 40 anos de existência”⁸. Até a igreja católica uniu-se aos empresários e a Prefeitura para organizar o I Feirão das Indústrias de Birigui (I FIBI), realizada entre os dias 7 a 11 de setembro de 1995, no salão da igreja Imaculada Conceição. O objetivo da feira, segundo Nalbero Vedovotto, diretor executivo do Sindicato Patronal, era ajudar os empresários nas vendas de seus produtos para que eles pudessem pagar seus fornecedores e trabalhadores⁹. Participaram da feira 56 empresas, sendo oito de confecções, uma de cinto, uma de bolsa e 46 de calçados. Em dezembro do mesmo ano foi realizado o II FIBI.

Em um artigo escrito no *Jornal Exclusivo* em 04 de setembro de 1995, a jornalista Carolina Silva, analisou as dificuldades enfrentadas pela indústria local.

A maioria das indústrias que compõe o polo calçadista de Birigui está em situação difícil. De acordo com informações obtidas junto ao Sindicato das Indústrias de Calçado da cidade, o início do segundo semestre não representou nenhuma reação nas vendas das fábricas. Segundo estimativa da entidade, o volume de desempregado no setor de calçados chegou à marca dos 6 mil. O Sindicato considerou que a situação que já era preocupante antes do Plano Real, agravou-se em função da queda do poder de compra das pessoas depois de sua entrada em vigor. A consequência mais visível do quadro de dificuldades do setor é o número alarmante de desempregados (*Jornal Exclusivo* em 04 de setembro de 1995).

8 Folha da Região de 16/07/1995.

9 Folha da Região de 07/09/1995.

Birigüi busca alternativas às indústrias

Carolina Silva

Birigüi/SP - A maioria das indústrias que compõem o pólo calçadista de Birigüi está em situação difícil. De acordo com informações obtidas junto ao Sindicato das Indústrias de Calçados da cidade, o início do segundo semestre não representou nenhuma reação nas vendas das fábricas. Segundo estimativa da entidade, o volume de desempregados no setor de calçados já chegou à marca dos 6 mil. O sindicato considera que a situação, que já era preocupante antes do Plano Real, agravou-se em função da queda do poder de compra das pessoas depois da sua entrada em vigor. A consciência mais

visível do quadro de dificuldades do setor é número alarmante de desempregados.

As estratégias da entidade para alavancar as vendas das indústrias de calçados de Birigüi são muitas. Uma destas é um detalhado programa de marketing recentemente distribuído às empresas do setor, visando auxiliá-las. O Sindicato da Indústria de Calçados também está realizando reuniões com empresários em que propõe alternativas para os diversos problemas que o pólo enfrenta. A última reunião realizada visou criar mecanismos para reduzir os custos dentro das indústrias e ativar as vendas.

Na semana passada, o sindicato mo-

veu um curso de 20h para cerca de 30 empresas. O tema "Comércio Exterior/Mercosul" despertou grande interesse. Está na pauta de eventos do sindicato para o mês de setembro uma série de palestras, que deverão tratar, especificamente, da questão vendas.

As indústrias da cidade também vêm se preocupando com a situação e utilizando de estratégias para se adequarem à nova realidade. Segundo informações do sindicato patronal, o principal investimento realizado pela maioria das empresas é a implantação de Programas de Gestão da Qualidade, que já faz parte da estrutura de quase todas as fábricas do parque industrial de Birigüi.

Jornal Exclusivo de 04 de setembro de 1995.

As dificuldades do período se refletiram de forma mais intensa na queda do número de empregados, que foi mais acentuada que a ocorrida no começo dos anos 1990. Num levantamento realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados de Birigüi, observou-se que, no primeiro semestre de 1995, foram feitas 3.891 rescisões de contrato, sendo que o maior volume ocorreu entre os dias 01 de junho e 10 de julho, quando foram registradas 1.901 demissões¹⁰. O resultado final foi a queda substancial da mão-de-obra empregada nas fábricas entre 1994 e 1995.



Folha da Região de 13 de maio de 1995. No destaque, manchete intitulada: "Empresas de calçados demitem em massa".

10 Informação da Folha da Região de 16/07/1995.

Em 1994, quando começou o Plano Real, a indústria de calçados de Birigui empregava 13.634 trabalhadores e, no ano de 1995, esse número caiu para 8.923, o que corresponde a uma diminuição de 4.711 postos de trabalho, ou seja, 34%.

Entre 1996 e 1997, a situação das empresas ainda continuou problemática. Em decorrência desse fato o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, que na época era presidido pelo empresário Carlos Alberto Mestriner (Klin), encaminhou uma Carta ao Ministro da Fazenda Pedro Malan entregue pessoalmente em Brasília pelo prefeito da cidade (José Roberto dos Santos). De acordo com o diretor executivo do Sindicato Patronal, José Manoel Sanches, o objetivo foi solicitar ao governo que ele não tomasse nenhuma medida que provocasse uma queda no consumo. Várias entidades apoiaram a iniciativa, entre elas: a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados); Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp); Sindicato das Indústrias de Calçado de Jaú e Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca. Posteriormente, em 21 de abril de 1997, a carta intitulada “Carta a Malan” foi publicada no Jornal Exclusivo que circulou por todo o país. Segue abaixo a transcrição do conteúdo da carta.



Carta do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui presidida na época pelo empresário Carlos Alberto Mestriner (Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda) ao Ministro da Fazenda Pedro Malan, em 03 de março de 1997.

Ao
 Excelentíssimo Senhor Ministro da Fazenda,
 Dr. Pedro Malan
 Esplanada dos Ministérios
 Distrito Federal – Brasília

Prezado Senhor!

À luz das constantes notícias veiculadas em nossa imprensa sobre a necessidade urgente, ou no máximo, a curto prazo de se colocar um freio em nossa economia, vimos à presença de V^a. Excia para esclarecer que estamos vivendo no dia a dia na condição de produtores de bens de consumo, especificamente na área de calçados.

1. A nossa cidade, até 1994, tinha um parque industrial composto de mais de 220 (duzentas e vinte) empresas, entre grandes, média, pequenas e micros, e hoje não ultrapassa a 160 (cento e sessenta) unidades fabris.

2. No mesmo período essas empresas chegaram a empregar 16 mil (dezesesseis mil) pessoas, hoje não ultrapassa a casa dos 10 mil (dez mil).

3. O preço do produto final, ao longo do processo de estabilização da economia, já recuou em aproximadamente 15%, ao passo que despesas que compõem o custo produtivo tiveram alterações significativas para cima. Como exemplo, citamos os custos financeiros e as tarifas públicas, que anularam parcialmente os ganhos de produtividade obtidos através de pesados investimento em tecnologia e treinamento de pessoal.

4. A pequena recuperação sentida no quarto trimestre de 1996 já vem se transformando em pesadelo aos fabricantes, pois as unidades fabris não conseguem operar com a mesma capacidade. Faltam-lhes pedidos em carteira.

5. Na busca de pedidos, encontramos lojistas reticentes às compras, pois, além do pequeno interesse de compra por parte do consumidor, o fantasma da inadimplência ameaça ressurgir. Diante dos fatos acima, que V^a. Excia poderá constatar através de seu quadro de assessores, vimos pedir que analise com cautela as medidas a serem tomadas, para que não levem à sucumbência de todo um setor que, se em valores econômicos não tem o condão de demonstrar um grande representatividade no PIB nacional, temos certeza que, sob o aspecto empregatício, tem elevada representatividade, sendo, portanto, fator de ordem e paz social.

Atenciosamente,

Carlos Alberto Mestriner
 Presidente

Carta a Malan

Calçadistas
de Birigüi
pedem que
o ministro
não adote
medidas para
frear consumo



MESTRINER: lojistas reticentes às compras

Birigüi/SP - O Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi encaminhou no último dia 3 de março uma carta ao Ministro da Fazenda, Pedro Malan, através do prefeito da cidade, que foi pessoalmente a Brasília para entregá-la. O objetivo, conforme o secretário executivo da entidade, José Manoel Sanches, foi solicitar ao governo que não tome nenhuma medida de contenção da economia neste momento.

Segundo Sanches, o governo tem divulgado a intenção de "frear" a economia, o que, conforme ele, inviabilizaria o setor calçadista. Limitando-se não só ao seu próprio parque industrial, a cidade de Birigüi procurou o apoio da Federação das Indústrias do Estado de São

Paulo - Fiesp e dos sindicatos das indústrias de calçados de Jai, Franca e Novo Hamburgo. Segundo Sanches, todos "abraçaram" a idéia.

Até o momento, o governo não se manifestou através de

nenhuma resposta oficial, mas os calçadistas estão otimistas. "A receptividade ao manifesto foi muito boa por parte do setor", afirma o secretário executivo. Abaixo, a transcrição da carta encaminhada ao ministro Malan.

APOIO À INICIATIVA

- Associação Brasileira das Indústrias de Calçados - Abicalçados
- Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Fiesp
- Sindicato das indústrias de Calçados de Jai
- Sindicato das indústrias de Calçados de Franca

Reportagem do Jornal Exclusivo com o Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi, Carlos Alberto Mestriner (Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda), dando ciência da carta enviada pela instituição ao Ministro da Fazenda Pedro Malan, em 03 de março de 1997.

O Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi também realizou algumas reivindicações ao governo Estadual. O Jornal Exclusivo de 01 de abril de 1997 apresentou uma reportagem intitulada "Calçadistas de Birigüi apresentam reivindicações ao governo do Estado de São Paulo". De acordo como Carolina das Silva, autora da reportagem, no dia 26 de março de 1997 o Sindicato Patronal de Birigüi enviou uma carta ao governador do Estado de São Paulo, Mário Covas, com uma série de reivindicações. No documento, a entidade avaliava a situação do setor calçadista estadual e sugeria um conjunto de medidas para serem tomadas pelo governo, que segundo o Sindicato, eram imprescindíveis para o futuro do setor. Segue abaixo a transcrição do texto encaminhado ao Governador Mário Covas:

Excelentíssimo Senhor!

Diferentemente de elencarmos uma série de motivos negativos que estariam interferindo na normalização econômico-financeira de nosso setor, preferimos contar com Vossa Excelência no sentido de caminharmos juntos pela retomada dos postos de trabalho, manter nossas indústrias funcionando e alavancar efetivamente o nosso desenvolvimento, sob a pena de assistirmos o desaparecimento de um setor que mais diretamente emprega trabalhadores, a indústria calçadista. Nossos pleitos, senhor governador, são os seguintes:

1) Redução gradativa da alíquota de ICMS, nivelando-a à de Estados que nos inviabilizam a livre concorrência. Além da redução gradativa do ICMS, torna-se urgente a necessidade de alongamento nos prazos de pagamento.

2) Prioridade na organização e no funcionamento da Câmara Paulista do Setor Calçadista, que poderá representar verdadeiramente a abertura de canal democrático para a discussão da retomada dos postos de trabalho perdidos e alavancar o desenvolvimento.

3) Criação de linhas especiais de crédito nas instituições estaduais, para a recuperação do capital de giro das micro e pequenas empresas.

Em nível federal, precisamos do apoio de Vossa Excelência para a sensibilização das autoridades governamentais aos pleitos abaixo:

a) Aceleração das reformas fiscais e tributárias para que possamos competir com nossos concorrentes internacionais;

b) Manutenção e/ou aumento das alíquotas para calçados importados, possibilitando, assim, a efetivação do “Programa do Calçado Brasileiro”, responsavelmente elaborado, por nossa entidade representativa nacional, a Abicalçados.

c) Queda vertiginosa dos juros bancários, hoje, com moeda estável, considerados escorchantes e impossíveis de serem repassados aos custos de produção.

Como pode observar Vossa Excelência, são entraves sérios que estão a inviabilizar efetivamente o setor calçadista, comprometendo seriamente nossa cidade, que vive fundamentalmente da fabricação de calçados, chegando a oferecer 15 mil empregos diretos até meados de 1995, hoje reduzidos a pouco mais de 8 mil.

Na certeza de contarmos com sua responsável atenção, apresentamos os nossos agradecimentos.

Carlos Alberto Mestriner

Calçadistas de Birigüi apresentam reivindicações ao Governo de São Paulo

Carolina Silva

Birigüi/SP - O presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e do Vestuário de Birigüi e Região, Carlos Alberto Mestriner, enviou ao Governador do Estado de São Paulo, Mário Covas, no último dia 26 de fevereiro, um documento com uma série de reivindicações. Nele, a entidade avalia a situação do setor calçadista estadual e sugere um conjunto de medidas a serem tomadas, que, segundo Mestriner, são imprescindíveis para o futuro do setor.

Veja abaixo a transcrição do texto encaminhado ao governador Mário Covas.

"Excelentíssimo Senhor! Diferentemente de elencarmos uma série de motivos negativos que estariam interferindo na normalização econômico-financeira de nosso setor, preferimos contar com o apoio de Vossa Excelência, no sentido de caminharmos juntos pela retomada dos postos de trabalho, manter nossas indústrias funcionando e alavancar efetivamente o nosso desenvolvimento, sob pena de assistirmos o desaparecimento de um setor que mais diretamente emprega trabalhadores, a indústria calçadista. Nossos pleitos, senhor governador, são os seguintes:

1. Redução gradativa da alíquota do ICMS, nivelando-a à de Estados que nos inviabilizam à livre concorrência. Além da redução gradativa do ICMS, torna-se urgente a necessidade do alongamento nos prazos de pagamento;
2. Prioridade à organização e funcionamento da Câmara Paulista do Setor Calçadista, que poderá representar verdadeira-



Mestriner: urgência

Setor chegou a oferecer 15 mil empregos diretos. Hoje são pouco mais de 8 mil.

mente a abertura de canal democrático para a discussão da retomada dos postos de trabalho perdidos e alavancar o desenvolvimento;

3. Criação de linhas especiais de crédito nas instituições estaduais, para a recuperação do capital de giro das micro e pequenas empresas.

Em nível federal, precisamos do apoio de Vossa Excelência para a sensibilização das autoridades governamentais aos pleitos abaixo:

- a) - Aceleração das reformas fiscal e tributária, para que possamos competir com nossos concorrentes internacionais;
- b) - Manutenção e/ou aumento das alíquotas para os calçados importados, possibilitando, assim, a efetivação do "Programa do Calçado Brasileiro", responsavelmente elaborado

pela nossa entidade representativa nacional, a Abicalçados;

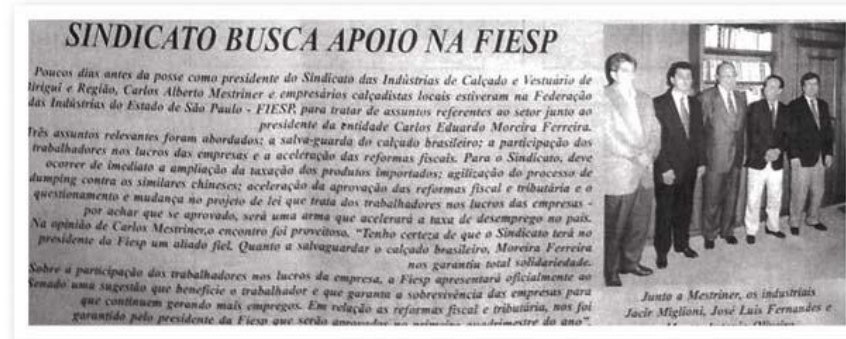
c) - Queda vertiginosa dos juros bancários, hoje, com a moeda estável, considerados escorchantes e impossíveis de serem passados aos custos de produção.

Como pode observar Vossa Excelência, são entraves sérios que estão a inviabilizar efetivamente o setor calçadista, comprometendo seriamente nossa cidade, que vive fundamentalmente da fabricação de calçados, chegando a oferecer 15 mil empregos diretos até meados de 1995, hoje reduzidos a pouco mais de 8 mil.

Na certeza de contarmos com sua responsável atenção, apresentamos nossos agradecimentos". Carlos Alberto Mestriner

Jornal Exclusivo de 01 de abril de 1997. No destaque, notícia sobre as reivindicações dos empresários do setor de calçados da cidade de Birigüi ao governado do Estado de São Paulo.

Por fim, destaca-se o trabalho de reivindicação do Sindicato Patronal a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) realizada em janeiro de 1996. Na época, a FIESP era presidida por Carlos Eduardo Moreira Ferreira. Uma comitiva formada pelo empresário Carlos Alberto Mestriner (Klin); Jacir Migliorini (Finobel); José Luís Fernandes (Tiptoe) e Marco Antônio Oliveira (Sindicato) estiveram em São Paulo na sede da FIESP levando algumas propostas.



Jornal "Mulheres" edição de fevereiro de 1996. No destaque, a reportagem sobre a visita realizada por representantes do Sindicato das Indústrias do Calçados e Vestuário de Birigüí a FIESP.



Da esquerda para a direita: Jacir Migliorini (Finobel), Carlos Alberto Mestriner (Klin), Carlos Eduardo Moreira Ferreira (FIESP), Marco Antônio Oliveira (Secretário Executivo do Sindicato) e José Luís Fernandes (Tiptoe).

Outra consequência imediata da crise foi o surgimento de empresas que produziam calçados para as outras, as chamadas subcontratadas (uma espécie semelhante as terceirizadas)¹¹. Segundo Nalberto Vedovotto, ex-diretor de qualidade do SICVB, a instalação das subcontratadas pode estar relacionada à crise vivida pelo parque produtivo de Birigui entre os anos de 1994 e 1996. Nesse período, muitas empresas da cidade, na tentativa de se manterem no mercado, começaram a confeccionar calçados para outras empresas, na esperança de retornarem depois com sua produção própria. No entanto, muitas acabaram entrando num círculo vicioso e permaneceram na condição de subcontratadas por tempo indeterminado. Entre as causas de permanência dessas firmas como produtoras de calçados para outras, estão a ausência de estrutura de vendas abertas (canais de comercialização), as dificuldades em gerenciar sua marca própria, e o ciclo de endividamento causado pela atividade de fabricação de calçados para terceiros. Além disso, o trauma causado pelas dificuldades enfrentadas no começo dos anos 1990, fez com que os empresários achassem mais seguro permanecer como produtores para terceiros, pois não teriam que se preocupar com outras esferas da atividade industrial como o desenvolvimento de novos produtos, vendas, distribuição e propaganda.

A instalação das subcontratadas e a permanência delas por um período longo podem ser exemplificadas acompanhando o caso da firma que importou calçado chinês. A empresa não possuía uma estrutura produtiva com condições de atender a demanda de calçados, na época em que a importação de calçados se inviabilizou (com a desvalorização do real). Para atender seus compradores e manter uma produção elevada, a empresa subcontratou outras fábricas que haviam fechado ou estavam enfrentando dificuldades no período. As empresas tornaram-se produtoras de calçados para ela, permitindo a continuidade do atendimento a sua clientela e a manutenção de uma produção elevada.

Os dados coletados na Prefeitura de Birigui mostram que, a partir de 1995, esse tipo de empresa começou a ser instalado. Da segunda metade da década de 1990 em diante ocorreu a implantação de várias fábricas com a denominação “indústria de calçados e industrialização para terceiros”. Antes de 1995, as empresas de calçados instaladas no município recebiam o registro de “indústria e comércio de calçados”¹².

¹¹ Optou-se por chamar de subcontratadas as empresas que produzem calçados por inteiro para outras.

¹² As empresas instaladas com a denominação “indústria de calçados e industrialização para terceiros” foram denominadas subcontratadas. Entretanto, essa inscrição (denominação) na Prefeitura não garante que essas empresas produziam, exclusivamente, calçados para terceiros, pois algumas poderiam ser um misto de sub-contratadas e empresas com produção própria.

Tabela 9: Empresas de calçados classificadas como “industrialização para terceiros” instaladas entre 1995 e 1998

Ano	1995	1996	1997	1998
Número de empresas	1	2	11	3

Fonte: Souza (2006).

O número de empresas que realizavam produção para terceiros aumentou entre 1995 e 1997, com destaque para o ano de 1997, com a instalação de 11 empresas. Das 43 fábricas de calçados que iniciaram atividades em 1997, 25% eram empresas dessa natureza¹³.

As dificuldades enfrentadas pelas empresas provocaram um processo de ajuste e a adoção de várias estratégias defensivas.

4.5 REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL E MODERNIZAÇÃO DO PARQUE CALÇADISTA

A crise discutida anteriormente forçou as empresas de calçados de Birigui a formularem estratégias defensivas. O aumento das formas de cooperação entre empresas foi uma das estratégias, juntamente com o processo de reestruturação industrial com a incorporação de novas tecnologias, aumento da qualidade dos produtos fabricados e profissionalização da gestão empresarial. E, as iniciativas desenvolvidas e lideradas pelo Sindicato das Indústrias do Calçados e Vestuário de Birigui, também colaboraram para a modernização do parque produtivo. Algumas dessas iniciativas foram responsáveis pelo surgimento de uma maior cooperação entre as empresas.

4.5.1 O papel do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui na modernização empresarial

Durante a década de 1990, em decorrência das dificuldades enfrentadas pelas empresas de calçados do município, o Sindicato das Indústrias do Calçados e Vestuário de Birigui ampliou e intensificou sua participação, buscando

¹³ Esse número aumentou para 43% no ano de 1999, indicando uma ampliação do processo. As empresas subcontratadas tinham uma participação importante na produção do aglomerado. Segundo Nalberto Vedovotto, as firmas que produzem calçados para terceiros representavam no ano 2000, 18% do volume de calçados produzidos diariamente em Birigui que era de 309.280 pares/dia entre outubro e novembro. A média de produção delas era de mais ou menos 55.000 pares/dia.

meios para impulsionar a modernização e o aumento da competitividade das empresas locais. Segundo Nalberto Vedovotto (ex-diretor executivo e de qualidade do Sindicato) várias projetos foram desenvolvidos pelo instituição no começo dos anos 1990. Alguns deles não alcançaram o resultado esperado e outros foram extremamente importantes para o desenvolvimento das empresas.

O primeiro projeto, em parceria com o Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo (SEBRAE-SP), foi a formação de uma “Central de Compras” que reuniu 24 pequenas e médias empresas entre 1993 e 1994. De acordo com o representante do SEBRAE, Farid Yáziqi, a Central de Compras foi criada sob a forma jurídica de empresa com depósito e estrutura administrativa para a compra de matéria-prima para todas as empresas¹⁴. O objetivo era a aquisição de insumos e matérias primas em conjunto para reduzir o preço em até 15%, segundo estimativa realizada, em decorrência do maior volume negociado. Após o amadurecimento da iniciativa, as empresas também poderiam adquirir máquinas e equipamentos para utilização em conjunto. Essa cooperação para a aquisição de componentes e insumos para fabricação de calçados existia desde 1993 entre alguns empresários da cidade, mas de modo informal. Segundo Vedovotto, a iniciativa não deu certo devido ao individualismo de alguns participantes, que negociavam isoladamente a compra de insumos e componentes com os fornecedores. Essa atitude desencorajou alguns fornecedores a participar das próximas cotações de preços, levando ao fracasso em 1995.

A segunda iniciativa, também em parceria com o SEBRAE e com a Prefeitura Municipal, foi a montagem de um “Polo de Modernização Empresarial das Pequenas Empresas do Polo Calçadista de Birigui”, em 1994, voltado, principalmente, para pequenas e médias empresas. No início do projeto, 27 empresas participaram. O objetivo era realizar consultorias gratuitas para os empresários, buscando uma maior profissionalização na gestão empresarial, principalmente, nas áreas de finanças, marketing e produção, áreas em que as empresas tinham maiores dificuldades, conforme pesquisa realizada pelo Sindicato Patronal. Segundo Roberto Ferraz Amaral, consultor do SEBRAE e participante do projeto, os fabricantes de calçados poderiam trazer para discussão problemas relacionados às áreas com maiores dificuldades, recebendo uma consultoria gratuita e, ainda, um diagnóstico completo de sua empresa¹⁵. O objetivo era descobrir, através dos diagnósticos individuais, problemas em comum e encontrar soluções que poderiam ser compartilhadas entre as empresas da cidade.

14 Informação de entrevista dada pelo representante do SEBRAE, Farid Yáziqi, ao Jornal Folha da Região em março de 1994.

15 Informações coletada em entrevista concedida por Roberto Ferraz do Amaral a Folha da Região de 24 de julho de 1994.

Os consultores se reuniam com os empresários, às quintas e sextas-feiras, nas dependências da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui (FATEB), ficando disponíveis para os interessados no mesmo local durante todo o dia. Três consultores do SEBRAE foram alocados para essas consultorias, cada um era especializado em uma área: um de administração e finanças, um de marketing e o outro de produção. O consultor responsável pela área de administração e finanças apontou dificuldades relacionadas à falta de gestão dos recursos financeiros, à ausência de controles financeiros, ao amadorismo dos sócios proprietários, à falta de treinamento de pessoal e de informatização¹⁶. O segundo consultor, responsável pela área de marketing, apontou problemas na falta de orientação mercadológica, na ausência de um controle de qualidade e nas dificuldades relacionadas à falta de uma política de propaganda voltada para seus principais centros consumidores. O terceiro, e último consultor, apontou problemas no controle da produção e na falta de um Planejamento e Controle de Produção (PCP), entre outros.

Birigüi moderniza empresas

Birigüi/SP - A segunda fase das atividades do Pólo de Modernização Empresarial das Pequenas Empresas do Setor Calçadista de Birigüi e região foi concluída. Resultado de uma parceria entre o Sindicato das Indústrias do Calçado e do Vestuário e Faculdade de Tecnologia de Birigüi, o Pólo de Modernização surgiu a partir da necessidade de melhorar a qualidade, obter ganhos de produtividade e tornar as empresas do município e região mais competitivas. "O Sebrae é um importante colaborador", explica o diretor-executivo do Sindicato, Nalberto Vedovotto.

Segundo ele, o projeto já passou pela primeira fase, que consistiu em levantar todos os problemas enfrentados pelas indústrias locais. "Na primeira etapa, levantamos os problemas comuns às empresas e trabalhamos em função deles", destaca. "A 2ª fase foi a profissionalização de empresários nas áreas de produção, administração e marketing, com a ajuda de três consultores de Bauri, Ribeirão Preto e São Paulo", acrescenta.

Ainda nessa fase foram criados vários programas para colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Um deles foi a criação de um

curso de administração empresarial, somente para industriais, com duração de um ano. Concluída a segunda fase do projeto, os empresários se preparam agora para atingir as metas de produtividade, qualidade e marketing.

Para comemorar a conclusão da 2ª etapa, o Comitê Gerencial do Pólo de Modernização promoveu no último dia 8 um almoço de confraternização, quando foram apresentados os projetos para a solução dos problemas comuns ao setor. A comemoração teve início às 9h30min e foi realizada na Chácara Borini. (Carolina Silva)



Birigüi: empresas preocupadas com a modernidade

Jornal Exclusivo de 12 de dezembro de 1994. No destaque, o projeto "Polo de Modernização Tecnológica" desenvolvido pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi em parceria com o Sebrae e a Prefeitura Municipal.

¹⁶ As informações sobre o diagnóstico das dificuldades das empresas de calçados de Birigüi, feita pelos consultores do SEBRAE, foram retiradas da Folha da Região de 24/07/1994.

Em 1995, o Sindicato Patronal continuou atuando e desenvolvendo projetos e estratégias de apoio ao setor. No primeiro semestre de 1995, mais especificamente em abril, o Sindicato articulou-se para reivindicar linhas de crédito para as empresas. Várias reuniões com bancos foram realizadas e promovidas pela instituição, que na época era presidida pelo empresário Marco Antônio Noale (Indústria e Comércio de Calçados Menopé Ltda). De acordo com Marcos Antônio Noale, em entrevista ao Jornal Exclusivo de 22 de abril de 1995, o objetivo das reuniões era melhorar o relacionamento entre bancos e empresas em função das dificuldades enfrentadas pela indústria de calçados. Ainda no primeiro semestre de 1995, outras atividades (curso e palestra) foram realizadas, como exemplo o curso “just in time” realizado entre os dias 20 e 24 de março, e a palestra “A dinâmica da administração de empresas” também ocorrida em março.

No segundo semestre, outras atividades foram desenvolvidas, entre as quais: a elaboração e distribuição de um detalhado programa de marketing para as empresas e o oferecimento de um curso, cujo tema central foi “Exportação e Mercosul”,



Jornal Exclusivo de 22 de abril de 1995. No destaque, o trabalho do Sindicato Patronal para a disponibilização de linhas de crédito pelos bancos para as empresas da cidade.

A iniciativa, que apresentou o resultado mais positivo para as empresas do polo calçadista, tanto do ponto de vista individual como coletivo, foi o “Programa Empresarial Biriguiense pela Qualidade Total” iniciado em 1996. De acordo com Vedovotto (1997), a busca por melhorias na qualidade dos calçados produzidos na cidade de Birigüi, iniciou-se em 1995, quando o Sindicato entrou em contato com a Fundação Cristiano Ottoni, com o objetivo de agendar uma palestra com um especialista da área. A referida fundação se destacava no cenário

empresarial pelo trabalho que estava desenvolvendo na área de qualidade total, e contava com o professor Vicente Falconi Campos, destaque no Brasil como um dos mais importantes estudiosos do programa de qualidade total.

A palestra foi realizada no dia 07 de maio de 1996, contando com a presença de grande número de representantes das empresas (aproximadamente 400 pessoas), que depois foram convidadas para participarem do programa de qualidade total. No seminário, o professor Vicente Falconi Campos, procurou demonstrar a necessidade das empresas adotarem o novo modelo de gestão em função dos desafios do mercado calçadista mundial na época.



Jornal Exclusivo de 13 de maio de 1996. No destaque, reportagem sobre o trabalho desenvolvido na cidade de Birigüi e articulado pelo Sindicato Patronal em relação ao tema "Gestão da Qualidade Total", iniciado em 1996.



Jornal Exclusivo de 13 de maio de 1996. Da esquerda para a direita: Paulo César Chinellado (Sebrae Regional Araçatuba); Vicente Falconi Campos (Fundação Cristiano Ottoni); Florival Cervelati (Prefeito Municipal de Birigüi) e Carlos Alberto Mestriner (Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi). Foto tirada durante a palestra realizada por Vicente Falconi Campos em 07 de maio de 1996. Foi o início do "Programa Empresarial Birigüense pela Qualidade Total".



Reportagem sobre o Seminário de "Qualidade Total". No destaque: Vicente Falconi Campos.

A idéia de realização de um programa mais amplo com as empresas da cidade coincidiu com a eleição do empresário Carlos Alberto Mestriner, proprietário da Klin Indústria e Comércio de Calçado Ltda, como novo presidente do Sindicato Patronal em outubro de 1995. A Calçados Klin Ltda tinha uma experiência muito positiva na implementação de um Programa de Qualidade Total, visto que estava desenvolvendo um trabalho desde 1994 com a Fundação Cristiano Ottoni. Toda a infraestrutura e experiência da empresa foram disponibilizadas para os empresários da cidade.



Folha da Região de 16 de janeiro de 1996. No destaque, foto com o momento da posse de Carlos Alberto Mestriner como Novo Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi, em 15 de janeiro de 1996. Em pé, o empresário Marcos Antônio Noale (Presidente do Sindicato até aquela data) na transição de cargo.

Mestriner é o novo presidente do Sindicato de Birigüi



Birigüi/SP - O diretor de Calçados Klin, Carlos Alberto Mestriner, é o novo presidente do Sindicato das Indústrias de Calçados e Vestuário de Birigüi e região. Eleito pela diretoria da entidade no final do ano passado, o empresário tomou posse no último dia 15 de janeiro e já traçou metas a serem cumpridas durante os 2 anos de gestão na presidência do Sindicato.

Entre os planos da nova gestão, Mestriner apontou algumas prioridades que deverão ser implantadas de imediato. Um dos objetivos do novo presidente será a criação de um Comitê de Qualidade e Produtividade. O projeto consiste em manter profissionais na própria entidade para assessorar as micro, pequenas e médias empresas da cidade em programas de qualidade e produtividade. "Queremos provocar o comprometimento de todos os colaboradores dessas empresas, através de

Com a finalidade de reduzir despesas, existe a intenção do sindicato de implantar um Departamento de Crédito e Cobrança, unindo todas as empresas filiadas para resolverem problemas comuns de créditos em determinadas regiões. "Neste caso, apenas um profissional enviado pela entidade poderá resolver questões comuns de várias empresas, diminuindo gastos desnecessários", analisa Mestriner.

"O pólo calçadista de Birigüi tem que se fazer presente em todas as reuniões setoriais." Com esta afirmação, Mestriner ressalta a sua meta de fortalecer a comissão permanente composta por diretores do sindicato de Birigüi, para que a entidade esteja presente em todos os encontros promovidos para o setor.

Outro projeto imediato será a construção da nova sede do sindicato, que deverá ocupar um terreno de 1.200 metros

Jornal Exclusivo de 22 de janeiro de 1996. No destaque, matéria sobre a posse de Carlos Alberto Mestriner como novo Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi, em 15 de janeiro de 1996.

Calçadistas iniciam programa de qualidade

Da Reportagem Local

O Sindicato das Indústrias de Calçados e Vestuário de Birigüi (139 km de São José do Rio Preto) e região está montando um comitê que deve ajudar empresários a melhorar a produtividade e qualidade dos produtos.

Segundo o presidente do sindicato, Carlos Alberto Mestriner, 33, o comitê vai fornecer informações e assessoria técnica aos industriais.

"Precisamos aumentar a produtividade para competir com produtos importados."

O objetivo do sindicato é treinar funcionários e aplicar recursos de acordo com a necessidade da empresa.

Mestriner diz que o setor deve começar uma campanha junto ao

governo para que seja mantida a taxa de importação de 60%.

"A norma do governo vence em mão e vamos lutar para ser ampliado o valor."

O sócio-proprietário da Popi, Henrique Fiorotto, 46, diz que o importado traz uma competição desleal para o Brasil.

"Os nossos encargos são altos e estamos sem capital de giro."

Fiorotto diz que está implantando na empresa um programa de participação dos funcionários.

"Este ano vamos investir na qualificação de mão-de-obra. Queremos conscientizar os empregados da importância da participação."

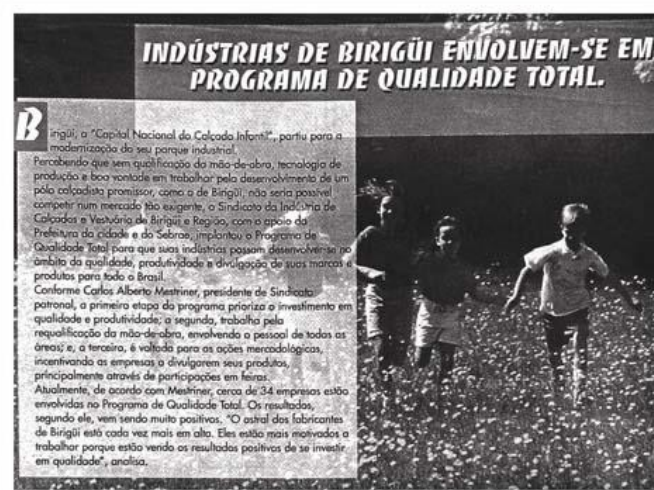
A empresa tem atualmente 500 funcionários —dos cerca de 2.500 empregados até o ano passado.



Carlos Mestriner, do sindicato das indústrias de calçados

O Programa de Qualidade foi dividido em três etapas. A primeira, priorizava o investimento em qualidade e produtividade; a segunda, era focada para a requalificação da mão de obra, envolvendo o pessoal de todas as áreas e a terceira etapa era voltada para ações mercadológicas, incentivando as empresas a divulgarem seus produtos, principalmente, através de participações em feiras. O Jornal Exclusivo, em reportagem publicada em 28 de outubro de 1996, apresentou informações sobre o projeto em desenvolvimento no polo calçadista de Birigui.

Birigui, a Capital Nacional do Calçado Infantil, partiu para a modernização de seu parque industrial. Percebendo que sem qualificação da mão de obra, tecnologia de produção e boa vontade em trabalhar pelo desenvolvimento de um polo calçadista promissor, como o de Birigui, não seria possível competir em um mercado tão exigente. O Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, com o apoio da Prefeitura Municipal e do Sebrae, implantou o Programa de Qualidade Total, para que suas indústrias possam se desenvolver no âmbito da qualidade, produtividade e divulgação de suas marcas e produtos para todo o Brasil. Atualmente, segundo Carlos Alberto Mestriner, cerca de 34 empresas estão envolvidas no Programa de Qualidade Total. Os resultados, segundo ele, vem sendo muito positivos. “O astral dos fabricantes de Birigui está cada vez mais em alta. Eles estão mais motivados a trabalhar porque estão vendo os resultados positivos de se investir em qualidade” (Jornal Exclusivo de 28 de outubro de 1996).



Jornal Exclusivo de 28 de outubro de 1996.

O programa teve início em junho de 1996 com o curso “gerenciando a qualidade total na indústria”, com duração de 32 horas, realizado no prédio da FATEB e contou com a participação de 94 trabalhadores de 34 empresas de calçados da cidade, principalmente, pequenas e médias. Na sequência, formaram-se três grupos de trabalhos com as empresas interessadas.

1º Grupo	
Indústria e Comércio de Calçado Carnegie Ltda	Indústria e Comércio de Calçados L.A Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Cracco Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Kidy Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Dayfa Ltda	Indústria e Comércio de Calçados MAC Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Fabical Ltda	Indústria e Comércio de Calçados MarcElisse Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Gragy Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Pixote Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Jolene Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Realce Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Juquinha Ltda	

2º Grupo	
Indústria e Comércio de Calçado Caruse Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Loretta Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Danzer Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Maid' Jol Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Fortschritt Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Menina Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Kádion Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Pinóquio Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Kadú Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Santo Antônio Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Koket' s Ltda	

3º Grupo	
Indústria e Comércio de Calçado Bejota Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Biri Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Sica Ltda
Indústria e Comércio de Calçados C & C Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Finobel Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Tok-Stok Ltda
Indústria e Comércio de Calçados Pécompê Ltda	Indústria e Comércio de Calçados Ypo Ltda

No conjunto das atividades realizadas pelos grupos constavam: a apresentação do histórico de cada empresa; a realização de um planejamento com discussão das metas a serem executadas em cada unidade; a visita às empresas; a realização de mesas redondas e sugestões a serem aplicadas na unidade visitada (Vedovotto, 1997). A formação desses grupos trouxe subsequentemente desdobramentos importantes, pois a aproximação entre as empresas, desenvolvidas durante as visitas e trocas de informações, criou uma atmosfera mais propícia para a cooperação entre elas. Segundo Vedovotto (1997), a importância do programa de qualidade iniciado em 1996 está relacionada às reuniões mensais

de trabalho entre as empresas participantes. A troca de informações e de experiências positivas e negativas entre os empresários despertou uma prática mais saudável de concorrência entre eles, pois passaram a compreender que, mesmo sendo concorrentes poderiam atuar como parceiros. Além disso, o desempenho positivo de alguma empresa, durante as reuniões de trabalho, estimulou os empresários a melhorarem continuamente suas empresas. O desdobramento – do Programa Empresarial Biriguiense pela Qualidade Total – foi uma maior cooperação entre empresas que se concretizou no empréstimo de máquinas, equipamentos ou matérias primas, bem como na troca de informações e visitas às empresas. Esse novo posicionamento das empresas gerou um embrião de cooperação local¹⁷.

Portanto, nessa fase crítica, o Sindicato Patronal teve um papel importante na orientação das empresas para uma possível solução.

4.6 CURIOSIDADES DA QUARTA DÉCADA DE DESENVOLVIMENTO DO SETOR CALÇADISTA

No transcorrer da quarta década de desenvolvimento do setor calçadista entre 1989 e 1998, ocorreram vários acontecimentos e eventos relacionados ao setor. A Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, fundada em 1959, completou 30 anos; Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a Presidência da República em 1995, visitou a cidade de Birigui e realizou um encontro com empresários e lideranças políticas da cidade e região nas dependências da Calçados Popi Ltda; foi promovido durante o período o “Encontro de Fabricantes e Fornecedores do Setor Calçadista de Birigui”, cuja primeira edição foi realizada em 1995; o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui promoveu o concurso “Gata Industriaria Verão 1997”; Carlos Alberto Mestriner, da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda, foi eleito “Industrial do Ano de 1997”, durante a realização da 29ª Francal (tornando-se, portanto, o segundo empresário da cidade a receber um prêmio dessa envergadura, pois o primeiro foi Antônio Ramos de Assumpção da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda em 1988). Outro destaque foi o desenvolvimento de um informativo semanal pelo Sindicato Patronal – o SINDIFAX (precursor do atual – SINBINFORMA) e a ampliação da participação das empresas da cidade nas feiras do setor calçadista brasileiro com destaque para Francal e Couromoda.

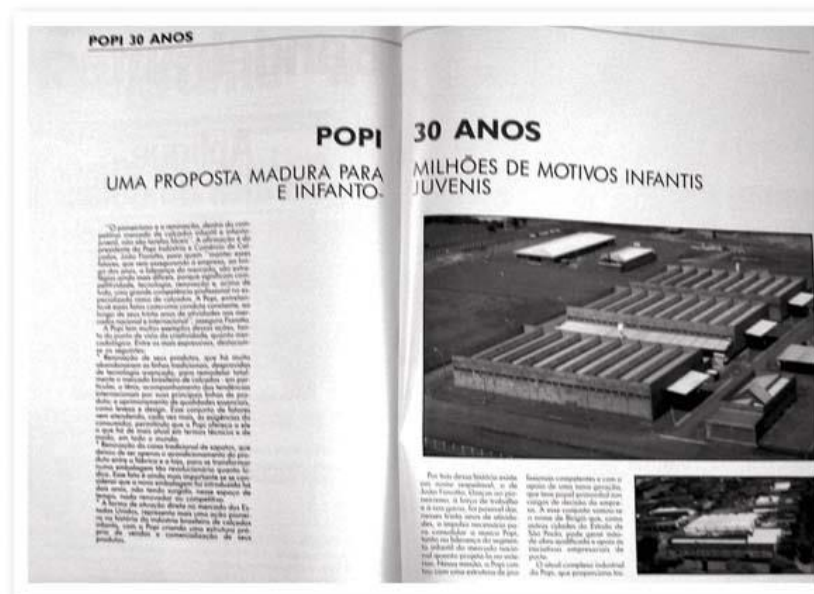
¹⁷ Uma pesquisa realizada (Figuieras, 2000) com 30 empresas de calçados de Birigui (grandes, médias e pequenas) mostra que os empresários creditam ao “Programa Empresarial Biriguiense pela Qualidade Total” o despertar para uma maior cooperação. Esse fato também foi apontando em estudo posterior (Souza, 2001).

4.6.1 Os 30 anos da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.

Em 1989, a empresa mais antiga em atividades na cidade de Birigui completou 30 anos. Na época, a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda era a 2º maior da cidade de Birigui, empregava aproximadamente 2000 trabalhadores e produzia 20 mil pares diários. O faturamento anual era de aproximadamente US\$ 50 milhões de dólares.



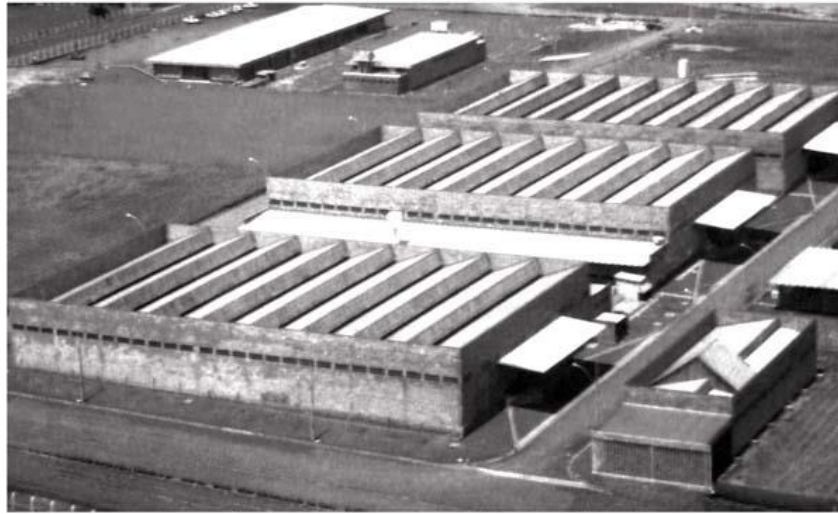
Capa da Revista Lançamentos de setembro e outubro de 1989. A revista publicou uma reportagem especial em comemoração aos 30 anos da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda. Na época, a empresa era a 2º maior da cidade de Birigui, empregava aproximadamente 2000 trabalhadores e produzia 20 mil pares diários. O faturamento anual era de aproximadamente US\$ 50 milhões de dólares.



Reportagem especial publicada pela Revista Lançamentos de setembro e outubro de 1989, em comemoração aos 30 anos da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.

Na reportagem publicada pela Revista Lançamentos de setembro e outubro de 1989, em comemoração aos 30 anos da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, João Euphrásio Fiorotto, Fundador e Diretor-Presidente da empresa, concedeu o seguinte depoimento.

O pioneirismo e a renovação, dentro do competitivo mercado de calçado infantil e infanto-juvenil, não são tarefas fáceis. Manter esses fatores, que vem assegurando à empresa, ao longo dos anos, a liderança no mercado, são estratégias ainda mais difíceis, porque significam competitividade, tecnologia e renovação, e acima de tudo, competência profissional no especializado ramo do calçado. A Popi, entretanto, vê esses fatos como uma conduta constante, ao longo de seus trinta anos de atividades no mercado nacional e internacional (João Euphrásio Fiorotto, em entrevista a Revista Lançamento de setembro e outubro de 1989).



Fotos aéreas da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, unidade II (Avenida Euclides Miragaia, nº 3.355), década de 1990. Hoje (2009), nesse local, está instalada a Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Fotos aéreas da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, unidade I (rua Bento da Cruz, nº 67), 1989. Hoje (2009), nesse local, está instalada a Transsen Aquecedores Solares Ltda.



Foto da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda (Avenida Euclides Miragaia, nº 3.355), final da década de 1990. Hoje (2009), nesse local, está instalada a Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Loja de fábrica da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, década de 1990.

Na reportagem, o jornal citou alguns exemplos de ações desenvolvidos pela Calçados Popi Ltda, que demonstravam a criatividade e a visão mercadológica da empresa.

Renovação de seus produtos, que há muito abandonaram as linhas tradicionais, desprovidas de tecnologia avançada, para remodelar totalmente o mercado brasileiro de calçados – em particular, o tênis; acompanhamento das tendências internacionais por suas principais linhas de produtos, e o aprimoramento de qualidades essenciais, como leveza e design. Esse conjunto de fatores vem atendendo, cada vez mais, as exigências do consumidor, permitindo que a Popi ofereça a ele o que há de mais atual em termos técnicos e de moda, em todo o mundo. Renovação da caixa tradicional de sapatos, que deixou de ser apenas o acondicionamento do produto entre a fábrica e a loja, para se transformar em uma embalagem tanto revolucionária quanto lúdica. Esse fato é ainda mais importante se considerar que a nova embalagem foi introduzida há dois anos, não tendo surgido, nesse espaço de tempo, nada renovador e competitivo. A forma de atuação direta no mercado dos Estados Unidos, representa mais uma ação pioneira na história da indústria brasileira de calçados infantis, com a Popi criando uma estrutura própria de vendas e comercialização de seus produtos (Revista Lançamento de setembro e outubro de 1989).



Amostra dos tênis produzidos pela Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, 1989.

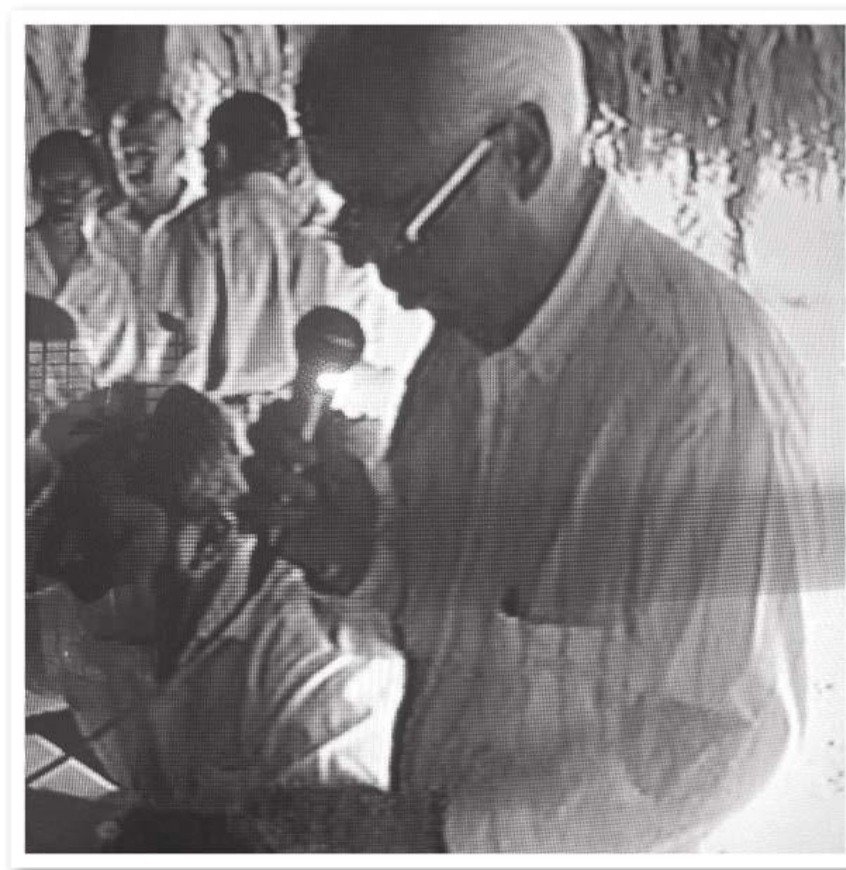
4.6.2 A visita de Luiz Inácio Lula da Silva na campanha presidencial de 1994

Durante a campanha para presidência da república de 1994, o candidato a presidente Luiz Inácio Lula da Silva (atual Presidente do Brasil) visitou a cidade de Birigui para a realização de uma palestra com empresários e lideranças locais no dia 19 de julho de 1994. O local do encontro foi a Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda na Avenida Euclides Miragaia nº 3.355. João Eufrásio Fiorotto, proprietário da empresa, contou que na época designado para receber o candidato e sua comitiva, vários empresários, políticos e lideranças locais participaram do encontro. A comitiva de Lula era formada por diversos membros do Partido dos Trabalhadores (PT), entre os quais: José Dirceu (candidato ao governo do Estado de São Paulo); Luíza Erundina (ex - Prefeita da cidade de São Paulo) e Aparecido Sérico da Silva (atual Prefeito de Araçatuba – candidato na época a deputado estadual). A esposa de Lula, Marisa Letícia da Silva, também esteve presente em Birigui.



Chegada da comitiva do candidato a Presidência da República - Luiz Inácio Lula da Silva, na Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, no dia 19 de julho de 1994.

Nas formalidades, a composição da mesa foi formada por Luiz Inácio Lula da Silva (candidato a presidente); José Dirceu (candidado ao governador de São Paulo); Luíza Erundina (ex - Prefeita da cidade de São Paulo); João Euphrásio Fiorotto (sócio proprietário da Calçados Popi Ltda); Henrique Fiorotto (sócio proprietário da Calçados Popi Ltda); Antônio Liranço (Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui). O discurso de saudação foi realizado por João Euphrásio Fiorotto.



João Euphrásio Fiorotto, durante discurso de saudações ao candidato a presidência da república - Luiz Inácio Lula da Silva e a sua comitiva, 19 de julho de 1994.



José Dirceu, candidato ao governo do Estado de São Paulo, durante discurso na Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, 19 de julho de 1994.



Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a Presidência da República, durante discurso na Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, 19 de julho de 1994.



Da direita para esquerda (sentados): Henrique Fiorotto (Popi); Antônio Liranço (Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui) e João Euphrásio Fiorotto (Popi) durante discurso do candidato a Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda, 19 de julho de 1994.



Da esquerda para a direita: Luiz Inácio Lula da Silva (candidato a Presidência da República); Henrique Fiorotto (Popi) e João Euphrásio Fiorotto (Popi), 19 de julho de 1994.



Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a Presidência da República, durante discurso para trabalhadores na Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda, 19 de julho de 1994.



Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a Presidência da República, durante discurso para trabalhadores na Indústria e Comércio de Calçados Popi Ltda, 19 de julho de 1994.

Em relação às eleições de 1994, Fernando Henrique Cardoso, foi eleito em primeiro turno, impulsionado pelo sucesso do Plano Real. Luiz Inácio Lula da Silva ficou em 2º lugar.

4.6.3 Encontro de Fabricantes, Fornecedores e Representantes do Setor Calçadista de Birigui

Com o objetivo de promover aproximação, entrosamento e confraternização entre os empresários do ramo do calçado, alguns empresários idealizaram o I Encontro de Fabricantes, Fornecedores e Representantes do Setor Calçadista de Birigui, em dezembro de 1995, na Chácara dos irmãos Bejota, na cidade de Birigui. O evento foi coordenado pelos empresários: Edson Geareta (Indústria e Comércio de Calçados Menina Ltda); Benedito Jorge Filho (Indústria e Comércio de Calçados Bejota Ltda); Sérgio Siumari (Art - formas) e Abel Cícero Vasquez (Betofacas). No encontro, foram promovidas partidas de futebol, bilhar e truco. Nos anos seguintes, outros encontros foram organizados, sendo o evento ainda realizado até os dias atuais (2009).



Organizadores do I Encontro de Fabricantes, Fornecedores e Representantes do Setor Calçadista de Birigui. Da esquerda para a direita: Benedito Jorge Filho (Indústria e Comércio de Calçados Bejota Ltda); Sérgio Siumari (Art - formas); Abel Cícero Vasquez (Betofacas) e Edson Geareta (Indústria e Comércio de Calçados Menina Ltda). Foto tirada durante a realização do III Encontro em 1997.



Foto geral do II Encontro de Fabricantes, Fornecedores e Representantes do Setor Calçadista de Birigui, em dezembro de 1996.

SETOR CALÇADISTA DE BIRIGUI REALIZA

Com o objetivo de promover a aproximação, entrosamento e confraternização entre os profissionais do setor calçadista, foi realizado, pelo segundo ano consecutivo, o II Encontro dos Fabricantes, Representantes e Fornecedores do Setor de Birigui. O encontro aconteceu no último dia 15 de dezembro, na Chácara Irmãos Bejota.

O evento foi coordenado pelos empresários Edson Marcos Silva Geareta, de Calçados Menina, Benedito Jorge Filho, de Calçados Bejota, Sérgio Sumari, da Artformas e Abel Cícero Vasques, de Botafacas. Estes profissionais se encarregaram de toda a organização da

feita, que contou com a participação de aproximadamente 100 pessoas.

Com o objetivo de proporcionar um dia voltado totalmente para o lazer, o encontro foi aberto com partidas de futebol society, disputadas por quatro equipes formadas por empresários contra times dos representantes. A equipe de fornecedores foi a vitoriosa com destaque para a atuação do goleiro Jorge Nascimento, fotógrafo do Jornal Exclusivo e Revista Lançamentos, que participou das quatro partidas como atleta convidado. Em seguida foi servido um churrasco aos participantes. Pela tarde as atividades continuaram com um

animado torneio de truco e bilhar. O clima de confraternização e tranquilidade, mostrou que mais do que nunca os profissionais do setor de calçados biriguiense estão unidos, depois de um ano de muito trabalho em busca da qualidade total, com programas de treinamento e investimentos em tecnologias. Empresários, fornecedores e representantes estão otimistas e confiantes no crescimento do setor, alicerçados sempre pela amizade, cooperação e parceria cada vez maior.

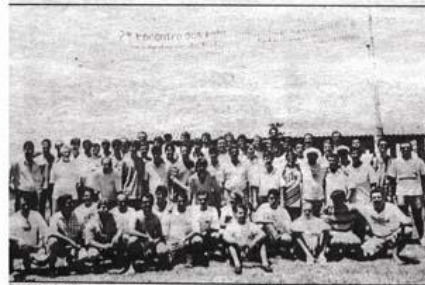


Foto geral dos participantes do encontro.



Time Campeão - Fornecedores



Time Campeão - Representantes



Time Campeão - Fabricantes

Jornal Exclusivo de janeiro de 1997. No destaque, a notícia do II Encontro de Fabricantes, Fornecedores e Representantes do Setor Calçadista de Birigui, realizado em dezembro de 1996.

4.6.4 A Gata Industriária Verão 1997

O concurso “Gata Industriária Verão 1997” foi realizado pelo Sindicato Patronal em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI). O objetivo do projeto era promover maior integração entre o Sindicato Patronal e os colaboradores das empresas de calçados da cidade e, ao mesmo tempo, incentivar a busca por uma melhor qualidade de vida para os funcionários das empresas por meio do lazer e da utilização do complexo do Sesi de Birigui. De acordo com reportagem do Jornal Exclusivo de 16 de março de 1997, o concurso contou com a participação de mais de 80 candidatas, todas colaboradoras das fábricas da cidade, do ramo do calçados e também metalúrgico e moveleiro. Foram realizadas cinco eliminatórias, entre janeiro e fevereiro de 1997. No final, o júri, que era formado por personalidades ligadas a Secretaria de Cultura, a imprensa, a sociedade local, as empresas e os profissionais ligados a beleza, classificou 15 finalistas.

A grande divulgação promovida pelo Sindicato atraiu grande número de público, principalmente, durante as eliminatórias. A fase final ocorreu em 01 de março de 1997. Neste dia, mais de três mil pessoas participaram do evento no SESI, com destaque para as torcidas organizadas. Ao final, foram eleitas em 1º lugar – Valéria Negri Rocha (Indústria e Comércio de Calçados Pé com Pé Ltda); 2º lugar – Daniteli Pardini (Indústria e Comércio de Calçados Pinóquio Ltda) e em 3º lugar – Sidinéia Cristina da Silva (Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda). A vencedora ganhou uma viagem com acompanhante para Porto Seguro (BA) com todas as despesas pagas pelo Sindicato. De acordo com Carlos Alberto Messtriner; o concurso atingiu os objetivos, pois além de uma preocupação constante com a qualidade total nas empresas era fundamental também buscar a melhoria da qualidade de vida e a integração social dos colaboradores.

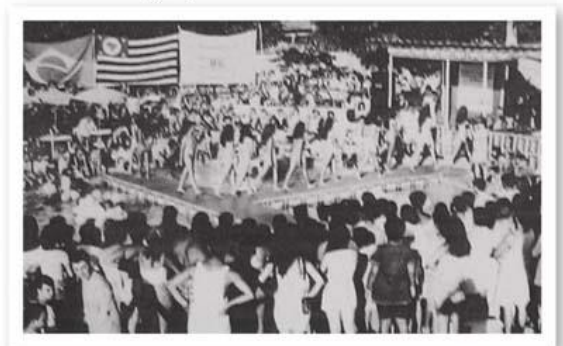


Imagem de uma das fases eliminatórias do concurso “Gata Industriária Verão 1997”, promovido pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI).



Carlos Alberto Mestriner (Presidente do Sindicato Patronal) com as três finalistas do concurso "Gata Industriária Verão 1997".



Da esquerda para a direita: Laércio Pinto (diretor do Sesi-SP); Wagner Aécio Poli (Indústria e Comércio de Calçados Pé com Pé Ltda); Carlos Alberto Mestriner (Presidente do Sindicato Patronal); Valéria Negri Rocha (vencedora do concurso Gata Verão 1997); José Manoel Sanches (diretor do Sindicato Patronal); João Carlos Ferreira (Jofer Embalagens); José Antônio Segura (Indústria e Comércio de Calçados Carnegie Ltda) e Ataliba Mendonça Junior (Sesi-Birigui).

4.6.5 O Industrial do ano de 1997: Carlos Alberto Mestriner

Com 34 anos de idade, Carlos Alberto Mestriner, da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda, recebeu um dos maiores prêmios do setor calçadista nacional: o prêmio “Industrial do Ano de 1997” durante a realização da 29ª Franca.



Reportagem especial do Jornal Exclusivo de 28 de julho de 1997. No destaque, a entrega do prêmio “Desteque Industrial do Ano de 1997”, ao empresário Carlos Alberto Mestriner, da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda, durante a realização da 29ª Franca.

Na época, a Calçados Klin Ltda, estava empregando 2000 trabalhadores e produzindo 36.000 pares/dia. Somente um empresário de Birigui havia recebido o título de Industrial do ano até aquela data, o Sr. Antônio Ramos de Assunção, proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda, em 1988. O prêmio conquistado foi um exemplo do desenvolvimento que algumas empresas de calçados da cidade de Birigui tiveram no decorrer dos anos 1990, apesar das dificuldades enfrentadas na década.



Jornal Exclusivo de 28 de julho de 1997. No destaque, o empresário Carlos Alberto Mestriner, recebendo o troféu de "Industrial do Ano" das mãos de Luiz Fernando Gusmão, diretor do Jornal Exclusivo e da Revista Lançamento de Novo Hamburgo (RS).

O Jornal Exclusivo de 28 de julho de 1997 apresentou na capa de sua edição especial as seguintes informações:

Carlos Alberto Mestriner, diretor da Calçados Klin, empresa produtora de sapatos infantis, sediada em Birigui/SP, foi homenageado como o Destaque Industrial do Ano de 1997, durante a 29ª Franca. Com apenas 34 anos de idade e no comando da Klin desde os 20, este jovem empresário, com ajuda de seu sócio e irmão Valdir Mestriner, diretor industrial, conseguiu transformar a pequena fábrica em uma potência, que emprega 2 mil colaboradores. Dos atuais 36 mil pares produzidos, a Klin planeja, para este segundo semestre, atingir a marca de 41.500 pares diários. O dinamismo, a flexibilidade e a perseverança de Mestriner não dão espaço para acomodação. O seu lema é crescer sempre e, por isso os investimentos, não param nunca. O empresário está constantemente traçando metas, seja para a Klin ou para o setor de calçados no geral do qual participa ativamente. Para Mestriner, o principal responsável pela ascensão da empresa, em 14 anos de atividade, é o ser humano. A missão da Klin, segundo enfatizou em seu discurso durante a homenagem, é investir no profissionalismo, na integridade e criatividade. Valorizando, sobretudo, as pessoas, pois são elas que desvendam o segredo de sucesso de uma empresa (Jornal Exclusivo de 28 de julho de 1997).

Em entrevista ao Jornal Exclusivo de 28 de julho de 1997, Carlos Alberto Mestriner, atribuiu sua eleição como Industrial do ano aos seguintes fatores.

Acredito que este reconhecimento seja em função de seis pontos básicos que acreditamos ser a espinha dorsal da empresa. O primeiro seria o produto. Procuramos estar sempre o aperfeiçoando e atualizando-o. O segundo é o preço competitivo. Um outro é o prazo. Para praticá-lo temos que ter capital de giro próprio. A prestação de serviços é fundamental. Hoje estamos com 33 escritórios regionais. Procuramos ter uma equipe de vendas jovem e dinâmica. Essa é nossa proposta de prestação de serviços em todas as áreas da fábrica. O sexto ponto são as pessoas. Investimos no comportamento técnico e comportamental. É difícil conseguir que todos acompanhem o ritmo de mudanças harmonicamente. Por isso alguns se perderão no caminho (Carlos Alberto Mestriner, em entrevista ao Jornal Exclusivo de 28 de julho de 1997).

**QUANDO UM HOMEM É DETERMINADO,
ATÉ SEUS PEQUENOS GESTOS
SE TORNAM GRANDES.**



Carlinhos, aos 2 anos de idade.

Nossa homenagem ao Industrial do Ano.

PAMPILI

Homenagem da Indústria e Comércio de Calçados Pampili Ltda ao Industrial do Ano de 1997, Carlos Alberto Mestriner, publicada no Jornal Exclusivo de 28 de julho de 1997.

4.6.6 O surgimento do SINDIFAX e a participação em feiras do setor

Com o objetivo de informar aos associados sobre as atividades e realizações do Sindicato Patronal, a instituição desenvolveu um informativo semanal – o SINDIFAX, editado na cidade de Birigui. Sua primeira edição foi publicada na primeira semana de novembro de 1998. Na época do surgimento do informativo, o presidente do Sindicato era o empresário José Luis Fernandes (proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda). Em um espaço disponibilizado no informativo e intitulado “Palavra do Presidente” o empresário José Luis Fernandes escreveu a seguinte mensagem.

A cada dia que passa nos conscientizamos da necessidade da comunicação direta entre a entidade e toda a classe, motivo do lançamento desse informativo, que será publicado todas as vezes que sentirmos que nossas realizações mereçam ser levadas ao conhecimento do segmento calçadista. Além de demonstrar o trabalho que vem sendo desempenhado pela atual diretoria, essa publicação acaba sendo uma prestação de contas que fazemos a cada associado, que, mensalmente, contribui para a manutenção da entidade. Estamos abertos a qualquer sugestão, bastando para isso que nos remetam sua opinião ou mesmo crítica (José Luis Fernandes, Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui).

Em sua primeira edição o SINDIFAX trouxe informações sobre o III Congresso Brasileiro do Calçados; apresentou notícias da reforma do prédio da Prefeitura Municipal que ficava ao lado da Escola Vicente Felício Primo e que iria abrigar as instalações da escola do calçado do Senai; o informativo também apresentou informações sobre o trabalho para a construção da nova sede do Sindicato na rua Roberto Clark; a realização de treinamento em qualidade total oferecida pelo Senai e Sebrae; a conquista pela Fiesp da manutenção do cartão CGC para todas as empresas filiadas a entidade e o jantar realizado no dia 29 de outubro de 1998.

SINDIFAX

Editado pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi

Ano 1

Novembro/98

Número 1

III CONGRESSO BRASILEIRO DO CALÇADO

Nosso Sindicato participou do 3o. Congresso Brasileiro do Calçado, promovido pela Couromoda, no período de 5 e 6 de outubro.

Do encontro resultaram dois trabalhos importantes ao setor: Síntese das Principais Palestras e Pesquisa "Hábitos e Atitudes na Compra de Calçados".

Esses dois trabalhos estão a disposição dos associados para pesquisa, bastando retirá-los com a senhora Cláudia.

ESCOLA COMPLETA DO CALÇADO É UMA REALIDADE.

Já está em fase adiantada a reforma e adaptação do prédio pertencente a Prefeitura Municipal, que fica ao lado da Escola Vicente Felício Primo, para que funcione no

ano de 1999, a Escola Modelo de Calçado, que substituirá o atual Centro Calçadista "Avak Bedoulan".

A reforma e adaptação do prédio, todo o maquinário necessário, laboratório de testes físicos e mecânicos, foram conseguidos pela diretoria do Sindicato junto ao Senai e Prefeitura Municipal, não restando aos empresários quaisquer ônus para que tenham uma unidade de treinamento a altura de nossas indústrias.

NOVA SEDE DO SINDICATO EM CONSTRUÇÃO.

Para que possa representar o setor a altura e dotar um local de todos os dispositivos necessários à reunião dos empresários, ministração de treinamentos, encontros de trabalho e confraternização, o Sindicato iniciou a construção de sua sede social, em imóvel próprio que fica

na rua Roberto Clark, entre as ruas Osvaldo Cruz e Travessa Carlos Gomes.

Vale a pena dar uma passadinha por lá para ver o andamento das obras.

TREINAMENTO SOBRE QUALIDADE TOTAL.

Com o objetivo de sensibilizar o empresário para necessidade de orientar as políticas da Empresa na busca dos requisitos das normas série ISO 9000, o Senai, em convênio como o Sebrae, realizará no período de 16 a 27 de novembro, o treinamento "Qualidade Total - Uma questão de Sobrevivência".

Como conteúdo programático serão abordados os seguintes temas: Princípios da Qualidade; Motivação para a Qualidade e Ferramentas da Qualidade".

Entrar em contato direto com o Senai, fone: 622-5444.

SINDIFAX

Editado pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi

Ano I

Novembro/98

Número 1

PALAVRA DO PRESIDENTE.

A cada dia que passa nos conscientizamos da necessidade da comunicação direta entre a entidade e toda a classe, motivo do lançamento deste informativo, que será publicado todas as vezes que sentirmos que nossas realizações mereçam ser levadas ao conhecimento do segmento calçadista.

Além de demonstrar o trabalho que vem sendo desempenhado pela atual diretoria, esta publicação acaba sendo uma prestação de contas que fazemos a cada associado, que mensalmente contribui para a manutenção da entidade.

Estamos abertos a qualquer sugestão, bastando para isso que nos remetam sua opinião, ou mesmo crítica.

José Luis Fernandes
Presidente

FIESP CONSEGUE MANUTENÇÃO DO CARTÃO DO CGC.

O Centro das Indústrias do Estado de São Paulo - CIESP -, obteve na tarde de 26 de outubro, do Juiz Federal da 4a. Vara, da Seção Judiciária de São Paulo, Liminar no Mandado de Segurança Coletivo, para que a Secretaria da Receita Federal em São Paulo forneça o Cartão de Identificação da Pessoa Jurídica (CNPJ) a todas as empresas associadas à entidade.

Isso significa que a emissão do CNPJ (substituto do CGC) agora independe da verificação de eventuais pendências perante a Receita Federal, conforme restrição imposta pelas instruções normativas nos. 27/98 e 54/98.

O Departamento de Relações Jurídicas e Sociais da FIESP/CIESP está providenciando certidões junto a 4a. Vara, que serão encaminhadas dentro de 5 dias úteis às Diretorias do CIESP. Os associados interessados poderão obter cópia na sua Diretoria ou diretamente no Dejur.

JANTAR DO DIA 29 FOI UM SUCESSO!

Conforme foi amplamente divulgado, realizou-se no dia 29 de outubro, na Chácara Finobel, o Jantar de Confraternização pelo "Dia do Sapateiro", que se comemora no dia 25 de outubro.

Mais de 100 empresários de 40 empresas estiveram reunidos numa confraternização muito agradável.

A parte do cardápio esteve a cargo do Buffet Royale, da Cidade de Araçatuba, que serviu 8 tipos de entrada, uma salada individual, dois tipos de arroz, dois tipos de massa, carnes branca e vermelha, sobremesa e farta mesa de chá.

Além dos empresários de Birigüi, estiveram presente: Elcio Jacometi, de calçados Jacometi, de Franca, presidente da Abicalçados, Jamil Abdala - presidente da Franca, Ivânio Batista - secretário executivo da Abicalçados e Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca e Jorge de Souza, diretor da Couromoda.

De seu lançamento até o final do ano de 1998 foram publicadas sete edições do SINDIFAX. O informativo iniciava com a chamada “frase da semana” e na sequência apresentava informações diversas, como por exemplo: o oferecimento de cursos, palestras, seminários, atividades desenvolvidas pelas empresas, os aniversariantes da semana, informações sobre o setor calçadista local, nacional e internacional, a palavra do presidente entre outras informações. A primeira “frase da semana” foi publicada no SINDIFAX nº 2 de 10 de novembro de 1998 e foi a seguinte:

“Assim como os cientistas procuram e descobrem as verdades, também as organizações devem procurar e descobrir suas próprias verdades – cuidadosa, honesta, imaginativa e corajosamente” (Alvin Toffler – livro “o choque do futuro”).

Entre 1989 e 1998, as empresas de calçados de Birigui intensificaram sua participação em feiras do setor calçadista, com destaque para a Francal e Couromoda. As empresas da cidade buscaram inovar em relação aos estandes e a apresentação de suas coleções a cada feira que participavam. A participação das empresas na 27ª Francal, em 1995, mostrou a força da indústria local. O Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995 apresentou informações sobre a participação da cidade na 27ª Francal.

A preocupação em apresentar os produtos de forma adequada, em estandes confortáveis, vistosos e práticos, tem sido constante entre os industriais de Birigui. Este fato foi confirmado na 27ª edição Francal, onde foi possível anotar o visual atraente e útil dos expositores da cidade. A beleza, forma e decoração são importantes pontos de atração, mas a praticidade é fundamental. Aproveitar o espaço da melhor forma possível é a receita certa. Muitos expositores aumentaram sensivelmente o tamanho de sua área física e, mesmo os que não ampliaram os espaços, apresentaram seus produtos em atraentes vitrines, organizadas com arrojo e criatividade. Não só o tamanho a área ocupada foi levada em conta. A forma de utilização é o que mais foi considerado. Toda essa reestruturação tem um objetivo certo: completar a intenção dos industriais que tem como principal proposta a divulgação de suas marcas (Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995).

Segue abaixo imagens das fachadas de alguns estandes de empresas da cidade na 27ª Francal.



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. No destaque, estande da Popi Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. Acima, imagem do estande da Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda.



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. No destaque, estande da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda.



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. No destaque, estande da Indústria e Comércio de Calçados Marckstein Ltda (atual Brink).



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. No destaque, estande da Indústria e Comércio de Calçados Grifine Ltda.



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. No destaque, estande da Indústria e Comércio de Calçados Finobel Ltda.



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. No destaque, estande da Indústria e Comércio de Calçados Kidy Ltda.



Jornal Exclusivo de 17 de julho de 1995. No destaque, estande da Indústria e Comércio de Calçados Bical Ltda.

As informações coletadas e apresentadas da história de desenvolvimento da indústria calçadista de Birigui neste quarto capítulo demonstram as dificuldades que as empresas enfrentaram entre 1989 e 1998. Foi um período de reestruturação industrial. Porém, a modernização realizada pelas empresas, fortaleceu sua estrutura criando condições para o desenvolvimento delas na década seguinte. O próximo capítulo analisa o desenvolvimento da indústria de calçados na década em que foi comemorado o cinquentenário do setor.

QUINTA DÉCADA (1999-2008)

A RETOMADA DO CRESCIMENTO E O CINQUENTENÁRIO DO SETOR CALÇADISTA DE BIRIGUI.

A quinta década de desenvolvimento do setor calçadista da cidade de Birigui foi marcada por inúmeros eventos, acontecimentos e ações promovidas pelas instituições locais em conjunto com as empresas que fortaleceram a indústria favorecendo o seu desenvolvimento. O polo calçadista retomou o crescimento, parcialmente interrompido nos anos 1990. Houve um aumento das exportações, que passaram de aproximadamente US\$ 12 milhões de dólares, em 1999, para mais de US\$ 30 milhões em 2004; o setor ampliou o número de empregados de 12 mil, em 1999, para 19 mil, em 2008, e a produção atingiu mais de 60 milhões de pares, em 2008.

As empresas intensificaram a cooperação ampliando sua competitividade com a formação do Arranjo Produtivo Local (APL), em 2006. Ações promovidas pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, em parceria com outras instituições, destacaram a indústria de calçados no cenário nacional, como exemplo, a organização da 1ª Feira de Máquinas, Equipamentos e Componentes de Birigui (1º FEICAL), em 2003; a doação de 110 mil pares de calçados ao Programa “Fome Zero”, também, em 2003, e o projeto da “Fantástica Fábrica de Sapatinhos” da Couromoda, em 2007.



Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o Presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI), Samir Nakad, durante audiência no Palácio do Planalto em 21 de outubro de 2003. Na ocasião, a indústria de calçados de Birigui, por intermédio do SINBI, doou 110 mil pares de calçados ao programa “Fome Zero”. Lula recebeu uma estatueta com formato de calçado infantil de Samir Nakad.



A Fantástica Fábrica de Sapatinhos, 34º Couromoda de 2007. Projetos desenvolvidos pelo Sindicato colocaram em evidência o polo calçadista de Birigui, favorecendo o desenvolvimento das empresas de calçados da cidade.

Neste período, que compreende os anos de 1999 a 2008, o Instituto Pró-criança foi instalado na cidade, o novo prédio do Sindicato Patronal foi inaugurado, alterou-se a logomarca da instituição e a sigla para SINBI, o informativo SINDIFAX transformou-se no SINBINFORMA, o SINBI desenvolveu e colocou no “ar” seu site, foi formado o consórcio de exportação (APEMEBI). O prédio histórico ao lado do Sindicato foi restaurado e passou a abrigar o Instituto Pró-Criança, a Escola Paula Souza foi instalada em Birigui, foi desenvolvido o projeto Polo, surgiu o “Brinca Birigui”, o Eco-Sinbi (informativo ambiental do SINBI) e o Birifest – Festa do Trabalhador. E, a memória e história da indústria de calçados de Birigui foi resgatada, por meio do projeto “Museu Virtual do Calçado de Birigui”, em 2007.



Orelhão temático instalado na cidade de Birigui durante o desenvolvimento do “Projeto Polo”. No destaque, o Presidente do SINBI (triênio 2003-2005), Samir Nakad.

O período ficou marcado também pelas comemorações do Cinquentenário do Setor Calçadista, que fechou com chave de ouro o último ano da quinta década de desenvolvimento do setor e os cinquenta anos de história da indústria de calçados local – o jubileu de ouro.



Wagner Aécio Poli (Presidente do SINBI - biênio 2008-2009) durante discurso na cerimônia realizada no SESI de Birigui em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil, no dia 21 de outubro de 2008.



Selo desenvolvido pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI) em comemoração ao Cinquentenário do setor calçadista local.

5.1 VISÃO PANORÂMICA: DESAFIOS E A RETOMADA DO CRESCIMENTO

Em 1999, um dos fatores que atravancava o crescimento do setor calçadista nacional, desde o Plano Real – a valorização da moeda – foi removido, com a desvalorização do real, iniciada em janeiro de 1999. Criou-se uma expectativa positiva de retomada das exportações de calçados e de desestímulo das importações provenientes, principalmente, da China. A substituição do presidente do Banco Central do Brasil (BC), Gustavo Franco, pelo economista Francisco Lopes, pegou as empresas de surpresa durante a realização da 26ª Couromoda entre os dias 12 e 15 de janeiro de 1999. Participaram 20 empresas de Birigui da feira: Barney; Bejota; Bical, Cal-life, Danzer, Finobel, Kidy, Klin, Maic D'jol, Mário Prata; Pampili; Petty; Pinóquio; Ptagata; Tiptoe; 3 Jota; Ypo; Marekstein; Popi e Vicalle. Na edição nº 8 de 20 de janeiro de 1999 do SINDIFAX, o presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, José Luís Fernandes (Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda), escreveu a seguinte mensagem.

Caro amigo associado. Estamos iniciando mais um ano de atividades e como ocorre em todos os anos, uma série de dúvidas e até de incertezas tomam conta de nossos anseios. Já não é nenhuma novidade o calendário para as indústrias calçadistas, e sempre temos que nos sujeitar as tais peculiaridades do seto, como por exemplo, dar o pontapé real, em termos de negócios somente após a realização da primeira feira, que é a Couromoda. E passando a semana da feira, com os resultados distintos a cada expositor, como poderá observar neste nosso Sindifax, na página 2, podemos elucubrar algo sobre o que realmente ocorreu no evento. Tudo transcorria de forma normal desde a abertura da feira na terça-feira, com visitação animadora de lojistas até a quarta-feira, quando ocorreu a saída do presidente do Banco Central, Gustavo Franco e na quinta-feira, o anúncio de algumas medidas por parte do governo. Portanto, a feira teve duas fases, antes e após a saída de Franco. Pois na quinta e sexta o movimento ficou abaixo do esperado. Mas nem tudo é pessimismo, como também poderá observar pelas declarações de alguns participantes. Os contatos foram feitos, a empresa mostrou seus produtos, e o que é mais importante, foi visitada por muitos compradores de países da América do Sul, principalmente daqueles que têm suas empresas no Mercosul, com perspectivas positivas de negócios a longo prazo. Outro aspecto que julgamos importante foi a desvalorização do real, ou melhor, a sua adequação cambial, acenando com

a possibilidade de aumento das exportações do calçado brasileiro, notadamente por parte de centros que já tem tradição exportadora, como Franca e o Vale dos Sinos, que de uma destinação atual de sua produção em torno de 10% poderão ampliá-las em mais de 30% ou 40%. Com isso, esperamos, abre-se a brecha para o mercado interno e as perspectivas para que nossas indústrias ampliem sua produção e retomem suas contratações. É isso que pensamos e torcemos para que ocorra (José Luís Fernandes, em artigo publicado no informativo SINDIFAX edição nº 8 de 20 de janeiro de 1999).



Capa do Jornal Exclusivo de janeiro de 1999 destacando as mudanças na política cambial e a desvalorização do real.

Em relação a desvalorização do real, as incertezas na economia e as expectativas para o ano de 1999, Sérgio Grácia (Kidy Indústria e Comércio de Calçados Ltda); Denilson Eckstein (Marckstein Indústria e Comércio de Calçados Ltda) e Carlos Aberto Mestriner (Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda) escreveram suas opiniões no informativo SINDIFAX do mês janeiro e fevereiro de 1999. Destaca-se que foi o empresário Sérgio Grácia quem inaugurou o espaço no informativo SINDIFAX, destinado a ouvir a opinião dos empresários do setor por meio do encaminhamento de artigos e intitulado “Seção Opinião”.

SINDIFAX

Editado pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigüi

Ano 2

27/01 a 02 de fevereiro/99

Número 9

FRASE DA SEMANA

"Alguns homens atravessam a floresta e não encontram lenha"

Provérbio inglês

SECÇÃO OPINIÃO

Sérgio Grácia

Antecipadamente gostaria de agradecer a oportunidade de externar algumas opiniões junto ao setor através deste Semanário.

Iniciamos mais um ano de batalha, e este 1999 está começando quente, não so na temperatura mas também em nossa economia, fato que nos atinge diretamente no dia a dia de nossas atividades para tomada de decisões sempre tentando fazê-las corretamente.

O Brasil está perplexo, na verdade nem nossos economistas, empresários, formadores de opinião, políticos, etc; têm um consenso

sobre o que poderá acontecer com o nosso real e a nossa economia.

Temos lido muito sobre o assunto e nos preocupado também, pois nenhum brasileiro gostaria de retroagir aos tempos de inflação, tempos estes "bons" somente para os especuladores, e péssimo para nós produtores, geradores de emprego e prosperidade para a nação.

Gostaríamos de ver nossos políticos e homens de decisão deste país tomarem as medidas necessárias às reformas administrativa, previdenciária, etc; enfim agir e realmente fazer o que lhes foi confiado através de nossos votos, com o mesmo vigor, cuidado, determinação que fazemos com nossos negócios, para que possamos continuar a existir como empresa e atravessar todas as turbulências que possam vir a nos atingir.

Apesar do câmbio, temos certeza de que 1999 vai ser um ano muito bom para o nosso setor, pois trabalhamos

para isso, planejamos para isso, sonhamos com isso, vivemos para isso, então isso acontece...

Boa semana a todos os colegas.

(* Sérgio Grácia é diretor comercial de Kidy Birigüi Ind. e Com. de Calçados Ltda).

Na próxima semana, leia opinião do empresário Denilson Eckstein - diretor de Ecksmar & Marckstein.

BANCO DE HORAS

Várias empresas de nosso segmento calçadista já estão instalando o BANCO DE HORAS.

Para isso, há colaboração entre os Sindicatos Patronal e dos Trabalhadores, facilitando a implantação, com enormes vantagens para ambas as partes.

As empresas que tiverem interesse no assunto, entrar em entendimento com nosso Sindicato.

Iniciamos mais um ano de batalha, e este 1999 está começando quente, não só na temperatura, mas também em nossa economia, fato que nos atinge diretamente no dia a dia de nossas atividades para a tomada de decisões sempre tentando fazê-las corretamente. O Brasil está perplexo, na verdade nem nossos economistas, empresários, formadores de opinião, políticos, etc; têm um consenso sobre o que poderá acontecer com nosso real e nossa economia. Temos lido muito sobre o assunto e nos preocupado também, pois nenhum brasileiro gostaria de retroagir aos tempos da inflação, tempos esses “bons” somente para especuladores, e péssimo para nós, produtores, geradores de emprego e prosperidade para a nação. Gostaríamos de ver nossos políticos e homens de decisão deste país tomarem as medidas necessárias às reformas administrativas, previdenciária, etc; enfim, agir e realmente fazer o que lhes foi confiado através de nossos votos, com o mesmo vigor, cuidado, determinação que fazemos com nossos negócios, para que possamos continuar a existir como empresa e atravessar todas as turbulências que possam vir a nos atingir. Apesar do câmbio, temos certeza que 1999 vai ser um ano muito bom para nosso setor, pois trabalhamos para isso, planejamos para isso, sonhamos com isso, vivemos para isso, então isso acontece... Boa semana a todos os colegas (Sérgio Grácia, sócio proprietário da Kidy Indústria e Comércio de Calçados Kidy Ltda).

As grandes mudanças ocorridas nesses últimos anos nos obrigam a mudar rapidamente, ou morreremos lentamente. Enfrente a realidade, não tenha medo de mudanças, lute contra antigos vícios de sua empresa, use sua equipe de colaboradores, buscando sempre novas idéias e colocando-as em prática. Faça qualquer coisa, mas acompanhe as mudanças. A maior parte das pessoas resiste às mudanças. É muito mais cômodo ficar como está e por a culpa na crise. Acredito que a crise econômica, a qual estamos enfrentado nesse momento, irá acabar e vamos entrar em uma crise competitiva. Por isso precisamos fazer todas as mudanças necessárias para conseguirmos melhoria, se antecipar aos problemas e aprender a usar mais o cérebro de nossos funcionários. Com eles temos muito a aprender. Desenvolvermos grupos de estudos, ir em busca de pesquisas em todos os setores da indústria, e a responsabilidade de cada funcionário deve ficar bem clara. Também devemos estar cientes que as margens de lucro estão reduzindo, mas mesmo assim, há a necessidade de mais investimentos em profissionais, máquinas modernas e produtivas e, principalmente lançamento de novos produtos, para atendermos em maior volume nossos bons clientes, visto o tanto de clientes que desapareceram, ou diminuíram seus volumes de compra (Denilson Eckstein, sócio proprietário da Markstein Indústria e Comércio de Calçados Ltda – atual Brink).

Em um dos trabalhos de consultoria que o Professor Marins nos prestou, deixou uma mensagem que jamais vou esquecer. E neste momento tão oportuno gostaria de dividir com amigos do setor. “Terá medo de 1999 a pessoa que não compreender que o mundo mudou e mudou definitivamente. Sempre digo que a única certeza estável é a certeza de que tudo vai continuar mudando numa velocidade incrível. E essa mudança trouxe para as pessoas algumas consequências fundamentais. Não haverá mais espaço para os arrogantes, para os – cheio de si – para os que pensam ser mais que os outros. Não haverá mais espaço para os que não desejam aprender, achando-se – sabe-tudo – num mundo em que o novo nos obriga a aprender a cada dia. Não haverá espaço para os que não investem em si próprios, tirando tempo e recursos para se autoaperfeiçoar em todos os sentidos – pessoal e profissionalmente. Não haverá mais espaço para os indolentes, preguiçosos – cansados – e pouco comprometidos com aquilo que fazem. Na haverá mais espaço, enfim, para os medíocres. Em 1999 assim como nos anos que se seguirão, ninguém terá direito de ser medíocre, de pensar pequeno, de fazer coisa pela metade, de não se envolver, de não participar, de não lutar. Da mesma forma é a empresa. Não haverá espaço para a empresa que não cuide, de forma detalhada e comprometida de seus clientes e fornecedores. Não haverá espaço para empresa que despreze a lei de mercado e suas tendências. Não haverá espaço para as empresas que não recrutarem e selecionarem os melhores talentos profissionais. Não haverá espaço para empresa que não se preocupar com custos, produtividade e qualidade. Não haverá espaço para as empresas que não buscarem reinventar o que fazem a cada dia”. Nesta semana, gostaria que você pensasse sobre isso. Você tem medo de 1999? Não tenha. Mude enquanto é tempo. Mude sua vida, sua empresa. Acredite que 1999 será um ano espetacular para quem souber viver e trabalhar nestes tempos loucos e maravilhosos!!! (Carlos Aberto Mestriner, sócio proprietário da Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda).

No começo do ano de 1999, a acentuada desvalorização do real, ao encarecer o preço de algumas matérias primas, insumos e componentes importados, gerou preocupações ao setor calçadista em relação ao reajuste de preço desses insumos. O aumento de preços poderia acarretar problemas ao produtor em decorrência das restrições que a indústria teria para repassá-lo ao lojista e, conseqüentemente, ao consumidor. O assunto foi tratado no informativo SINDIFAX em duas edições: a de nº 9, de 27 de janeiro e, a de nº 11, de 11 de fevereiro. Na primeira reportagem, o informativo comentou que alguns forne-

cedores estavam aumentando o preço dos insumos em até 40%, sob a alegação de que trabalhavam com derivados de produtos importados. O Sindicato havia recebido denúncia que comprovavam essa situação de reajuste para a indústria local. Para tentar informar os filiados sobre o procedimento que deveria ser realizado o Sindicato Patronal realizou uma reunião para tratar do tema.

A orientação da instituição foi para que as empresas resistissem ao máximo em não aceitar o aumento de preços. O “Editorial” do SINDIFAX intitulado “Campanha para segurar os preços”, publicado na edição nº 11, de 11 de fevereiro de 1999, apresentou a opinião do Sindicato.

Continuamos insistindo com nossas empresas para que resistam aos aumentos abusivos das matérias primas. Todas as entidades patronais do país estão lutando para que os preços não sejam majorados, pois não há como repassá-lo aos calçados. A luta não pode parar, lembre-se que está em jogo a produtividade e competitividade de sua empresa (SINDIFAX nº 9 de 11 de fevereiro de 1999).

O empresário Wagner Aécio Poli (Pé com Pé Indústria e Comércio de Calçados Ltda) escreveu artigo intitulado “Queda de braço” no SINDIFAX nº 13, de 03 de março de 1999, abordando o assunto do reajuste de preços. No artigo, o empresário sugeriu alguns procedimentos que poderiam evitar que as empresas repassassem o reajuste de preços aos seus produtos.

Vivemos uma turbulência com desdobramento ainda desconhecidos. De um lado sofremos uma pressão dos fornecedores dispostos a repassar os aumentos relativos à variação cambial incidente nas matérias-primas importadas de seus produtos, em alguns casos de forma abusiva. Na outra ponta, o processo recessivo impede a inclusão destes aumentos de preços no calçado. O cliente reconhece o problema vivido pelo fabricante, no entanto, não admite falar em aumento depois de conviver um longo período de estabilização e até de redução de preços. Para reduzir o aumento ou até evitá-lo, precisamos reduzir custo fixo, fazendo uma triagem completa de todos os processos da empresa, descartando tudo que represente desperdício, mesmo aqueles que sejam aparentemente diminutos. Outra alternativa seria encontrar o volume ideal, aquele que o mercado absorva sem exigir condições que o fabricante não possa entender, penalizando e reduzindo ainda mais as margens de lucro. Parte da produção pode ser direcionada para o mercado externo, aliviando um pouco a oferta interna. Estamos em meio a um tirocício e precisamos sobreviver. Temos pela frente um grande

desafio. Devemos preparar nossas empresas para superar este momento difícil. Nossas equipes devem receber um choque de conscientização, cada elemento precisa oferecer uma parcela de contribuição. Temos convicção de que esta não é a primeira e nem será a última situação que precisaremos superar. Foram tantos momentos difíceis e certamente viveremos muitos outros, depende de cada um usar as medidas corretas para suportar e vencer cada desafio, porque entendemos que a crise pressupõe mudanças em termos gerais. Somente as empresas que estão se preparando, inovando, investindo em tecnologia e, principalmente, no ser humano, conseguirão sobreviver e continuar seu destino social. Observamos em nosso meio empresarial bons exemplos nesse sentido, portanto, cabe aos demais segui-los. Nunca podemos deixar faltar entusiasmo e confiança em nós, porque o sucesso é o resultado da persistência e da determinação (Wagner Aécio Poli, sócio proprietário da Pé com Pé Indústria e Comércio de Calçados Ltda).

Apesar dos problemas do início do ano de 1999 em relação aos reajustes dos preços dos insumos, componentes e matérias-primas, a desvalorização da moeda gerou efeitos positivos para o setor empresarial local, principalmente, no campo das exportações. De 1999 a 2005, as exportações da indústria de calçados da cidade dobraram de tamanho. E, no ano de 2000, o setor voltou a apresentar números robustos: a produção alcançou 309 mil pares/dia e o número de empregados atingiu 18.000. Foi o ano da retomada do crescimento.

O ano de 1999 foi importante e ficou marcado na história também pela ocorrência de outros fatores e eventos: o Sindicato Patronal colocou no “ar” o seu site (www.sindicato.org.br); o Mercosul tornou-se uma oportunidade real de negócios para o setor, com destaque para a Argentina; empresários lotaram as escolas de idioma para aprender o Espanhol; formou-se o consórcio de exportação – APEMEBI e ventilou-se, pela primeira vez, em agosto de 1999, a possibilidade de instalação do Instituto Pró-criança na cidade, sendo, posteriormente, em novembro, acolhido pela Diretoria do Sindicato Patronal a idéia de criação e, em dezembro, fundado a instituição.

5.2 O Instituto Pró-Criança de Birigui

O Instituto Empresarial de Apoio à Formação da Criança e do Adolescente – Pró-Criança, foi criado na cidade de Franca (SP) em novembro de 1995. O objetivo da instituição era combater o trabalho infantil na cidade. Na época de surgimento da entidade, a cidade de Franca, um importante

polo calçadista do Brasil, passava por problemas em relação a denúncias de uso de mão de obra infantil pelas empresas. Essas denúncias ultrapassaram as fronteiras nacionais, chegando ao conhecimento da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Essa situação poderia acarretar sérios problemas para as empresas locais, principalmente, em relação as exportações, que representavam uma parcela importante da demanda dos calçados produzidos em Franca.

Foi nesse contexto que, empresários da cidade de Franca, resolveram desenvolver um projeto para reverter a situação e combater o emprego de mão de obra infantil – surgindo o Instituto Empresarial de Apoio à Formação da Criança e do Adolescente – Pró-Criança de Franca.

Em relação a cidade de Birigui, o desenvolvimento de um projeto estruturado voltado para atender as crianças do município, era um objetivo frequentemente debatido entre os empresários. E, no segundo semestre de 1999, a idéia ganhou força com a proposta de instalação de uma franquia do Instituto Pró-criança de Franca na cidade de Birigui. Um seminário para conhecer o funcionamento da instituição foi organizado pelo Sindicato Patronal em 27 de agosto de 1999 no Hotel Birigui Palace, conforme divulgação realizada no informativo SINDIFAX nº 37 de 11 de agosto.

No dia 27 de agosto, nossa entidade em conjunto com o Sindicato das Indústrias de Calçado de Franca, promoverá o Seminário “Pró-criança”, cuja finalidade maior é dotar Birigui desta franquia social apoiada e reconhecida pela UNICEF, e que muitos benefícios tem trazido ao setor calçadista francano. Sua empresa estará recebendo o convite e esperamos que confirme a presença até a data aprazada, pois o número de participantes é limitado.

No seminário estiveram presentes mais de 40 empresários. Da cidade de Franca vieram o presidente do Sindicato das Indústrias do Calçados (Elcio Jacometti), acompanhado pelo diretor executivo do Sindicato (Américo Pizzo Júnior) e pelo diretor executivo do Instituto Pró-criança de Franca (Maurilo Casemiro Filho).

Em reunião da diretoria do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, realizada no dia 31 de agosto de 1999, foi formada uma comissão presidida por Nalberto Vedovotto com o objetivo de viabilizar a instalação do Instituto Pró-criança em Birigui. Para conhecer melhor o funcionamento da instituição, Nalberto Vedovotto, visitou em 07 de setembro de 1999 o Instituto Pró-criança em Franca.

No dia 23 de novembro de 1999, em reunião da Diretoria do Sindicato, decidiu-se por unanimidade a formação do Instituto Empresarial de Apoio à Formação da Criança e do Adolescente – Pró Criança de Birigui – primeira franquia da entidade criada em Franca. Na ocasião, foi agendada uma nova reunião para o dia 06 de dezembro para a elaboração dos estatutos, indicação do conselho diretor e conselho fiscal, bem como, a escolha das entidades que seriam convidadas para participarem do conselho consultivo.

No dia 06 de dezembro de 1999 realizou-se a escolha dos membros do conselho diretor e a primeira diretoria do instituto formada pelos seguintes empresários:

Nome	Função	Empresa
José Roberto Colli	Presidente	Pampili Indústria e Comércio de Calçados Ltda
José Roberto Rodrigues	Vice-Presidente	Ortopasso Indústria e Comércio de Calçados Ltda
Valdir Lino Pulzato	Primeiro Tesoureiro	Ypo Indústria e Comércio de Calçados Ltda
Sérgio Joaquim Castilho	Segundo Tesoureiro	Indústria e Comércio de Calçados Vicalle Ltda
Sérgio Grácia	Primeiro Secretário	Kidy Indústria e Comércio de Calçados Ltda
Lucinéia Cuer Piloto	Segunda Secretária	Marc`Ellsse Indústria e Comércio de Calçados Ltda



José Roberto Colli, primeiro Presidente do Instituto Empresarial de Apoio à Formação da Criança e do Adolescente - Pró Criança de Birigui. Eleito em 06 de dezembro de 1999.

Para o conselho fiscal e consultivo foram convidadas várias entidades da cidade: Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Pastoral da Criança, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Calçado; Diretoria Regional de Ensino;

Associação dos Engenheiros e Arquitetos; Corpo de Bombeiro; Polícia Mirim; Polícia Ambiental; Sesc; Associação Industrial e Comercial, Lojas Maçônicas; Associação Paulista de Cirurgiões; Rotary Club; Lions Club; OAB; Delegacia de Polícia; Polícia Militar; Unimed; Senai; Sesi.

Em janeiro de 2000, o Instituto Pró-criança de Birigui foi apresentado ao meio empresarial calçadista nacional, durante a realização da 27ª Couromoda. No mês seguinte, em 04 de fevereiro de 2000, o presidente do Pró-criança de Birigui, José Roberto Colli, o vice-presidente, José Roberto Rodrigues e o primeiro secretário, Sérgio Grácia, foram até a cidade de Franca visitar o instituto francano. Reportagem do informativo SINDIFAX nº 4 de 16 de fevereiro de 2000, apresentou informações em relação a visita realizada em Franca e a opinião dos empresários.

No dia 04 de fevereiro os empresários, José Roberto Colli, José Roberto Rodrigues e Sérgio Grácia, estiveram na cidade de Franca visitando o Instituto Pró-criança. Ficaram admirados da importância da entidade patronal, que a par de continuar lutando pela erradicação do trabalho infantil no setor calçadista, realiza meritória obra social, na distribuição de mais de 400 bolsas de estudos para crianças carentes daquela cidade, nas mais diversificadas áreas: mecânica, datilografia, informática, música, artes, esportes, etc (SINDIFAX nº 4 de 16 de fevereiro de 2000).

Na última semana de março de 2000, em uma solenidade, foi apresentado para a comunidade biriguiense o Conselho Diretor, Fiscal e Consultivo do Instituto Pró-criança de Birigui. Na época, a entidade contava com 50 empresas filiadas, indicando que o projeto teve uma adesão e apoio muito rápido na cidade. Para participar do Instituto, a empresa interessada deve contribuir com um valor que depende do número de empregados que tem, variando entre R\$ 50,00 e R\$ 500,00 reais mensais. Em contrapartida ela pode utilizar o selo “Empresa comprometida com a proteção e a educação da criança” em suas estratégias de marketing.

No informativo SINDIFAX nº 14 de 04 de maio de 2000, foi publicado um artigo escrito pelo empresário Sérgio Rubens Chagas (Indústria e Comércio de Calçados Art-Pé Ltda), sobre o Instituto Pró-criança e o uso de mão de obra infantil.

Os empresários biriguienses e a “FUNDAÇÃO PRÓ-CRIANÇA” firmaram, em boa hora, um compromisso de ajudar a desenvolver e educar as crianças de nossa cidade. Iniciativa essa que se soma a outros grupos de

excelentes cidadãos (ABRINQ, ONGs) que preocupados com o próximo, comprometem-se com esse segmento social. Todos promovem as crianças e defendem seus direitos numa exemplar lição de cidadania. Tudo funcionará perfeitamente quando população e pais estiverem conscientes dos seus deveres para com os menores. Observo que tão importante quanto promover a criança, inculcando-lhe a consciência de cidadania é evitar a possibilidade do uso da mão de obra infantil em qualquer segmento social. A proliferação de “bancas” prestadoras de serviços no próprio domicílio tem causado preocupação social. Temos lido a responsabilidade de observar se as mesmas não estão utilizando a mão de obra infantil? Será que no afã de cumprir compromissos comerciais e industriais não temos descuidado desse nosso dever de cidadãos responsáveis? Façamos nossos “deveres de casa” com bastante parcimônia, sem nunca nos deixarmos levar por atitudes que embora sejam politicamente corretas, na prática não melhoram em nada a vida de nossas crianças. Crianças, essas, que tem direito ao estudo, ao lazer, à segurança e, principalmente, ao carinho de todos nos. A criança de hoje será o operário, o empresário, o político, o chefe de família, o cliente....de amanhã. O mundo será melhor se esse pessoal for bem tratado hoje (Sérgio Rubens Chagas, sócio proprietário da Indústria e Comércio de Calçados Art-Pé Ltda).

Em 16 de maio de 2000 foi publicado o primeiro “Informativo Pró-Criança”. Neste informativo a diretoria da entidade efetuou uma prestação de contas, dando transparência ao trabalho do Instituto. O trabalho da instituição foi fortalecido com a inauguração da sede do Pró-criança de Birigui em meados de junho, na rua Nove de Julho, nº 172, Centro. E, no dia 09 de outubro de 2000, na sede do Rotary Club de Birigui, foi promovida a primeira certificação das escolas e profissionais da área médica (dentistas, fisioterapeutas e fonoaudiólogo) parceiros da entidade. O evento foi um sucesso com a participação de mais de 300 convidados.

De sua fundação em 1999 até o ano de 2008, o Instituto Pró-criança de Birigui realizou diversos atendimentos, promoveu inúmeros cursos e organizou muitos eventos, destinados ao atendimento das crianças da cidade, além de outras atividades que colaboraram para o desenvolvimento social do município de Birigui. Todas as metas anuais foram superadas e o trabalho infantil desapareceu na cidade.



INFORMATIVO PRÓ-CRIANÇA

Ano 1

16 de maio de 2000

NÚMERO 01

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Faz parte do Estatuto do Pró-Criança, que a cada 60 dias o Conselho Fiscal deverá reunir-se para análise das Contas e Ações do Conselho Diretor.

Dessa forma, no dia 27 de abril foi realizada a primeira reunião do Conselho Fiscal, onde o Conselho Diretor demonstrou o balanço das atividades financeiras e trabalhos efetivados na Comunidade.

O Conselho Fiscal teve acesso a informações diversas: 1) como foram definidas as mensalidades dos associados; 2) que o Pró-Criança terá vida autônoma e funcionará independente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário, entidade que o criou; 3) o valor fixado como teto máximo dos salários a serem pagos aos colaboradores que prestarão serviços à entidade; 4) forma de contratação do Superintendente e da Coordenadora; 5) fixação de endereço próprio e valor do aluguel a ser pago; 6) relatório das despesas efetuadas na reforma e pintura da Sede.

Foi um encontro amistoso entre os Conselhos Diretor e Fiscal, e notou-se a lisura e interesse de todos os membros, que estão otimistas com os resultados que o Instituto Pró-Criança irá alcançar na Comunidade Biriguiense em prol das crianças.

EMPRESA FAZ DOAÇÃO DE MATERIAIS

Na reforma da Sede Social do Pró-Criança, o encargo maior com materiais ficou por conta das tintas.

Na busca de otimizar os recursos do Instituto, que são carreados pelos associados, imediatamente acionamos a direção da empresa Killing S/A, que através de seu diretor Milton Killing, doou todas as tintas utilizadas na pintura da Sede.

DOCUMENTOS SÃO ENCAMINHADOS À ABRINQ

Visando acelerar o processo de obtenção pelas empresas associadas, do selo da Abrinq - "EMPRESA AMIGA DA CRIANÇA", no dia 26 de abril encaminhamos toda a documentação àquela entidade.

Algumas empresas já receberam correspondência da Abrinq, para que complementassem as informações, com o objetivo que tenham o seu pedido atendido na próxima reunião da Diretoria.

Acreditamos que ainda neste mês de maio os pedidos serão analisados e aprovados e só ficaremos na dependência da definição de uma data por parte da ABRINQ, para a entrega do Diploma que dará permissão de uso às nossas empresas.

É uma conquista importante, que somará pontos positivos a nosso setor.

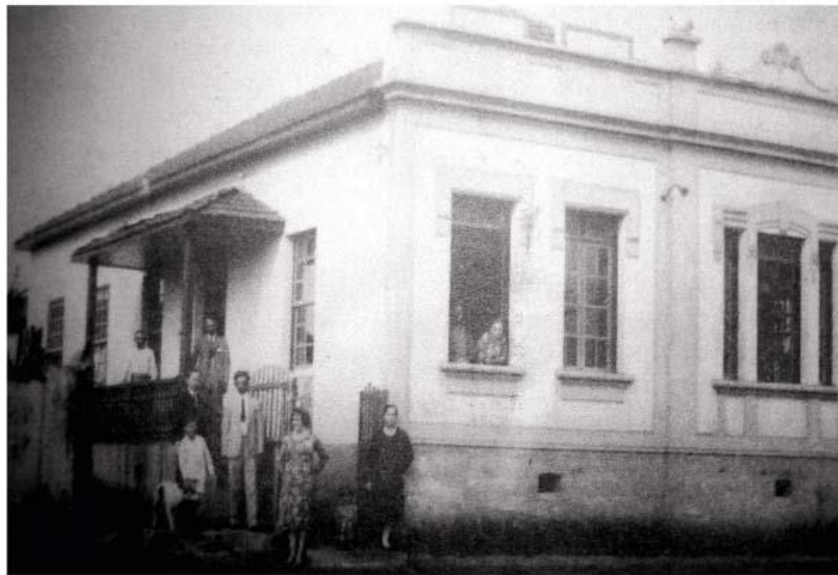
DEFINIDA DIRETRIZ PARA ANO 2000

O Conselho Diretor, que é composto por: presidente - José Roberto Coli; vice - José Roberto Rodrigues; 1o. tesoureiro - Valdir Lino Pulzato; 2o. tesoureiro - Sérgio Joaquim Castilho; 1o. secretário - Sérgio Grácia e 2a. secretária - Lucinéia Cuer Piloto, esteve reunido recentemente para traçar as diretrizes do Instituto para o ano 2000.

A ação terá três frentes: a) ampliação do quadro associativo, com ênfase no envolvimento de empresas parceiras de outros segmentos; b) celebração de parcerias com Escolas de idiomas, informática, música, pintura, natação, esportes; c) envolvimento de profissionais da área médica (dentistas, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos etc.) para atendimento das crianças e jovens carentes.

A par dessas diretrizes traçadas, é pensamento do Conselho Diretor ficar atento a todos os problemas que envolvam nossas crianças e adolescentes, para que o Instituto Pró-Criança, através de suas ações, seja o referencial para soluções conjuntas entre a Comunidade e o setor calçadista, no afã de preencher a lacuna perigosa da ociosidade, a que esses pequenos e inocentes seres estão submetidos, pela proibição legal de ingressarem antes de 16 anos, no mercado de trabalho.

1



Antes - fachada do prédio da primeira empresa de telefonia da cidade de Birigui trazida para a cidade por João Gualberto Cernak. Prédio construído em 1927 e restaurado entre 2004 e 2005 para receber o Instituto Pró-Criança de Birigui.



Depois - Sede do Instituto Pró-Criança de Birigui, Rua Roberto Clark, 470-A, Centro. Prédio restaurado pelo Sindicato Patronal que pertencia a primeira empresa de telefonia do município. Foram investidos R\$ 300 mil na restauração do prédio construído em 1927.

5.3 A INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO SINDICATO, A REALIZAÇÃO DA 1.ª FEICAL E DOAÇÃO DE 110 MIL PARES DE CALÇADOS AO PROGRAMA “FOME ZERO”

Entre 2001 e 2003, três acontecimentos importantes se destacaram: a inauguração na rua Roberto Clark, nº 460, da nova sede do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui; a organização e realização da 1ª Feira de Máquinas, Equipamentos e Componentes de Birigui (1º Feical) e colaboração das empresas do município com o programa “Fome Zero” do governo federal com a doação de 110 mil pares de calçados.



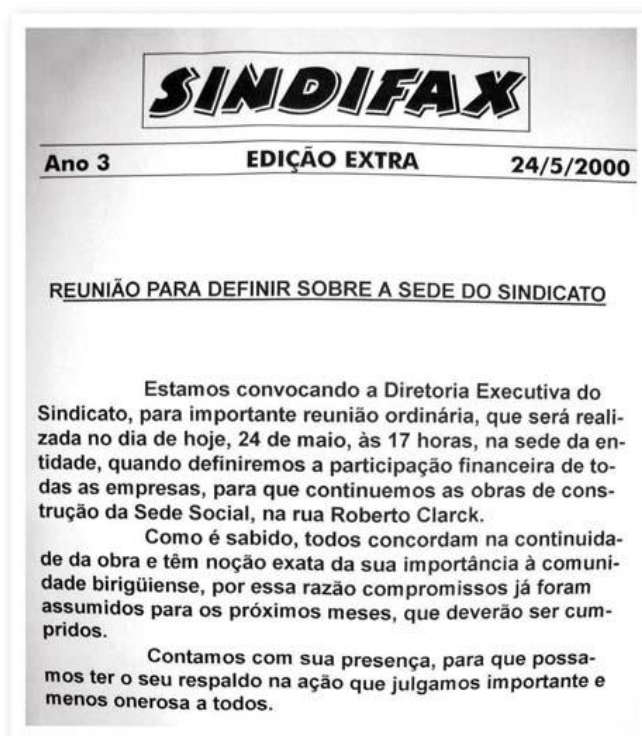
Instalações do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, inaugurada em 15 de dezembro de 2002. O prédio recebeu o nome do empresário Antônio Ramos de Assunção (Indústria e Comércio de Calçados Kiuty Ltda) pelo pioneirismo na formação da indústria do calçado infantil.

5.3.1 A inauguração da nova sede do Sindicato

O atual prédio do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui, localizado na rua Roberto Clark, nº 460, um marco da arquitetura moderna na cidade, teve sua história de construção iniciada no segundo semestre de 1998. Na época, decidiu-se pela construção de um prédio que pudesse abrigar a instituição e fornecer o atendimento necessário e adequado aos associados, pois a antiga sede localizada na rua Americana, nº 68, estava pequena para as necessidades da entidade. Além disso, a diretoria pensou em criar um espaço para concentrar os grandes eventos da cidade, pois o município precisava de uma estrutura adequada para esse tipo de atividade. Em decorrência da importância do projeto que tem dois mil metros de área construída e do custo da obra, aproximadamente, R\$ 1,5 milhões de reais, o Sindicato teve que realizar várias campanhas de arrecadação de recursos junto a classe empresarial durante a fase final da obra. O informativo SINDIFAX

publicou uma Edição Extra no dia 24 de maio de 2000, convocando a diretoria executiva do Sindicato para uma reunião extraordinária com o objetivo de discutir a construção da sede do Sindicato.

Estamos convocando a Diretoria Executiva do Sindicato para importante reunião extraordinária, que será realizada no dia de hoje, 24 de maio, às 17 horas, na sede da entidade, quando definiremos a participação financeira de todas as empresas, para que continuemos as obras de construção da Sede Social, na rua Roberto Clark. Como é sabido, todos concordam na continuidade da obra e tem noção exata da sua importância para a comunidade biriguiense, por essa razão, compromissos já foram assumidos para os próximos meses, que deverão ser cumpridos. Contamos com sua presença, para que possamos ter o seu respaldo na ação que julgamos importante e menos onerosa a todos (SINDIFAX edição extra, de 24 de maio de 2000).



Edição Extra do SINDIFAX publicada no dia 24 de maio de 2000, convocando a diretoria executiva do Sindicato para uma reunião.

Foi decidido na reunião realizada no dia 24 de maio de 2000 dividir em 100 quotas os recursos que estavam faltando para a finalização das obras do Sindicato. Dessa forma, as empresas e parceiros do segmento calçadista seriam contatadas para que efetuassem a aquisição de quotas. O informativo, nº 18 de 02 de junho de 2000, apresentou uma matéria intitulada “Campanha pela Sede Social”, explicando o início da campanha e os resultados alcançados.

Nesta quarta-feira foi desencadeada a Campanha para a continuidade das obras da Sede Social do Sindicato e todas as empresas visitadas aderiram, a saber: Fit-line (1 quota); Sameka Modas (1 quota); Marckstein (2 quota); K & B Representações (1 quota); Pe com Pé (2 quotas); Tiptoe (2 quotas); Couromoda (2 quotas); Vicalle (1 quota); All Free (1 quota). Até o final do mês todas as empresas e parceiros do segmento calçadista deverão ser contatados, possibilitando a continuidade das obras, para que o setor possa usufruir o mais rápido possível de um local que atenda a todas as suas necessidades (SINDIFAX nº 18, de 02 de junho de 2000).

Em pouco mais de 15 dias de campanha conseguiu-se atingir o número de 50 quotas, metade da meta estabelecida. Entre os dias 24 de junho e 06 de julho, o Sindicato encaminhou 30 correspondências aos principais fornecedores de matérias primas e componentes da indústria de calçados de Birigui, para que contribuíssem também com a campanha de arrecadação, adquirindo algumas quotas.

Na penúltima semana de agosto o Sindicato conseguiu atingir 90 quotas, ficando faltando somente 10 quotas. A ação foi bem sucedida, apesar da pouca participação de alguns fornecedores que não adquiriram as quotas a eles destinadas. Para que as 10 quotas restantes fossem adquiridas, a instituição deu continuidade a ação visitando novas empresas e parceiros do setor. No informativo SINDIFAX nº 35, de 29 de setembro de 2000, o Sindicato publicou a relação das empresas participantes da Campanha e as quotas adquiridas.

No decorrer dos meses seguintes a instituição conseguiu as 10 quotas que estavam faltando. Todavia, a construção do prédio foi terminada somente no ano de 2001. Sua inauguração ocorreu no dia 15 de dezembro de 2001. O prédio recebeu o nome de Antônio Ramos de Assumpção, em homenagem ao pioneirismo na instalação da indústria de calçados infantis em Birigui. No dia da inauguração, um jantar foi realizado na nova sede, estrelando o amplo e moderno salão que se tornou um espaço disputado na cidade para a realização de eventos a partir daquela data. O editorial do informativo SINDIFAX nº 41, de 09 de novembro de 2001, e, o artigo escrito por Nalberto Vedovotto intitulado “15 de dezembro – uma data histórica!” no informativo SINDIFAX nº 44, de

07 de dezembro de 2001, apresentam informações da importância da inauguração da sede do Sindicato Patronal, as características do prédio e o desenrolar de sua construção.

A diretoria já definiu a data para a inauguração da nova sede social – 15 de dezembro de 2001, às 10:00. Durante mais de duas décadas as diretorias da entidade usaram de toda a parcimônia no gerenciamento das contribuições, acumulando ao longo desse tempo, bens e caixa suficientes para estimular o início das obras, o que foi feito há quase quatro anos. Esse foi um sonho acalentado por todos os diretores que um dia tiveram o Sindicato sob sua responsabilidade, principalmente pela inexistência em nossa cidade, de um local à altura para concentrar os eventos principais da comunidade. Até mesmo a força maior que sempre mobilizou o setor – a realização de cursos e treinamentos – teve um período ocioso, pois nas avaliações dos participantes, nos finais desses encontros, a queixa era quase que unânime – “local inadequado para treinamento – muito quente, abafado, sujo, pequeno, disforme etc...”. E mais uma vez provou-se a liderança de nossa entidade, pois o vácuo aberto nessa área do conhecimento humano permanece, e aqueles que se aventurarem a preenchê-lo, não foram bem sucedidos ou demonstraram insensibilidade, alijando-se de suas realizações, como que se abrindo uma concorrência acirrada, nos moldes da “globalização econômica”, estariam ocupando irreversivelmente um espaço que foi por nos conquistado à custa de muita insistência, dissabores e teimosia. E vamos avisando os “navegantes” que temos muito interesse em transformar aquele espaço numa “universidade corporativa”, buscando profissionais dos mais variados campos da inteligência humana, para que possamos profissionalizar nossos empresários e colaboradores e, com isso, ampliar a cada dia nossa segurança empresarial, na abertura de mais oportunidade de trabalho à população. Pode não parecer, mas é uma realidade. A existência de um Sede que demonstre o poder financeiro de uma categoria, traz inúmeras vantagens a todos os empresários, pois representa a segurança nos negócios e a confiança que os parceiros (fornecedores, clientes, instituições de crédito, governo, etc) precisam no dia a dia. É uma obra que consumiu cerca de um milhão e quinhentos mil reais, com dois mil metros quadrados de área construída, em três pavimentos, com ar condicionado central no salão de eventos, que tem capacidade para 600 pessoas sentadas, além de mezanino e grande terraço externo. Foi pensado em tudo. Palco moderno com camarim, sala de áudio, cozinha de apoio, suíte e sala especial para cursos e treinamentos para 36 ocupantes, equipadas com TV, vídeo e telão.

Espaço para estudos pesquisas em publicações especializadas e vídeos, em salas próprias. Sala à disposição permanentemente dos associados, para que a utilizem da melhor forma possível (atendimento de clientes especiais, ou internacionais, fornecedores, representantes, etc.) O departamento jurídico estará atendendo em espaço próprio e diariamente. Informamos que todos os espaços internos são climatizados. Externamente foi projetado um espaço destinado ao lazer, com muito verde e churrasqueira, que se poderá utilizar nos finais da tarde, para uma maior aproximação entre os integrantes do segmento. Vale a pena visitar a sede antes da inauguração. É só ligar para o Marco Antônio Oliveira (Editoria do SINDIFAX nº 41, de 09 de novembro de 2001).

“15 de dezembro – uma data histórica!”

Se há uma coisa de que me orgulho, e tenho dito isso algumas vezes em público, é a proibidade com que todos os diretores do Sindicato, desde sua fundação, zelaram pelo dinheiro carreado por seus associados, em forma de mensalidade, contribuição assistencial ou sindical. E com isso, além de a entidade sempre procurar acompanhar a evolução do tempo, antecipando-se as mudanças bruscas, principalmente com o advento de “modismos” ou perenização de costumes – “internacionalização de capitais” -, por exemplo, foi ao longo desses 22 anos de existência, acumulando capitais e bens, com uma meta traçada lá atrás, de dar a Birigui um espaço alternativo, para a vazão de sua especialidade maior, que é a iniciativa privada, na geração crescente de empregos e rendas, representando em uma sede social, que passasse no futuro, a ser o espaço físico das mudanças sócio econômica e cultural do município. Depois de quarenta e seis meses de construção, no próximo sábado dia 15 de dezembro, acontecerá a cerimônia oficial de inauguração da sede social do Sindicato, com dois pavimentos, e mais de dois mil metros de área construída. Tudo já está sendo cuidadosamente preparado para o evento, desde o hasteamento das bandeiras nacional, paulista e do município, discurso dos diretores, descerramento das placas de inauguração, e do patrono do edifício, empresário Antônio Ramos de Assumpção, corte da fita simbólica e abertura à visitação pública de todas as dependências. Devidamente convidados, deverão se fazer presentes, presidentes da Abicalçados, Sindicatos da cidade de Franca, Jaú e São João Batista (SC), representantes da Fiesp, Ciesp, Sindicato dos Trabalhadores, autoridades

constituídas de Birigui – executivo, legislativo e judiciário; diretores das empresas calçadistas locais; fornecedores; responsáveis pela obra e outros. A maior esperança com a conquista desta sede social – sonho de mais de duas décadas, é a transformação daquele espaço, num polo de excelência profissional, uma verdadeira universidade corporativa, a levar periodicamente conhecimento aos empresários e seus colaboradores. Será um momento marcante na história do segmento calçadista e da cidade, pois se renovará a crença na indole desenvolvimentista de nossos empresários, que saindo do nada, construiu um setor que abriga um número representativo de mão de obra, assegurando-se a tranquilidade social, tão indispensável à vida em comunidade. No mesmo dia, às 21 horas, na sede social, acontecerá um jantar em homenagem ao empresário Antônio Ramos de Assumpção, cuja sede levará seu nome, por sua visão histórica em iniciar a fabricação do calçado infantil em nossa cidade. É como diz uma emissora, em todos os finais de ano: “Vem, que hoje a festa é sua, a festa é nossa!!! (artigo publicado por Nalberto de Milton Vedovotto no SINDIFAX nº 44, de 07 de dezembro de 2001).

SINDIFAX

ORGÃO OFICIAL DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO CALÇADO E VESTUÁRIO DE BIRIGUI

ANO 3 SEMANA DE 29 DE SETEMBRO A 5 DE OUTUBRO DE 2000 NÚMERO 35

OBRAS DA SEDE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Informações sobre a obra e o andamento das obras da sede social do Sindicato: 1-78 Lino

- 1- Zeneida Mouta
- 2- Benedito Eukelito
- 3- A. B. B.
- 4- T. A. B. B. B.
- 5- Carlos
- 6- Luciano, Marco e Sábulo
- 7- New Gas
- 8- Cosmética Daboli
- 9- Faça Nova
- 10- Suelma de Oliveira
- 11- Kati
- 12- Capela
- 13- Pires de Aguiar
- 14- Carmelita e Adão
- 15- Síndica
- 16- Eliana
- 17- 24.28. Airo
- 18- Pires
- 19- Francal
- 20- Antônio
- 21- Antônio
- 22- José Roberto
- 23- José Roberto
- 24- José Roberto
- 25- José Roberto
- 26- José Roberto
- 27- José Roberto
- 28- José Roberto
- 29- José Roberto
- 30- José Roberto
- 31- José Roberto
- 32- José Roberto
- 33- José Roberto
- 34- José Roberto
- 35- José Roberto
- 36- José Roberto
- 37- José Roberto
- 38- José Roberto
- 39- José Roberto
- 40- José Roberto
- 41- José Roberto
- 42- José Roberto
- 43- José Roberto
- 44- José Roberto
- 45- José Roberto
- 46- José Roberto
- 47- José Roberto
- 48- José Roberto
- 49- José Roberto
- 50- José Roberto
- 51- José Roberto
- 52- José Roberto
- 53- José Roberto
- 54- José Roberto
- 55- José Roberto
- 56- José Roberto
- 57- José Roberto
- 58- José Roberto
- 59- José Roberto
- 60- José Roberto
- 61- José Roberto
- 62- José Roberto
- 63- José Roberto
- 64- José Roberto
- 65- José Roberto
- 66- José Roberto
- 67- José Roberto
- 68- José Roberto
- 69- José Roberto
- 70- José Roberto
- 71- José Roberto
- 72- José Roberto
- 73- José Roberto
- 74- José Roberto
- 75- José Roberto
- 76- José Roberto
- 77- José Roberto
- 78- José Roberto
- 79- José Roberto
- 80- José Roberto
- 81- José Roberto
- 82- José Roberto
- 83- José Roberto
- 84- José Roberto
- 85- José Roberto
- 86- José Roberto
- 87- José Roberto
- 88- José Roberto
- 89- José Roberto
- 90- José Roberto
- 91- José Roberto
- 92- José Roberto
- 93- José Roberto
- 94- José Roberto
- 95- José Roberto
- 96- José Roberto
- 97- José Roberto
- 98- José Roberto
- 99- José Roberto
- 100- José Roberto

CONTRIBUIÇÃO ASSISTENCIAL

Todas as indústrias de calçados e confecção deverão receber até o dia 22 de setembro, na sede do nosso Sindicato, na rua Americana, 88, o valor correspondente a 1,75% da folha de pagamento total do mês de agosto/2000 (base e mehora que se utiliza para recolhimento de INSS), correspondentes à primeira parcela.

O não pagamento implicará multa de 10% mais 2% por mês de atraso, além de juros de 1% ao mês, conforme artigo 1º da Convenção Coletiva da Convenção Coletiva.

EMPRESA ADMITE

Empresas de nosso segmento está necessitando dos seguintes profissionais: Vigia noturno, para turno de 17 às 24 horas.

Off-Boy com destilatória e alguma conhecimentos em informática, idade mínima de 18 anos.

Qualquer indicação de interesse pode ser feita diretamente ao Nalberto, pelo telefone 642-2261.

No destaque, a relação das empresas participantes da Campanha de arrecadação de recursos para a construção da sede social da entidade. SINDIFAX nº 35 de 29 de setembro de 2000.

SINDIFAX

ORGÃO OFICIAL DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO CALÇADO E VESTUÁRIO DE BIRIGUI

ANO 4 SEMANA DE 7 A 14 DE DEZEMBRO DE 2001 NÚMERO 44

FRASE DA SEMANA

"O criador é como o corredor para quem, no ato de correr, a parte do percurso já vencida e a que se estende à sua frente são qualitativamente uma só"

Jacobs Levy Moreno

EDITORIAL

15 DE DEZEMBRO - UMA DATA HISTÓRICA!

Nalberto Vedovotto

Se há uma coisa de que me orgulho, e tenho dito nas algumas vezes em público, é a grandeza com que todos os diretores do Sindicato, desde sua fundação, zelaram pelo destino criado por seus associados, em forma de mensalidades, contribuição assistencial ou Sindical.

E com isso, além de a entidade sempre procurar acompanhar a evolução do tempo, arrendando-se às mudanças bruscas, principalmente com o advento do "modismo" ou permeação de costumes - "internacionalização de capitais", por exemplo, foi ao longo das vitas e dos anos de existência, acumulando capital e bens, com uma meta traçada maior que é a iniciativa privada, na geração crescente de empregos e rendas, representada em uma sede social, que passará no futuro, a ser o espaço físico das mudanças sócio-econômica e cultural do município.

Depois de quarenta e seis meses de construção, no próximo sábado, dia 15 de dezembro, acontecerá a cerimônia oficial de inauguração da sede social do Sindicato, com dois pavimentos, e mais de dois mil metros de área construída.

Tudo já está sendo cuidadosamente preparado para o evento, desde o hastear das bandeiras Nacional, Paulista e do município, discursos dos diretores, desceramento das placas de inauguração, e do patrono do edifício, empresário Antônio Ramos de Assumpção, corte da fita simbólica e abertura à visitação pública de todas as dependências.

Devidamente convidados, deverão se fazer presentes, presidentes da Abicalçados, Sindicatos das cidades de Franca, Jau e São João Batista-SC; representantes da FIESP, CIESP, Sindicato dos Trabalhadores, assistentes consultantes de Birigui - executivo, legislativo e judiciário; diretores das empresas calçadistas locais; fornecedores; responsáveis pela obra, entre outros.

A maior esperança com a conquista desta sede social - sonho de mais de duas décadas, é a transformação daquele espaço, num polo de excelência profissional, uma verdadeira universidade corporativa, a levar periodicamente conhecimentos aos empresários e seus colaboradores.

Será um momento marcante na história do segmento calçadista e da cidade, pois renovará-se a crença na indole desenvolvimentista de nossos empresários, que saindo do nada, construiu um setor que abriga um número representativo de mão-de-obra, assegurando-se a tranquilidade social, tão indispensável à vida em comunidade. No mesmo dia, às 21 horas, na sede social, acontecerá um jantar em homenagem ao empresário Antônio Ramos de Assumpção, cujo sede levará o seu nome, por sua visão histórica em iniciar a fabricação do calçado infantil em nossa cidade.

Este jantar será por sobremesa, e os convites são limitados, razão pela qual, apenas os prestes que forem interessados em participar, procurar reservar seu convite e mais rápido com a Cibulcia e Durazzo, pelo telefone: 642-2261.

É como diz uma emissora, em todos os finais de ano: "Vem, que hoje a festa é sua, a festa é nossa!!!"

Artigo escrito por Nalberto de Milton Vedovotto e publicado no SINDIFAX nº 44, de 07 de dezembro de 2001.

5.3.2 A 1.^a Feira de Máquinas, Equipamentos e Componentes de Birigui (1.^a Feical) e a participação das empresas no programa “Fome Zero”

A realização de uma exposição ou feira que pudesse inserir a cidade de Birigui no circuito anual nacional dos grandes eventos do setor calçadista brasileiro foi um objetivo e um sonho do setor calçadista ao longo da trajetória de desenvolvimento industrial. A primeira feira de expressão organizada na cidade aconteceu conforme foi apresentado no capítulo 2, em outubro de 1976 – I FICBI (Feira Industrial e Comercial de Birigui). Entretanto, houve pequena participação das empresas fazendo com que ela não se perpetuasse. Houve somente uma edição. Na década de 1980, em jornais da época, encontram-se várias reportagens comentando a necessidade de realização de uma feira na cidade. Muitos empresários opinavam pela realização de uma exposição. Todavia, nenhuma feira foi organizada nos anos 1980.

Na década de 1990, surgiu na segunda metade, em 1995, uma feira – a FIBI (Feirão das Indústrias de Birigui). Porém, sua característica era atender o público local. E, sua realização teve um objetivo emergencial, vender os calçados para desovar os estoques e poder fazer frente às dificuldade do período.

Nesse contexto, insere-se a I Feira de Máquinas, Equipamentos e Componentes de Birigui (1.^o Feical), realizada entre os dias 25 e 28 de setembro de 2003, no recinto de rodeio da cidade de Birigui. Tratava-se de uma feira de maior dimensão, quando comparada às anteriores, que atraiu 80 expositores e um público visitante de mais de 10 mil pessoas oriundas da cidade e de outros polos calçadistas brasileiros. Ressalte-se que, a Feical não foi uma feira com o foco na exposição de calçados, mas sim, foi pensada em termos de apresentação de inovações no setor de máquinas, equipamentos e componentes.



Logotipo da I Feira de Máquinas, Equipamentos e Componentes de Birigui (1.^o Feical) de 2003.

A Safra Eventos foi a organizadora da Feical em parceria com o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui; Prefeitura Municipal; Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (ABICALÇADOS); Associação Brasileira de Estilistas de Calçados e Afins (ABECA); Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas e Equipamentos para o Setor de Couro e Afins (ABRAMAQ); Associação Brasileira das Indústrias de Componentes para Couro e Calçados (ASSINTECAL); Centro Tecnológico do Couro, Calçados e Afins (CTCCA); Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp); Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp); Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE). O patrocínio da feira foi da Nossa Caixa.

Na edição especial da Revista Tecnicouro de setembro de 2003, alguns empresários da cidade de Birigui, opinaram sobre a realização da I Feical, conforme depoimentos a seguir:

A Feical surgiu para fortalecer relacionamentos e integrar calçadistas e fornecedores. É o reconhecimento dos fabricantes de máquinas e de componentes a um polo pujante como o de Birigui. Ela nasce com o status de maior feira regional de tecnologia e insumos do país, o que só vem a agregar a cidade (Carlos Alberto Mestriner – Klin Indústria e Comércio de Calçados Ltda).

A participação de 120 expositores é um bom termômetro da viabilidade do polo calçadista de Birigui. Por isso, vemos a Feical com a expectativa de abertura de novos horizontes para a cidade. A começar pela repercussão positiva que o polo vai ganhar na grande mídia. (José Luiz Fernandes – Indústria e Comércio de Calçados Tiptoe Ltda).

A Feical é mais uma conquista para Birigui e região. Um polo calçadista como o nosso há muito deveria ter sido agraciado com uma feira como a Feical. Espero que os fabricantes de máquinas, equipamentos e componentes deem a reciprocidade que nós, fabricantes de calçados, esperamos de nossos fornecedores. Ao prestigiarem o evento, estão confirmando a representatividade a que Birigui faz jus no setor calçadista. Afinal, a Capital Latino Americana de Calçados Infantis merece algo mais do que o simples status, merece realizar e ser prestigiada com os mais diversos eventos setoriais (Denilson Eckstein – Brink Indústria e Comércio de Calçados Ltda).

A Feical é mais um momento especial de um polo calçadista que se firma cada vez mais. Demonstra o interesse dos fornecedores em apresentar, “em nossa casa”, o que eles têm de mais moderno em tecnologia e equipamentos. Acredito que todos devam prestigiar o evento e conferir de perto o que ele apresenta (Ricardo Grácia – Kidy Indústria e Comércio de Calçados Ltda).

A realização da Feical é muito importante para o polo, pois importantes centros calçadistas já são contemplados com feiras de máquinas e componentes. Agora é a vez de Birigui ser agraciada com uma feira desse porte. São 120 expositores, o que comprova o apoio, o prestígio e o respeito por parte dos fornecedores para com as indústrias de Birigui (Wagner Aécio Poli – Pé com pé Indústria e Comércio de Calçados Ltda).

Em paralelo a realização da Feical, aberta no período vespertino, das 14h00 – 21h00, várias palestras foram desenvolvidas na sede do Sindicato Patronal, no período da manhã, tratando de temas de interesse para o setor calçadista: V Fórum de Design de materiais; Conforto para os pés e Abertura de Mercados.

Outro acontecimento importante ocorrido durante a realização da I Feical foi a realização de uma reunião mensal da Associação Brasileira das Indústrias do Calçados (Abicalçados) na cidade de Birigui no dia 26 de setembro. Foi a primeira vez na história da entidade que ela realizou uma reunião fora de sua sede em Novo Hamburgo (RS). Entre os assuntos tratados na reunião destacaram-se: a reforma tributária, matérias primas, ações juntos ao governo estadual e federal, mercado nacional e internacional, estratégia de exportação e participação em feiras no exterior. A cidade de Birigui foi representada na reunião pelos empresários: Carlos Alberto Mestrinir, José Roberto Colli e José Luiz Fernandes.

A I Feira de Máquinas, Equipamentos e Componentes de Birigui (1º Feical) de 2003 movimentou aproximadamente R\$ 12 milhões de reais em negócios e no ano seguinte, em 2004, uma nova feira foi realizada. Depois uma nova edição aconteceu em 2006. De 2007 em diante, os organizadores não conseguiram mais realizar a Feical, interrompendo o percurso iniciado em 2003.

Outro acontecimento desenrolado no segundo semestre de 2003, teve como protagonista principal o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI), que articulou os empresários da cidade para a realização de uma doação de 110 mil pares de calçados ao “Programa Fome Zero” do governo federal. A doação foi realizada durante uma audiência com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) em 21 de outubro de 2003.



Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI), Samir Nakad, durante audiência no Palácio do Planalto, em 21 de outubro de 2003. Na ocasião, a indústria de calçados de Birigui, por intermédio do SINBI, doou 110 mil pares de calçados ao programa "Fome Zero".

O “Programa Fome Zero” distribuiu os calçados no semi-árido nordestino em 16 municípios dos estados do Ceará, Paraíba, Piauí, Pernambuco e Sergipe. O volume de calçados, que equivale à carga de seis carretas, foi distribuído às famílias carentes por intermédio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). A Pastoral da Criança, que tinha o maior cadastro de crianças na faixa etária beneficiada pelas doações, fiscalizou a entrega dos calçados. Os 110 mil calçados totalizavam um valor de R\$ 2.750.000,00 (dois milhões e setecentos e cinquenta mil reais).



Presidente Luiz Inácio Lula da Silva acompanhado por sua esposa Marisa Leticia da Silva que estava segurando uma camisa do Bandeira Esporte Club que recebeu de presente dos empresários de Birigui que estiveram com o Presidente da República.

5.4 A FORMAÇÃO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL) DE BIRIGUI

Em 2006, foi iniciado o projeto “Arranjo Produtivo Local (APL)”, com o objetivo de fortalecer a competitividade das empresas calçadistas de Birigui. O projeto foi desenvolvido pelo SINBI e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-SP). O investimento realizado totalizou R\$ 3 milhões de reais, com a participação de 30 empresas. Entre as metas do projeto destacam-se: aumentar em 10% o volume de pares comercializados, em 6% a lucratividade, expandir o volume de pares exportados em 4% e reduzir o custo da produção em 5%. Para atingir os objetivos do projeto, foram realizadas nas empresas participantes, consultorias em áreas diversas como gestão, produção, acesso a mercado e exportação. No balanço do primeiro ano do projeto “Arranjo Produtivo Local (APL)” realizado em 03 de outubro de 2007, os gestores do projeto apresentaram números indicando que todos os objetivos foram atingidos. O desempenho do APL de Birigui serviu, inclusive, de modelo para outros APLs do Estado de São Paulo.



José Roberto Colli, presidente do SINBI, Ricardo Espinosa Covelo, diretor do SEBRAE-SP região de Araçatuba, e Sônia Almeida, da APL do Couro e Calçado durante reunião em que foi realizado um balanço do primeiro ano de atividades do APL de Birigui, em 03 de outubro de 2007.

5.5 EVENTOS E ACONTECIMENTOS: A FANTÁSTICA FÁBRICA DE SAPATINHO E O BRINCA BIRIGUI

Em 2007, dois eventos importantes foram realizados pelas empresas de Birigui e articulados pelo SINBI: a Fantástica Fábrica de Sapatinhos e o Brinca Birigui. Outro projeto importante desenvolvido em 2007 foi a inauguração do Museu Virtual do Calçado de Birigui.

A Fantástica Fábrica de Sapatinhos foi o título da fábrica temática realizada na 34ª Couromoda de 2007 (um grande sucesso de público e uma inovação em relação às feiras anteriores). O objetivo do projeto era apresentar os mais modernos processos, materiais e equipamentos para produção de calçados infantis.

O projeto foi desenvolvido tendo como parceiros a Couromoda, o Instituto Brasileiro de Tecnologia do Couro, Calçado e Artefatos (IBTeC) e o polo calçadista de Birigui representado pelo Sindicato das Indústrias do Calçados e Vestuário de Birigui (SINBI). Numa área de 744 metros quadrados, dentro da feira, aproximadamente 150 empresas fornecedoras de tecnologia, componentes, matérias primas e insumos para produção de calçados operaram uma fábrica modelo de sapatos infantis, ambientada num cenário inspirado no filme “A Fantástica Fábrica de Chocolates”.



Logotipo da Fantástica Fábrica de Sapatinhos



Interior da Fantástica Fábrica de Sapatinhos



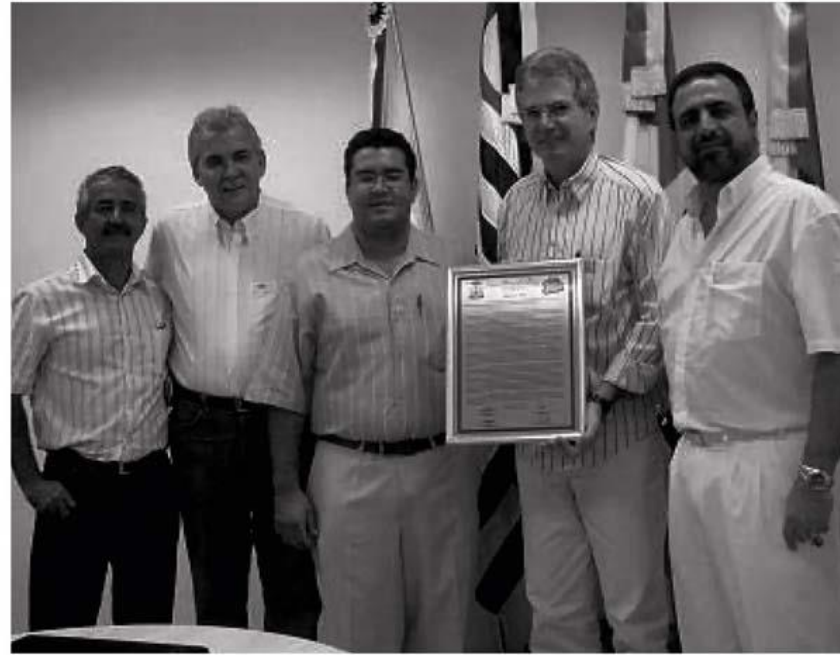
Interior da Fantástica Fábrica de Sapatinhos

Além de mostrar os processos de produção e novos modelos de sapatinhos para a garotada, a fábrica temática valorizou as inovações e investimentos em qualidade e em responsabilidade ambiental que estavam sendo feitos pela indústria brasileira de calçados e artefatos.



Entrada e interior da Fantástica Fábrica de Sapatinhos, projeto desenvolvido pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI) em parceria com a Couromoda e o Instituto Brasileiro de Tecnologia do Couro, Calçado e Artefatos (IBTeC) durante a realização da 34ª Couromoda.

Em decorrência do trabalho desenvolvido pelo SINBI durante a realização da 34ª Francal, com a realização do projeto “A Fantástica Fábrica de Sapatinhos”, o vereador Pedro Barbosa de Souza apresentou uma Moção de Congratulação para a instituição. A Moção foi aprovada no mês de fevereiro de 2007, e entregue pessoalmente pelo vereador, acompanhado da Mesa Diretora do Legislativo.



Entrega da Moção de Congratulação apresentada pelo vereador Pedro Barbosa de Souza em relação ao trabalho desenvolvido pelo SINBI durante a realização do projeto "A Fantástica Fábrica de Sapatinhos" durante a 34ª Couromoda. Da esquerda para a direita: Pedro Barbosa de Souza (vereador e segundo secretário da mesa diretora da Câmara Municipal de Birigui do biênio 2007-2008); Antônio Roberto Gonçalves (vereador e primeiro secretário da mesa diretora da Câmara Municipal de Birigui do biênio 2007-2008); prof. Marco Aurélio Barbosa de Souza; José Roberto Colli (Presidente do SINBI - biênio 2006-2007) e Elias Antônio Neto (vereador e presidente da Câmara Municipal de Birigui do biênio 2007-2008).

Outro evento importante desenvolvido em 2007 foi o Brinca Birigui. O objetivo do projeto foi realizar um grande evento na cidade para comemorar o dia das crianças, oferecendo momentos de diversão e entretenimento para aproximadamente 15 mil crianças da cidade. O projeto teve um investimento de R\$ 80 mil reais e envolveu cerca de 300 pessoas e 160 voluntários por dia. O Brinca Birigui foi realizado entre os dias 12 e 14 de outubro no Recinto de Rodeio Espora de Ouro das 08h30min às 14h00min. Entre as atividades destacam-se a instalação de 21 brinquedos infláveis e a realização de gincanas, oficinas educativas e apresentações culturais de canto, dança, instrumentos musicais e bandas. Os participantes receberam também informações de cidadania, meio ambiente e reciclagem. Em 2008, o 2º Brinca Birigui foi realizado com o mesmo sucesso do ano anterior.



Lançamento do “Brinca Birigui” no dia 05 de outubro de 2007 na sede do Sindicato das Indústrias de Calçados e Vestuários de Birigui (SINBI)



Brinca Birigui, 2007.

5.6 PRESERVAÇÃO HISTÓRICA: O MUSEU VIRTUAL DO CALÇADO DE BIRIGUI

Em 2007, o Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI) deu início a um projeto amplo com o objetivo de resgatar e preservar a história e a memória da indústria calçadista da cidade de Birigui. Para realização desse objetivo foi desenvolvido o Museu Virtual do Calçado de Birigui, trabalho que demandou uma pesquisa de grande envergadura realizada ao longo

do ano de 2007. A pesquisa e a redação dos textos que compõem o acervo do Museu Virtual foram realizadas pelo prof. Marco Aurélio Barbosa de Souza e pela pesquisadora Lucimari Gomes Correia Barbosa.



Prof. Marco Aurélio Barbosa de Souza e sua esposa (pesquisadora) Lucimari Gomes Correia Barbosa.

O Museu foi lançado no dia 26 de outubro de 2007. No site do Museu é possível encontrar informações históricas do setor, estatísticas, trajetórias de empresas, biografia de personalidades, curiosidades, recortes de jornais locais e nacionais, entrevistas em áudio e vídeo, vídeos institucionais de empresas e fotos e imagens diversas que apresentam a história e a trajetória do polo calçadista da cidade de Birigui. As informações estão distribuídas em dois grandes eixos: o acervo permanente e o acervo temporário. O Museu Virtual do Calçado pode acessado pelo endereço www.museubirigui.com.br.



Logotipo desenvolvido para o Museu Virtual do Calçado de Birigui

O esforço inicial de levantamento da história da indústria foi extremamente importante para a reconstrução da memória do setor. Destaca-se, também, que a pesquisa colaborou para resgatar elementos que posteriormente podem contribuir para a formação do acervo do Museu físico do Calçado de Birigui (um sonho presente na comunidade biriguiense). No site do Museu há a seguinte mensagem escrita pelo empresário José Roberto Colli (Presidente do SINBI na época de desenvolvimento do Museu e um dos idealizadores do projeto).

MUSEU DO CALÇADO DE BIRIGUI RESGATE DA HISTÓRIA

Birigui é a Capital Brasileira do Calçado Infantil e há quase 50 anos o calçado tem movimentado e gerado desenvolvimento para a cidade. Depois de tantos anos de presença marcante, a indústria calçadista de Birigui ganha um aliado para resgatar sua história e contar a todos os biriguienses e interessados como ela nasceu e cresceu.

O Museu Virtual do Calçado é a ferramenta que vai conservar viva a história de Birigui e do setor calçadista, disponibilizando para a população todas as fases do desenvolvimento da cidade. Esquecer-se da história é ignorar todo o trabalho, as dificuldades e as conquistas que pessoas de coragem tiveram para que toda uma cidade chegasse aos patamares em que se encontra nos dias atuais.

A proposta do Sinbi com a criação do Museu Virtual é exatamente resgatar a história do calçado em Birigui e homenagear essas pessoas que empenharam suas vidas para levantar essa indústria de calçados infantis, que hoje é a maior do país e responsável por mais da metade da produção deste segmento.

Graças ao trabalho e dedicação dos pioneiros da indústria calçadista de Birigui, a cidade pode chegar a ser hoje referência na fabricação, nas ações de responsabilidade social, e na união de sua governança, sempre engajada na busca pelas melhores condições de desenvolvimento da população. Esses homens também encorajaram novos empresários, que se lançaram ao desafio de fabricar calçados infantis e ainda se lançam até os dias de hoje.

A proposta do Museu é perpetuar a vocação calçadista de Birigui, mostrando para a atual geração e para as vindouras o ofício do calçado, a garra dos calçadistas de Birigui e suas conquistas (José Roberto Colli)

MUSEU BIRIGUI

O MUSEU ACERVO VIRTUAL GLOSSÁRIO CURIOSIDADES DOWNLOADS CONTRIBUA COM O MUSEU FALE CONOSCO

ACERVO TEMPORÁRIO

- Out/2007 - O primeiro Centro de Treinamento de mão-de-obra da indústria calçadista de Birigui...
- Out/2007 - Ano de 1986: Plano cruzado e crescimento industrial em um ano muito adverso....
- Out/2007 - A inserção internacional da indústria calçadista de Birigui nos anos 70....
- Out/2007 - A indústria de calçados da cidade de Birigui em 1971....

VER TODAS AS NOTÍCIAS (+)

SUA LINHA DO TEMPO

1940 1950 1960 1970 1980 1990 2000

PERSONALIDADES

Raul Melhano Rahal
Nasceu em Libano, na cidade de Judadet Marjeun, aos 18 de abril de 1914, filho do casal Melhanna Rahal e Aníse Cury Rahal...

HISTÓRIA EMPRESARIAL

Indústria de Calçados Sameka (1979)
A Sameka Modas sociedade formada por Joana Travelsin, Néscio G. Sanchez e Youssef Hakad foi fundada em 1979, direcionada...

LEIA (+)

Site do Museu Virtual do Calçado de Birigui (www.museubirigui.com.br).

MUSEU BIRIGUI

O MUSEU ACERVO VIRTUAL GLOSSÁRIO CURIOSIDADES DOWNLOADS CONTRIBUA COM O MUSEU FALE CONOSCO

acervo

SUA LINHA DO TEMPO

1940 1950 1960 1970 1980 1990 2000

FATOS HISTÓRICOS, EVENTOS, PERSONALIDADES E AS PRINCIPAIS INDÚSTRIAS

Lista das Indústrias
Lista de Personalidades

Buscar por: Categoria Banco de Dados

década de 1940 - Veja todas as indústrias e personalidades da década de 40

INDÚSTRIAS

- 1947 - Indústria de Calçados Birigulense

PERSONALIDADES

- Araki Bedouan

década de 1950 - Veja todas as indústrias e personalidades da década de 50

INDÚSTRIAS

- 1958 - Indústria de Calçados Ramos B Assumpção
- 1959 - Indústria de Calçados Poni

PERSONALIDADES

- Gláucio Eurico Fiorotto
- Francisco Ramos de Assumpção
- João Euphrasio Fiorotto
- Antônio Ramos de Assumpção

década de 1960 - Veja todas as indústrias e personalidades da década de 60

Acervo Virtual

Para o lançamento do Museu, que ocorreu na semana do sapateiro (2007), foi preparada uma exposição com imagens históricas, calçados e máquinas antigas resgatadas durante a pesquisa.



Fotos da exposição aberta ao público durante a semana do sapateiro em outubro de 2007, dedicada ao lançamento do Museu Virtual do Calçado de Birigui. No destaque, exposição de calçados antigos e os painéis com imagens históricas coletadas durante a realização da pesquisa para o Museu.

CAPÍTULO I

O PIONEIRO*Avak Bedouian e a Indústria de Calçado Birigüense (1947).*

Imigrante turco e um dos pioneiros na fabricação de calçados em Birigüi, Avak, natural da cidade de Adnan (Turquia) na companhia dos pais, chegou ao Brasil aos quinze anos de idade, instalando-se em São Paulo. Inicialmente, talvez influenciado pelo ofício do pai, que era sapateiro, o jovem garoto dedicou-se as entregas das encomendas de sapatos confeccionados pelo progenitor.



Avak Bedouian

Depois de três anos no Brasil, os pais retornaram ao país de origem, deixando em nosso país aquele que anos mais tarde seria um dos precursores na fabricação e desenvolvimento calçadista de Birigüi. Coincidência ou destino, Avak se casou em 1944 com Sirvat Pirikyan, nascida na mesma cidade e país que ele e, na ocasião, também residente em São Paulo. Só dois anos após o casamento, com os pais da esposa, já residentes no interior paulista (Birigüi), eles vieram residir e montar negócio em Birigüi. E, assim, Avak após sua chegada na cidade interiorana, alugou um local para estabelecer seu negócio e, no ano de 1947, marco histórico para a cidade de Birigüi, montou a primeira "Empresa de Calçados de Birigüi", denominada Indústria de Calçados Birigüense.

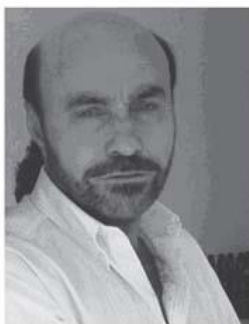
No início, a empresa contava com apenas 10 empregados, o que rendia uma produção de 45 pares de sapatos masculinos por dia, nas duas cores usuais e tradicionais: preto e marrom. A Calçados Birigüense produziu até 1963, ano em que Avak regressou a São Paulo. Contudo, seu retorno a Birigüi aconteceu em 1968 e reabriu o negócio calçadista, com uma nova denominação "**Calçados Avak Bedouian**". A empresa iniciou produzindo 80 pares diários de calçados masculinos e por meio do trabalho, experiência e conhecimento de Avak, logo passou para uma produção de 300 pares/dia, época em que empregava 31 trabalhadores. Foi nos 66 anos, no dia 18 de novembro de 1979, que faleceu o homem que iniciou sua história de vida em 1913, deixando a herança do aprendizado e o limiar do desenvolvimento calçadista de Birigüi.

CAPÍTULO II

OS PIONEIROS NA FABRICAÇÃO DE CALÇADOS INFANTIS

*Antonio Ramos de Assumpção,
Francisco Assumpção e a empresa -
Ramos & Assumpção (1958).*

O pioneirismo dos irmãos Assumpção foi além da fabricação de calçados em geral. Inovaram o mercado, confeccionando calçados em um segmento até então pouco explorado: Os Calçados Infantis.



Antônio Ramos de Assumpção



Fachada da empresa Fiorotto & Assumpção

Mas a descoberta da vocação de Birigüi na produção dos calçados infantis foi visualizada após um processo de trabalho árduo de seus precursores, os irmãos Assumpção, até a consolidação do ideal, ocorrida em 1958, ano em que se instalou em Birigüi, a primeira empresa produtora de calçados infantis, a "Ramos e Assumpção", com uma produção de 20 pares diários e cuja modelagem variava entre os números 18 a 28 (tanto masculino quanto feminino). E a trajetória bem sucedida de Antônio Ramos de Assumpção, um birigüense nascido no ano da Revolução Constitucionalista (1932), iniciou-se como a de muitos empresários que vieram, com dificuldades, mas muita persistência. Após residir na pequena Gabriel Monteiro, Antônio Ramos de Assumpção aprendeu o ofício de sapateiro, e voltou a Birigüi, no início da década de 30, vindo a trabalhar na Selaria e Sapataria da família Tokunaga. Pouco tempo depois, ele ingressou na **Indústria de Calçados Birigüense** de Avak Bedouian, por um curto período. Depois da saída da empresa de Avak, desempregado, e com dificuldades de encontrar emprego em Birigüi mudou-se com seu irmão Francisco para a cidade de São Paulo e adquiriu os primeiros

conhecimentos em calçados infantis, trabalhando com imigrantes italianos. E foi em São Paulo que os irmãos Assumpção detectaram a carência em relação a produção de calçados infantis, pois as regiões produtoras de calçados no Brasil eram especializadas em outros tipos de calçados: Franca (SP) masculinos, Jaú (SP) e o Estado do Rio Grande do Sul, femininos.

Mas a empresa Ramos & Assumpção, entre 1959 e o início dos anos 60, começou um processo de desligamento e incorporações de sócios, cite-se a associação com os Fiorotto (Giacomo Eurico e João Euphrásio), fato que modificou a denominação da empresa para Fiorotto & Assumpção. Entretanto, ressalta-se que tais modificações as quais se seguiram num futuro deram origem às empresas **Popi** e a Indústria de **Calçados Rassum**.

A história de Antônio Ramos de Assumpção envolve não somente a descoberta da principal vocação de Birigüi com a produção de Calçados Infantis, mas é a história que serviu e servirá de paradigma para tantas outras relacionadas à formação e consolidação de empresas e empresários birigüenses que vieram depois.

CAPÍTULO III

OS PRIMEIROS PASSOS

João Euphrásio Fiorotto, Giácomo Eurico Fiorotto e a Indústria de Calçados Popi (1959).

Decorrente de um desdobramento inicial da associação com Antônio Ramos Assumpção, os Fiorottos ousaram e desenvolveram uma das maiores empresas de calçados do Brasil na época: a Calçados Popi.



Os primeiros passos da Calçados Popi ocorreram pelo trabalho e dinamismo de João Fiorotto. Cidadão Birigüense por um título recebido em 1985, e natural de Coroados (SP), em conjunto com seu pai, construiu em pouco tempo uma das marcas mais famosas e sólidas do mercado calçadista brasileiro.

Os dados comprovam seu notável desenvolvimento. Já mais estável e consolidada, no ano de 1962, chega a produzir 200 pares por dia e, em menos de 10 anos, passa para 850 pares, atingindo, em 1985, uma produção de 20.000 pares de calçados diários. Nesse período, anos 80, a Calçados Popi estava entre as 20 maiores empresas de calçados do Brasil.

Ao longo de sua história, várias mudanças societárias ocorreram na empresa, alterando sua razão social. Em 1961, Giácomo Eurico Fiorotto ingressou na sociedade, e no mesmo ano, saiu Antônio Ramos Assumpção. No ano de 1963, a empresa mudou sua razão social para Ind. de Calçados Fiorotto Ltda.

Pouco tempo depois, altera novamente seu nome para Popi Indústria e Comércio de Calçados, pois Popi era a marca dos calçados produzidos pela empresa. Em 1969, Francisco Ramos Assumpção, deixou a sociedade, fato que tornou a empresa a partir de então uma sociedade familiar. Entre o final da década de 70 e começo dos anos 80, ocorrem as últimas mudanças na empresa, com a incorporação de Mércia D. Petean Fiorotto e Henrique Fiorotto, esposa e irmão de João Fiorotto. Com o falecimento do senhor Giácomo Fiorotto, em 1980, ingressa na empresa João Fiorotto Júnior,

filho de João Fiorotto.

Toda essa admirável trajetória de êxito e desenvolvimento marcou gerações de crianças que guardaram em suas memórias os produtos da Popi, imortalizando personagens desenvolvidas pela empresa, como o bonequinho de sapatos grandes, mãos no bolso e sorriso cativante, um símbolo de sucesso da empresa e ainda o famoso tênis Aero Jump, lançado em 1992.

Seus produtos não ficaram restritos ao mercado interno, romperam fronteiras e chegaram ao mercado internacional, com distribuições permanentes e estratégias claras de conquista e manutenção do mercado externo por meio da fixação de um depósito de distribuição em Miami e a formação de uma equipe de vendas para o mercado dos EUA. O trabalho dos Fiorottos não se restringiu a produzir calçados. Seu amor pela cidade e a consciência social da família, fizeram da Calçados Popi um marco na implementação de projetos sociais no município. Fruto dessa consciência e da vontade de ajudar firmaram o primeiro convênio com o poder público municipal, auxiliando e contribuindo mensalmente para amenizar o problema da falta de vagas em creches no município. Além de seus famosos produtos, a Popi se destacou no ramo de entretenimento pela famosa escola de samba – Unidos da Popi, um marco da época áurea do carnaval em Birigü.

Os Fiorotto e a Popi produziram mais que calçados – produziram sonhos. Sua história encontra-se registrada e imortalizada na memória da indústria brasileira.

CAPÍTULO IV

DÉCADA DE 60: OS PRIMEIROS PASSOS

*Antônio Ramos de Assumpção,
Raif M. Rahal e a Indústria de
Calçados Rassum (Kiuty) – 1962.*

A Rassum, resultado da sociedade entre Antônio Ramos de Assumpção e Raif M. Rahal marca o início da histórica produção infantil birigüense. De um negócio com apenas objetivos e expectativas de crescimento, a Rassum tornou-se em cinco anos sinônimo de desenvolvimento.



Antônio Ramos
de Assumpção



Raif M. Rahal



Fachada
da Rassum
em 1962

Vista aérea da
Calçados Kiuty
em 2002

E os dados demonstram que, com uma produção inicialmente alicerçada em 48.000 pares de calçados infantis registrado no ano de 1962, salta em uma progressão surpreendente para 484.000 pares no ano de 1972.

Isso demonstra duas vocações: de Birigüi quanto a abrigar com destaque a Indústria de Calçado do segmento Infantil e a de Antônio Ramos de Assumpção, pela capacidade empreendedora nata e contagiante. Tanto que o sucesso empreendedor da Rassum (hoje Kiuty) se prolonga por mais de quatro décadas.

A grande notável Rassum, pela primeira vez colocou Birigüi na condição de cidade exportadora de calçados no ano de 1971, enviando uma remessa com cerca de 50 mil pares de calçados para países como Estados Unidos e Canadá.

Projeta-se o início da conquista e desbravamento não somente do interior brasileiro mas do mercado exterior, apresentando a vocação birigüense ao mundo.

Outro destaque importante foi a diversificação da produção ocorrida na empresa ao longo de sua história. Além da produção do segmento infantil, por meio da linha infantil Kiuty, criou-se uma linha para adultos – masculino e feminino (Cavalo Branco e Anay) e outra jovem (Biribol Sport e Straijk).

A trajetória de expansão da Rassum mantém-se na década de 80, época em que a empresa chegou a produzir 40.000 pares de calçados por dia, empregando cerca de 1700 pessoas, fato que elevou a empresa a uma posição de destaque, situando-a

entre uma das dez maiores empresas de calçados do Brasil.

Contudo a história empresarial de Antônio Ramos de Assumpção, assim como os de seus calçados birigüenses que calçaram os pés de várias gerações, sempre estiveram em movimento e mudanças.

E em 1986, um novo caminho foi seguido por Assumpção, que adquiriu a parte pertencente a seu sócio Raif, na empresa, gerando e criando uma nova denominação para a bem sucedida Rassum. A Empresa Rassum que produziu os calçados da linha infantil Kiuty encerrou a trajetória de um nome e de uma marca de sucesso, em 1986.

Mas tudo o que é bom não se perde nem se encerra, e sim se transforma. Eis que surge a Kiuty, a nova denominação substitutiva da anterior, sendo derivada da geração de uma linha de produção da própria Rassum.

Porém, o desafio com a nova denominação foi vencido, tanto que no ano de 1988, Antônio Ramos de Assumpção recebeu o título de Industrial do Ano, concedido pelo Jornal Exclusivo e pela Revista Lançamento.

E, de 1988 à atualidade a Kiuty vem mantendo uma trajetória sólida de desenvolvimento constante, alicerçada no trabalho de seus colaboradores e, principalmente, na união da família Assumpção em torno de um projeto que vai além de um negócio empresarial, no amor ao trabalho, na superação constante e na esperança de um futuro melhor.

Seu Raif, companheiro de longa jornada, tem hoje seu nome eternizado no distrito industrial Raif M. Rahal.

CAPÍTULO V

DÉCADA DE 60: OS PRIMEIROS PASSOS

Alceu Tossato, Jovino Pacheli e a Indústria de Calçados Sandra (1962).

Inicia-se em 1962, a Calçados Sandra, símbolo da produção de calçados femininos em Birigüi entre os anos 60 a 80 e uma das primeiras empresas exportadoras do município.



Alceu Tossato



Fachada da Calçados Sandra



Jovino Pacheli



4ª Exportação de Calçados para o Canadá

Formada pelos sócios Alceu Tossato e Jovino Pacheli, a Calçados Sandra começou com seis empregados e uma produção diária de 40 pares. A escolha da produção de calçados femininos foi fruto da experiência do sócio Jovino Pacheli, que foi sapateiro nos anos 50 e havia instalado uma empresa dedicada à produção de calçados femininos, em 1960, a **Calçados Ipiranga**. Já Alceu Tossato, se inclinou à produção de calçados devido a experiência vivenciada anteriormente, quando foi funcionário da Calçados Ipiranga. Entretanto, além do intuito comum de produzir, outro laço ligava os destinos de Tossato e Pacheli, o parentesco, pois eram cunhados.

De um início modesto, a empresa foi se desenvolvendo e, em 1965, empregava 44 trabalhadores conseguindo atingir uma produção anual de 44.000 pares. Em 1968, Jovino Pacheli se desligou da sociedade. E de imediato criou uma outra empresa: a **Calçados Ysbel**, com a mesma especialidade:

calçados femininos. O desligamento de Pacheli não significou o fim da Calçados Sandra, vez que Alceu Tossato continuou com as atividades.

Nos anos 70, a Calçados Sandra, se destaca como uma das primeiras empresas de Birigüi a exportar. Fato que ocorre em 1972, com o envio de 10.800 pares de calçados femininos para o Canadá. Recebendo amplo destaque do jornal Folha da Região de Araçatuba no dia 22/10/1972. A empresa realizou cerca de 18 remessas de calçados para os EUA e Canadá, com aproximadamente 15.000 pares em cada lote. Na década de 70, a Calçados Sandra tem sua denominação alterada para **Calçados Tossatti**.

Em meados dos anos 80, a conhecida Calçados Sandra agora já como Calçados Tossatti, encerrou suas atividades, finalizando um ciclo, mas imortalizando um objetivo: o trabalho constante e a luta para uma produção que foi além de calçados, mas de um ideal.

CAPÍTULO VI

DÉCADA DE 60: OS PRIMEIROS PASSOS

*Antônio Liranço, Antônio Osmar Taschin,
Dr. Sérgio Augusto Clark Xavier Soares e a
Indústria de Calçados Bical (1965).*

Entusiasmados pelo germe da vocação birigüense na fabricação de calçados infantis, reuniu-se no ano de 1965, um grupo com um mesmo propósito, composto por: Dr. Sérgio Augusto Clark Xavier Soares, médico, Manoel Ibanhez, gerente de banco e João Sanches Ortega, proprietário de construtora, formando a Birigüi Calçados (Bical).



**Dr. Sérgio
Augusto Clark
Xavier Soares**



**Antônio Osmar Taschin
e Antônio Liranço**



**Fachada da Calçados
Bical em 1970**

Em um prédio alugado, com pouco mais de 20 operários e uma produção inicial de 100 pares diários de calçados infantis, iniciava-se em janeiro de 1966, a trajetória de uma das três maiores empresas de calçados de Birigüi. Entre 1966 e 1970, a empresa experimentou alguns desdobramentos com ingressos e saídas de sócios. Assim, de sua formação inicial, somente Dr. Sérgio permaneceu sem deslocamentos. Pouco tempo depois, Dr. Sérgio convidou os dois Antônio: Antônio Osmar Taschin e Antônio Liranço, a ingressarem como novos sócios da Bical.

O birigüense Osmar Taschin que desde menino exerceu atividades relacionadas à indústria de calçados aprendeu o ofício de sapateiro ainda menino, na cidade de interiorana de Piacatu/SP. Mudando-se para Birigüi, trabalhou na Sapataria Marcelino, de Sussumo Kamikoga, na **Indústria de Calçado Birigüense** de Avak Bedouian e na **Calçados Popi**.

Já, Antônio Liranço, Araçatubense, ante do contato com os calçados, exerceu várias atividades trabalhando no Bar do Senhor Vitor Giampietro, em uma oficina mecânica e no Instituto Noroeste. Contudo, seu primeiro contato com a indústria de calçados foi como auxiliar de escritório na **Rassum**, hoje Kiuty.

Após os ajustes societários, a empresa experimentou um rápido crescimento solidificando-se no mercado brasileiro e, em 1977, já contava com 200 trabalhadores, produzindo diariamente 1.500 pares de calçados infantis, época em que iniciou as primeiras exportações.

Ao completar 20 anos, em 1985, sua produção chegou a 9.000 pares diários confeccionados por 800 trabalhadores, época na qual a empresa encontrava-se classificada entre as 100 maiores produtoras de calçados do Brasil.

Nos anos 80, Silas Ibanhez Soares, filho do Dr. Sérgio, ingressou na sociedade e posteriormente seu outro filho, Saulo Ibanhez Soares, também ingressou na empresa. Atualmente, a Bical é uma empresa administrada pela família de Sérgio Augusto Clark Xavier Soares, marca de uma união familiar.

Dos anos 90 a atualidade, inúmeras transformações aconteceram na empresa e diversos obstáculos foram ultrapassados. Entretanto, a solidificação da marca Bical no mercado brasileiro, o trabalho constante de seus colaboradores e a história de vida e de desenvolvimento da empresa (a segunda mais antiga da cidade) assegura a permanência da Bical como um dos pilares da história e de um contínuo sucesso empresarial birigüense.

CAPÍTULO VII

DÉCADA DE 60: OS PRIMEIROS PASSOS

Geraldo Migliorine, José Pulzatto, Salim Mustafá e a Indústria de Calçados Raquete e a Indústria de Calçados Raquete (Ortofino) - 1966.

Raquete, um famoso lago de Birigüi, próximo ao centro da cidade, foi o nome escolhido para denominar a empresa de três desbravadores e também pioneiros da industrialização: Salim Mustafá, Geraldo Migliorine e José Pulzatto.



Da esquerda para a direita em pé: Geraldo Migliorine, Salim Mustafá e José Pulzatto



Fachada da Calçados Raquete na década de 60

Imigrante da cidade de Kofrak na Palestina, com pouco mais de 20 anos de idade e com US\$ 60 dólares no bolso, chegou ao Brasil, em 1952, Salim Mustafá, único "filho homem" de uma tradicional família palestina, vez que tinha outros filhos (mulheres). Iniciava a trajetória de um jovem que imigrou para o Brasil para "vencer na vida" e que tempos depois veio a exercer um papel importante no desenvolvimento de Birigüi. Seu primeiro emprego foi como mascate, ou ambulante, vendendo roupas e peças de vestuário que adquiria no Bairro do Braz em São Paulo.

Estrangeiro e com pouca noção e fluência no idioma português, utilizava-se de uma estratégia singular para as vendas dos artigos de vestuários trazidos de São Paulo. Sem falar o idioma português, decorou algumas palavras essenciais para se fazer entender, e para não as esquecer, deixou anotada nas mãos pequenas frases em língua portuguesa. E, pela manhã, quando se dirigia de casa em casa para vender, abordava seus fregueses na seguinte seqüência de frases memorizadas: "Bom dia, você quer comprar roupas?" E imediatamente já abria a bolsa para mostrar as mercadorias, evitando dessa forma algum início ou mesmo prolongamento do diálogo.

Após trabalhar alguns anos nesta atividade e já mais habituado com a língua portuguesa, mudou-se para Birigüi e pouco tempo depois adquiriu um comércio de venda de roupas, o Bazar Santa Terezinha, em 1957. Posteriormente, comprou outro comércio: as Lojas Costa (ambos em frente da praça Dr. Gama).

O desenvolvimento das primeiras empresas de calçados de Birigüi estimulou o comerciante Geraldo Migliorine, proprietário de uma fábrica de farinha e José Pulzatto, sapateiro, a convidar Salim para instalar uma empresa calçadista na cidade. Isto ocorreu, em 1966, quando iniciou atividades no município a Calçados Raquete, cujas máquinas e equipamentos foram adquiridas na Vila Mariana em São Paulo. José, o único com conhecimento no ramo, ficou encarregado pelo setor de produção, Salim pelo financeiro e Geraldo pelo comercial. A empresa começou com 20 empregados, produzindo 30 pares diários de sandálias ortopédicas infantis. O dinamismo dos sócios permitiu um rápido crescimento da empresa. Em 1970, sua produção chegava a 400 pares/dia, passando para 1.300, em 1977, e atingindo em seu auge 5000 pares diários.

Entre o final dos anos 60 e começo da década de 70, a empresa

mudou sua denominação de Calçados Raquete para Calçados Ortofino. Nesta época, a empresa lança um produto que foi sucesso de vendas - uma sandália elaborada com um material que imitava o couro (sintético) chamada de TUCA. Centenas de pares foram comercializados, inclusive para o exterior, por meio de remessas de calçados para a Bolívia, em volumes que chegaram a atingir 30.000 pares por mês.

Algum tempo depois, a Calçados Ortofino passou por uma mudança societária, permanecendo na empresa somente Salim. No primeiro momento, retirou-se da sociedade Geraldo Migliorine, que permaneceu no setor, formando, em conjunto com seu filho Jacir, no começo dos anos 80, a **Calçados Finobel**, uma das grandes fábricas de calçados de Birigüi atualmente. No segundo momento, José Pulzatto saiu da sociedade, formando uma nova empresa, a **Calçados Kadion**, junto com seus dois filhos, Edson e Luci, que posteriormente alteraram a denominação para **Calçados Puma**, época em que ingressou na empresa seu terceiro filho, José Marco, que mantém a empresa em funcionamento até hoje.

Salim montou outra empresa de calçados no começo dos anos 90: a **Calçados Liasa**, especializada em calçados infantis. A empresa iniciou produzindo 50 pares e empregando 4 trabalhadores e chegou até meados de 1995 a uma produção de 500 pares confeccionados por 63 empregados, época em que a empresa encerrou atividades.

Salim Mustafá fez muito mais que "vencer na vida". Justamente com o comerciante Geraldo Migliorine e com o sapateiro José Pulzatto, plantaram e ajudaram a construir, a partir de 1966, os pilares de sustentação do desenvolvimento de Birigüi. O difícil percurso vencido com trabalho e determinação por Geraldo Migliorine e José Pulzatto continua "vivo" em seus filhos que permanecem atuando no setor calçadista. Já Salim Mustafá, com os seus iniciais US\$ 60 dólares, através de esforço e da superação de dificuldades pelo seu exemplo de fé, estimulou o esforço familiar, rendendo-lhe de seus frutos o orgulho de trilharem caminhos notáveis e de destaque: na medicina e em órgão público.

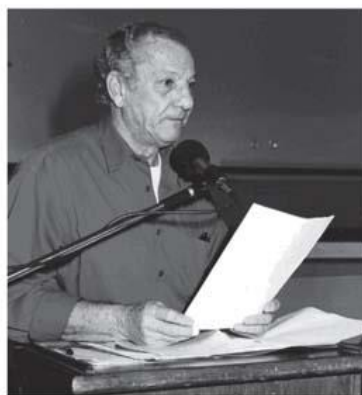
O Lago da Raquete, referência utilizada para criar a denominação inicial da empresa, instalada em 1966, transformou-se hoje na Praça do Povo. Entretanto, para muitos o local ainda é chamado de Lago da Raquete, que assim como a Calçados Raquete, encontra-se eternizada na memória birigüense.

CAPÍTULO VIII

DÉCADA DE 60: OS PRIMEIROS PASSOS

Florival Cervelati e a Indústria de Calçados Cervelati (1967).

Empreendedor nato, Florival Cervelati percebeu as potencialidades de êxito e desenvolvimento que o segmento calçadista oferecia. Em 1967, aquele que tempos depois se tornou por três vezes Prefeito da cidade de Birigüi, iniciou de forma modesta uma fábrica de calçados, inserindo seu nome na história da industrialização calçadista no município.



Florival Cervelati

A Calçados Cervelati, assim como outras empresas da época, percebendo a vocação da cidade para os calçados infantis, direcionou sua produção para este segmento.

Mesmo com a falta de mão-de-obra especializada e as dificuldades para aquisição de matérias-primas, não foram empecilhos para o crescimento constante e sustentado da empresa. Da produção inicial de 20 pares/dia confeccionados por 6 trabalhadores, chegou em pouco tempo, no ano de 1970, a uma produção diária de 120 pares elaborados por 60 funcionários, ano no qual a empresa produziu 40.000 pares.

Entre as inovações da empresa, o destaque foi a introdução do mocassim na fabricação de calçados em Birigüi, adaptando para os calçados infantis uma matéria-prima utilizada nos calçados masculinos. Os calçados infantis produzidos utilizando o mocassim provocaram uma elevação surpreendente na produção da empresa nos anos 70 e foi um sucesso de vendas.

Na década de 80, após atingir um pico de produção de 1000 pares/dia, a Calçados Cervelati encerrou suas atividades e os ventos do destino levaram Florival Cervelati para outras

veredas – e a contribuir de outra forma para o desenvolvimento geral e industrial de Birigüi. Em 1985, já como prefeito da cidade de Birigüi, Florival presenteia o setor calçadista com a inauguração do Centro de Treinamento Avak Bedouian (hoje incorporado ao SENAI), prestando uma justa homenagem a um dos pioneiros na industrialização calçadista em Birigüi, e dando meios para alavancar e especializar a vocação calçadista local.

Para aquele que no início da inserção no segmento calçadista enfrentou dificuldades em relação à falta de mão-de-obra especializada, mesmo com tais dificuldades, conseguiu inovar introduzindo o mocassim na produção de calçados infantis, possivelmente, um dos pioneiros no Brasil na utilização dessa matéria-prima.

A empresa de Cervelati encerra-se no início dos anos 80, entretanto sua trajetória não se restringiu a fabricação de calçados, pois anos depois, participou da vida pública como representante de um Poder em nossa cidade – Prefeito de Birigüi, conseguindo contribuir para amenizar e auxiliar o desenvolvimento do parque industrial local. Florival Cervelati é hoje um dos pilares da história birigüense.

CAPÍTULO IX

DÉCADA DE 60: OS PRIMEIROS PASSOS

Marcos Antônio Noale e a Indústria de Calçados Ibelca (1969) e Menopé (1975).

Aos 15 anos, Marcos Antônio Noale ingressou na indústria calçadista de Birigüi, iniciando uma trajetória de sucesso, amor e dedicação à profissão.



Marcos
Antônio Noale



Fachada da
Calçados
Menopé

O jovem birigüense, nascido em 1954 e que sonhava cursar Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas (FGV), ao entrar na fábrica de Calçados Ibelca, em 1969, cujo pai era um dos proprietários, não imaginava os caminhos que o destino havia traçado para ele. Dai em diante, não mais deixou o setor calçadista, colaborando intensivamente para o crescimento, desenvolvimento e consolidação do segmento na cidade de Birigüi.

A Calçados Ibelca, fruto da união entre Antônio Noale, Nelson Boaventura, Silvio Figueiroa e Luiz Gonzaga Mazeto iniciou atividades em 1969, empregando inicialmente 5 trabalhadores. Marcos Noale exerceu várias atividades na empresa, aprendendo todos os passos de funcionamento de uma fábrica de calçados: trabalhou no setor de corte, pesponto, montagem, almoxarifado e, em seguida, como auxiliar de escritório, ajudando na área administrativa, passando assim a conhecer todos os processos de funcionamento da empresa.

No começo dos anos 70, o destino tinha preparado mais um teste para Marcos Noale. Num primeiro momento, dois dos sócios da empresa, Silvio Figueiroa e Luiz Gonzaga Maseto, deixam a sociedade e, em seguida, também seu tio Nelson Boaventura. A partir desse período, com 18 anos de idade, Marcos passou a ser o encarregado de executar toda a parte administrativa, o almoxarifado e o setor de expedição. Pouco tempo depois, buscando realizar seu sonho de estudar na FGV/SP, Marcos mudou-se para São Paulo, para fazer cursinho. Contratou, então, dois funcionários para gerenciar a empresa.

Com praticamente a vaga garantida na Universidade, sem muita escolha, acabou tendo que retornar a Birigüi a pedido do pai, pois um dos gerentes que havia contratado precisou deixar a empresa. Retornado a cidade, Marcos passou a gerenciar a Ibelca e, em setembro de 1975, visualizando

novas oportunidades de investimento, instalou em sociedade com seu primo André José de Andrade, a Calçados Menopé. A empresa localizada inicialmente em um prédio alugado na rua Silveiras, iniciou-se com 5 empregados produzindo diariamente de 30 a 50 pares de sandálias infantis. E, com presteza e alto senso de administração, passou a gerenciar ambas as empresas.

Em decorrência do crescimento da produção, a empresa mudou, em 1979, para rua Euclides da Cunha produzindo 400 pares/dia e, posteriormente, construiu um prédio na rua Guanabara, mudando-se, em 1989, época em que a empresa atingiu uma produção diária de 1200 pares. A Calçados Ibelca e Menopé, após percorrem um longo caminho produzindo calçados e gerando empregos em Birigüi, encerram suas atividades em meados dos anos 90, deixando registrada, sua passagem, sua história e seu percurso na História do setor calçadista da cidade.

E o jovem que sonhava fazer administração de empresa na FGV/SP, continua com seu sonho hoje transmitido e concretizado pelos dois filhos, os quais estudam na Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo (USP), um dos centros de excelência do ensino superior no Brasil, um filho cursa Administração e outro, Ciências Contábeis.

Apesar da impossibilidade na época de dar efetividade ao sonho, Marcos Noale, impulsionou com notoriedade a Indústria de Birigüi, participando por duas vezes como presidente do Sindicato da Indústria do Calçado e Vestuário de Birigüi (atual SINBI). A primeira vez, em 1980, quando era ainda Associação e, a segunda, nos anos 90, quando se tornou Sindicato. E este homem eternamente jovem e vocacionado ou predestinado pelo setor, continua trabalhando na indústria de calçados. Continua fazendo história.

CAPÍTULO X

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

Os irmãos Pulzato e a Indústria de Calçados Ypo (1971).

Fruto do sonho, do trabalho e da união de uma família em torno de um ideal, instalou-se na cidade de Birigüi, em 1971, a Calçados Ypo. Foi o início de uma trajetória marcada pela superação dos desafios e pela vontade de contribuir com a comunidade.

Fachada da Calçados Ypo



Os irmãos Pulzato, Antônio e Ademar, que mudaram da zona rural para a cidade com a família, ingressam no começo dos anos 60 no setor calçadista, época em que a indústria local dava os seus primeiros passos.

Trabalharam na **Calçados Sandra** por aproximadamente 8 anos, exercendo várias atividades na empresa e adquirindo afinidade com o segmento e com a produção de calçados femininos.

Em 1971, após adquirir uma pequena experiência em uma sapataria que haviam montado, os irmãos Pulzato iniciam a fabricação de calçados em uma pequena casa de dois cômodos contando com uma máquina de pesponto, uma lixadeira improvisada e uma desempenadeira, empregando inicialmente 5 funcionários.

Nasce a Calçados Ypo, com uma produção inicial de 20 pares diários de calçados femininos (menina-moça) do número 27 ao 32, passando em seguida para o calçados feminino adulto

em decorrência da experiência acumulada nos anos em que trabalharam na **Calçados Sandra**.

Pouco tempo depois, mais dois irmãos ingressam na fábrica para ajudar em seu desenvolvimento: Maurício e Valdir Pulzato. A pequena empresa adentrou os anos 70 com muita dificuldade, mas com, perseverança para vencer.

Na década de 80 a Calçados Ypo se fortaleceu e passou a ser uma das principais empresas de calçados de Birigüi, período em que atingem uma produção de 5000 pares diários.

Tempos difíceis encontram nos anos 90, década marcada pelos ajustes econômicos do início, Plano Collor e da metade, Plano Real. Entretanto, a solidificação da união entre a família Pulzato, permitirá vencer os desafios e as dificuldades conjunturais. A empresa hoje uma das mais antigas em funcionamento na cidade é um exemplo da capacidade de superação constante de desafios e do sucesso de uma empresa familiar.

CAPÍTULO XI

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

Benedito Veduvoto, Nalberto Vedovotto e a Indústria de Calçados Beni (1974).

Sapateiro desde jovem, Benedito Veduvoto dedicou-se ao ramo calçadista, ajudando no desenvolvimento e fortalecimento da indústria de calçados de Birigüi, pela formação de duas empresas: Calçados Nibere em 1967 e Beni em 1974.



Benedito Veduvoto



Nalberto Vedovotto

Dito, como é chamado, ingressou no ramo de sapataria muito cedo. Trabalhou na Sapataria e Selaria da família Tokunaga nos anos 40 e na *Indústria de Calçados Birigüense* na década de 50. O aprendizado recebido foi importante para que Benedito Veduvoto iniciasse a fabricação de sapatos em pequena escala em sua residência.

Pouco tempo depois, foi convidado para formar uma empresa: a Calçados Nibere, cuja produção inicial era de calçados femininos, mudando posteriormente para infantis.

Em seu primeiro ano de atividade, empregando 30 trabalhadores a empresa chegou a uma produção média de 170 pares diários. A empresa permaneceu pouco tempo no mercado e no começo dos anos 70 encerrou suas atividades.

Entretanto, Benedito continuou no ramo calçadista e, em 1974, instalou a Calçados Beni, em sociedade com seu irmão, Nalberto de Milton Vedovotto.

Nalberto Vedovotto, natural de Gabriel Monteiro, desde que chegou a Birigüi com sua família, trabalhou em diversas empresas da cidade: na Prefeitura Municipal como office boy, nas fábricas de calçados Popi e Rassum, na N. Calixto & Cia e na Associação Comercial e Industrial de Birigüi como secretário executivo. Nalberto Vedovotto, tempos depois, no final da década de 70, foi eleito o primeiro presidente da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigüi, embrião do atual Sindicato da Indústria do Calçado e Vestuário de Birigüi (SINBI).

A empresa iniciou empregando cinco trabalhadores, com poucas máquinas e equipamentos, alguns emprestados. Após a formação da sociedade, a nova empresa ganhou impulso, ficando Nalberto responsável pela área administrativa e Benedito pela produção.

Entre as mudanças introduzidas se destaca a adaptação do calçado feminino adulto para o infantil, que acarretou uma elevação nas vendas e na produção da empresa, tornando pequeno o local no qual se encontrava instalada. Para atender o novo nível de produção, a fábrica mudou-se para a rua Tupi. Depois, novas adaptações de infra-estrutura foram necessárias, pois a produção atingia a marca de 2000 pares/dia, viabilizando a construção de um novo prédio. O local escolhido foi a Avenida João Cernak, onde hoje é o prédio do Suzel.

A Calçados Beni encerrou suas atividades no começo dos anos 80, deixando registrada na história e na memória da indústria de calçados de Birigüi, a contribuição e o amor pelo setor calçadista depositados por dois empreendedores: Benedito e Nalberto Vedovotto.

Em 1995, Nalberto Vedovotto, presenteia a cidade por meio da publicação de um livro contanto a história da indústria de calçados de Birigüi, história essa vivenciada por este arrojado empreendedor, intitulada: *"Birigüi a revolução que começou pelos pés"*. Benedito e Nalberto Vedovotto também foram atores dessa Revolução...

CAPÍTULO XII

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

Edison Ferreira Dantas, Dorival Felipini e a Indústria de Calçados Mimo (1973).

Um humilde sonhador. Foi com simplicidade, mas com muita força de vontade que Edison Ferreira Dantas realizou não somente seus sonhos, porém o de tantas outras pessoas, inclusive os das crianças.



Fachada da Calçados Mimo em 1980



Edison Ferreira Dantas

Os calçados confeccionados por sua empresa e elaborados com a aplicação de personagens infantis, entre os quais: a Turma da Mônica (Cascão, Cebolinha, Magali), os personagens da Disney e o famoso Pelezinho calçaram os pés de muitas crianças brasileiras, despertando "sonhos" e o projetando o nome de Birigüi pelo país.

Atento ao crescimento do setor calçadista local, Edison convenceu quatro parentes a investirem na atividade, dando início a sua longa jornada no setor. Dessa percepção de investimento nasceu a **Calçados Pérola** em 1968, conhecida posteriormente como Cirandinha, sociedade formada por: Cicero Alves, David Henrique Gomes, Domingos Henrique Gomes, Edison Dantas e José Henrique dos Santos.

A Pérola começou com 25 funcionários produzindo 300 pares diários do famoso "Kiker" e apresentou um rápido crescimento, chegando a produzir 2500 pares diariamente, permanecendo em atividade até o final dos anos 80.

Entretanto, Edison buscou novos desafios e, em 1973, ao sair da Calçados Peróla, formou na cidade a indústria de calçados Mimo, produzindo inicialmente 150 pares/dia, em sociedade com Dorival Felipini, na época funcionário da Casa do Sol de Birigüi. Pouco tempo depois, janelas de oportunidades se abrem para a empresa e o espírito inovativo dos sócios da Calçados Mimo introduzem no mercado calçadista brasileiro por volta de 1975 a alta frequência, que somada ao licenciamento da Turma da Mônica, criaram um produto

inovador e responsável por um "boom" de vendas para a empresa. A diferenciação de seus produtos impulsionou o desenvolvimento de sua empresa calçadista elevando a produção diária para 2500 pares.

Entre a década de 70 e o início dos anos 80, um acontecimento marcou profundamente a empresa e a cidade, acarretando uma solidariedade nunca antes vista entre os empresários de Birigüi. No período em tela, inicia-se uma greve na empresa de Calçados Mimo, paralisando quase completamente a sua produção.

Entretanto, para a surpresa de Edison e Dorival, surgiu um espírito de cooperação em que várias empresas da cidade enviaram seus funcionários para auxiliar a empresa a manter provisoriamente sua produção, alguns enviaram contadores e outros pespontadores e montadores. Este fato ficou marcado na história do setor.

No começo da década de 80, a sociedade passa por mudanças e Dorival Felipini inicia uma nova empresa: a **Calçados Biri** que permanece em atividade até a atualidade. Já Edison permanece na Mimo até o começo da década de 90, quando a empresa encerra suas atividades.

Nesta época, portanto, finaliza as atividades uma das empresas mais inovadoras do setor calçadista local, entretanto, permanecem as lembranças dos calçados produzidos com os personagens infantis e que fizeram a alegria das crianças brasileiras nos anos 70.

CAPÍTULO XIII

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

Marco Antônio Oliveira, Hamilton Velajão Ferraz e a Indústria de Calçados Katina (1978).

O amor pela profissão por vezes passa de pai para filho. E foi assim que Marco Antônio Oliveira, filho de sapateiro com 6 anos de idade, por coincidência ou destino, também enveredou pela atividade calçadista.



Da direita para a esquerda: Hamilton Velajão Ferraz, Marco Antônio Oliveira, Florival Cerverlati e o Radialista Paulo Britto na inauguração do prédio da Katina em 1983.



Fachada da Calçados Koralina

Em 1967, ao ingressar para trabalhar na **Calçados Cerverlati**, com 16 anos de idade, o jovem Marco Antônio não imaginaria que os próximos 30 anos de sua vida seriam dedicados ao setor para o qual acabara de entrar e para qual contribuiu profundamente em seu desenvolvimento, seja individualmente, por meio da formação de uma empresa, em 1977; seja coletivamente, exercendo por mais de 10 anos em três mandatos em momentos diferentes, a presidência de uma das principais instituições do setor: O Sindicato da Indústria do Calçado e Vestuário de Birigüi (atual SINBI). Foi na calçados Cerverlati que Marco Antônio teve seu primeiro contato com a indústria de calçado, trabalhou na produção, ajudando na montagem, na preparação de palmilhas e, passando posteriormente, para o almoxarifado e, em seguida, para o escritório, época em que estava frequentando o curso técnico de contabilidade em Birigüi. Permaneceu na empresa até 1970, transferindo-se para a indústria de **Calçados Joval**. Entretanto, novas oportunidades surgiram para Marco, pois conheceu Alceu Tossato, proprietário da **Calçados Sandra**, que o convidou, em 1972, para ingressar em sua empresa. A entrada nessa nova empresa ampliou seus horizontes, potencializando seu aprendizado e a experiência na produção de calçados femininos o que foi extremamente importante para seu futuro.

Marco Antônio trabalhou até 1976 na Sandra e em seguida voltou a trabalhar em um curto período na Calçados Cerverlati. Porém, por volta dessa época, o sonho de Marco era instalar uma empresa de calçados, entretanto, não tinha condições para tal empreendimento.

Mas, o destino já tinha reservado lugar para a concretização de seu sonho e, em 1977, incentivado e apoiado por Edison Ferreira Dantas, empresário do ramo calçadista e sócio

proprietário **indústria de calçados Mimo**, instalou em Birigüi a **Calçados Fiorella**, em sociedade com Edison Dantas e Dorival Felipini.

Alguns meses depois, conforme o combinado no início da sociedade, ocorreu a primeira e única mudança societária da empresa, Edison e Dorival deixam a empresa e, ingressou na sociedade, Hamilton Velajão Ferraz, mudando a denominação da empresa para Calçados Katina.

A Katina, especializada na produção de calçados femininos, e inicialmente localizada na rua Saudades, número 218, apresentou um rápido crescimento. Sua produção de tamanquinhos laqueados ilustrados com personagens infantis, logo atingiu 1000 pares diários, chegando a 1500, em 1978. Em 1979, a empresa mudou-se novamente para a Avenida Euclides Miragaia, onde 3 anos depois seria inaugurada a ampla e moderna instalação de seu prédio próprio.

E o destino fez novamente uma surpresa para Marco Antônio. Em 21 de abril de 1983, no dia da inauguração da fábrica, localizada na Avenida Euclides Miragaia, nº 2.980, encontrou-se novamente com Florival Cerverlati, seu primeiro empregador e responsável pela inserção de Marco Antônio no setor calçadista. Porém, naquele momento, Cerverlati estava presente não mais como um industrial, mas sim como Prefeito da Cidade de Birigüi, cargo que exercido por três mandatos, um deles tendo Marco Antônio como membro do poder legislativo na condição de Vereador. Nos anos 90, Marco iniciou uma nova atividade calçadista, instalando a **Calçados Koralina**. Entretanto a empresa permaneceu pouco tempo em atividade. Já a Calçados Katina trilhou sua história até 1993, quando encerrou atividades, fixando seu nome na história.

CAPÍTULO XIV

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

Cassiano Chaves e a Indústria de Calçados Criléia (1978).

E tanto a história deste pequeno Baiano, quanto a da fabricação de Calçados em Birigüi se tornarão notáveis e prósperas.



Cassiano Chaves

Com apenas sete anos de idade, Cassiano Chaves, nascido na cidade de Santana dos Brejos, (BA), mudou-se para o bairro Santo Antônio em Birigüi. Mas árdua e difícil foi o início da trajetória de mais este pioneiro da fabricação de calçados. Entretanto o futuro lhe reservava um contínuo progresso.

Cassiano, que trabalhou desde menino vendendo pipoca na rua, engraxando sapatos, colhendo algodão, desligando e ligando transformadores das ruas e vendendo gás de bicicleta (trabalhou no escritório dessa empresa de revenda de gás), viu surgir a oportunidade de trabalhar na N. Calixto & Cia, importante empresa da época. Nesta empresa, Cassiano trabalhou consertando máquinas de lavar roupas, conseguindo em pouco tempo se transferir para o escritório da empresa, onde permaneceu por 8 anos.

No final da década de 60, Cassiano foi convidado para trabalhar em uma fábrica de calçados que estava sendo montada na cidade, época na qual o sucesso dos empreendimentos do setor calçadista estimulou a formação de aproximadamente 15 novas empresas. E mesmo desconhecendo o funcionamento de uma fábrica de calçados, Cassiano aceitou o novo desafio que surgiu no ano de 1968, mas não como sócio, nem proprietário, mas como um integrante essencial para a atividade da empresa.

Foi neste ano de 1968 que teve início na cidade de Birigüi, a **Calçados Ina**, fruto da sociedade formada por dois bancários e um sapateiro, produzindo inicialmente 40 pares diários de calçados femininos adulto, do número 33 ao 40. Duas semanas depois do início das atividades, um dos sócios da empresa, singular no conhecimento do ramo calçadista, retira-se da sociedade.

Em decorrência disso, os dois bancários perguntaram para Cassiano se ele teria condições de dar continuidade à empresa, pois não tinham tempo de administra - lá, caso contrário, iriam fechá-la. Apesar de não conhecer o ramo,

Cassiano notou que os funcionários da fábrica tinham condições de produzir calçados e combinou com os proprietários da INA que supervisionaria esses trabalhadores para que tudo fosse conduzindo da melhor maneira possível. Com essas dificuldades, porém muita coragem, Cassiano deu início ao seu trabalho junto ao setor. De uma produção inicial de 40 pares diários chegou em pouco tempo aos 80 pares e, adentrou os anos 70 mantendo uma trajetória de crescimento.

Entretanto, alguns problemas relacionados à comercialização do produto e a adaptação dos calçados às necessidades do mercado, acarretaram dificuldades para a empresa que acabou sendo vendida por volta de 1975, para Rubens Inácio Salzedas, ex-funcionário da **Calçados Rassum** e que a partir daquele ano passaria, também, a ser um dos baluartes do desenvolvimento calçadista local. Cassiano deixou a empresa, entretanto, continuou no setor, iniciando uma pequena fabricação de calçados femininos nos fundos de sua casa.

Anos mais tarde, essa fabricação daria origem a uma nova empresa: a Calçados Criléia, junção do seu nome com o de suas três filhas (Cristina, Casileide e Patrícia) e com o nome de uma marca conhecida na época: a Azaléia. Em 1978, a Criléia passa a funcionar formalmente, chegando a uma produção de 300 pares diários em seu período de auge. Nos anos 90, a empresa encerrará suas atividades. Porém, Cassiano permanecerá no setor por meio da formação de uma empresa de vendas de componente para calçados, denominada, também, Criléia, e administrada em conjunto com seu filho e sua esposa, empresa esta em pleno funcionamento.

E os passos da história birigüense seguiram, assim como os da história de Cassiano, que apesar dos desafios da vida, sempre progrediu adiante em sua caminhada.

CAPÍTULO XV

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

Rubens Inácio Salzedas, Daniel Felipini, José Luiz Fernandes e a Indústria de Calçados Tiptoe (1979).

A transformação que gerou sucesso e se perdurou na história pela
Iniciativa de coragem e fé de Rubens Inácio Salzedas.



Rubens Inácio Salzedas



José Luiz Fernandes



Daniel Felipini



Fachada da Calçados Tiptoe em 1990

O jovem Rubens, nascido em Duartina, no interior do estado de São Paulo, após residir em Araçatuba, Rancheira, Piratininga e Baurax, chegou em Birigüi na década de 50, com aproximadamente 18 anos. Era o início de uma trajetória de luta, trabalho e perseverança. Rubens trabalhou por muitos anos na multinacional Anderson Clayton, empresa na qual ingressou em 1953, exercendo atividades nas filiais de Pereira Barreto, Guaracai e Araçatuba, até ser transferido para Birigüi, onde trabalhou por alguns anos como gerente da empresa. Entretanto, o destino havia reservado uma outra atividade e um novo desafio para Rubens Salzedas. E, em 1972, Rubens foi convidado para trabalhar na **Calçados Rassum**, permanecendo na empresa até 1975, já como gerente dessa nova atividade. Em 1975, Rubens inicia uma nova experiência, adquirindo uma empresa de calçados: a **indústria de calçados Ina**. Mudou em seguida o nome para **Rissybel**, em homenagem a sua filha, Sybelli. Na época, a empresa produzia 50 pares diários de calçados femininos do número 33 ao 39 contando com 8 funcionários. Assim como para outros empresários, havia dificuldades a serem superadas pela Rissybel: a especialização da mão-de-obra e as vendas, as quais por vezes, eram realizadas pelo próprio empresário. Mas, enfim, com persistência, luta e fé, venceu as dificuldades.

Pouco tempo depois, dois eventos deixariam marcas importantes na empresa. O primeiro foi a devolução de mais de 5000 pares de calçados, em decorrência de problemas no salto das sandálias e, o segundo, foi a destruição de um lote grande de couro que seria enviado a empresa por um Curtume, que pegou fogo, impossibilitando o atendimento dos pedidos da Rissybel, justo na época de pico na produção, o final de ano.

Entretanto, esses problemas não desanimaram Rubens Salzedas, que conseguiu contorná-los, colocando novamente a empresa no rumo do progresso. E foi pensando no crescimento da Rissybel que Rubens convidou para ingressar como sócios da empresa, em 1979, dois jovens estudantes e proprietários de uma pequena cantina em uma faculdade de Araçatuba: Daniel Felipini e José Luiz Fernandes, coincidindo com a época em que a empresa mudou o tipo do calçado produzido, dos femininos para os infantis. Estava formada a base e a estrutura de sustentação de uma das grandes empresas de calçados que perdura até a atualidade: a Calçados Tiptoe. Daniel Felipini aos 11 anos

mudou-se para a cidade de Birigüi, residindo por algum tempo na casa de Antônio Ramos Assumpção e sua mãe, amigos de seu pai em Gabriel Monteiro. Daniel, matemático formado em 1974, tem seu primeiro contato com a indústria de calçados trabalhando na 1ª loja de fábrica da **Calçados Mimo**, empresa em que um dos proprietários era seu irmão Dorival. Pouco tempo depois, Daniel ingressou no curso de Direito em Araçatuba e lá conheceu seu companheiro de jornada: José Luiz Fernandes.

José Luiz, companheiro de Rubens e Daniel na calçados Tiptoe, nasceu em Bilac, e após uma pequena passagem por Birigüi, mudou-se com a família para a cidade de Glicério e, em seguida, para o Brejo Alegre. Começou a trabalhar muito cedo, primeiramente, em um pequeno armazém adquirido pelo pai no bairro do Macuco e um tempo depois como vendedor de defensivos agrícolas, produtos veterinários e outros itens para lavoura. Por volta de 1976, ao ingressar na Faculdade de Direito, em Araçatuba, conhece Daniel Felipini, dando início a uma amizade que o conduziria a uma trajetória de sucesso no setor calçadista, inclusive com participação no Sindicato do setor, exercendo a presidência nos anos 90 (atual SINBI).

Após a entrada dos novos sócios a empresa apresenta um crescimento acelerado, incorporando tecnologia e ampliando a numeração de seus produtos que chegaram até o número 42.

Na década de 80, Rubens Salzedas observou a necessidade da formação de uma empresa produtora de palmilhas para atender melhor as empresas da cidade e colaborar para seu desenvolvimento, surgiu, então, a **Fortflex**, dirigida por seus dois filhos: Luiz Fernando e Luiz Rubens. Do interior da Fortflex, outro empreendimento da família Salzedas emergiria em 1993: a indústria de **calçados Adélia Moreno**, denominação dada em homenagem à mãe de Rubens Salzedas e dirigida por: Vilma, Luiz Cláudio, Luiz Marcelo, Sybelli e Marcos, esposa, filhos e genro de Rubens.

Em 1994, o fundador da Tiptoe, Rubens Salzedas, por problemas de saúde retira-se da empresa, permanecendo até a atualidade Daniel e José Luiz Fernandes.

Entretanto, as pequenas sementes que Rubens plantou continuam dando frutos e alegrias. A Calçados Tiptoe se desenvolve a cada dia e as empresas: Fortflex e Adélia Moreno continuam o trabalho iniciado por Rubens nos anos 70, continuam fazendo história...

CAPÍTULO XVI

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

Antônio Roberto Rodrigues, João Sanches Ortega, José Milton Villaça, Marcelo Sanches e a Indústria de Calçados Milla.

Em 1978, instala-se na cidade Birigüi a indústria de calçados Milla, especializada na produção de calçado infantil. A Calçados Milla, cuja denominação tem origem no nome Camila, filha de um dos sócios da empresa, foi fruto da visão de mercado de quatro empresários: Antônio Roberto Rodrigues, João Sanches Ortega, José Milton Villaça e Marcelo Sanches.



Calçados produzidos pela Milla nos anos 80

Da esquerda para a direita: Antônio Roberto Rodrigues, João Sanches Ortega, Marcelo Sanches e José Milton Villaça.

João Sanches Ortega e José Hamilton Villaça eram os únicos que tinham uma pequena experiência no setor calçadista, tendo sido sócios da **Calçados Bical**. Já Antônio Roberto Rodrigues era funcionário de João e José em uma construtora chamada **Sanvill** e Marcelo Sanches era filho de João Ortega, que aprendeu a produzir calçados em um estágio de seis meses realizado na Bical.

A empresa que começou com 10 empregados apresentou um crescimento invejável, chegando a empregar 350 funcionários. Em menos de um ano após a instalação, a empresa já estava produzindo 1500 pares diários.

A Calçados Milla se destacou em decorrência dos vários lançamentos de produtos que realizava no Birigüi Pérola

Club, uma inovação para a época. Ela permaneceu em atividade até o final da década de 80, contando somente Marcelo Sanches no setor, o qual formou uma nova empresa em 1984: a **Calçados Kit-Net**, em sociedade com José Roberto Rodrigues.

Em seu período de auge, em 1986, a empresa chegou a uma produção diária de 1200 de suas linhas de tênis feminino (22/23), tênis masculino (16/27) e sandálias femininas (22/32).

No final da década de 80, a calçados Kit-Net encerrou suas atividades e seu sócio, José Roberto Rodrigues instalou a **Ortopasso**, uma das maiores empresas de calçados existentes hoje em Birigüi.

CAPÍTULO XVII

DÉCADA DE 70: ACELERANDO OS PASSOS

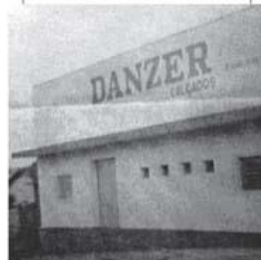
Eloi de Assis, Horácio Canassa, Luiz Antônio Michilin, Osmar Pascolate, Valdomiro Pascolate e a Indústria de Calçados Danzer.

O desenvolvimento do setor calçadista em Birigüi estimulou, em 1979, cinco empreendedores e funcionários da Laluce & Cia a instalar uma pequena empresa na cidade, dando início à história da Calçados Danzer.

Fachada da Calçados Danzer na década de 80



Horácio Canassa



Luiz Antonio Michilin

A empresa, formada em 1979, deu seus primeiros passos no começo dos anos 80, produzindo 30 pares diários de calçados infantis (bailia) do número 16 ao 32 e empregando seis trabalhadores. No começo, somente um dos sócios, Valdomiro Pascolate, trabalhava diretamente na empresa, pois os outros sócios permaneciam exercendo atividades na Laluce e ajudavam no dia-a-dia da empresa após encerramento do expediente, nos finais de semana e feriados. Entretanto, de 1980 a metade da década, alguns dos sócios da Calçados Danzer deixaram a sociedade, permanecendo por força do destino, Luiz Antônio Michilin e Horácio Canassa, companheiros de longa jornada e que antes de entrarem na Laluce & Cia já tinham trabalhado juntos na Casa Alegre. A sociedade entre Luiz e Horário permaneceu até 1999.

O birigüense Antônio Michilin aos 11 anos já ajudava seus pais na roça em uma propriedade no bairro rural do Baixote. Em 1972, conseguiu seu primeiro emprego registrado no Banco Comercial de Birigüi, permanecendo até 1975 quando se transferiu para Casa Alegre, local onde conheceu seu futuro sócio Horácio Canassa. Em 1977, Antônio entrou na Laluce & Cia.

Horácio Canassa, depois de residir no bairro rural do Taquari, mudou-se para Bilac em 1960, posteriormente para

Birigüi em 1969. Seu primeiro emprego na cidade foi em uma sorveteira na rua 7 de dezembro, trabalho que era realizado todos os dias, inclusive nos finais de semana. Pouco tempo depois, tentou uma nova experiência em São Paulo, trabalhando por 2 anos no Banco Bradesco. Entretanto, em decorrência das preocupações de sua mãe e da família, retornou a Birigüi e conseguiu rapidamente um emprego na Casa Alegre, materiais de construção e ferragens, transferindo-se posteriormente para a Laluce & Cia, local no qual foi germinada a idéia de se montar uma empresa de calçados na cidade.

Após a consolidação da sociedade entre Luiz e Horário, a empresa entrou em processo de crescimento e, em 1986, a fábrica chegou a uma produção de 800 pares. Ao longo da sua história a Danzer foi aumentando o número de seus produtos (sapatos), chegando ao tamanho máximo de 36. Em 1999, Luiz Antônio Michilin retirou-se da sociedade e instalou uma nova empresa: a *Indústria de calçados Petty* que permanece até hoje em atividade. Já Horácio Canassa passou a ser o único proprietário da Danzer, que vem se desenvolvendo e atualmente produz 1.200 pares/dia. E o sonho de vencer, progredir, melhorar de vida, uniu esses amigos, que tinham em comum a amizade como primeiro propósito e o desenvolvimento calçadista como resultado final.

5.7 O CINQUENTENÁRIO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE BIRIGUI

Em 2008, o setor calçadista da cidade de Birigui comemorou a chegada do Jubileu de Ouro – o Cinquentenário do Setor Calçadista. E para comemorar essa data especial, desenvolveu-se uma variedade de atividades ao longo do ano. Um selo especial foi criado para marcar o ano histórico e um conjunto de sapatinhos para recém nascidos foi desenvolvido pela instituição e doado a todas as crianças nascidas em Birigui entre agosto de 2008 e agosto de 2009.




Selo desenvolvido pelo Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI) em comemoração ao Cinquentenário do setor calçadista local.



Calçados desenvolvidos pelo SINBI e doados as crianças recém nascidas da cidade de Birigui em comemoração ao Cinquentenário do Setor.

Entre as ações comemorativas, destaca-se a da entrega de sapatinhos aos recém-nascidos, registrados no Cartório de Registro Civil de Birigui no período de um ano (de agosto de 2008 a 2009). Para a realização do projeto foram desenvolvidos dois modelos de calçados especiais (um modelo masculino e outro feminino).

Durante o ano de 2008, realizou-se também uma homenagem pela Câmara Municipal de Birigui no Teatro Popular do SESI, no dia 21 de outubro de 2008. A iniciativa do Projeto de Resolução que deu origem a homenagem partiu do vereador Pedro Barbosa de Souza (Ois Menino) e foi aprovada por unanimidade pelos vereadores.



Câmara Municipal de Birigui

Estado de São Paulo

VOTAÇÃO / /

Favoráveis: _____

Contrários: _____

Decisão: _____

PRESIDENTE

1. As Comissões de Constituição, Justiça e Redação; de Valoração e Mérito; e de Orçamento, Finanças e Contabilidade, para os devidos pareceres; 2. Distribua-se aos Senhores Vereadores, mediante cópia; 3. ao Advogado da Câmara, para emitir parecer.

Birigui, 31 de março de 2008.

= ELIAS ANTÔNIO NETO, =
PRESIDENTE.

PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 03/08


INSTITUI O DIPLOMA PERSONALIDADES EM DESTAQUE EM COMEMORAÇÃO AO CINQUENTENÁRIO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS INFANTIS DE BIRIGUI

A CÂMARA MUNICIPAL DE BIRIGUI RESOLVE:

ART. 1º - Fica instituído o "Diploma de Personalidades em Destaque em comemoração ao cinquentenário da indústria de calçados infantis de Birigui" em comemoração ao cinquentenário cuja intitulação já menciona.

ART. 2º- A seleção das pessoas a serem homenageadas com a honraria será feita e apresentada por uma comissão composta por três membros, nomeados pela presidência da Câmara, destacando aqueles que fizeram a indústria local nascer, crescer e que acreditam no potencial industrial desta cidade.

ART. 3º- A honraria de que trata esta Resolução será entregue em sessão solene, especialmente convocada após entendimentos entre os homenageados e a presidência no segundo semestre de 2008.



Projeto de Resolução nº 03/08 apresentado pelo vereador Pedro Barbosa de Souza que "Institui o diploma Personalidades em Destaque em Comemoração ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui".

A idéia do projeto era homenagear personalidades que colaboraram para o desenvolvimento do setor calçadista ao longo de sua trajetória. Para a realização dos objetivos do projeto o SINBI ficou encarregado de escolher os homenageados e encaminhar os nomes para o legislativo. Vinte personalidades foram escolhidas pelo Sindicato Patronal para receber a homenagem. Ressalte-se que foram pensados todos os aspectos referentes ao setor, pois entre as pessoas escolhidas para receber a homenagem, encontravam-se representantes do setor industrial calçadista e também do setor fornecedor de máquinas, componentes e equipamentos, prestadores de serviços, modelistas, trabalhadores entre outros. Dessa forma, todo o complexo calçadista estava representado pelas vinte personalidades escolhidas. Segue abaixo o nome dos homenageados e algumas fotos do dia da solenidade.



Visão geral da cerimônia realizada no Sesi de Birigui em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil, no dia 21 de outubro de 2008.

HOMENAGEADOS - 21/10/2008



Alceu Tossato recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do vereador Antônio Roberto Gonçalves.



Antônio Ramos de Assumpção recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil do vereador Edson Santa Rosa.



Cassiano Chaves recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do vereador Cristiano Salmeirão.



João Euphrásio Fiorotto recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui da Primeira Dama do município de Birigui, Geni Albani Borini.

HOMENAGEADOS



Marco Antônio Oliveira recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do empresário, Carlos Alberto Mestriner.



Nalberto de Milton Vedovotto recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do diretor do SESI, Ataliba Mendonça Júnior.



Antônio Noale recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do vereador Pedro Barbosa de Souza.



Durval Alves recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do vereador Wladimir Antônio Zavanela.

HOMENAGEADOS



José Bartucci recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do vereador Cláudio Castelão Lopes.



Antônio Osmar Taschin recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do Prefeito Municipal de Birigui.



Osmar Francisco da Silva recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do empresário, José Roberto Colli.



Saleh Mustafá recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do empresário, Valdir Mestriner.

HOMENAGEADOS



José Castro Reis recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui da vereadora Aparecida de Fátima Saboto da Silva.



Carmelo Waldemar Petrilli recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do presidente do SINBI, Wagner Aécio Poli.



João Carlos Ferreira recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do Capitão da Polícia Militar de Birigui, Manoel Alves Guimarães.



João Fagundes de Mello recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui da Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Birigui, Milene Rodrigues.

HOMENAGEADOS



Lupércio Froes recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do empresário, Jacir Inácio Migliorini.



Ana Maria Pulzatto (filha de Mauricio Pulzatto) representando o pai e recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do empresário, Samir Nakad.



Orlando Catarin recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do empresário, Valdir Pulzatto.



Zeferino Ferreira Aragão recebendo a placa em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil de Birigui do Presidente do Sindicato dos Contabilistas de Birigui.



Homenageados, autoridades e empresários durante a cerimônia realizada no SESI de Birigui em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil, no dia 21 de outubro de 2008.



Obelisco instalado na sede do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI) e inaugurado no dia 25 de outubro de 2008, em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil. O obelisco foi projetado pela artista plástica Vick Rabelo. A Placa fixada no monumento apresenta os seguintes dizeres: “O Sinbi celebra o jubileu de ouro da indústria de calçados infantis de Birigui. Nesses 50 anos, o trabalho, a dedicação e a responsabilidade dos pioneiros dessa indústria, foram o impulso para concretizar sonhos e dinamizar o ciclo de desenvolvimento da Capital Brasileira do Calçado Infantil”.



Diretoria do Sindicato das Indústrias do Calçado e Vestuário de Birigui (SINBI) e autoridades durante a inauguração do Obelisco instalado na sede do SINBI e inaugurado no dia 25 de outubro de 2008, em homenagem ao Cinquentenário da Indústria do Calçado Infantil.

UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO...

Conforme apresentado na introdução do livro, o objetivo desta publicação foi contribuir para resgatar a história de desenvolvimento da indústria calçadista da cidade de Birigui.

O livro foi dividido em cinco capítulos, correspondentes às respectivas décadas de história, apresentando aos leitores os principais fatos, personagens e acontecimentos de cada período.

E o passar de cada período, ao resgatar as memórias do setor, nos permitem conhecer as histórias de vidas, bem como as experiências e os desafios enfrentados pelos pioneiros e empreendedores durante a trajetória da indústria do calçado.

No decorrer de cada capítulo, é interessante notar a evolução e as mudanças dos modelos dos calçados infantis em cada década, e compará-los com os que atualmente as crianças usam – quanta diferença daquele Kicker dos anos 1960.

Além dos modelos de calçados as imagens reproduzidas do interior das fábricas, que no início da década de 1960 eram pequenos salões, em que os calçados e os materiais utilizados para confeccioná-los ficavam acondicionados em simples estantes de madeira, juntamente com as mudanças tecnológicas, de layout, de organização do processo produtivo, de uso de matérias-primas e tantas outras evidenciam as transformações ocorridas no setor desde o final da década de 1950.

Todavia, verifica-se que inúmeras lacunas ainda precisam ser preenchidas com novos trabalhos e outras abordagens, pois a história é como um grande quebra cabeças, cuja construção não se esgota e cada nova pesquisa adiciona uma peça importante para compreender o todo, porém, nunca a peça final. Dessa forma, estudos que investiguem, por exemplo, o mundo do trabalho e dos trabalhadores do setor, a formação de empresas fornecedoras e prestadoras de serviços, o papel dos “caixeiros viajantes” e as inovações tecnológicas introduzidas na indústria ao longo de seu desenvolvimento podem enriquecer muito o conhecimento da dinâmica do polo calçadista.

Para que a história da indústria do calçado de Birigui continue sendo resgatada é fundamental a disponibilidade e a preservação de fontes de pesquisas (documentos, relatos, fotos e outros materiais), matéria-prima essencial ao pesquisador.

E a história não para, outras tantas estão se formando no presente, para se engendrar e consolidar-se no futuro, permanecendo em constante construção.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Evolução da produção anual e do número de empregados das empresas de calçados da cidade de Birigui entre 1962 e 1965.....	33
TABELA 2: Número de empregados e produção das empresas de calçados da cidade de Birigui entre 1966 e 1968.....	44
TABELA 3: Instalação de empresas de calçados e empresas fornecedoras entre 1979 e 198.....	142
TABELA 4: Produção e número de empregados da indústria de calçados da cidade de Birigui entre 1979 e 1988.....	160
TABELA 5: Consumo per capita de calçados no Brasil entre 1980 e 1988.....	162
TABELA 6: Instalação de empresas de calçados e de empresas fornecedoras entre 1989 e 1998.....	229
TABELA 7: Empresas fornecedoras e representantes instalados na década de 1990.....	231
TABELA 8: Empresas de calçados e número de empregados entre 1989 e 1998.....	233
TABELA 9: Empresas de calçados classificadas como “industrialização para terceiros” instaladas entre 1995 e 1998.....	261

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Principais fornecedores de insumos, componentes, máquinas e equipamentos para a indústria de calçados da cidade de Birigui durante a década de 1970.....	100
QUADRO 2: Relação de empresas de calçados da cidade de Birigui no ano de 1981.....	159
QUADRO 3: Primeira diretoria da Associação Profissional da Indústria do Vestuário de Birigui eleita em 10 de outubro de 1979.....	181
QUADRO 4: Última diretoria da Associação Profissional do Vestuário de Birigui eleita em outubro de 1985.....	188
QUADRO 5: Primeira diretoria do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Birigui eleita em abril de 1986.....	195

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JORNAL EXCLUSIVO, Vários números.

FOLHA DA REGIÃO, Vários números.

MIRANDA. J. C. **Abertura Comercial, reestruturação industrial e exportações na década de 1990.** Texto para discussão IPEA, n.829, Brasília, IPEA, out, 2001.

MUSEU VIRTUAL DO CALÇADO DE BIRIGUI – www.museubirigui.com.br

NEGRI. B. **Concentração e descontração industrial em São Paulo (1880-1990)**, Editora Unicamp, 1996.

O BIRIGUIENSE, Vários números.

O NOROESTINO, Vários números.

REIS. C. N. **A indústria Brasileira de Calçados: inserção internacional e dinâmica interna nos anos 80.** IE-UNICAMP. Tese de Doutorado, 1994.

REVISTA LANÇAMENTOS, vários números.

RIZZO. M. **A Evolução da Indústria Calçadista de Birigui: um estudo sobre a Capital Brasileira do Calçado Infantil.** Editora Boreal, 2005.

SOUZA, M. A. B. **Aglomeracão Calçadista de Birigui: Origem e Desenvolvimento.** Editora do Escritor, 2006.

VEDOVOTTO, N. M. **Birigui: a revolução que começou pelos pés.** Editora Saga, São Paulo, 1997.

ZAMPIERI. H. **Birigui, cidade industrial do Oeste Paulista.** São Paulo, USP-FFLCH. Dissertação de Mestrado, 1976.